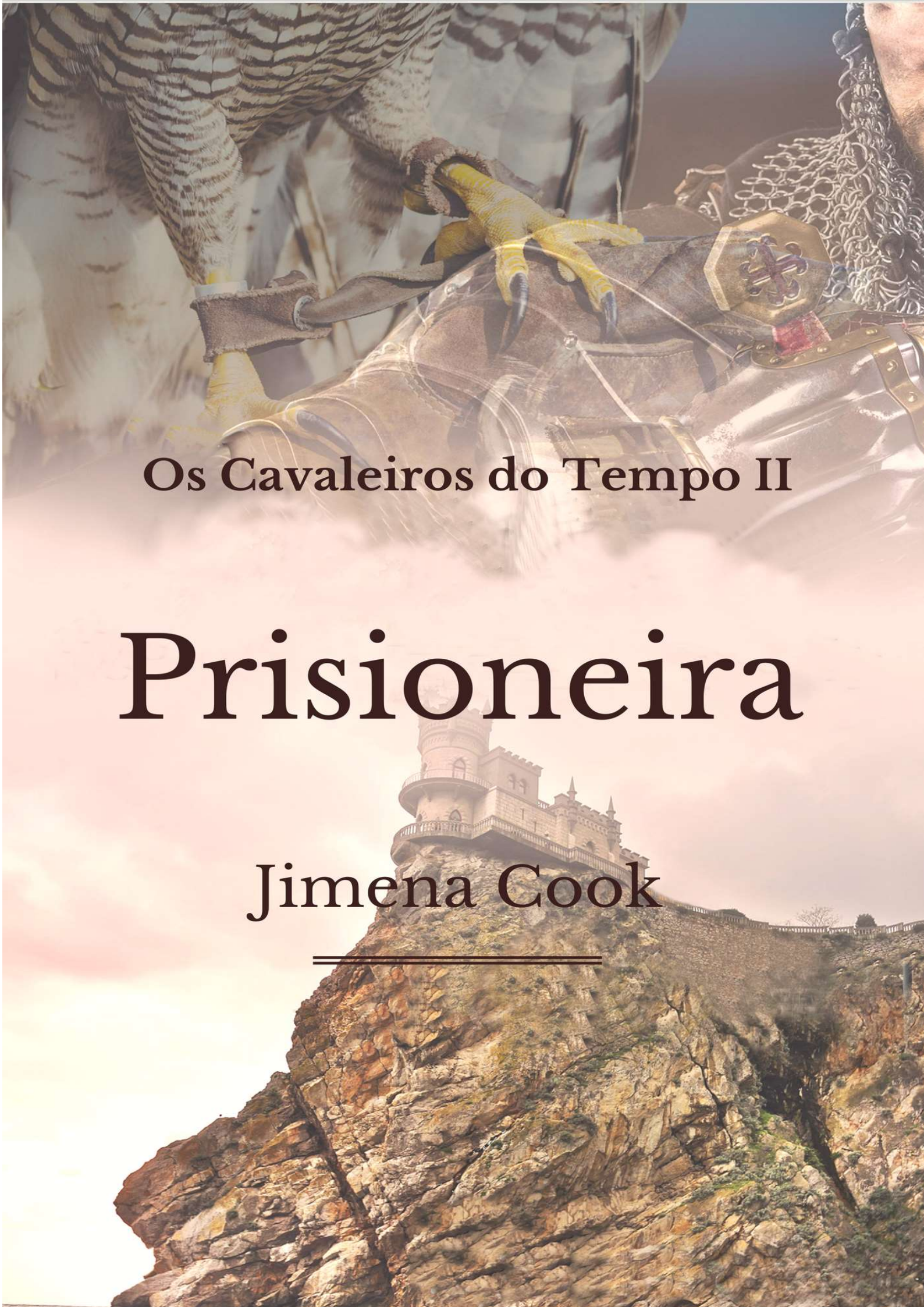


The image is a composite. The top half shows a close-up of a falcon's talons, which are yellow with dark blue claws, gripping a piece of brown leather armor. The armor has a gold-colored metal plate with a purple cross emblem. The bottom half shows a stone castle with multiple towers and battlements, perched on a steep, rocky cliff. The sky is a mix of white and pinkish clouds.

Os Cavaleiros do Tempo II

Prisioneira

Jimena Cook





Prisioneira

(Os Cavaleiros do Tempo 02)

Jimena Cook

Sinopse

Quando chega a noite, em seus sonhos, ela aparece perdida, em perigo, e com um segredo oculto atrás de seu olhar... Ana é uma mulher que precisa encontrar respostas às incógnitas com as quais vive e em Londres, não foi capaz de encontrá-las, por isso espera que seu retorno a Espanha, possa ser comemorado. Em sua viagem se dará conta de que será acompanhada por dois objetos, que chegarão a ela inexplicavelmente, e os fantasmas do passado lhe indicarão o caminho a seguir. Mas Ana, longe de aceitar, tomará uma decisão que mudará tudo.

Korvan é um homem que luta por seus princípios e que não hesitará em se vingar dos responsáveis que mancharam a honra de sua irmã. A ira e o rancor o guiarão, mas o destino também se encarregará de orientar seus passos até à misteriosa mulher que enxerga em sonhos.

Uma viagem no tempo e no espaço, magia, perigos que espreitam, ânsia de poder, vingança, crueldade e decisões, farão parte do caminho que os protagonistas deverão empreender. E o amor será a única coisa que poderá salvá-los.

*Para meus pais,
minha irmã Maria Luz e minha grande amiga Rosa.*

*Obrigada por todo o seu apoio,
carinho e ajuda. Amo vocês!*

Prólogo

— Mas majestade! — disse Tomas Becket, bispo de Saint Andrews. — Não posso fazer o que me ordena! Se me descobrirem, todos os fiéis que me respeitam perderão sua confiança em mim.

João I parou em frente à grande janela da sala, lugar no qual se realizavam as reuniões secretas em seu castelo de Windsor. Sem pestanejar, seu olhar frio ficou fixo no horizonte. Ao ouvir a resposta do bispo, arqueou ligeiramente as sobrancelhas e um meio sorriso se desenhou em seu rosto. Virou-se, lentamente, enquanto juntava as palmas de suas mãos como se fosse orar. Aproximou-se devagar de Becket e parou em frente a ele; assim, havia uma distância de quatro passos entre ambos.

— Não quero lhe recordar que seu cargo atual dentro da igreja existe graças a mim. Pouco me importa o que aconteça com a jovem, sou indiferente se a matarem, a única coisa que quero é o anel que carrega e não me importam as artimanhas e meios que utilizem para o conseguir, excelentíssimo bispo. — Seu rosto ficou tenso, o que marcou ainda mais as rugas em sua testa. — Não fracasse nesta missão! Se o fizer, terá traído a coroa, portanto, terá me traído.

Dizendo isto, o rei se virou e desapareceu atrás da porta de madeira que isolava a sala na qual se encontravam. O bispo estava pálido; sua testa, assim como as palmas de suas mãos, suava. Extraiu um lenço branco, com bordados de ouro, do amplo bolso de sua túnica para limpar as gotas que caíam de sua testa. Pegou sua capa negra e saiu da sala rapidamente.

No bosque próximo ao castelo de Windsor, na escuridão, uma figura, que se distinguia somente por sua silhueta, observava como o religioso se afastava das imediações. Entre suas mãos, aquele personagem sinistro e oculto atrás de suas vestimentas negras, retinha uma vara, que retorcia até que terminou quebrando-a. As lascas caíram ao chão; uma espécie de rugido saiu de sua garganta. Desfez-se do resto de madeira que retinha entre suas mãos, tapou o rosto sob o capuz de sua capa escura, e desapareceu entre as árvores.

I

— Não, Kimball! — Eu gritei e me levantei da mesa circular de madeira em que estávamos sentados, os quatro guerreiros, nobres saxões, que compúnhamos a ordem dos Cavaleiros do Leão. — O rei Ricardo foi assassinado, e João I se proclamou herdeiro da coroa. Está roubando a igreja, saqueando os mosteiros, escolhendo a dedo os bispos que lhe são fiéis; exigindo dos camponeses e de nós, nobres senhores, o pagamento de numerosos impostos. A missão de nossa ordem precisa mudar. — Encontrávamo-nos em uma das salas do castelo de Kimball, Conde de Essex.

— Korvan! — Kimball elevou a voz. — Esta ordem foi criada por nossos antepassados, guerreiros saxões das doze tribos mais importantes que foram implantadas em nossas terras. Deverá continuar com a tradição. Devemos ser fiéis à coroa e levantar nossa espada contra aqueles que vão contra o rei.

Eu não podia acreditar no que estava escutando; ele, que sempre vira João I como um traidor, agora me dizia isto. Movia-me de um lado da sala para o outro, nervoso e inquieto.

— Nós defendíamos e lutávamos pelo rei Ricardo, mas ele foi assassinado e não devemos fidelidade a João; este era

contra nosso finado monarca. Precisamos deter as injustiças que ele está cometendo.

— Korvan, rapaz — disse Derian, o mais velho dos ali presentes, — deve respeitar os costumes e os princípios da ordem, assim deixaram escrito e selado com sangue, os doze cavaleiros.

Olhei-o, aproximei-me dele e coloquei minhas mãos sobre a mesa.

— A tradição! Muitas coisas que seguimos da tradição são lendas. Sempre se falou de doze membros, mas, pelo que eu saiba, meu avô e meu pai só se recordam de quatro cavaleiros. Não podemos confiar na tradição, precisamos agir segundo nossos princípios e pelo bem de nossas terras.

— Rapaz... Precisa de uma mulher com urgência! Estou certo de que faz muito tempo que você não compartilha o leito com uma jovem — disse Derian.

— Ha, ha, ha! — Kimball riu.

— Não preciso de nenhuma mulher em minha vida! Posso ter a que eu queira — eu respondi.

— Isso não o duvidamos, Korvan, mas aposto dez moedas de ouro de que faz mais de meio ano que não esteve com nenhuma. — Derian gargalhou.

— Guarde-as! Vai perdê-las — eu lhe respondi.

— Tem certeza de que eu as perderei? — Derian zombou.

Coloquei-me em frente a ele, apoiei meus punhos sobre a mesa e aproximei meu rosto do dele, desafiando-o com o olhar. Não estava disposto a que desviasse a conversação, e

menos ainda, que risse as minha custas, tocando nesse assunto que tanto me incomodava, e ele sabia disso.

— Tenho certeza! — Eu lhe disse, enquanto minha expressão se tornava severa e minhas pupilas continuavam fixas nas dele.

Aldan se levantou, ficou a meu lado, e mudou de assunto.

— Eu apóio Korvan! Acredito que devemos proteger a nossa gente e as terras de nossos antepassados.

Kimball imitou Aldan e se aproximou com grandes passadas de onde estávamos nós dois. Colocou uma de suas mãos sobre meu ombro e a outra sobre o de Aldan.

— Muito bem! Pensaremos e falaremos em outro momento.

Nesse instante a porta se abriu, com brutalidade; apareceu a filha de Kimball, Emma. Teria uns nove anos, junto com seu irmão Erik, de quatro, e o menor, Engel, de dois.

— Papai! — disse Emma, — Eamon quer me ensinar algo, é muito importante! — Eamon, desde que eu o conhecia, era um menino mudo. Apesar de não ser filho biológico de Kimball, meu amigo sempre o considerara como tal.

Kimball os olhou severo. Apesar do homem feroz e distante que eu me lembrava, nas batalhas, com sua esposa e filhos mudava e se transformava em outro homem. Eu o respeitava, considerava-o como um irmão juntamente com Aldan, e sabia que para ele, nós dois também significávamos o mesmo. Desde que o Conde de Essex se casou com

Elisabeth, eu o havia admirado pela felicidade que os dois irradiavam e o lar tão íntimo que haviam formado. Meu amigo era muito abençoado, e sua esposa e filhos eram a primeira e mais importante coisa para ele.

— Emma, estou reunido! Já sabe que não deve entrar na sala quando a porta está fechada — ele disse.

— Sei papai, mas... é muito importante! — respondeu a menina.

— E o que é o que Eamon quer me ensinar?

— Ele disse seu nome, papai! Conseguiu pronunciar uma palavra! — disse o menor dos três.

— Ha, ha, ha! — Meu amigo riu. Virou-se para nos observar. — Senhores!, como este assunto deve ser pensado, proponho nos reunirmos dentro de um mês.

Derian e Aldan saíram da sala. Kimball me olhou.

— Fique tranquilo, Korvan, sabe que eu tampouco gosto do que faz João I, mas nossas decisões afetarão nossas famílias e aqueles que trabalham e convivem conosco. Devemos meditar e pesar nossos atos.

— Ha, ha, ha! Já não é o de antigamente, amigo, essa mulher o mudou — eu lhe disse.

— Beth é minha vida. Já sofri por estar longe dela muito tempo e não quero voltar a me afastar da mulher que amo.

— Invejo você, amigo! — Eu lhe disse.

— Você verá. Quando você encontre uma mulher que o faça perder o juízo, então seus interesses mudarão — disse Kimball enquanto me dava uma palmada nas costas.

— Isso nunca ocorrerá, Kimball! O amor não entra em meus planos, as mulheres só dão problemas. — Eu estava convencido disso.

Apaixonar-me era uma palavra que não contemplava em minha vida, eu possuía um coração duro. Eu era um guerreiro e queria continuar sendo isso, um cavaleiro que lutava por suas terras, pela honra e por seu rei, à exceção de João I.

— Ha, ha, ha! Recorda-me alguém que pensava o mesmo que você e olhe, aqui estou, com quatro filhos e com uma mulher que admiro, respeito e amo.

— Você e eu somos muito diferentes — eu lhe disse piscando um olho.

Ambos rimos. Aldan estava me esperando; notava-o inquieto desde que chegamos a Essex, intuía que ele queria me comentar algo.

Kimball despediu-se de nós. Peguei meu cavalo e com um salto montei no lombo do animal. Aldan aproximou seu corcel do meu. Meu olhar estava fixo no horizonte.

— O que acontece, amigo? Sei que há algo que o preocupa — eu lhe disse.

— Assim é. Não quis dizer nada para Kimball, mas assassinaram uma mulher. O ritual era o mesmo que o daqueles animais e mulheres que mataram há muitos anos. Um risco de sangue rodeava a jovem camponesa, e escreveram, com o sangue da jovem, a seguinte mensagem: “Morte às bruxas”. Um de meus homens me informou da inquietação que se produziu entre as moças e homens da

região. Foi no bosque de Windsor; todo mundo volta a falar do fantasma que há naquele lugar. Já conhece ao que remete aquilo: superstições e acusações falsas por causa dos medos e das incertezas. — Olhou-me com preocupação. — Eu não gosto disso. Os camponeses começam a dizer que viram pelo bosque Hernes: o caçador, o fantasma com cabeça de cervo que anuncia desgraças... Algumas camponesas asseguram terem topado com ele, com seus dois chifres, com sua imensa estatura e com seus olhos vermelhos.

Parei meu cavalo, olhei-o; não podia acreditar no que estava escutando.

— Mas isso é mentira! São somente lendas! Não entendo como esses camponeses podem ser tão ignorantes e acreditar nessa estupidez. Há um assassino solto que está aproveitando disso. Este é o grande problema de nossa terra: sua gente, sua ignorância. Acreditam em lendas e tolices, nenhum sabe ler, nem escrever e se deixam levar por mitologias absurdas e inventadas.

— Sim, mas diante disso não podemos fazer nada. O próprio rei é o que quer fomentar estas tolices. Estamos diante de um novo assassino, Korvan.

— Sim, isso me preocupa. Esperaremos, estaremos vigilantes e, se soubermos de outro acontecimento deste tipo, informaremos Kimball.

II

— Não pode ser! — Eu sussurrei. Já eram doze horas e o avião sairia às duas. Eu precisava partir já, menos mal que levava a mala de mão comigo.

O jovem que estava sentado em minha frente levantou seu rosto enquanto seus estreitos óculos escorregavam até a ponta do nariz. Seu olhar severo e seu rosto tenso foram um aviso; a próxima vez que eu falasse em voz alta, ele chamaria o encarregado da sala da biblioteca, na universidade de História, em Oxford. Levantei a mão como modo de desculpa, mas o estudante se limitou a baixar seu rosto e continuar com sua leitura. Não era a primeira vez que eu falava em voz alta, de fato, já era a terceira vez que o moço me olhava chateado. Era algo muito típico em mim, eu não conseguia deixar de falar mesmo que estivesse sozinha. Sorri ao pensar nisso.

Levantei-me, o jovem estudante suspirou aliviado que eu partisse. Dirigi-me à estante onde deveria colocar o livro. Nesse momento eu a vi; havia uma jovem ruiva, nesse mesmo lugar, ela captou minha atenção. Observava-me, ela era diferente do resto dos estudantes; sua tez era muito pálida e suas roupas eram extravagantes e estavam fora de contexto, já que parecia que iria a uma festa a fantasia, mais do que

estudar à biblioteca. Fui deixar o livro, ela me observava com interesse. A jovem deu a volta conforme eu me aproximava do lugar; andava devagar e olhava de vez em quando para trás. Nesse momento escutei um ruído forte que me fez virar para a sala de leitura; um estudante deixou cair um livro. Ao voltar a espionar a estante, a jovem já não estava, tinha desaparecido sem deixar rastro. Observei para todos os lados e não a vi. Concentrei-me na estante onde precisava colocar o livro. Ao tentar organizá-lo em seu lugar, um papel caiu no chão; era uma espécie de manuscrito antigo, enrolado. “O que faz isso aqui?”, pensei. Agarrei-o e li o conteúdo em voz baixa.

Depois de todos os acontecimentos passados e do engano pelo qual o rei João quis fazer os camponeses acreditarem que seus pertences foram roubados, através de uma armadilha bem planejada pelos saxões, vejo-me na obrigação de revelar o ocorrido. A quem, em algum lugar e em qualquer determinado momento, encontre meu escrito, digo que nosso rei tem feito correr o boato de que cavaleiros saxões, fiéis ao assassinado rei Ricardo, apropriaram-se de seu tesouro, com a intenção de levantar uma guerra entre saxões e normandos, uma luta sangüinária de poder que ocasionará muitas mortes e tingirá nossa terra de sangue.

O rei está disposto a tudo, já que a joia mais valiosa desapareceu, um anel de grande valor que sua velha mãe roubou, o anel de José de Arimatéia, que dotará de um grande poder, a quem o possua. Esse anel está comigo, já que ninguém deve se apropriar dele. Seu poder é absoluto e,

segundo a tradição, encherá de bens e de prosperidade a quem o possua. A joia deve estar junto do santo Graal depois que este seja encontrado. O anel precisa ficar escondido, sob meu poder, e passará de geração após geração às mulheres de meu sangue, escolhidas para tal missão.

O que eles procuram não poderá ser encontrado no anel, nem no santo Graal, somente no manuscrito...

A frase estava incompleta; somente havia mais uma folha, rasgada, onde estava desenhada a metade de um círculo, com uma frase escrita em uma língua desconhecida para mim; não era inglês, nem latim, nem nenhum idioma atual. Fiquei intrigada, queria saber o que significava tudo aquilo. Dobrei o escrito, introduzi-o em minha mochila; era pequeno, um papel que passava despercebido. Saí correndo da universidade; precisava esperar o avião e chegaria tarde ao aeroporto.

Desejava chegar em Alicante, minha terra natal, para me encontrar com minha grande amiga Laura, que junto com minha avó eram a única família que eu possuía; meus pais tinham morrido em um acidente de trânsito. Desejava assistir a noite de São João, noite mágica que me trazia muitas lembranças boas. Além disso, minhas amigas me contaram que Fernando estaria lá, um antigo amor cuja ruptura me deixou muito abalada. O passar do tempo cura tudo e eu sabia que meu coração seria de outro homem que estava por vir; ao menos isso é o que eu queria pensar. Considerava-me uma mulher independente, ambiciosa. No momento o amor

não entrava em meus planos, eu amava minha liberdade e não queria compromissos desse tipo.

— Ana! Acreditei que você chegaria antes de mim — disse Laura, minha amiga de infância, que me esperava com paciência, no aeroporto. Demos um forte abraço.

— Houve atrasos e outros probleminhas com o voo. Que alegria ver você, amiga!

— E a mim também. Está muito bonita! — Observava-me com um sorriso no rosto. — Bom, você olhou a agenda.

Laura sempre era assim: uma mulher que gostava de organizar cada segundo de sua vida e a dos outros; inquieta, não conseguia ficar nem um minuto tranquila, em nenhum lugar. Eu achava engraçadas as suas ocorrências e sua capacidade de organizar as coisas em um breve tempo.

— Estou escutando — eu disse resignada, com um sorriso no rosto.

Ela falava sem parar enquanto dirigia pela estrada costeira.

— Esta noite iremos à praia. Embora ainda falem alguns dias para a noite das fogueiras, já sabe que há muito ar puro e passaremos estupendamente bem ali. Além disso...

— Ela me olhou. — Fernando veio, embora lamento dizer que trouxe uma noiva que ele conheceu em Madrid.

Olhei-a; a verdade era que gostaria de vê-lo, mas já não havia nada do fogo que um dia me causara tanto dano.

— Bom, me alegro por ele. — Laura virou seu rosto para me observar. — Por favor, quer parar de me olhar enquanto dirige?

— Diz a verdade? — Ela me perguntou.

— O quê?

— Sobre Fernando! Como será se não for!

— Pois é claro que o que digo é verdade! Já não sinto nada por ele..., só curiosidade para ver como é essa noiva que ele arrumou.

Depois de minha resposta ambas rimos. Laura continuou me falando a lista de coisas que precisávamos fazer.

— Não pode ficar muito entretida na casa de sua avó. Vamos deixar as malas, dê muitos abraços e beijos, e vamos.

— Mas Laura! Não a vejo desde o natal e tenho muita vontade de abraçá-la. Você precisará esperar um bom momento porque quero ficar com ela; amo-a muito e senti a falta dela.

A casa de minha avó continuava igual: o jardim com sua pequena horta, as paredes pintadas de branco e uma pequena bruxa verde que, com cara sorridente, dava as boas vindas a todos que se aproximassem da porta da entrada. Dei duas batidas e entrei. Deixei minha mala na entrada e procurei minha avó no salão, onde supus que estaria repousando; não me equivoquei. Aproximei-me da poltrona

marrom de couro, onde ela descansava, agachei-me e lhe sussurrei ao ouvido:

— Quanta vontade eu tinha de vê-la! — Dei-lhe um beijo na bochecha.

Ela, que estava com os olhos fechados, ao escutar minha voz os abriu de repente, virou-se para me olhar e um amplo sorriso se desenhou em seu rosto. Laura observava o encontro, impaciente.

— Minha preciosa menina! Enfim chegou! — Ela se levantou rapidamente. Apesar de sua idade, mantinha-se ágil e ligeira. Deu-me um grande abraço e depois se retirou para me observar com atenção. — Está mais magra, aqueles ingleses não lhe dão o que comer.

— Ha, ha, ha! Vovó..., sempre que me vê diz a mesma coisa.

— Porque sempre que se digna a me fazer uma visita, está pálida e mirrada. — Sorriu para mim. — Ande, sente-se aqui, a meu lado, e me conte. — Ela se virou para olhar a Laura. — E você também, moça. — Minha amiga se sentou em uma cadeira em frente a nós, nervosa, e movia as pernas. — Que tal está Oxford?

— Tudo igual, vovó.

— Bom, agora já está de férias, e poderá ficar comigo mais tempo.

— Sim, temos muitas coisas das quais falar. Além disso, estou desejando ter nossas conversas noturnas. Quanto senti falta de você! — Gritei enquanto a abraçava.

— Ummm! Sinto interromper, mas nós precisamos ir, Ana.

— Não dê atenção a ela, vovó, já sabe que é impaciente.

Minha avó sorriu, conhecia muito bem a minha amiga.

— É verdade, carinho, não se detenha mais, seus amigos a esperam. Amanhã falamos; além disso, já é hora de eu ir à cama. — Ela se levantou e me deu um beijo na bochecha.

Observei como minha avó partia para seu quarto. Subi pelas escadas até o meu para deixar minhas malas, enquanto Laura ficava no salão, inquieta e com vontade de que fôssemos imediatamente. Ao chegar no quarto notei algo diferente; senti frio apesar da época em que estávamos e do sufocante calor e umidade que havia sempre no dia de São João. Deixei a bagagem e observei que ali, sobre a cama, havia duas pedras que em seguida reconheci como runas. Sabia que minha avó sempre estivera relacionada com o mundo do esoterismo, mas ela havia se afastado das runas e das cartas de tarot, porque dizia que eram uma porta aberta para que o mal entrasse em uma vida. Perguntaria sobre elas no dia seguinte, guardei-as em minha mesinha auxiliar.

— Ana! — Era Laura.

— Já desço, criatura impaciente! — Eu gritei.

Antes de partir e de fechar a porta, voltei a observar meu quarto; era estranho, mas estava com a sensação de que eu não estava sozinha. Desci as escadas rapidamente, intuía que Laura estava a ponto de subir para me buscar.

Quanto tempo havia passado! Como nos divertíamos nos encontros noturnos na praia, justamente nas noites

anteriores às fogueiras. Recordava a ansiedade e a vontade de nos divertir com a qual íamos, assim como as conversas que mantínhamos com amigos que víamos somente naquela data. Da distância já se escutava a música do violão espanhol; era Manuel. Que lembranças! Em seguida vi Fernando e a sua noiva de Madrid, uma jovem bastante bonita; ambos estavam muito apaixonados. Deu-me certa inveja de vê-los, não porque sentisse algo por ele, mas sim, por observar o carinho que havia em seus toques e olhares. Ele se deu conta de minha presença, levantou-se e sua noiva o seguiu; vieram até mim.

— Olá, Ana! — Disse Fernando.

— Olá, como vai? Quanto tempo!

— Sim, muito. — Nesse momento sua garota o pegou pela mão; ele a olhou e depois disse. —Apresento-lhe Marta, minha noiva.

— Encantada, Marta. Alegro-me de vê-lo, Fernando.

— Eu também. Disseram-me que estava em Oxford.

— Sim, estou fazendo meu doutorado — eu lhe disse.

— E como se comportam os ingleses com você?

— De momento bem, embora bem pior do que meu povo.

— Sorri.

— Espero que nos vejamos estes dias por aqui, poderíamos ter uma tarde para tomar café e nos colocar em dia — ele me disse.

— Bom, isso vai ser complicado...

Nesse momento Laura, que estava junto a nós, jogou-me uma corda para evitar essa situação tensa para mim.

— Bom, meninos, levo Ana para os outros. Esta noite vamos nos divertir!

Agarrou-me pela mão e me puxou.

— Obrigada, amiga — eu lhe disse.

— Uff! É que eu não suportava vê-lo com aquele sorriso.

— Ha, ha, ha! — Ri com ela.

Depois de muitas saudações, abraços, risadas e anedotas do passado com os amigos, Manuel voltou a tocar o violão espanhol; a música me trazia muitas lembranças. Levantei-me, fui direto à beira da praia, sentei-me, afundei minhas mãos na areia. Tirei as sapatilhas, eu gostava de sentir o contato, da areia, com minha pele. Abracei meus joelhos e fiquei olhando um céu iluminado pelas estrelas e pela lua; uma suave brisa noturna balançava meus cabelos e acariciava meu rosto. Então eu o vi; um homem na distância, vestido, completamente, de negro e ocultando seu rosto atrás de um capuz, vinha correndo para onde eu estava. Assustei-me. Na escuridão da noite, vi o reflexo da ponta de sua espada aparecer por baixo de sua capa. Olhei para todos os lados, se por acaso havia alguém mais, mas ali estava somente eu; os outros se encontravam muito mais afastados. Levantei-me, aquele homem me dava medo. Agarrei minhas sapatilhas e me virei com a intenção de fugir dali; nesse instante vi Laura, que se aproximava de mim, sorrindo.

— Ana! O que faz aqui sozinha?

— Corra! — Eu lhe disse assustada.

— Por quê? — Perguntou minha amiga.

— Aquele homem! — Virei-me para mostrá-lo, mas ele já não estava ali, desapareceu.

— Ana, não há ninguém ali. Uff! Não me diga que agora fica afetada ao tomar uma cerveja. Ha, ha, ha!

Ri com ela, mas a verdade era que eu estava assustada. Eu o vira correr para mim com não muito boas intenções, ou ao menos, isso é o que parecia.

Laura se sentou e eu a imitei.

— O que acontece, amiga? — Ela me perguntou.

Olhei-a, baixei meu rosto e observei a fina areia.

— Estou nostálgica. Lembra-se a última vez que estive aqui: meus pais estavam vivos e eu era muito feliz. Agora... sinto como se meu mundo não fosse este e minha alma lutasse para viajar para outro lugar ao qual pertenço. — Laura me olhava com interesse.

— Amiga, você precisa descansar. Acredito que estar tão afastada de seu país e de seus amigos está a afetando. Ha, ha, ha!

Sorri, mas o que eu tinha dito era verdade. Sentia como se uma força, desconhecida até então para mim, quisesse me arrastar para outro lugar, que não era onde eu me encontrava. Fazia noites que eu sonhava com um bosque, onde escutava o trotar de cavalos que me perseguiam; eu corria sem olhar para trás, já que no sonho estava consciente de que, se parasse, minha vida corria perigo. O curioso daquele sonho, que sempre era o mesmo, era que eu despertava quando uma mão forte masculina me agarrava com força pelo braço e me fazia sair do caminho daqueles

cavalos. Aí tudo acabava, despertava agitada, suando e com a sensação de ter vivenciado aquela cena.

Era bastante tarde quando retornei à casa de minha avó. Subi as escadas cuidadosamente, não queria despertá-la. Abri a porta de meu quarto e não precisei acender a luz para me dar conta de que as duas runas que eu guardei na mesinha auxiliar, estavam, outra vez, sobre a cama, colocadas da mesma maneira como eu as havia encontrado na primeira vez. A gaveta da mesinha estava fechada. Voltei a sentir a sensação de frio. Observei, assustada, por cada canto do quarto; pressentia que não estava sozinha. Acendi a luz e tentei me tranquilizar. Estava certa de ter guardado as runas, mas cheguei a pensar que, possivelmente, não chegara a guardar. Voltei a escondê-las no interior da gaveta da mesinha. Estava muito cansada. Adormeci...

Estava com medo, o bosque possuía um aspecto tenebroso. Comecei a caminhar com medo, observando para todos os lados. Fazia frio, havia névoa e a noite era úmida. Então escutei outra vez aqueles cavalos. No silêncio, na escuridão, ouvia-se o relinchar deles. Comecei a correr, não podia parar. Segurei a barra de meu vestido, ele pesava, corri e corri... Cada vez escutava mais perto o som que os animais emitiam. Olhei para trás e vi as figuras escuras que cavalgavam em corcéis negros. Na sombra, pareciam figuras do mal, que vinham para me arrebataram a vida. Tropecei, caí, senti que já estava perdida e era meu final. Nesse momento notei como me agarravam pela cintura, tampavam minha boca e me afastavam do caminho. Eu tentava me desprender

daqueles braços que me retinham com força, evitando qualquer movimento de minha parte. Os cavaleiros passaram diante de nós; um deles parou justamente em frente de onde estávamos escondidos. Deixei de fazer força para me mover. A figura daquele personagem, envolto em um traje negro e cujo rosto estava coberto com um elmo da mesma cor, me fez estremecer. Ele obrigava seu cavalo a virar, ao pressentir nossa presença perto dele. Foram os segundos mais longos de minha vida, até que ele partiu. Nesse instante pude me desprender das mãos robustas que me retinham; levantei-me com brutalidade e vi frente a mim, um cavaleiro da Idade Média, vestido em sua cota de malha, que me observava intensamente. Senti que eu o conhecia, não conseguia parar de olhar seus bonitos olhos cinzas...

Despertei agitada, ainda via aqueles olhos cinzas em frente a mim, não conseguia afastá-los de minha mente.

III

Quem seria aquela jovem? Eu sonhava com ela, há dias, e sempre era o mesmo sonho. Seus grandes olhos negros me enfeitiçaram até o ponto que eu os procurar durante o dia, nas mulheres que encontrava em meu caminho, e desejava encontrá-los pelas noites, em meus sonhos. Havia alguma coisa nela que não conseguia afastá-la de meus pensamentos. Sentia a necessidade de protegê-la, de beijá-la, de fazê-la minha..., mas a encontrava somente durante a noite, enquanto eu dormia. Algo mau a espreitava, e aqueles cavaleiros só queriam assassiná-la; tudo aquilo precisava ter alguma explicação. Uff!, endireitei-me na cama, tapei meu rosto com ambas as mãos. O que significariam esses sonhos? Estava ficando obcecado com essa mulher. Levantei-me, precisava respirar. Fui direto à torre, Dylan estava lá, e se virou ao me escutar.

— Você também não conseguiu dormir? — Perguntou-me.

— Não, — eu lhe respondi enquanto sentava a seu lado, — há muitas coisas que me perturbam o sono. — Tapei o rosto com ambas as mãos e suspirei. — Não posso evitar pensar naquele tolo do João. Estou convencido de que ele está por trás da morte do rei Ricardo.

— Eu também acredito. Cercou-se de bispos, de cavaleiros e dos soldados mais corruptos, de nossas terras, para poder levar a cabo seu plano — respondeu Dylan.

— Isso também penso eu. E o problema é que quer provocar uma guerra entre saxões e normandos, aos quais tem conseguido fazer acreditar, que nós roubamos o tesouro da coroa para reorganizar o exército e nos levantar contra eles. Tudo por culpa daquele maldito, que utiliza suas sujas artimanhas para que se produza uma batalha sangrenta em nossas terras, e assim, desviar a atenção dos roubos e abusos que ele, como soberano da Inglaterra, está realizando às escondidas.

— Não o permitiremos, amigo.

— É óbvio que não. Mas nossos homens não estão preparados para voltar para o campo de batalha, — eu lhe respondi.

— Falam do anel perdido — disse Dylan. — O rei roubou de sua mãe esse anel, e dizem que ele dotará de grande poder e riqueza a quem o possua.

— Isso são lendas! Se o rei procura essa jóia que sua mãe havia roubado e ele roubou de sua mãe, é somente porque possui um grande valor.

Voltei a suspirar. Continuava pensando na mulher de meus sonhos, não conseguia afastá-la de minha cabeça. O que estava me acontecendo? Jamais estive assim por nenhuma moça. Era absurdo estar obcecado por uma jovem que eu não conhecia e era fruto de meu inconsciente. Dylan me analisava.

— Tem certeza de que não consegue dormir somente pelo assunto do rei?

— É claro, é somente por isso. Que insinua? — Perguntei-lhe.

— Nada, somente que, o vendo assim, juraria que é mais por um assunto de saias do que de política. Ha, ha, ha!

— As mulheres não são minha prioridade, amigo — eu respondi.

— Sim, mas precisamos delas de vez em quando, mesmo que seja para passar somente uma noite na companhia delas — disse piscando um olho.

— Isso você sabe que eu tenho assim que quiser. — Ambos rimos.

IV

Despertei tarde. Depois daquele sonho não consegui dormir com facilidade. Cada vez eles ficavam mais reais e possuía a sensação de que já não sonhava, mas sim me transportava para lá, para aquele bosque e junto daquele homem. Ainda podia sentir suas mãos fortes em minha pele, que me detinham; até conseguia cheirá-lo. Para mim era uma experiência sem explicação alguma, e estava me enlouquecendo. Desejava encontrar aquele homem, ansiava que chegasse a noite para me reunir com ele em meus sonhos embora, por outro lado, temia que jamais voltasse a vê-lo durante meu descanso noturno.

Escutei minha avó falar com as plantas, que cuidava com esmero, no jardim. Sempre conversava, dizia que elas nos escutavam. Sorri. Quanto eu amava essa mulher! Era a única família que eu possuía e a adorava. Devia falar com ela, antes que o advogado de meus pais viesse.

Vesti-me e arrumei a cama rapidamente, desci as escadas e fui direto até o jardim. Ali estava ela, que sem se voltar percebeu minha presença. Recordei-me que desde pequena pensava que minha avó tinha um sexto sentido, já que sempre adivinhava todos os meus movimentos; embora

eu não fizesse ruído, ela sabia onde eu estava em todos os momentos.

— Querida! Enfim despertou! — Deixou a pá que utilizava para revolver a terra sobre o vaso de plantas, tirou as luvas sujas pelo barro, endireitou-se e veio até onde eu estava. — Já tomou o café da manhã?

— Não, vovó, preciso falar com você. Há algo muito importante que eu preciso lhe contar... — Ela não me deixou terminar.

— Não! Primeiro deve tomar o café da manhã.

— Mas... vovó!

Ela não me respondeu, somente levantou seu dedo indicador a modo de advertência. Não tive mais remédio do que seguir suas ordens.

Eu havia terminado e ela me olhava intensamente.

— Agora sim, carinho, o que era tão importante que precisava me dizer?

— Ontem, quando subi para deixar as malas no quarto, encontrei duas runas sobre minha cama. Você as colocou lá?

Observei que minha avó ficava séria diante de meu comentário.

— Duas runas? Não, carinho, eu não as coloquei lá. Onde estão?

— Guardei-as na mesinha. O curioso é que tenho quase certeza de que naquela primeira ocasião as guardei na gaveta da minha mesinha e depois, quando retornei à noite, elas estavam outra vez sobre a cama.

Minha avó ficou de pé, virou-se me dando as costas.

— Mostre-me Ana.

Ambas subimos as escadas. Ao entrar no quarto voltei a sentir o mesmo frio que no dia anterior; minha avó também notou.

— Aqui faz frio. Eu não gosto disto, carinho, — ela me disse.

Então me dei conta de que as duas pedras voltavam a estar sobre a cama. Olhei para minha avó, surpresa.

— Agora sim eu tenho certeza de que voltei a guardá-las — eu lhe disse.

— Acredito em você, Ana.

Ela as pegou; observei como empalidecia somente ao vê-las.

— O que significa tudo isto? — Eu lhe perguntei.

— Vamos para baixo, carinho.

Fomos para o salão. Sentei-me em frente a ela, ela me mostrou a primeira pedra.

— Que desenho vê nela? — Ela me perguntou.

— Dois triângulos unidos — respondi.

— Exato, é conhecida como a runa Dagaz. Esses dois triângulos sugerem o ponto de fuga de um plano frontal, e indicam o percurso necessário para se chegar ao extremo, onde se encontra a luz, como o final de um túnel ou de uma soleira. Significa uma mudança radical, uma transformação em sua vida; uma nova dimensão se abre diante de você para lhe mostrar um mundo diferente ao seu, e você, carinho, deve escolher. — Fez uma pausa e pegou a outra pedra. — E nesta, o que vê?

— Uma espécie de cubo para o jogo de dados.

— Você a conhecerá como a runa Perth; é associada à ave Fênix, que se consome no fogo, para logo ressurgir de suas próprias cinzas. O destino, uma mudança de vida. Deixa de existir em uma dimensão para ressurgir em outra. O fogo não deixa rastros e apaga seu rastro completamente.

— Não entendo nada, vovó. Posso saber o que significa tudo isto?

— Carinho, ninguém entrou em seu quarto. Nesta casa não há runas. Além disso, estas são antigas; os desenhos e suas formas são as que as sacerdotisas druidas usavam para averiguar o futuro e fazer seus juramentos, promessas, malefícios e feitiços.

— Não entendo o que me quer dizer.

Ela baixou o rosto, observou as pedras e depois voltou a me olhar.

— Por alguma razão o passado vem ao presente. Alguém está tentando se comunicar com você.

— Comigo? — Se não soubesse que minha avó era uma pessoa ajuizada, teria pensado que ela perdera o juízo, nesse momento.

— O frio em seu quarto..., as duas runas... São mensagens, carinho. Estão a chamando.

— Mas quem?

— Nossos antepassados. Por algum motivo querem que você atravesse a soleira do Portal dos homens, uma porta dimensional que somente se abre, em determinados momentos, e, para os escolhidos.

Eu estava tão aturdida por tudo que acontecia, que não me dei por conta de que minha mochila estava em uma cadeira, ao lado de onde eu estava sentada. Dei uma batida e ela caiu ao chão, o que deixou ver o manuscrito que eu havia encontrado na biblioteca de Oxford. Minha avó o agarrou rapidamente.

— O que é isto, querida? — Ela me perguntou com curiosidade.

Não deixou que eu explicasse, sempre fora muito curiosa. Tirou a fita que o segurava e começou a ler. Uma vez que terminou de analisá-lo, olhou-me, perplexa.

— Sabe o que isto significa? — Ela me perguntou. Sua expressão era séria.

— Não vovó, não faço nem idéia. Quando ia guardar um livro na biblioteca da universidade, encontrei isso.

Minha avó se levantou e se dirigiu para um baú que sempre estivera no salão. Tirou um livro, começou a procurar algo dentro de suas páginas; quando encontrou o que queria, deu para mim.

— Este livro foi herdado de nossos antepassados, passou de geração atrás de geração. Agora começará a compreender tudo o que está lhe acontecendo. Leia Ana — ela insistiu para que eu o fizesse.

“Quando tudo estiver preparado e meu descendente receber o sinal, o portal dos homens voltará a se abrir. Ela, a mulher escolhida, terá em seu poder o anel, a joia que deverá guardar junto com o santo Graal, até que o manuscrito, completo, seja encontrado. Então, e só então, o círculo poderá

se completar e o segredo ficará oculto para sempre. Os cavaleiros do tempo, nobres de sangue, guerreiros que ignoram sua missão, serão os encarregados de proteger a nossa estirpe e selarão seu sangue com o nosso em um pacto de amor, que nem os homens, nem as portas do tempo poderão romper.”

Eu não entendia nada.

— O que é isto, vovó? — Eu lhe perguntei.

— Jamais pensei...

— O quê vovó? Deixa-me intrigada. O que significa o que acabo de ler? O que quer dizer? O que são essas pedras? Por que faz frio em meu quarto, quando fora dele faz um calor e uma umidade insuportáveis? — Eu queria respostas.

— Ana, esse anel está em nosso poder. Minha mãe me passou; a mãe de minha mãe passou para ela, a eu passei para a sua... Enfim, somos a estirpe a que se refere este livro e essas folhas incompletas que estão aí. Sua mãe recebeu esse anel, eu o dei, mas nem ela, nem eu, acreditávamos que a lenda que girava em torno deste fosse verdadeira.

— Vovó, acredite que estou me esforçando para compreender tudo o que está me contando.

— Filha, quando eu estava com a sua idade, minha mãe me explicou que há uma lenda entre as mulheres de nossa família. Conforme me relatou, uma de nós será a escolhida para levar o anel ao lugar ao qual ele corresponde. Quando neste livro se fala do Portal dos Homens, o que está querendo dizer é que, em algum momento e lugar, se abrirá uma brecha que une dois mundos e duas épocas, e só será transpassada pela jovem escolhida para a missão de levar o

anel para junto do santo Graal. — Olhou-me. — Você encontrou parte do manuscrito ao qual o livro faz referência, e não se deparou com isso, por pura casualidade; não, disso eu estou convencida. Querida, acredito que uma de nossas antepassadas transpassou o portal e deixou esse manuscrito para que estivesse a salvo, até que chegasse a jovem escolhida. Além disso, estas pedras são a prova de que eles estão se comunicando com você, querem que vá.

Depois das palavras de vovó, me lembrei da jovem ruiva da biblioteca de Oxford; ela tinha um aspecto diferente do resto dos humanos.

— Não estará insinuando que eu sou a mulher que transpassará a linha do tempo? — Eu ri.

— Pois sim, é muito provável. Carinho, agora não consigo explicar nada, preciso pensar em tudo isto. Além disso, devemos esperar que o advogado venha, ele lhe dará algo importante. — Guardou o livro no baú, e eu fiz o mesmo com o manuscrito, introduzindo-o em minha mochila.

— Vovó! Não pode me deixar assim.

— Ana, depois continuamos falando, deixe que termine o jardim e o que eu estava fazendo e que assim organize minhas idéias. O advogado virá à noite, não conseguia passar antes.

— Tão tarde?

— Bom, Fran é assim, tem alguns horários muito diferentes aos do resto dos humanos.

Não vi minha avó durante todo o dia. Depois de terminar seu trabalho no jardim, observei que partiu da casa sem me

dar nenhuma explicação; depois retornou à noite, junto com o advogado.

Ambos apareceram pela porta. Minha avó o convidou a que se sentasse na mesa da sala; nós duas, nos colocamos em frente a ele. O homem colocou seus óculos e abriu, devagar, e com esmero, sua maleta de couro. Extraiu uma carta e uma pequena caixa de cor azul. Olhou-me.

— Isto é para você. — Aproximou a pequena caixa de minha mão. Olhei para minha avó, estranhando. Como eu assimilaria o amontoado de acontecimentos que estavam aparecendo?

Abri a caixa e ali encontrei um anel de ouro, com um rubi encravado, era precioso.

— Sua mãe também lhe deixou esta carta, queria que eu a entregasse pessoalmente. E também, em seu testamento, insistiu que seu desejo era que você lesse junto com sua avó, se esta vivesse. — O homem me deu um envelope selado no qual havia meu nome. — Aqui acaba meu encargo.

O advogado partiu e ficamos ali, ambas. Abri o envelope e comecei a ler.

Querida Ana:

Quando ler esta carta, já terá em seu poder o anel de José de Arimatéia, uma joia que está em nossa família há séculos e que se manteve em segredo. Ele esteve custodiado pelas mulheres de nossa estirpe. Eu não sei se isso é verdade, mas sua avó me deu isso e, se eu morrer, este precisa ser seu. Minha filha, nosso destino está escrito, mas nós sempre podemos mudá-lo, lembre-se sempre.

Amo muito você.

Não consegui conter as lágrimas ao lê-la. Minha avó me abraçou.

— Olhe para o anel — ela me disse.

Então o vi. Havia uma pequena cruz esculpida sobre o ouro e no centro, um peixe, como aquele que os primeiros cristãos desenhavam para identificar-se.

— Tem em seu poder o anel do santo, proteja-o como se fosse sua vida. Carinho, amanhã continuamos falando, estou com uma forte dor de cabeça. Prometo explicar mais sobre tudo isto.

Estava em meu quarto, soou o telefone, era Laura. Eu me esqueci completamente! Prometera ficar com ela.

— Ana! Pode-se saber por onde andou?

— Perdoe-me, Laura, esqueci. Hoje não gostaria de sair, estou cansada. Amanhã nos vemos.

A verdade era que eu estava esgotada, mas, também confusa por causa de todos os acontecimentos que se passaram em minha vida em tão pouco tempo. Introduzi o anel em meu dedo indicador e guardei o manuscrito dentro de minha mochila. Coloquei o pijama, deitei-me na cama e adormeci.

V

Eu não podia acreditar nas palavras do padre Peter. Sabia que estava custando-lhe me dizer aquilo, porque ele era consciente do dano que estava me causando com elas. O homem bondoso e bom, que sempre estivera junto de mim, nos momentos ruins, inclusive na morte de meus pais, agora estava me dando a notícia que me machucava o coração.

— Por que minha irmã? Por que ela? A culpa é minha. — Fui direto para o tronco da árvore que estava em minha frente e me desafoquei dando um murro com força na casca dele.

— Aquele mercador italiano a deslumbrou com suas palavras e ela se apaixonou... — disse o padre. Aquelas palavras me acenderam mais.

— Seduziu-a! A intenção dele, padre, era somente uma, desde o primeiro momento em que a viu. Você e eu sabemos, e agora a honra de minha irmã está manchada.

— Mas você sabe que ela não se entregou a ele — disse o religioso em voz baixa.

— Sei de tudo isso que você me disse, aquele sem-vergonha foi a todos os botequins ao norte de nosso reino, Estanglia, para encarregar-se de difundir algo que é uma

mentira. Não respirarei até que me vingue pelo dano que ele está fazendo para Audrey. Onde posso encontrá-lo, padre?

— Não vou lhe dizer isso, rapaz. Não quero que cometa uma loucura da qual depois possa se arrepender.

— Prometo que não o matarei, se isso for o que teme, mas deve me dizer.

— Você sabe que não pode quebrar uma promessa.

— Quando eu a quebrei? Sabe que sou um homem de palavra e honra. Ofende-me, padre!

— Sim, e isso é o que mais me dá medo: a maldita honra e orgulho que o caracteriza.

— Onde ele está? — Exigi-lhe uma resposta.

— Não lhe direi isso, rapaz — ele disse enquanto me dava as costas e reatava sua marcha até seu cavalo para se afastar do castelo.

— Muito bem, pois, até que não me conte, não lhe darei aquele vinho que sai de minhas terras e que tanto gosta, padre.

Ele parou em seco. Sabia que isso era o pior que eu poderia fazer: privá-lo de sua bebida favorita.

— Não será capaz! — Ele respondeu sem se voltar.

Sorri, aquele sacerdote nobre e bonachão me conhecia muito bem.

— Claro que sim, e você sabe muito bem. — Aproximei-me de seu cavalo e esfreguei sua proeminente barriga com carinho, como eu fazia quando ainda era pequeno.

— Uff! Você é incorrigível — ele protestou. — No condado de Suffolk, na zona costeira, à espera do embarque à França.

Tome cuidado, rapaz, aquele homem não vai sozinho; tem homens que o protegem e defendem, tem dinheiro. Também vai com mulheres; entre elas, aquela que ele diz que é sua esposa — disse sem se voltar para me olhar.

— Uma esposa! Então, ele pagará pelo que fez da mesma maneira.

— No que está pensando, Korvan? — Nesse momento, ele se virou para me olhar. — Aquela criatura não tem culpa. Korvan! — Ele gritava, mas eu não estava com nenhuma intenção de continuar com aquela conversação, dava-a por finalizada.

Sabia que ele estava com a razão, mas meu rancor para aquele homem era superior ao que era bom ou mau. Sairia de madrugada, mas antes, precisava ver minha irmã.

Atravessei o pátio de armas, ali estavam meus homens. Aproximei-me de Dylan; junto a ele estavam Arian e Aiken, levaria dois deles comigo.

— Korvan! — disse Dylan, — sua irmã esteve procurando você.

— Sim, agora vou até ela. Dylan, Arian, partiremos de madrugada. Aiken, quero que leve Audrey ao castelo de minha tia, a condessa de Snowdon, nas Highlanders. Ela não poderá estar aqui quando eu retornar com a prisioneira.

— Prisioneira? Aonde vamos? — Perguntou Arian.

— Teremos que encontrar uma mulher e trazê-la ao castelo.

— Uma mulher? — Perguntou Dylan.

— Sim, a esposa do descarado que zombou de minha irmã e manchou seu nome. Será minha prisioneira até que eu queira. A honra de sua esposa também ficará manchada.

— Mas Korvan! Você não é assim — disse Arian.

— Pois agora sim. A honra de minha irmã ficou manchada.

Audrey estava no jardim, junto à roseira que minha mãe plantara quando ela havia nascido. Contemplei-a. Aquela moça loira de olhos azuis era a única mulher que eu permitia que entrasse em meu coração. Amava-a. Sempre a via frágil e sentia a necessidade de protegê-la.

— Audrey! — Eu gritei.

Ao escutar minha voz, ela deu a volta e um amplo sorriso se desenhou em seu rosto. Ela se aproximou de mim e eu a estreitei entre meus braços enquanto a girava. Beije-a na bochecha e a deixei no chão para contemplá-la. Em seguida vi a tristeza em seu rosto.

— Preciso lhe contar algo, Korvan. Você não vai gostar. — Ela baixou seu rosto.

— O padre Peter me explicou.

— Está zangado? — Perguntou-me temerosa.

— Para ser justo, sim. Não entendo como conseguiu descer tão baixo, irmã! Esses mercadores são todos uns sem-vergonhas, querem somente uma coisa das jovenzinhas bonitas como você. — Notei como ruborizavam suas bochechas. — Amanhã partirá para as Highlanders, quero que passe uma temporada com a tia Norma, em Snowdon.

Ela elevou o olhar, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não!, não quero ir com ela. Por que me afasta de você, de meu lar?

— Todo mundo fala disso, Audrey, sua honra ficou manchada. Precisa se afastar daqui, é a única maneira de que o povo se esqueça deste fato e deixe de falar de você e de nossa família. Todos os camponeses que trabalham em nossas terras murmuram, igual aos serviçais e os meus homens. Aiken a acompanhará.

— Nunca gostei da tia Norma e você sabe. Você quer me castigar? — Ela perguntou enquanto as lágrimas não paravam de escorrer por suas bochechas.

Envolvi-a com meus braços e a retive entre eles. Beijei-a em seu brilhante cabelo.

— Sabe que não, Audrey. Eu jamais a castigaria, nunca a julgaria nem a recriminaria de nada. Você, melhor que ninguém, conhece-me, mas é necessário; faço por você, por seu bem-estar. Esses falatórios ferem nosso sobrenome e não permitirei que nada, nem ninguém, lhe faça mal. Será somente uma temporada; prometo que eu mesmo irei buscá-la, quando este fato seja esquecido.

— Promete isso?

— Dou minha palavra.

Nessa noite despertei sobressaltado, outra vez o mesmo sonho; aquela mulher sempre estava nele. Seus olhos negros me olhavam com temor; eu queria retê-la, inclusive beijá-la, mas ela se afastava de mim. Meu coração palpitava com

força. Eu estava há vários meses sonhando com ela, e sempre era o mesmo: afastava-se correndo, temerosa, fugia de algo ou de alguém, e não era de mim. Apesar de meus esforços para alcançá-la, sempre desaparecia sem eu conseguir fazer nada. O que significariam aqueles sonhos?

VI

— Venho por causa de sua filha. Recorda-se do que me prometeu? — Disse Giulius, o mercador italiano.

— Sim, sim..., é claro. Você me traria uma bolsa cheia de moedas de ouro e em troca eu lhe dou Ana. Ha, ha, ha!

— O que me surpreende é como pode se desprender, assim, de sua primogênita.

— Um camponês não pode reponsabilizar-se por muitas bocas; eu tenho quatro para alimentar e minha mulher acaba de morrer. A melhor coisa que posso fazer, também pelo bem de Ana, é a oferecer e todos saímos ganhando. — Ambos riram.

Eu estava surpresa e assustada, falavam de mim. Eu não conhecia o homem que dizia ser meu pai e muito menos, o lugar no qual eu me encontrava; minhas roupas eram trapos sujos e puídos e pareciam de muitos séculos atrás. O mercador italiano se aproximou de mim, eu não me movia, já que estava certa de que aquela conversa não era comigo.

— Querida, — disse aquele horrendo homem, que estava me olhando com interesse, — venha comigo, a partir de agora você me pertence. — Agarrou-me pela mão e me forçou a levantar. Seus olhos estavam fixos em meus seios. — Ha, ha,

ha! Hoje mesmo me caso com você, estou desejando fazê-la minha.

Aquele que dizia ser meu pai desaparecera, e o mercador me agarrou com força pelo braço e me levou para dentro de um carroção; eu resistia. Nesse momento deixei de estar naquele lugar, tudo desapareceu; encontrava-me em um bosque, na escuridão da noite. Comecei a caminhar sem rumo, desconcertada. Naquele instante notei como me agarravam com força pelo braço; virei-me, e diante de mim estava o guerreiro de todas as noites, com sua cota de malha, a veste, o elmo e suas luvas. Um cavaleiro extremamente atraente, cujos olhos cinzas me olhavam, intensamente, atraiu-me para ele e me reteve entre seus braços; intuía que suas intenções eram de me beijar, eu também desejava.

— Como se chama? — Ele me perguntou. Eu não respondi. — Cada noite desejo encontrá-la... — ele me disse. Nesse momento ele se fixou no anel de José de Arimatéia, que estava em meu dedo. Agarrou minha mão e o observou; seu rosto ficou tenso.

O cavalo dele relinchou nesse instante; ele se virou e levou sua mão ao cabo de sua espada. Eu senti medo, como se pressentisse perigo; uma força estranha começou a me afastar dele, Ele se voltou para me buscar e começou a correr atrás de mim. Eu não queria partir, mas deixei de vê-lo...

Despertei sobressaltada, esse sonho havia sido muito real.

— Uff! — suspirei.

— O que aconteceu? Você estava gritando, carinho. —
Minha avó entrou no quarto, preocupada. relatei meu sonho.
— Filha, nunca fale nem interaja com as pessoas que
aparecem em seus sonhos; no dia em que o fizer, não
retornará mais para seu lar.

— Vovó, é somente um sonho!

— Para o resto dos mortais possivelmente sim, mas para
você não. A brecha do tempo está se abrindo, seu
subconsciente a está chamando. No momento que optar por
um dos dois mundos, jamais poderá retornar. Observe a lua e
o céu, olhe para a cor avermelhada que anuncia uma grande
mudança.

— Vovó, sabe que eu não acredito nessas coisas. —
Fiquei pensativa. — E se eu não escolher, o que acontecerá
com o anel?

— Passarão mais gerações de nossa estirpe até que o
portal volte a se abrir outra vez.

— Eu não quero ir a nenhum lugar, vovó, estou muito
bem aqui.

— Saberá o que fazer em seu devido momento. — Ela me
abraçou.

— E você, o que faria? — Perguntei. — Preocupa-me que
isto possa acontecer realmente.

— Eu velaria por você desta época. Não se preocupe por
mim, precisa somente encontrar seu caminho, sua felicidade,
minha menina.

— Mas eu a amo, e jamais poderia deixá-la — eu lhe
disse.

— Carinho, você precisa seguir seu caminho, eu já sou uma mulher velha que viveu sua vida, estarei bem.

— Custa-me acreditar que tudo o que está me dizendo seja verdade.

Não podia ser verdade tudo o que estava me acontecendo; decidi não dar importância e esquecer disso.

VII

Haviam transcorrido dois dias. Estava anoitecendo. Dylan, Arian e eu deixamos os cavalos na área marcada. Estávamos deitados, à beira dos escarpados, observando o acampamento que assentava na praia, à espera de que o navio partisse à França e levasse todos os que estavam ali e desaparecesse pelas águas do mar do Norte. Não queríamos ser vistos. Não eram muitos. Todos os homens estavam bêbados ao redor da fogueira, gritavam e cantavam em voz alta. “Típico dos italianos!”, eu sussurrei. Algo chamou minha atenção: um mercador alto, magro, com uma grande cabeleira negra, saiu enfurecido da tenda maior.

— O que acontece, Giulius! — Escutei ele dizer para um de seus homens.

— Dê-me vinho! Essa mulher vai ver quem eu sou.

Ele começou a beber sem parar. Olhei para Dylan e para Arian.

— É ele — eu sussurrei.

Seus homens gargalhavam. Voltou a entrar na tenda de campanha. Em pouco tempo, entre gritos e risadas, uma jovem morena, com uma bonita cabeleira encaracolada, aparecia em cena, saía correndo com roupas pouco habituais; era um vestido branco, de alças, com os braços descobertos e

também deixava entrever o início de seus seios. Era muito bonita, parecia-se com a jovem de meus sonhos. Segurava algo agudo entre suas mãos. O italiano saiu atrás dela, rindo-se e zombando da moça. Odiei aquele homem. Eu devia agir o quanto antes possível, intuía que ele não possuía pensamentos muito bons para com a mulher, que devia ser a esposa da qual me falara o padre Peter.

Os homens de Julius a cercaram e ao final se apoderaram da arma que a jovem levava. O mercador a levantou até seu ombro e a levou para dentro da tenda de campanha. A mulher era valente, eu gostava disso.

Olhei para Dylan e para Arian. Fiz-lhes um gesto, devíamos agir o quanto antes.

Descemos por um caminho tortuoso até à área da praia. Esperamos que os homens, com seus estômagos cheios de álcool, dormissem. Agarramos paus e os acendemos silenciosamente nas chamas da fogueira. Começamos a incendiar o acampamento. Os soldados se levantaram ao notar o calor do fogo. Lutar com bêbados era uma tarefa fácil, logo derrubamos a todos eles. Dylan e Arian ficaram fora, vigiando. As mulheres que acompanhavam os homens saíram fugindo para a beira do mar, para afastarem-se das chamas. Introduzi-me na tenda do mercador, que mantinha a jovem amarrada.

— Bastardo! — Eu gritei. — Essa é sua tática? Se aproveitar das mulheres à força? — Eu lhe disse enquanto o ameaçava com a ponta de minha espada. Surpreendi-me ao comprovar que a jovem era a garota que aparecia em meus

sonhos. Ao vê-la ali, tão indefesa, senti que meu ódio por aquele homem aumentava.

— Posso saber quem é você?

— Estou certo de que intui. Vou cortar sua língua por todas as mentiras que disse sobre minha irmã, no reino de Estanglia.

— Ah! Deve defender aquela preciosidade de olhos azuis. Ha, ha, ha! Era muito bonita e muito...

Não o deixei continuar, não consegui escutar aquele tom com o qual se referia a ela. Dei-lhe um murro e ele caiu ao chão, enquanto pela comissura de seus lábios aparecia um filete de sangue. Ele levou o punho de sua camisa descolorida até ela e limpou; depois me olhou com ódio e ressentimento.

— O que quer de mim?

— Vingança! Tomarei sua mulherzinha e sofrerá a mesma desonra pela qual passou minha irmã. A honra de sua bonita mulher vai ficar suja ao igual a tua.

— Isso jamais! — Ele disse zangado. Nesse momento me lançou uma taça que estava ao alcance de sua mão.

A moça aproveitou esse instante para sair da tenda. Giulus me acertou um murro; em seguida me sobrepujou ao golpe. Eu era um homem de batalha, eu gostava das brigas, estava acostumado a elas. Com dois socos o mercador ficou sem forças, abatido e caído no chão.

— Tem sorte, italiano, hoje eu o deixarei com vida, mas somente para que viva a desonra e a vergonha em sua próprias carne, igual fez com minha irmã. Se tiver honra e

quiser recuperar sua mulher, venha procurá-la em meu castelo.

Saí da tenda, precisava encontrar a jovem, minha prisioneira. Dylan e Arian me esperavam com um monte de homens desabados a seus pés, ambos rindo.

— Onde ela está? — Eu lhes perguntei.

— Aí está sua fera. — Dylan assinalou o caminho que subia para o ponto onde havíamos deixado os cavalos.

Corri atrás dela, em seguida a alcancei. Puxei-a pelo braço e a forcei para que me olhasse.

— Solte-me, seu tolo! — disse em um inglês que eu não havia escutado até então. Jamais uma mulher havia respondido assim para mim. Um meio sorriso se desenhcou em meu rosto.

Que bonita ela era! Seus olhos negros se cravaram nos meus; havia ódio e medo em suas pupilas. Tantas batalhas haviam me ensinado a perceber os sentimentos mais profundos da alma de minha oponente, e ela, nesta ocasião, era meu inimigo, apesar de que, em meu sonho e nesse momento, ansiasse tê-la junto de mim.

— Sinto muito, mas me parece que não vou poder cumprir seu pedido.

Nesse instante senti uma forte dor entre minhas pernas; a jovem me dera um chute justamente no centro delas. Dobrei-me de dor enquanto observava com dificuldade como ela fugia.

VIII

Em uma mesma noite, dois pesadelos distintos nos quais voltavam a aparecer um mercador e o guerreiro. Foi muito real, tanto que acreditei estar lá e não conseguir jamais despertar. Ainda podia sentir a presença do guerreiro, sua mão em meu braço e aqueles bonitos olhos cinza, me escrutinando. Estava suando, levantei-me. Era tarde, era hora de comer, jamais eu dormira tanto. Coloquei o vestido do dia anterior, o branco de alças, introduzi em meu dedo indicador o anel de José de Arimatéia e guardei o manuscrito no bolso do vestido, já que carregava a esperança de encontrar um espaço e mostrar para Laura; ela era licenciada em História e possivelmente poderia me dar pistas sobre o que significava tudo aquilo. Fui para o salão; para minha surpresa Laura estava me esperando na entrada.

— Enfim apareceu! — Disse minha amiga. — vim buscá-la, mas, já que ainda está assim, deixo-a e esta tarde nos veremos na praia.

— Sim, nos veremos — eu lhe respondi.

Laura partiu e minha avó me olhava com interesse.

— Interagi no sonho, vovó. Falei com um homem que aparecia nele.

— Carinho, disse que não o fizesse.

— Não entendo nada, vovó, esta situação me desespera — eu gritei enquanto me deixava cair na cadeira.

— Não tente procurar uma explicação ao que está acontecendo, carinho. Logo saberá o porquê disto tudo.

— Quando fala assim me dá medo, penso que algo de ruim vai me acontecer — eu lhe disse. Ela se aproximou de mim e me deu um abraço.

— Deve encontrar seu caminho, e quando o encontrar nem lhe ocorra olhar para trás, para o que está deixando, já que deve seguir os sinais de seu destino.

Em meus pensamentos só havia capacidade para ele, o homem de meus pesadelos.

A praia estava com as fogueiras preparadas para essa noite, a de 24 de junho. A grande festa começaria à meia noite, começando com o ritual de despedida da noite mais longa do ano. Grupos de amigos, ali reunidos na beira do mar, se uniriam pelas mãos e entrariam nas águas do Mediterrâneo. Essa noite era quente e a água do mar era uma calmaria. Trazia-me muitas lembranças.

Aproximamo-nos da área onde estavam todos os velhos amigos. Eu estava iludida, contente, desejando aproveitar a festa. Em seguida vi Fernando, mas este, ao se dar conta de minha presença, virou-se para abraçar sua bonita noiva. “Que absurdo”, eu pensei.

— Há muitos rapazes, Ana. Você precisa encontrar o homem que a faça perder a cabeça — disse Laura, com um sorriso em seu rosto.

— Duvido, os homens não entram em minha vida, ao menos por enquanto.

— Ha, ha, ha! Amiga, não diga algo assim, em uma noite como esta.

— Sabe que eu não acredito nessas tolices.

— Embora não acredite, me prometa que hoje lançará a fita colorida à fogueira. Ao menos faça por mim — ela me disse, suplicando com as mãos em posição de oração.

— Mas se eu não estou apaixonada! — Eu lhe respondi.

— Bom, não importa! Não tem nada a ver. É por esse homem que está destinado para você. — Piscou-me o olho. — Já sabe, diz-se que nesta noite tudo é possível.

— Que tolice, Laura! Esse homem não existe. Ha, ha, ha! Mas se gosta de ilusão, lançarei a fita ao fogo.

Nesse momento uma onda de pessoas nos arrastaram até à água. Perdi Laura de vista, mas estava enfeitiçada pela noite; nada me importava, queria somente me esquecer de todo o ruim que ocorrera em minha vida nesse ano. Começava uma nova etapa para mim.

— Adeus, Ana, a partir de hoje é uma mulher nova! — Eu gritei.

Estava na água molhando os tornozelos e me contagiando da alegria e festa do momento. Não me dei conta de que uma jovem ruiva, de intensos olhos azuis, a mesma da biblioteca de Oxford, estava em frente a mim, me olhando séria. Sua roupa era estranha e sua aparência, diferente. Fiquei observando-a, surpresa e assustada, sem compreender a presença daquela mulher ali.

— Ana — ela sussurrou. Sabia meu nome. Quem era? — Enfim você veio! Hoje é o grande dia, a data escolhida para sua volta. Não pode enganar o destino, hoje precisa retornar ao lugar ao qual pertence.

— Quem é você? Não sei o que está me dizendo — eu lhe disse enquanto caminhava até à jovem.

Ela não falava. Estendeu sua mão, nela havia um colar de couro com a cruz de David; entregou-me. Abriu a palma de sua outra mão, ali estavam as duas runas que eu havia encontrado sobre minha cama. Olhou-as, depois levantou seu rosto para fixar suas pupilas sobre as minhas.

— É a mulher escolhida de nossa estirpe, leva o sangue de nossos antepassados. Tudo depende de você — ela disse em voz baixa. — Elas a escolheram já faz muito tempo — ela disse apontando as runas. Dizendo isto, lançou as pedras ao mar.

— Ana! — Laura gritou, e ficou diante de mim obstaculizando minha visão da jovem.

Esquivei Laura, mas a mulher já não estava ali, havia desaparecido. Olhei para todas as partes, mas nem rastro dela.

— Posso saber o que aconteceu? Ficou pálida, como se tivesse visto um fantasma!

— Você viu uma jovem ruiva que estava diante de mim?

— Não, não vi ninguém assim. Anda, venha!

Puxou-me até onde estava nosso grupo de amigos; já haviam acendido as fogueiras e estavam rodeando-as. O calor

que desprendiam as chamas era sufocante. Coloquei o colar que a jovem havia me entregue.

Era meia noite e Laura começou a repartir as fitas coloridas para lançar à fogueira. Eu ainda estava tentando procurar a moça e uma explicação lógica para o que acabava de me acontecer. Quem seria? Eu tinha muitas perguntas para aquela mulher. Como é que ela sabia meu nome? O que significava aquilo que ela dissera? E o colar que ela me dera?

A luz das fogueiras iluminava a noite; era meu momento. Levantei-me, como era já habitual entre o grupo de amigos; antes de lançar a fita à luz, agarrei o copo de plástico que continha a bebida típica dessa noite, e a engoli em um gole. Escutava somente risadas e música. Aproximei-me das chamas, observei; precisava fazer um pedido, e nesse momento vi a imagem de um homem. Era ele! O guerreiro de meus sonhos, forte, alto e muito atraente. Sobressaltei-me. Seus olhos cinzas olhavam para onde eu estava, aproximava-se de mim entre as chamas, corria a grande velocidade; seu rosto, enfurecido, cada vez estava mais próximo do meu. Fechei os olhos e os voltei a abrir; ele já não estava lá, devia ser o efeito do álcool. Lancei a fita; nesse momento senti como se uma grande força me atraísse para as chamas. Não conseguia freá-la, levava-me para elas; estava-me enjoando, tudo dava voltas e nesse instante só escutava a voz daquela moça da praia, que me dizia: “Hoje é o dia, precisa retornar ao lugar ao qual pertence. Elas a escolheram, deve voltar”. Vi como o braço forte do guerreiro me agarrava firmemente me levando com ele através do fogo; sentia-o e não conseguia

frear o que me empurrava para aquele homem. Olhei a meu redor, ninguém vinha me salvar. Laura ria sem estar consciente do que estava acontecendo. O que significava tudo isso? Estava desaparecendo de meu mundo, arrastada pela energia daquele homem. Podia sentir o contato de seu braço sobre o meu, sua respiração agitada, e nenhum dos presentes, nem sequer minha melhor amiga, estranhava; era como se eu não existisse para eles. Recordei-me do que minha avó me falara sobre a ave Fênix — as chamas possuíam sua silhueta — : “Se consumirá pela ação do fogo e ressurgirá de suas cinzas, em outra época sem deixar rastro”. Meu olhar ficou nublado, perdi a consciência e o sentido de tudo o que me cercava.

IX

A jovem esposa do mercador italiano resistia e lutava para evitar que eu a agarrasse. Consegui alcançá-la, coloquei-a sobre meu ombro; ela esperneava e me dava murros. Aquela situação me divertia, eu até gostava; eu gostava dela. Enfim estava junto de mim, a mulher que me perturbava os sonhos todas as noites. Dei um assobio a meus homens para que me seguissem e trouxessem meu cavalo. Já tinha meu troféu comigo, era o momento de partir. Tudo havia escurecido. Apesar de que estávamos no mês de junho, essa noite seria fria; a lua estava oculta pelas nuvens, que ameaçavam chuva. Nesse instante a moça deixou de lutar, desmaiou. “Melhor — eu pensei, — assim vai tornar tudo mais fácil”. Coloquei-a em meu cavalo, justamente diante de mim.

Havia passado uma hora quando ela despertou. Ao princípio ela estava desconcertada, mas em seguida recordou-se do acontecido.

— Ordeno-lhe que me desça! Mas quem acredita que você é? Deixe-me, seu tolo! Bruto, selvagem!

— Ha, ha, ha! Jamais me disseram tantas palavras bonitas em tão pouco tempo. Não se esforce, bela dama, que, por mais que me dê murros e chutes, não a deixarei livre.

— Korvan, esta mulher fala muito. Ha, ha, ha! — disse Dylan.

Nós três rimos diante do comentário de meu amigo.

— Mulher! Como não se cala, vou precisar tapar essa boca tão bonita — eu lhe disse.

— Não penso em me calar! Nem tente, seu insolente!

Ela estremeceu pelo frio da noite. Parei, tirei a pele de animal que levava por cima e a tapei com ela.

— Não preciso disso — ela me disse, e a retirou.

— Eu acredito que sim, está tiritando. Não seja teimosa.

— Não quero nada que venha de você — ela insistiu.

— Fique com ela, e se não o fizer, eu mesmo a rodearei com meus braços, e acredite que adorarei ter seu corpo tão próximo ao meu — eu lhe sussurrei ao ouvido.

Esse comentário foi suficiente para que ela acatasse minhas ordens.

X

João de York, abade de Fountains Abbey, movia-se nervoso de um lado para outro, no claustro frio da abadia. Suas mãos suarentas revelavam a intranquilidade que sentia diante da reunião secreta que teria lugar no bosque. Tudo isto estava chegando muito longe, precisava acabar com a vida daquela camponesa. Devia ser muito ardilosa; ela possuía o livro secreto, aquele pelo qual muitos mataram para possuir, o mesmo que seria sua perdição. Além disso, ela sabia de sua debilidade, de seu lado escuro; era o que o estava levando ao pecado, a causadora de todo o mal que havia nele. Seria alguma vez capaz de frear o impulso demoníaco que se apoderava dele? Ele decidira nesse momento: a camponesa morreria, mas ele se encarregaria de planejar bem seu fim, antes, devia conseguir aquele pequeno livro.

João de York saiu da abadia. Apesar de estar no mês de junho, o dia estava nublado e o céu cinzento, ameaçava uma tempestade. Sua capa negra dançava com o vento e seu rosto estava oculto atrás do capuz. Correu ao lado do rio Skell, até entrar no grande bosque, próximo à abadia. Em seguida viu a camponesa, no grande carvalho, tal como se viram as ocasiões anteriores. O religioso diminuiu o passo. Entrelaçava

suas mãos e deixava ver seu grande anel de ouro que no centro trazia a imagem de um dragão vermelho. Devia se acalmar; se a mulher visse seu nervosismo, se aproveitaria disso, e ele ficaria em desvantagem frente a ela. Estavam em uma zona onde as águas do rio eram profundas e a correnteza era forte. Ninguém que não soubesse nadar bem conseguiria sair com vida dali.

— Trouxe o dinheiro? — Perguntou-lhe a camponesa, que estava suja, sem vários dentes e muito descuidada. Usava uma capa marrom puída e suas mãos se escondiam atrás dela.

— Sim, aqui está.

O abade atirou uma bolsa de couro negro ao chão e a mulher se ajoelhou, desesperada para pegá-la; não demorou nem um segundo em abri-la para ver seu conteúdo. Um amplo sorriso se desenhou em seu rosto ao observar o que havia no interior.

— Agora me dê o que me prometeu — disse o abade.

— Aqui está.

Estendeu suas mãos e entregou um pequeno livro de couro com várias folhas costuradas. York o agarrou rapidamente, como se sua vida estivesse nisso. Depois, fixou suas escuras pupilas na mulher que estava em frente a ele; ela estava absorta contemplando as moedas de ouro que estavam em seu poder. Com toda sua força o religioso deu um chute em seu ventre, a mulher caiu no rio e a correnteza a levou, violentamente; sua cabeça e o resto do corpo golpearam contra as rochas que havia no meio do leito

caudaloso. Durante alguns segundos ele contemplou a cena. Depois ocultou o pequeno livro com sua capa.

De retorno à abadia viu uma carruagem do lado de fora; ele não gostou disso. A porta dela se abriu e a figura de Tomas Becket apareceu diante de seus olhos. Intuíu que algo não ia bem; a visita do bispo de Saint Andrews lhe traria problemas.

XI

De onde havia saído aquele homem? Era o mesmo que ela vira através da fogueira, o mesmo de meus sonhos. Estava enjoada; se continuasse cavalgando naquela postura, vomitaria o pouco que conservava em meu estômago. Tinha vontade de esbofeteá-lo. O que ele acreditava? “Ana, você está sonhando! Ainda está com os efeitos do álcool da noite de São João”, repeti para mim mesmo. Mas por mais que fechasse os olhos e os voltasse a abrir, e por mais que me concentrasse para retornar à praia de São João, eu continuava ali junto dele. Pela primeira vez em minha vida senti medo, não sabia o que estava acontecendo. A última coisa que eu me lembrava era ver minha amiga e ter a sensação de que ninguém sentia falta de mim, de que para eles eu nunca havia existido. Relembrei das palavras de minha avó de que, se interagisse em meus sonhos, cabia a possibilidade de que já não retornasse a minha época e desaparecesse sem deixar rastro algum. Mas na realidade foi esse homem que invadira minha vida para me levar com ele. Odiava-o, embora devia reconhecer que sentia uma grande atração por ele.

— Acredito que vou vomitar! — Eu gritei.

Mas com o ruído do galope dos cavalos, o homem não me escutava. Golpeei sua bota com meu pé, precisava forçá-

lo para que parasse; ele não esperava por aquilo. Minha reação provocou uma reação nele que alterou o cavalo, que fez um movimento brusco que em seguida foi controlado. Ele parou seu animal.

— Posso saber o que você quer? — Ele gritou.

— Preciso que pare um momento; senão vou vomitar.

Ele deu um salto e desceu de seu cavalo; agarrou-me pela cintura e me desceu com grande agilidade. Eu estava enjoada, tudo dava voltas. Eu cairia e ele se deu conta: agarrou-me pela cintura e me aproximou de seu peito.

Afastei-me dele e fui para trás de uma árvore. Não consegui aguentar, vomitei o pouco que comi. Um suor frio invadiu todo meu corpo.

— Korvan, acredito que devemos parar, a mulher não vai aguentar.

— Resistirá. Não podemos nos arriscar de que os homens do mercador nos alcancem — ele respondeu cortante.

Endireitei-me e fui até ele o mais ereta possível. Esse homem, apesar do medo que eu sentia dele, não me amedrontaria; além disso, tampouco estava disposta a que ele visse debilidade em mim.

Olhava-me com os braços cruzados e com um ligeiro sorriso em seu rosto. Enfurecia-me somente de vê-lo. Ele era muito alto, forte e estava bastante atraente com suas luvas cinzas, sua cota de malha, a espada presa a sua cintura e seu elmo sem cobrir seu cabelo despenteado, escuro, que lhe chegava ao pescoço. Seus grandes olhos cinzas estavam fixos em mim; ele apenas pestanejava. Depois seu olhar desceu até

meu decote: ruborizei-me, cruzei meus braços sobre meus seios tentando ocultá-los. Ele se deu conta disso, e soltou uma grande gargalhada.

— Posso saber o que você pretende? — Diante de minha pergunta ele arqueou as sobrancelhas. Não respondeu, virou-se e tirou uma espécie de bolsa de seu alforje.

— Beba! — Estendeu seu braço para me dar aquilo.

— O que é isso? Veneno? Quer me matar? Não, não penso em beber!

Nesse momento escutei as gargalhadas de seus homens diante de minha resposta. Ele continuava com seu olhar severo fixo em mim.

Aproximou-se devagar até onde eu estava e parou a poucos centímetros de mim. Que alto ele era! Eu me sentia diminuta e insignificante estando a seu lado. Não era como os homens das academias, tão musculosos, que eu não gostava; não, este homem era robusto, mas seus braços fortes, suas costas largas e suas pernas atléticas faziam parte de sua própria anatomia.

— Mulher, você vai me desobedecer?

— Sim, nunca acato as ordens de nenhum homem e muito menos de você.

— Ha, ha, ha! Korvan, ela é uma guerreira — disse Arian.

Ele nem se alterou diante das brincadeiras e risadas de seus amigos. Seu olhar continuava fixo em minhas pupilas e eu o retinha, desafiante, disposta a o desafiar, apesar do medo que tinha.

— Muito bem, você quis.

Agarrou-me pela cintura e me levou, como se fosse um saco de batatas, até seu cavalo e me posicionou de barriga para baixo.

— Se não me obedecer, seguirá assim o resto do caminho.

— Não, assim não! Eu beberei.

Preferia ceder nessa ocasião do que continuar naquela posição, meu estômago não aguentaria.

— Beba! — voltou a repetir.

Agarrei a contra gosto aquela bolsa e ingeri o líquido. Estava asqueroso; devia ser vinho, mas era muito ruim. Cuspi-o. Por fim um leve sorriso se desenhcou no rosto de meu captor.

— Obrigada, não quero mais.

— Pois seu estômago não melhorará, eu a asseguro.

— Prefiro que meu estômago sofra a beber isso. Se continuar tomando-o...

— Deixará de vomitar — ele terminou minha frase.

Não permiti que eu continuasse falando. Agarrou-me pela cintura e me sentou no lombo de seu cavalo; ele subiu de um salto e se posicionou atrás de mim. Seus fortes braços agarraram as rédeas envolveram minha cintura; antes de andar, voltou a me tapar com a pele. Essa proximidade me deixava nervosa, mas nesse momento era tal a confusão e desespero em minha cabeça que esses detalhes passavam despercebidos.

— Isto é uma brincadeira muito forte. Tenho certeza de que Laura está atrás disso — eu sussurrei.

— O que você está murmurando? — Ele me perguntou.

Eu preferi não responder. Ele tampouco voltou a perguntar. Eu estava esgotada, sentia frio e inconscientemente me aconcheguei em seu tórax. Fiquei adormecida. Quando abri os olhos estava amanhecendo. Comecei a me recordar, endireitei-me e em seguida descobri que continuava imersa naquele sonho; estava ainda montada no cavalo daquele homem. Virei meu rosto para me certificar de que o pesadelo continuava, observei-o do canto do olho e ele fixou seu olhar em mim. Com a luz dos primeiros raios de sol, ainda se apreciavam mais seus traços varonis.

— Dormiu bem?

— Não muito, na verdade. A posição não é muito cômoda.

— Pois ninguém o diria. Você respirava profundamente, eu até juraria que você sonhava — ele me disse ao ouvido.

— Aonde me leva?

— Para meu castelo. Já estamos perto.

— E por quê? Não entendo nada.

— É minha prisioneira. Passará uma longa temporada comigo, assim é melhor que comece a se acostumar com a minha presença.

— Sua prisioneira? Jamais, eu fugirei.

— Não poderá sair de minha fortaleza a não ser que eu o permita, mas, no momento, não vai acontecer. Espero que seu marido se digne a vir procurá-la.

— Eu não tenho marido! Não sei a que se refere, nem por que me prende, eu não fiz nada para você me tratar assim.

— Através de você me vingarei de tudo o que seu maldito cônjuge fez para minha irmã.

— Volto a repetir que esse homem não é meu marido! Desconheço o que ele fez para sua irmã. Além disso, eu não tenho nada a ver com isso. Se deseja se vingar, não o faça comigo.

— Ele tentou abusar da inocência dela. — Ele era parco com as palavras.

— Pois já lhe disse que eu não tenho nada a ver, assim me deixe livre, por favor, isto não faz sentido. Esse mercador nunca virá para me buscar.

— Logo veremos isso.

Havia uma espessa névoa. Estávamos atravessando um bosque e em seguida divisei, na distância, uma imensa fortaleza com grandes muros de pedra; parecia desafiante, no alto de uma zona escarpada, localização estratégica, tanto por terra quanto por mar. Aproximamo-nos da entrada; a ponte levadiça foi baixada conforme nos aproximávamos. Duas torres ameiadas ladeavam a entrada. Uma grade subiu e nos deu passagem para o interior. Muitos soldados deram as boas-vindas a meu captor e aos outros dois amigos que o acompanhavam; ele desceu com um salto, eu não queria nem me mover. Observou-me de canto de olho. Seus homens me escrutinavam, notava seus olhares fixos em meu decote; tapei-o com meus braços e os desafiei com meu olhar. Korvan se mantinha sério e distante; aproximou-se, agarrou-me pela cintura e me desceu do cavalo. Eu estava farta de que ele me tratasse dessa forma, como se eu fosse uma mercadoria.

— Sei fazer sozinha.

Depois de minha resposta escutei as gargalhadas de seus homens, à exceção de meu sequestrador, que mantinha um semblante sério. Ele levou seu corcel até as baías.

— Tome! — Colocou a pele de animal sobre meus ombros, algo que agradei.

Tapei-me. Korvan se meteu em uma sala onde vi que depositava seu escudo de madeira com sua espada de aço; eu observava enquanto os olhares de seus homens não paravam de me intimidar. Ele saiu, colocou-se no centro desse recinto retangular de terra que cheirava a esterco.

— Esta mulher é minha prisioneira, não deve sair do castelo se não for em minha companhia, entendido? — Ele gritou. Sua voz soava forte e severa. Seus homens assentiram.

Dizendo isto me agarrou pelo braço e me forçou para que o seguisse.

— Para onde me leva? Não consinto em que me trate desta forma.

Subimos por algumas estreitas escadas em caracol, sentia a umidade das paredes de pedra. Havia muitos degraus e começava a me fatigar. Olhava de esguelha para meu captor, um homem bruto e frio, que subia ágil e com rapidez, enquanto eu continuava falando e lhe dizendo muitos impropérios.

— Vai se arrepender disto. Não me pode tratar assim, mereço um respeito... — eu continuava tagarelando.

Chegamos em um corredor estreito e escuro, as escadas continuavam até mais acima. Ele continuava sem me responder e parecia alheio às minhas palavras e insultos; eu continuava declarando meu descontentamento. Nesse lugar só havia uma porta ao final do corredor.

— Acredita-se muito homem por isso que está fazendo! Porque saiba, seu tolo, que se aproveita de sua força, mas tenho certeza que não tem nem dois dedos de... — Ele parou e me apoiou com força na porta de madeira do final do corredor. Tapou-me a boca com uma de suas mãos enquanto a outra segurava meu outro braço. Estava muito próximo de mim, baixou seu rosto; suas pupilas cinzas, acesas pela ira, estavam fixas nas minhas.

— Se não se calar, mulher, encarregar-me-ei pessoalmente de que aqueles homens ali embaixo se divirtam um momento com você; tenho certeza de que gostariam da idéia. — Retirou sua mão de minha boca.

— Não seria capaz.

— Não me ponha à prova.

Abriu a porta e passou comigo para dentro. O quarto não dava aquela sensação de umidade; havia tapeçarias nas paredes, uma cama no meio e uma mesa de madeira com uma bacia sobre ela. Em frente à cama havia uma sala onde existia um recipiente retangular, o qual supus, assombrada, que seria a banheira. Vislumbrei uma cadeira junto a uma pequena janela da qual se viam as cavalariças.

— Esta será sua moradia. E um conselho: não tente escapar, na porta haverá um homem, dia e noite.

Dizendo isto partiu e me deixou ali, naquele lugar sinistro. Dava-me medo tudo o que me rodeava, carregava a esperança de que a qualquer momento eu despertaria. Aproximei-me da janela e comecei a me dar pequenos beliscões, com os dedos, em minhas bochechas. “Isto não é real, Ana!”. Mas não fazia efeito. Levei minha mão ao bolso de meu vestido; o manuscrito continuava ali, o anel estava no dedo. Tirei o anel e o coloquei sobre a cama. Sentei-me, observei o que estava a meu redor, sentia-me muito triste. As lágrimas rolaram por meu rosto. Meu Deus, me ajude! O colar da cruz de David estava em meu pescoço.

Tocaram à porta. Uma mulher de idade avançada e gordinha mostrou seu rosto; usava um vestido azul, apoiado em um de seus braços, e um prato de comida, que parecia um guisado de batatas e carne.

— Senhorita, sou Avi, o senhor me pediu que lhe desse este vestido para que o coloque. — Observava-me. — Korvan estava com razão. Moça, você está nua! Ande, coloque este vestido da senhorita Audrey. Os homens são animais sem-vergonhas diante de uma mulher vestida como você está; seguem seus instintos mais primitivos e deixam de pensar para passar a agir.

Eu a observava sentada sobre a cama. Ela se aproximou de mim.

— Esteve chorando?

— Não — eu respondi.

— A mim não pode enganar, senhorita.

— Como se chama?

— Ana.

— É muito bonita, Ana. — Sorriu-me e eu lhe respondi com o mesmo gesto. — Não sei porque o conde a trouxe aqui, mas caso lhe faça algo terá que se ver comigo, e acredite que ele me teme, mais que a seu pior inimigo em um campo de batalha. — Seu comentário me fez sorrir. — Assim eu gosto mais de vê-la. Tome, vista-se e coma um pouco, lhe fará bem, acredite em mim.

Dizendo isto saiu do quarto. Peguei o vestido, agradei esse detalhe, já que os olhares dos homens, incluído o de Korvan, incomodavam-me e me faziam sentir vergonha.

O vestido ficava bem, possivelmente um pouco estreito, mas ao menos me permitia respirar. Era de manga média, com decote canoa e ajustado até a cintura; depois caía até o chão. Uma faixa branca adornava o quadril e duas destas, de cor dourada, deslizavam até os pés. O azul me favorecia. Penteei-me com o que parecia um pente, possuía dentes de madeira; meus cachos se amontoavam sobre as costas. Olhei-me em um diminuto espelho que havia ao lado da bacia, junto ao pente; eu estava com muito mau aspecto, olheiras e muito pálida. Não estava com apetite; além disso, havia decidido me rebelar contra aquele homem deixando de comer.

Observei pela janela, lá havia um grupo de soldados, entre os quais reconheci os dois amigos de meu captor. Nesse momento ele apareceu, levou suas mãos ao cabelo, foi direto às cavaliças, pegou seu cavalo branco, e saiu da fortaleza.

XII

Tomas Becket estava em uma das escuras salas de Fountains Abbey esperando que João de York aparecesse; este último irrompeu no recinto, suando, agitado e nervoso. O bispo nunca gostara deste homem; tampouco lhe inspirava muita confiança, mas era um dos poucos membros da ordem que não possuíam vocação, nem fé: guiava-se pelo dinheiro e poder.

— E então? — Perguntou o bispo ao abade.

— Ainda não consegui averiguar em que parte de nossa biblioteca ele está escondido. Você sabe as dimensões que ela tem; encontrar o manuscrito é como procurar uma agulha em um palheiro — respondeu João de York.

— Deu-me sua palavra — disse o bispo, enquanto se aproximava da estreita janela, pela qual entrava pouca luz.

— Sei e, se estiver lá, eu o encontrarei, mas levará mais tempo do que eu pensava.

O bispo ficou em frente a ele, mostrou seu anel; João de York se fixou no anel e no dragão vermelho encrustado nele.

— Nós não gostamos que nos mintam.

O abade sabia a quem se referia o bispo, ao falar no plural.

— E se o manuscrito não estiver na abadia? — disse João de York.

— Sim ele está. A mulher morreu aqui, ou já não se recorda que foi na biblioteca onde tudo aconteceu? Você sabe muito bem, ela deve ter escondido neste lugar.

— Mas...

A paciência de Tomas Becket estava acabando. Ele se aproximou do abade, e colocou a mão sobre seu ombro.

— Uma semana, nada mais. E se não o encontrar aqui, se encarregará de descobrir onde ele está.

Ouvindo aquilo João de York viu como a figura do bispo desaparecia. O abade levou sua mão ao bolso; agora o que mais o preocupava era esconder em seus aposentos o pequeno livro de couro, que ninguém, jamais deveria encontrar.

XIII

Eu guardava tanto ódio em meu coração que, apesar de saber que o que fazia com aquela bonita moça não estava certo, queria seguir adiante com minha vingança. Devia reconhecer que a jovem era valente, e até um pouco selvagem, já que falava de uma forma descarada e pouco habitual em uma dama. “Isso sim, ela fala muito”, pensei, esboçando um sorriso. Muito tempo com ela no castelo seria uma loucura, já que sua boca nunca se fechava. Eu sorri. Além disso, agora, que havia encontrado a mulher que aparecia em meus sonhos, eu não estava disposto a deixá-la partir; atraía-me muito, como nenhuma mulher até esse momento.

Estava sentado na praia, precisava respirar e era o único lugar onde conseguia fazê-lo. Precisava pensar. Recordava-me do olhar de recriminação de Avi, quando lhe pedi que levasse o vestido à mulher; sabia que cedo ou tarde ela me exigiria uma explicação e recriminaria meu comportamento. Depois vinha o assunto do rei João; já fazia um mês e não se marcou a próxima reunião. Sabia que, se não interviéssemos, eu quebraria a promessa da ordem, pois estava disposto a enfrentar aquele indesejável com minha espada, sem me importar se nesse plano ambicioso perdesse

minha vida. Intuí-a que Kimball jamais me perdoaria a desobediência para com a ordem, mas eu nunca atuaria contra meus princípios, eu deixava isso muito claro. Respirei profundamente. Estava ficando tarde, eu precisava retornar.

— Posso saber onde esteve? — Arian perguntou ao me ver entrar nas cavalariças.

— Nos escarpados, precisava clarear minhas idéias. O que aconteceu?

— Veio um cavaleiro com um recado para você. Está lá dentro, lhe esperando.

Deixei meu cavalo com Arian e passei à sala de reuniões. Antes de abrir a porta, encontrei-me com Avi em frente a mim, com seus braços na cintura e com a expressão que eu tanto conhecia, era anterior a uma reprimenda. Olhei-a atentamente, mas preferi não lhe dizer nada e que fosse ela a primeira em mencionar o assunto; nesse momento ela também não falou.

Justamente, olhando por uma das janelas da sala, encontrava-se um rapaz loiro, magro, que não enchia as roupas. O jovem, quando me viu, sorriu e veio direto para mim, fez uma ligeira reverência.

— Meu senhor, receba a saudação de meu amo, Guillermo, duque de Lancaster.

Recordava-me daquele homem. Eu ainda era um pirralho quando meu pai, que ainda vivia, recebeu-o em nosso castelo, organizou um grande banquete em sua honra. Ele foi à França para contrair matrimônio com uma dama muito próxima à coroa.

— Sua excelência me enviou para que você receba esta nota antes da chegada dele nas terras inglesas.

Agarrei o papel que o rapaz me entregava, e dizia o seguinte:

O duque de Lancaster tem a honra de convidá-lo à festa que terá lugar no castelo de Kent...

Continuei lendo em silêncio. Intuí que era um convite para celebrar a chegada dele em território inglês e, já de passagem, para apresentar sua filha Leonor em sociedade. Não suportava essas festas. Os torneios e os jogos de luta eu gostava e me divertiam, mas não me atraía a idéia de ir a esse tipo de reuniões; não obstante, sabia que não ir, ou dar qualquer desculpa poderia supor uma falta de cortesia. O que faria com minha prisioneira? Levaria comigo. A festa seria dentro de três semanas.

Virei-me para olhar aquele rapaz, que me observava com interesse.

— Diga para sua excelência que estarei lá.

O jovem partiu com rapidez. Eu queria escapulir de Avi, mas ela estava me esperando.

— O que você pensa em fazer com essa jovem? Pode-se saber o que se propõe, moço?

Avi era como uma mãe para mim, e de fato era à única que eu permitia que me falasse dessa forma.

— O mesmo que seu marido fez com Audrey.

— Korvan! A moça não tem culpa do que aquele desgraçado fez. Está assustada, não comeu nada; se continuar assim ela vai adoecer.

— Logo ela comerá.

— Desconheço você, está cheio de ódio. Você não é assim.

Coloquei-me em frente a ela.

— Avi, essa mulher vai pagar pelo que ele fez para minha irmã, e nem você, nem ninguém, vai impedir que eu leve a cabo o meu plano.

— Uff! — Ela resmungou. — Pois depois não venha para mim quando a sua consciência remoer. Eu já lhe disse o que penso.

Olhei ela se afastar. Avi tinha razão, ela devia comer; senão adoeceria, e então, já não servia para minha vingança. Eu a obrigaria a isso. Subi rapidamente as escadas em caracol, lá estava um de meus homens. Abri a porta e fechei-a atrás de mim. Apoiei-me na parede e fiquei assombrado; com aquele vestido ela já não parecia a selvagem que eu havia recolhido na praia. Ela era muito bonita, embora disso eu já havia me dado conta em meus sonhos. Ela observava pela pequena janela.

— Avi, já lhe disse que não insista, não vou comer — ela disse.

— Sim, você vai comer! — Ao escutar minha voz, ela se virou com rapidez para me olhar de frente.

— Pois não sei como vai conseguir!

— Acredite que tenho minhas artimanhas.

— Não penso em abrir a boca. Se devo permanecer aqui, encerrada, prefiro morrer de fome o quanto antes, do que ficar entre estas quatro paredes até que lhe dê a vontade de me soltar.

Essa mulher era diferente de todas as outras com as quais eu estivera; desde que a vi brigar com o mercador, eu soube. Aproximei-me com lentidão até onde ela estava, fiquei a poucos centímetros de seu rosto. Sabia que minha presença a deixava nervosa; divertia-me ver como ela se ruborizava, queria estender mais essa situação.

— Fará o que eu lhe ordenar, mulher. Ninguém me desobedece em minhas terras e muito menos você o fará, é minha prisioneira.

— Você mesmo disse, sua prisioneira. Não sou um de seus guerreiros, que têm a obrigação de obedecê-lo. Eu não lhe pertenço, não o farei.

— Sim, fará. — Seus bonitos olhos negros me desafiavam.

Nesse momento senti a necessidade de beijá-la. Atraía-me, isso eu não podia negar, mas o que não entrava em meus planos, era a necessidade de provar seus lábios; desejava-a e isso me tornava vulnerável. Permanecemos em silêncio durante alguns segundos, com nossas pupilas fixas um no outro. Agarrei-a pelo braço e baixei meu rosto até o ter ainda mais perto do seu.

— Pois, se isso é o que quer, morrerá de fome entre estas paredes!

— Sim, é o que eu quero.

Soltei-a e fui furioso em direção à porta. Ninguém me desafiara como ela o fazia, como ela se atrevia? Pois, se desejava morrer de fome, eu não impediria. Saí do quarto dando uma batida e desci as escadas, furioso. O que ela acreditava?

— Korvan! — Era o padre Peter, que trazia mais outro problema.

— Padre! — Ele estava agitado. Desceu de seu cavalo.

— Rapaz, está acontecendo outra vez! — Fazia dramalhões com os braços.

— O quê?

— Preciso um pouco daquele seu vinho para conseguir falar.

Sorri diante desse comentário, já sabia que ele não conseguia passar sem meu vinho. Entramos na cozinha e lhe servi uma caneca. O sacerdote se sentou e engoliu até saciar-se. Deixou a caneca sobre a mesa, respirou e me olhou.

— Apareceu outra camponesa morta; a primeira, em Windsor e a segunda, em Cirencester. A jovem estava envolta de um cerco de sangue no qual estava escrito o mesmo que na anterior: “Sei que ela já está aqui”.

— Maldito seja! — Dei um murro à mesa.

— Sim, rapaz, os mesmos assassinatos de alguns anos atrás.

— Mas o assassino morreu, Kimball o matou.

— Sim, mas agora há alguém que segue seus passos. O pior não é isso; entre os camponeses está criando vida a história de Hernes o Caçador. Acreditam que ele está

matando camponesas, porque quer se vingar de uma jovem que o enfeitiçou e amaldiçoou, e procuram a mulher que está trazendo a desgraça para toda a comarca. Agora há uma caça às bruxas e se acusam uns aos outros. Já sabe o que isso significa?

— Sim, igual sei que o rei João está por trás de tudo isso.

— Por que diz isso?

— Porque quer distrair a atenção para continuar roubando e matando a quem lhe agrada, conforme seu desejo.

— Korvan, precisa fazer algo; senão muita gente morrerá. O medo é perigoso. Um assassino anda solto.

— Há algo que não entendo. Primeiro em Windsor, agora em Cirencester... porque pontos tão distantes?

Escutei ruídos no pátio. Peter e eu levantamos o olhar. Em seguida fui para fora, seguido do padre; algo estava mal. Dylan estava gritando para o soldado que estava vigiando a porta de minha prisioneira, o mesmo se encontrava no pátio, cabisbaixo.

— Dylan! — Eu gritei. — O que aconteceu?

— Ela escapou, Korvan! Ela pegou um cavalo e partiu.

Enfureci-me, fui até meu cavalo e subi com um salto.

— O quê...? Mas como isso pode acontecer? Na minha volta espero uma explicação convincente — ele disse com fúria.

Cavalgava a grande velocidade. Como podia ter acontecido? Caipiras! Acabava de estar com ela. Como aquela

mulher conseguira escapar! Em seguida a divisei, ela se virou e viu que eu a seguia. Montava bem a cavalo, esquivava os obstáculos com grande mestria. Eu precisava alcançá-la. Coloquei-me paralelo com ela, agarrei as rédeas de seu animal.

— Pare, mulher!

— Nunca!

Nesse momento freei o cavalo e ela aproveitou para desmontar com grande agilidade. Começou a correr.

Mas no que estará pensando? Dei um salto e corri atrás dela. Alcancei-a em seguida, agarrei-a pelo braço; ela me deu um chute na perna. Consegui segurá-la, com força, pela cintura apesar de seus golpes, embora em um momento me descuidei e ela aproveitou para me dar com a ponta de seu pé entre minhas pernas. Outra vez ela conseguira! Soltei-a. Que dor! Essa mulher era pior que os guerreiros do campo de batalha, sem espada conseguia me ferir e me deixar inabilitado para continuar lutando. Vi como ela se afastava em direção aos escarpados. Respirei várias vezes seguidas, não podia deixá-la escapar. Recompus-me como pude, corri atrás dela; ela levava muita vantagem. Em seguida a localizei. Colocou-se em sua própria armadilha; aquela praia entre escarpados não tinha escapatória. Eu corria atrás dela e ela corria para as rochas; estava encurralada. Alcancei-a, ela tentou se esquivar, mas eu a agarrei pelo braço. Ela pisou em seu vestido, tropeçou e caiu no chão, e me levando com ela, eu caí sobre a jovem. Estava tão perto de seu rosto, acalorado pela perseguição que notava os batimentos de seu coração;

fazia força com seus braços para me retirar, mas era impossível. Coloquei meus antebraços sobre a areia para evitar esmagar seu corpo magro e segurei seus pulsos, com firmeza.

— Não volte a fugir! — Eu gritei muito zangado.

— Eu vou tentar sempre, já sabe que nunca aceitarei suas ordens. Está me machucando, me solte!

— Vamos! — Endireitei-a com brutalidade e a levantei até meu ombro.

— Desça-me, seu bruto! É uma besta sem maneiras! — Ela não parava de falar. Baixei-a ao chão, rasguei uma parte de minha camisa branca. — Posso saber o que vai fazer?

Sem dizer nada tampei a boca dela e a levantei até meu ombro.

— Assim, calada, é muito melhor — eu gritei.

Ela não parava de me dar chutes e murros, era toda uma ferazinha. Sorri, eu gostava daquela jovem.

O padre Peter, ao me ver chegar com a jovem, mudou seu rosto. Desmontei e desci a moça.

— Dylan, prenda-a nos aposentos e, quando ela estiver lá, tire a mordaca. Esta mulher fala muito.

Ana me contemplou com ódio enquanto se afastava. Virei meu rosto e me deparei com o olhar severo do sacerdote.

— Acreditei que no final repensaria. Não o entendo, rapaz. Essa pobre mulher está sofrendo; imagine que isso mesmo poderia acontecer com sua irmã.

— Pobre mulher...! Ha, ha, ha! Padre, essa pobre, como você diz, defende-se melhor do que qualquer saxão. Sabe

onde precisa bater em um homem para deixá-lo incapacitado de continuar lutando. — Fiz uma pausa. — Além disso, ela não é minha irmã, essa é a diferença.

— Desconheço você, Korvan. Seu coração endureceu, você não era assim.

Dei-lhe as costas.

— Você mesmo disse, agora sou outro homem.

— Parto. Repense o que está fazendo.

— Se ocorrer outro assassinato, me informe, padre. — Vi como ele se afastava.

Entrei na casa, Avi se dispunha a levar comida à moça. Agarrei-lhe o prato; estava enraivecido, disposto a que aquela mulher me obedecesse.

Dei um chute na porta e a abri de repente. Ela estava sentada sobre a cama, dava-me as costas. Deixei o prato com força sobre a mesa.

— Coma! — Eu gritei. Ela não respondeu, isso sim que era estranho. Uma mulher que não parava de falar, e agora não respondia! — Quando voltar quero ver esse prato vazio; senão, você comerá à força.

Deixei-a sentada e saí.

— Quero saber o que é que aconteceu! — Eu exigi uma resposta de Dylan e do soldado que custodiava a porta de Ana.

— Senhor, a mulher me chamou e disse que se encontrava muito mal, que o avisássemos... Ao princípio eu me neguei, mas, na realidade, ela parecia estar muito doente; então, fui avisá-lo com rapidez, sem fechar a porta. Nunca

pensei que ela pudesse estar mentindo, senhor, estava tão pálida... E depois escutei um movimento no pátio das cavaliças e a vi se afastar.

— É uma mulher! Não entendo que, estando todos meus homens no pátio, nenhum tenha sido capaz de detê-la. — Olhei para Dylan. — Isto também é para você — eu lhe disse.

— Estávamos entretidos enchendo nossas jarras com o vinho que acabavam de trazer, Korvan.

— Isto não pode acontecer novamente! Jamais!

XIV

Sentia-me triste e desconcertada por tudo o que estava me acontecendo. “O que é isto, Meu Deus?” Aquele homem me fazia sua prisioneira e eu não sabia suas intenções, nem o motivo pelo qual ele me retinha, odiava-o. Não pensava em comer; então seria melhor se eu morresse de fome, retornaria a meu mundo, ao qual eu pertencia. Aquilo devia ser outro de meus pesadelos. Sentia-me fraca, sem forças, e as lágrimas já não se detinham, rolavam por minha bochecha. Deitei-me sobre o colchão; ele afundava, era muito incômodo. As tripas rugiam, mas eu não estava com apetite. Precisava dormir, estava esgotada.

Não sei quanto tempo se passou, até que despertei, já havia anoitecido. Endireitei-me sobressaltada; em frente a mim estava uma jovem de olhos azuis que me observava.

— Desculpe, senhorita, entrei e você estava adormecida, não queria despertá-la. O senhor quer que desça para jantar com ele. — Eu ia negar-me, mas a moça averiguou minhas intenções, já que não me deixou falar. — Também me disse que lhe diga que, se não descer, vai obrigá-la a comer, virá a seu quarto e passará a noite com você, até que se dê conta de que no castelo dele, quem manda é ele. — Ao terminar de

dizer essa frase, a jovem se ruborizou e baixou o rosto acanhada.

— Ele não será capaz!

— Sim, senhorita, o conde é capaz disso e de muito mais, acredite.

— Acredita que é melhor lhe dar atenção desta vez?

— Sim, acredito. A não ser...

Sabia ao que ela se referia e não estava disposta a averiguar o que ele queria dizer com: passando a noite em seu quarto até que obedecesse suas ordens.

— Então descerei.

— O soldado que vigia seu quarto dia e noite e eu, devemos acompanhá-la, essas foram suas ordens.

Ajeitei um pouco o cabelo, mas na realidade pouco me importava com meu aspecto; quanto mais feia e pouco apetecível ele me visse, melhor, assim eliminava qualquer desejo e instinto animal que se apoderasse daquele ser odioso. Jamais pensei que o homem que protagonizava meus sonhos pudesse ser tão indesejável.

Descemos as escadas em caracol, guiaram-me por um longo corredor até chegar em uma sala. A donzela, que respondia pelo nome de Ingrid, abriu a porta e diante de mim apareceu um grande salão com uma mesa no centro. Estava iluminado somente pela chama das tochas que rodeavam o salão. Ele estava em um extremo e eu me sentei no outro. “Quanto mais longe dele, melhor”, eu pensei.

— Obrigado, Ingrid, já podem servir o jantar — ele disse, me escrutinando com interesse.

Estava muito atraente, limpo; na verdade é o que eu precisava, estava suja do pó dos caminhos. Ele usava uma camisa branca e calças que se ajustavam a suas coxas musculosas. O cinza de seus olhos contrastava com o cabelo escuro e com o dourado de sua pele.

— Agora não fala nada, estou estranhando. — Meio sorriso se desenhou em seu rosto.

— Depois de ter me amordaçado e tratado como um rapaz ou algo pior..., prefiro não lhe dirigir a palavra. Eu não mereço gastar saliva falando com você.

— Ha, ha, ha! Tem caráter, mulher. Meu nome é Korvan, e o seu?

— Ana.

— Anne — traduziu meu nome para o inglês.

— Não, Ana — eu o corriji. Ele arqueou suas sobrancelhas e uma careta se desenhou em seu rosto.

— Muito bem, Ana, vou ser claro com você. Minhas intenções são retê-la em meu castelo durante um tempo... Depois a deixarei em liberdade e poderá retornar ao lado de seu marido ou para onde queira. — Eu lhe responderia, mas ele não me deixou. — Prometo respeitá-la se me der sua palavra de não tentar escapar.

— Não, não posso lhe dar minha palavra. Sei que tentarei, estou retida contra minha vontade.

— Sim, isso é verdade, mas que eu saiba, quando a raptei, você também não estava em uma situação muito boa.

Nisso ele estava certo, preferia estar com ele do que com aquele mercador, que reclamava seus direitos como marido.

— Pense bem, eu vou tratá-la com respeito; e mais, permitirei que saia destes muros sempre em minha companhia. Reconheça que pode ser suportável, mas somente se você quiser.

— E posso saber o motivo pelo qual me mantém prisioneira?

— Serei sincero. Seu marido zombou de meu sobrenome e da honra de minha irmã, sujou seu nome. Você é minha vingança.

— Entendo. O fato de me reter junto a você fará que as pessoas falem, darão por verdade coisas que não aconteceram e minha honra ficará manchada.

— Assim é. — Ele observava minha reação. — Eu fui sincero, mas também lhe digo que a respeitarei e farei que sua estadia resulte agradável. Será somente questão de algumas semanas, quando muito, um mês.

— Que divertido! — Eu gritei.

— Como?

— Nada, é que jamais pensei que me aconteceria algo assim. Salva a honra de sua irmã sujando a minha, muito bonito! E você é um cavalheiro? Você é um descarado! Menos mal que os homens que conheço não são como você.

— Homens? — Ele disse estranhando

Eu havia falado mais da conta, já que nessa época a mulher que andava com homens era uma prostituta, mas

pouco me importava; eu estava certa de que tudo o que estava acontecendo devia ser um sonho.

— Sim, homens. Conheço muitos homens, incomoda-se?

— Absolutamente... Você disse muitos homens? — Levantou uma sobrancelha enquanto me observava com interesse.

— Sim, muitos. — Desafiei-o com o olhar. — Muito bem, Korvan, trato feito; de toda a maneira não me dá mais opções.

Nesse momento Avi entrou seguida por Ingrid.

— Querida, alegro-me de que tenha repensado sobre comer — Avi me falou.

Depois de servir Korvan, ambas nos deixaram sozinhos; ele me olhava enquanto eu comia, eu estava faminta.

— Amanhã lhe mostrarei os arredores, iremos visitar alguns camponeses.

— Claro, para que me vejam com você e falem.

— Sim, essa é minha prioridade, mas assim também se distrai. Não quero que se torne histórica entre estes muros, não suportaria.

Parei de comer, olhei-o, intencionalmente, em seus bonitos olhos cinzas.

— Que amável de sua parte, somente um detalhe, você é indesejável, Korvan!; além de desumano, frio e calculista. Farei tudo o que você diz, mas somente com o desejo de que isto acabe muito em breve e jamais volte a vê-lo. E se me desculpar, retiro-me para aquele aposento tão cômodo e acolhedor que me preparou. — Agarrei o pano, que fazia as vezes de guardanapo, e o lancei com força em seu rosto.

Ao ver minha reação, ele se levantou rapidamente; ele estava zangado. Ficou diante de mim, o que interrompia minha passagem. Agarrou-me com força pelo braço e me atraiu até ele.

— E você, é minha prisioneira, não esqueça: fará o que eu lhe diga a todo momento — ele disse cravando suas pupilas nas minhas.

— Que sou sua prisioneira já deixou muito claro, mas não pense que vou fazer o que você disser. — Retirei a mão dele de meu braço e o empurrei com força, esse homem parecia uma mola, eu o movia apenas com meus empurrões. — Por favor, com exceção de hoje, — terminei lhe dizendo.

Ele se afastou e fez um gesto para o soldado que estava na porta para que ele me conduzisse até meu quarto. Odiava-o; era muito bonito e atraente, mas sua forma de se comportar fazia dele, diante de meus olhos, o homem mais indesejável do mundo.

Devia ser muito cedo quando bateram à porta. Era Avi.

— Senhorita! O que faz ainda na cama? O senhor a está esperando no salão para tomar o café da manhã, diz que vai lhe mostrar suas terras.

— Do que está falando?

Eu havia sonhado e por um momento pensei que havia despertado daquele pesadelo. Quando acabaria tudo isso?

— Como? Moça, é muito tarde! Aqui madrugamos muito, já que nestas terras anoitece muito cedo e precisa aproveitar a luz do sol.

— Tarde?

— Vamos, juvenzinha. O conde é capaz de subir e vesti-la ele mesmo se a vir assim. Não quererá que isso aconteça...

— É claro que não! — Somente de pensar que aquele bárbaro, a quem detestava, pusesse a mão em cima de mim, me ativou. Levantei-me de um salto; Avi sorriu ao ver minha reação.

— São iguais — ela sussurrou.

— Avi, por favor, ajude-me. E não, não me compare com aquele homem, eu jamais agiria como ele.

— Ha, ha, ha! Ande, pegue este traje, o senhor me deu isso para que tenha mais roupa para usar.

— Que amável! Todo um detalhe de sua parte — Eu zombava.

Como sentia falta de umas calças! Coloquei um vestido cor verde — velho para meu gosto, — fiz uma trança, e desci seguida pelo soldado que vigiava minha porta.

Entrei na sala e ali estava ele, com sua blusa metálica e sua cota de malha. Visto assim, com seu cabelo revoltado e os olhos cinzentos me olhando, poderia ser até capaz de perdô-lo se me tratasse com educação. Ele virou-se para me contemplar ao entrar. Sem lhe dizer nada me sentei em frente a ele, comecei a tomar o café da manhã que estava preparado na mesa. Ele me observava.

— É a última vez que chega tarde!

— É uma ordem?

— Sim.

— Pois eu não a aceito.

Ele se levantou com brutalidade e se aproximou de onde eu estava; posou suas robustas mãos sobre a mesa, muito perto de mim.

— Terá que fazê-lo; se não, meu respeito por você pode mudar, entende ao que me refiro. Espero-a nas baías e se apresse, mulher.

Sabia o que ele queria dizer, somente de pensar nessa idéia me deixava nervosa. Devia moderar em minhas respostas.

Korvan estava nas baías me esperando, montado em seu cavalo. Subi ao corcel destinado para mim. Ele me olhava de esguelha, sério.

— Às suas ordens, conde de Estanglia! Seguirei aonde vá — ironizei. Um sorriso se desenhou em seu rosto.

— Assim que eu gosto. Está aprendendo rápido.

Cavalgamos até um vale; a manhã era úmida e fria. Da colina onde nos encontrávamos, via-se a ladeira verde; os camponeses estavam trabalhando nas terras, mulheres e meninos ajudavam nos trabalhos do campo.

— Essa é minha gente, pelas quais eu defendo minhas terras, aos quais protejo e pelos quais a honra de meu sangue precisa ficar intacta.

— A honra é tão importante para você? Estaria disposto a matar por isso?

Olhou-me surpreso diante de minha pergunta.

— Sim, é claro! A honra é tudo; é o respeito ao sangue que corre por minhas veias, a obediência dos homens e mulheres que trabalham em minhas terras.

— Sim, isso eu posso entender, mas... matar?

Seus olhos cinzas se cravaram nos meus.

— Se alguém fizer mal a quem eu amo, estaria disposto a tudo, não hesitaria. Não tenho medo de nada, nem de ninguém e menos ainda, da morte.

Virou seu rosto, iniciou a marcha com seu cavalo ladeira abaixo até o vale.

— Acaso você sabe o que é o amor? Porque eu acredito que desconhece o significado dessa palavra.

— Fala muito, mulher. E você? Acaso você sabe o que significa?

— Não me respondeu.

— Você também não respondeu. — Guardou silêncio e depois diminuiu a marcha de seu cavalo e continuou falando.

— O amor é uma debilidade, torna o guerreiro frágil e vulnerável em qualquer batalha.

— Tudo o leva à guerra? Pois, então..., começamos mal.

— Não entendo porque diz isso.

— Você nunca esteve apaixonado, por isso não dá valor. E mais, atreveria-me a dizer que por trás dessa fachada de duro guerreiro, coração frio e orgulhoso cavaleiro saxão, esconde-se um homem apaixonado que, quando se apaixonar, será capaz de abandonar tudo pela mulher que lhe roube o coração..., se é que tem.

Um sorriso apareceu em seu rosto.

— Essa é a imagem que faz de mim? — Ele me perguntou.

— Sim, e acredito que não é muito galante se eu levar em conta tudo o que está me fazendo passar.

— E você?

— E eu o quê? — Eu perguntei.

— Sabe o que é o amor?

— Certamente, mais que você. Preciso reconhecer que não tive a oportunidade de me apaixonar, mas meu coração está aberto para isso.

— Mas... não esteve com muitos homens?

— Bem..., não tantos, alguns. — Diante de minha resposta ele levantou as sobrancelhas surpreso e alarmado. Eu ri. — É brincadeira, não estive com nenhum homem... — eu menti. Começava a suspeitar que ele pensava que eu era uma prostituta.

— Ha, ha, ha!

— Do que você ri? — Perguntei-lhe magoada.

— De você, é uma mulher diferente do resto. Nenhuma dama respeitável ousaria ter este tipo de conversa com um cavalheiro e menos ainda de brincar com esse assunto. E você... Ha, ha, ha! De onde você saiu?

— Que insinua? Porque se está dizendo que eu não sou uma mulher respeitável por falar de amor e de...

— Não, não quero dizer isso, simplesmente que é diferente. — Olhou-me. — Para lhe ser sincero, eu gosto disso em você.

Observou-me e me piscou um olho, depois começou a galopar. Por fim via nele um gesto de humanidade debaixo da couraça!

Chegamos ao vale. Muitas crianças, ao vê-lo, formaram redemoinhos ao nosso redor. Ele deu um salto e começou a agarrá-los nos braços, a cada um deles; sabia os nomes de todos e se notava que as crianças o adoravam. Acariciava-lhes as cabecinhas e em mais de um, dava beijos em suas bochechas rosadas. Aquela cena me surpreendeu, jamais imaginei que esse homem, que estava se comportando comigo, de uma maneira fria e cruel, tivesse coração e gostasse das crianças. Eu não conseguia deixar de observar a imagem do guerreiro forte, alto, com sua cota de malha, luvas e espada, brincando com os menores; eu gostei daquilo. Ele me olhou e me ajudou a descer do cavalo. Deu-me sua mão enluvada e fixou seus bonitos olhos em mim.

— Não sou tão cruel como você acredita. — Ele me piscou o olho.

— Até o momento não me demonstrou outra coisa.

Os camponeses e suas esposas nos davam as boas-vindas. Ele se afastou com um deles, devia ser o chefe da vila. A esposa dele ficou a meu lado; era uma mulher gordinha, ruiva e de olhos verdes, olhava-me com um grande sorriso.

— Que alegria me dá ver o senhor com uma mulher! — Ela me disse.

— Por que diz isso? — Eu lhe perguntei. Queria indagar mais sobre a vida desse homem; resultava-me enigmático e sabia que, debaixo da fachada de guerreiro cruel, havia algum motivo que o empurrasse a ser assim.

— Porque nunca o vimos na companhia de uma dama. Você é a primeira, senhorita. Já é hora de que ele se case e

tenha herdeiros. — Diante dessa frase me ruborizei; ela notou. — Oh!, desculpe! Eu não quis incomodá-la com meu comentário.

— Não, não se preocupe. Não acredito que ele queira uma esposa.

— Sim, claro que quer. Nenhum homem pode passar sem uma mulher a seu lado. Além disso, ele tem tudo; é um jovem muito bonito, de princípios e honra. De fato, se ainda não tem mulher é porque ele não quis; damas interessadas houveram, acredite. — Piscou-me um olho. Outra vez saía a palavra honra, que importância esta gente dava a isso! Ela continuava falando. — Além disso, você é muito bonita e, pela forma como ele a olha, eu asseguraria que gosta de você.

— Não, você está muito enganada, eu sou somente uma amiga da família.

— Por certo, meu nome é Wilda.

— Ana. Encantada, Wilda.

— Ficarão à festa?

— Que festa? — Eu perguntei.

— O conde não lhe disse?

— Não — eu disse surpresa.

— Houve outro nascimento e, sempre que nasce uma criança, o conde está presente em seu batismo. Olhe, ali está o padre Peter, a celebração está a ponto de começar.

— Mas... o conde sabia?

— Pois claro! Ele está a par de tudo o que acontece em suas terras.

Dizendo isto eu vi como ela se afastava até onde estava o sacerdote. Observava as pessoas; parecia uma mentira estar vivendo essa situação. Ali, nesse lugar, depois dos últimos acontecimentos vividos, respirava paz, algo que eu precisava, fazia muito tempo. Vi Korvan, procurava-me com o olhar; ao me ver se dirigiu até mim.

— Posso saber quando pensava me dizer que vínhamos a uma festa? Se eu soubesse, teria me vestido de outra forma.

Um sorriso se desenhcou em seu rosto.

— Wilda já contou? Aquela mulher não consegue esconder nada. — Observei como ele tirava as luvas e as agarrava com uma de suas mãos; com a outra pegou minha mão. — Vamos!

Fez-me estremecer. Levou-me até onde aconteceria o batismo. Todos os aldeãos estavam de pé; o sacerdote jogava água, com uma terrina de madeira, na cabecinha do bebê, enquanto pronunciava umas frases em latim. Korvan colocou sua mão na testa do menino e depois o levantou, com um grande sorriso em seu rosto, enquanto ele chorava; beijou-o na bochecha e o entregou para sua mãe. Nesse momento um instrumento rústico feito de madeira, desconhecido para mim, começou a emitir uma música harmoniosa e divertida. Todos os ali presentes começaram a beber vinho, cerveja e a comer carne, que eu não quis investigar de que animal se tratava.

— Permite-me esta dança? — Perguntou Korvan.

Assenti com um grande sorriso, gostava de me divertir.

Era uma dança curiosa. O que não entrava em meus planos era que o contato com aquele guerreiro que estava em minha frente me faria tremer. Em uma das ocasiões ele me envolveu a cintura e aproximou meu corpo do dele. O que me acontecia, esse homem me sequestrara, eu era sua prisioneira; ele quisera deixar claro desde o começo, igual às suas intenções, mas eu começava a me sentir atraída por ele. Havia algo no conde que me fazia sentir e vibrar cada vez que eu estava a seu lado. Olhava-me com intensidade, ruborizei-me, baixei meu rosto; ele, suavemente, colocou seu dedo indicador em meu queixo, e me forçou a levantar meu olhar e fixar no dele.

— Não me olhe dessa forma, faz-me sentir incômoda.

— Ora! Você é a primeira dama que me diz isso. Qualquer mulher gostaria de estar em seu lugar neste momento.

— Que modesto você é!

— Ha, ha, ha! Bom, é a verdade, para que vou mentir — ele disse me piscando um olho.

— Pois eu não sou nenhuma dessas mulheres; e mais, vou ser muito sincera: estou desejando que chegue o dia em que eu o perca de vista.

— Pois sinto lhe dizer que para isso ainda resta muito. — Ele gargalhou diante de meu comentário.

— Mas então o conde é capaz de rir! Pensei que não sentia nenhum tipo de emoção. — Ele arqueou uma de suas sobrancelhas diante de meu comentário.

— Essa é a imagem que lhe passo?

— Sim, frio e calculista, incapaz de sentir. — Notei que meu comentário não lhe agradara.

— Sim, possivelmente seja assim, precisa ir se acostumar — ele zombava.

Aproximou-me mais dele. Seu olhar estava fixo em mim; aqueles penetrantes olhos cinzas me intimidavam.

— Sempre, quando uma criança é batizada, se pede um desejo — ele me disse. — Não se esqueça de fazê-lo assim que termine a música.

— Você acredita nessas coisas? — Eu perguntei.

— Não, mas sempre faço, no caso de dar certo.

— Eu não acredito nisso.

— Mas, alguma vez desejou algo? — Ele me perguntou.

Olhei-o, ele estava esperando por minha resposta; de repente parecia que estava interessado em saber coisas de mim.

— Pois sim, há algo que desejei desde pequena e jamais consegui. Lembrava-me de que meu pai prometeu que me levaria para um lugar onde eu poderia realizar meu sonho, mas jamais o fez. Morreu e aquele desejo de infância ficou no esquecimento. — Recordar meu pai me fez sentir mal, queria retornar para minha casa, junto de minha avó.

— Sinto muito.

— Bem, agora já não tem importância, mas quando pequena sim, eu desejava fazê-lo.

— E qual era o desejo? — Ele perguntou.

— Você vai rir. — Olhei-o, ele estava aguardando minha resposta. — Sempre quis ter um falcão que quando eu

levantasse meu braço, ele pousasse e obedecesse a tudo o que eu lhe dissesse. — Ele sorriu ao ouvir minha resposta. — Vê, você riu, agora zombará de mim.

— Não, você me surpreendeu. — A música parou. — Peça — Ele sussurrou, — talvez, nesta ocasião, tenha sorte e se cumpra.

Observei como ele se afastava. Foi falar com o sacerdote; eu os contemplava da distância. Ambos me olhavam, estavam conversando sobre mim.

— Quem é você?

Virei-me para ver quem era a pessoa que me questionava. Era uma camponesa jovem, loira, bonita e desalinhada. Percebi ódio em seu olhar.

— E você? — Perguntei-lhe sem responder.

— Eu não gosto da senhorita, vai trazer desgraça para estas terras. É você aquela que ele procura.

— Quem me procura? — Perguntei-lhe intrigada.

— Você sabe muito bem. Hernes, ele sabe que você está aqui, esteve esperando-a muito tempo e agora a pressente, cheira-a.

— Não sei do que está falando, não conheço esse tal de Hernes.

— Você carrega a marca dele. — Assinalou meu colar.

Nesse momento Wilda veio para me resgatar.

— Hernes a encontrará; ninguém escapa dele e ele a está procurando — ela me sussurrou.

Wilda a olhava, depois se virou para me observar.

— Você está bem? Está pálida. É por algo que Amana lhe disse?

— Estou bem, obrigada, Wilda.

— Amana é uma jovem muito estranha, sempre foi uma moça solitária. Deixaram-na na aldeia quando era um bebê, cuidamos dela. Sempre teve um lado obscuro..., então, é melhor não se aproxime dela.

— Obscuro? — Eu perguntei.

— Melhor que não saiba mais, senhorita. Somente afaste-se dela.

Nesse momento escutei a risada escandalosa de Korvan. Ambas o olhamos.

— Nota-se que ele gosta de você.

— Não, está muito enganada, Wilda. Ele... ama somente sua honra, nada mais.

— Conheço-o desde que era um menino e acredite que eu não estou enganada. — Sorriu. — Korvan pode parecer frio, duro, mas na realidade é a armadura que veste para que ninguém penetre em seu coração. Ele sofreu muito, sabe? O assassinato cruel de seus pais diante dele o marcou para toda sua vida.

— As mortes de seus pais?

— Sim. — Olhou-me. — Por favor, não diga nada, ele se enfureceria comigo.

— Não se preocupe, Wilda. Mas o que foi que aconteceu?

— Naquela época Korvan devia ter uns doze anos, sua irmã era muito pequena. Alguns homens entraram no castelo e mataram seu pai e violaram e assassinaram a sua mãe,

diante dele; isso o marcou para sempre. Antes de partir o conde de York fez uma cruz com sua espada em seu tórax, para que ele nunca esquecesse daquele fato. Ele era um menino feliz, mas após isto precisou assumir uma grande responsabilidade e uma dor imensa em seu coração. Os desejos de vingança e rancor continuam vivos e isso faz com que ele se mostre assim.

— Por que mataram seus pais?

— Houve muitos comentários a respeito. O pai de Korvan era um homem muito justo. O único filho de um nobre do condado de York havia abusado de vários meninos camponeses; o pai de Korvan soube e capturou o filho daquele conde, o que incrementou o ódio e o desejo de vingança do nobre.

— E o que ocorreu depois desse trágico evento?

— Ninguém acusou o verdadeiro assassino, já que não deixaram nenhuma testemunha viva, com exceção de Korvan e de sua irmã. Depois sua tia, a condessa de Snowdon, cuidou deles até que Korvan tivesse a idade suficiente de encarregar-se de suas próprias terras e de sua gente.

— Korvan não tentou ir atrás dele?

— Sim, mas o conde viúvo morreu e seu filho desapareceu, nem rastro dele.

— Não sabia. — Fixei-me nele, naquele bonito guerreiro que, debaixo de sua aparência fria, escondia um trágico e horrível passado. Senti ternura por ele, comecei a vê-lo de outra forma, embora isso não justificava o comportamento dele comigo.

Ele viu que eu o observava e na distância ficou me olhando. Aproximou-se de onde eu estava, seguido pelo sacerdote.

— Querida, — me disse o padre Peter, — se por acaso este orgulhoso e teimoso lhe fizer mal, ele vai saber quem eu sou. — E afastou-se.

Ficamos sozinhos. Nesse momento, eu somente contemplava a dor no mais profundo de seu ser.

— O que lhe acontece? — Ele me perguntou.

— Korvan, qual é o desejo que sempre pede? Eu disse o meu, mas você não disse para mim.

Escrutinava-me intensamente, eu queria ser a mulher que romperia a armadura e entraria nesse coração. Era o guerreiro de meus sonhos e neles, ele sempre me protegia. Nesse instante eu possuía sentimentos contraditórios, já que por um lado queria ser eu aquela que curasse suas feridas, mas por outro lado eu o odiava por causa de como se comportava comigo.

— Por que quer saber? —Ele me perguntou.

— Fizemos um trato: eu disse, agora é sua vez. — Pisquei um olho, ele sorriu com meu gesto.

— Desejo me sentir livre, em paz, como as águias que voam sobre os escarpados. Está feliz?

— Sim, muito.

Não voltei mais a ficar a sós com ele.

Retornamos ao castelo, em silêncio. Ao entrar no pátio de armas, havia dois guerreiros que se alegraram ao vê-lo; Korvan deu um salto e deram um grande abraço.

Um deles, o maior, escrutinou-me e um amplo sorriso se desenhou em seu rosto. Depois observou Korvan, quem seguiu seu olhar, e lhe deu uma cotovelada na costela.

— E esta bonita mulher? — Outro nobre, um jovem alto, forte e bastante atraente, que respondia pelo nome de Aldan, fixou seu olhar em mim. — depois de nossa última reunião, você nos ouviu: precisava de uma mulher, Ha, ha, ha!

Ruborizei-me diante daquele comentário. Desci do cavalo, coloquei-me diante deles.

— Cavalheiro, não sei o que está entendendo. Eu não sou a mulher de seu nobre amigo, ele me raptou e me retém em seu castelo, contra minha vontade. Está me utilizando para se vingar. Se me desculparem, vou para meu cárcere.

Observavam-me atônitos. Um dos soldados me seguia. Enquanto me afastava, escutei suas gargalhadas.

XV

O rei, João I, contemplava, sentado em sua grande cadeira de madeira, o mercador italiano, Giulius, que irrompera na tarde anterior, em seu castelo, exigindo uma reunião com ele. Não estava disposto a aceitar as exigências de um italiano, então a marcou para o dia seguinte. O mercador aparecera na sala com uma bolsa de couro negro cheia de moedas de ouro; ao vê-las o monarca aceitou escutá-lo. Giulius se aproximou cautelosamente e guardou certa distância.

— E então? — Perguntou o soberano enquanto fixava seu olhar em cada uma das moedas que aquela bolsa continha.

— Vossa majestade, venho exigir justiça. Minha esposa foi sequestrada por um conde saxão. Precisa intervir neste episódio, deve me devolver minha esposa e castigar aquele nobre.

João I levantou seu olhar lentamente; seus traços estavam distorcidos e seus diminutos olhos se fixavam, sem pestanejar, no homem suarento que estava em frente a ele.

— Exige-me? Ninguém exige ao rei!

— Desculpe-me, expressei-me mal. Suplico-lhe. — Tremia-lhe a voz.

— Assim está melhor. — O monarca se levantou e andou lentamente até ficar muito perto daquele homem. — Quem é esse nobre saxão?

— Conforme averigui, é o conde de Estanglia, responde pelo nome de Korvan.

— Korvan... — repetiu o rei. Não sabia quem era, mas odiava os saxões; estava muito claro que eram seus grandes opositores e que estavam tramando tirá-lo do trono. Nunca aceitaria o que lhe dissesse algum mercador, mas nesta ocasião lhe dava um grande prazer ajudá-lo, já que se tratava de um deles. Podia utilizar aquela situação para matar aquele homem; seria o aviso para que todos os saxões soubessem do que João I é capaz. — Muito bem — ele disse, — o ajudarei sempre e quando receber mais duas bolsas destas — disse o soberano mostrando as moedas de ouro que detinha em sua mão.

— Sim, Vossa majestade — ele respondeu inclinando levemente sua cabeça.

— Como é a sua esposa, mercador?

— É muito bonita, senhor. Usa um anel, pelo qual a poderão reconhecer, seus homens e você, um anel de ouro com um rubi encravado, o qual possui desenhado a forma de um peixe.

Ao escutar isto João I levantou as sobrancelhas, surpreso. A primeira coisa que veio à sua mente foi que a mulher poderia ser a jovem que ele andava procurando e que se tratasse do anel que tanto ansiava.

— Um peixe você disse?

— Sim, senhor, um peixe. É uma jóia de seus antepassados.

O monarca sorriu; enfim um golpe de sorte, o destino havia lhe trazido essa mulher. Mataria dois pássaros com uma flecha; primeiro acabaria com o saxão e depois, com ela. Embora precisasse pensar muito bem em sua estratégia; não podia irromper no castelo do conde e matá-lo, isso provocaria um grande ódio voltado para ele e um enfrentamento que poderia acabar em guerra.

O mercador partiu do palácio. Entre os grandes cortinados da sala, apareceu um homem bastante alto, vestido de negro e com uma capa da mesma cor, que ocultava seu rosto; o monarca, ao vê-lo, ficou pálido.

— Disse que você não saísse de seus aposentos! — Disse o rei.

— É ela. — Uma voz rouca e sinistra saiu da garganta daquele ser.

XVI

Derian me observava com os braços cruzados sobre seu peito e com um grande sorriso em seu rosto. Aldan estava expectante, com sua mão colocada em seu sabre, à espera de minha resposta.

— Sim, ela tem razão, é minha prisioneira.

— Korvan! Você enlouqueceu? Para ter uma mulher em seu quarto, não é necessário raptá-la. Que baixo você desceu, amigo! Sim, esta é muito bonita, mas você poderia ter qualquer outra, sem necessidade de fazê-la sua prisioneira. — Derian zombava.

— Deixe que ele se explique, Derian. Depois de tanto tempo sem uma mulher, a verdade é que nosso amigo enlouqueceu e não sabe como conquistar uma dama. Ha, ha, ha!

Ambos riam e se divertiam às minhas custas.

— Acham-se muito engraçadinhos! Não pretendo fazê-la minha, se é o que insinuam; já disse que não estou necessitado de uma mulher.

— Ha, ha, ha! — Derian riu. Diga isto para outros, amigo. Ha, ha, ha!

— O marido dela manchou a honra de Audrey. Eu vou me vingar da mesma maneira.

— Ela é casada? Rapaz! Acredito que se meteu em uma boa confusão. Será perdeu a consciência do dever de um cavaleiro?

— Não, mas minha irmã é sagrada e ele abusou de sua inocência.

— Devolva-a a seu marido, Korvan! — Aldan ordenou.

Aproximei-me de ambos, ninguém me diria o que eu devia fazer.

— Não. E para o bem de vocês, não se metam em meus assuntos.

— Muito bem, muito bem, mas, quando o homem declarar guerra, não venha nos pedir ajuda. Já o advertimos — disse Derian.

— Se isso acontecer, fiquem tranquilos, que não recorrerei a vocês, respondi cortante.

— Teimoso, orgulhoso! — resmungou Derian. — Não tocaremos mais no assunto, se é o que quer, mas não o entendo e não estou de acordo com sua forma de agir. Dê-nos algo para comer, amigo!

Dei instruções precisas para Avi para que levasse o jantar de Ana. Na realidade gostaria mais de passar a noite jantando com a jovem do que com meus amigos. Ela possuía algo especial, fazia muito tempo que não me sentia atraído por nenhuma dama e ela... transmitia-me paz. Conheci-a através de meus sonhos; que significado teria tudo aquilo? Desejava perguntar sobre ela e estar junto daquela mulher. Não entendia estes novos sentimentos, desconhecidos para mim. Por quê? Recriminava-me esta atitude, já que sempre

havia me afastado de qualquer mulher, e mais ainda, se pressentia me apaixonar por ela. Sabia que estar junto à jovem resultava mais perigoso do que com outras mulheres com as quais eu estivera. Sentia uma força estranha que me empurrava para Ana. Eu gostava de ver-me refletido em seus lindos olhos negros; eu adorava quando ela se ruborizava e inclusive quando não parava de tagarelar, zangada, tentando impor sua vontade.

Aldan interveio com outro assunto.

— Já sabe que o duque de Lancaster, retornou?

— Sei — eu respondi. — Vai dar uma festa, mandou-me um convite através de um mensageiro.

— Não parece um pouco estranha a volta dele? — Disse Derian.

— Sim, e sinto curiosidade de averiguar o verdadeiro motivo de voltar à Inglaterra. Virá conosco, Korvan? — Perguntou Aldan.

Eu quase não prestava atenção à conversação, meus pensamentos estavam em Ana. Precisava afastá-la de minha mente.

— Korvan! — Aldan gritou. Olhei-o. — Pode-se saber o que está acontecendo? Eu lhe fiz uma pergunta e você nem se altera.

— Perdoe amigo, o que me perguntou?

— Partimos amanhã — disse Aldan me olhando muito sério, intrigado por essa minha desorientação. — Virá conosco, não?

— Não — eu respondi. Queria levar a mulher comigo; colocava desculpas de que, se a deixasse sozinha, ela tentaria escapar, mas na realidade eram pretextos, porque o que não estava disposto a fazer era me separar dela. — Preciso decidir se levo a jovem ou a deixo no castelo.

Derian me olhou com interesse, pôs uma de suas mãos sobre a mesa e com a outra bebeu a caneca de cerveja de um só gole.

— Amigo, jamais pensei que escutaria isso de você. Uma mulher o detém? — Disse Derian. — Ha, ha, ha!

— Não, minha prisioneira — Eu falei com raiva. As insinuações dele me incomodavam, algo que eu não estava disposto a aceitar.

— Pouco me importa, é uma mulher. Não posso acreditar que esteja assim. E para cúmulo se nega a reconhecer; é um teimoso, orgulhoso e cabeçudo — disse Derian.

— Bom, precisa reconhecer, amigo — respondeu Aldan, — que a mulher é muito bonita.

— Já basta! — Eu gritei me levantando da mesa. — Essa moça é minha prisioneira, e neste momento é muito valiosa para mim. Ela representa a realização de minha vingança e não estou disposto a que escape.

— Então, o melhor é que a leve junto. Já está decidido, Korvan: amanhã partiremos, com a mulher. Diga que é sua prometida e pronto — disse Derian.

— Devo falar com ela — eu respondi.

— Desde quando se fala com uma prisioneira? — Perguntou Aldan.

— Ha, ha, ha! — Ambos riram.

— Amigo, esse coração duro pulsa por aquela mulher.
Ha, ha, ha! — Disse Derian.

— Meu coração nunca pulsará por nenhuma mulher — eu respondi. Nesse momento Avi apareceu pela porta. — Guie a estes dois debochados para seus quartos, amanhã precisam empreender uma viagem.

— E você também, conquistador. Ha, ha, ha! — Derian riu.

Fiquei pensativo. Falaria com ela e a levaria comigo. Subi as escadas com grande velocidade, abri a porta e ali estava ela, observando pela pequena janela. Olhei rapidamente para seu prato, ele estava vazio. Depois me concentrei nela; ela se mantinha distante. Acreditei vê-la assustada, cheguei a pensar que suspeitava que eu abusaria dela.

— Fique tranquila, não vou lhe fazer nada, como eu prometi.

— Então..., o que faz aqui?

— Amanhã partimos, muito cedo. Irá comigo ao condado de Lancaster.

— Por quê? Eu não quero viajar, desejo que me solte. Disse-me que queria somente que me vissem com você, esse foi o trato e não o que me propõe agora.

— Iremos antes do amanhecer. — Voltei a repetir, não queria dar nenhuma explicação sobre minha decisão.

— Sim meu amo? O que pretende? Humilhar-me ainda mais? Irei sem me opor se me prometer que depois me soltará.

— Não vou fazer isso — respondi enquanto ela se aproximava até ficar praticamente em frente a mim.

— Então, rompo a promessa que lhe fiz de que não tentarei escapar.

— Deu sua palavra! — Eu lhe disse.

— Sim, e você prometeu que me soltaria. Se eu for a uma festa, acredito que será bastante humilhação: muita gente me verá com você, eles falarão... Isso é o que você quer! Assim cumprirá, com acréscimo, seu afã de vingança.

— Muito bem, na volta darei sua liberdade. — Eu sabia que não seria capaz de fazê-lo.

Estava tão perto de mim que seus olhos negros se cravavam nos meus. Desejava-a, precisei me controlar para não abraçá-la e beijar seus lábios. Afastei-me e fechei a porta atrás de mim.

Precisava subir à torre a respirar ar puro. Sentei-me no chão, tapei meu rosto com minhas mãos. Tinha tanto rancor em minha alma por tudo o que havia passado em minha vida, que me custava abrir meu coração, mas ela... Aqueles sonhos eram a manifestação de meus sentimentos para Ana. Foram premonitórios, avisaram-me do que aconteceria.

— Você também não consegue dormir, amigo? — Era Dylan, eu não o vira.

— Não, não consigo. Além disso, amanhã partirei para o castelo do duque de Lancaster. Dylan, quero que venha

comigo. Arian ficará no castelo, controlando os homens e protegendo-os.

Dylan me olhava com interesse. Um meio sorriso se desenhava em seu rosto.

— E ela?

— Vai comigo.

— E o que dirá à condessa, ao conde e sua filha quando a virem?

— Que é minha protegida.

— Sua protegida? Ha, ha, ha!

— Por que essas risadas? — Estava magoado.

— Por nada... Ha, ha, ha!

— Não tem nenhuma graça. — Levantei-me zangado. — Amanhã preciso madrugar. Ela será minha vingança.

XVII

Aquele homem me dava nervos, era muito dominador. Estava amanhecendo, levávamos duas horas cavalgando. Eu ia ao lado de seu amigo Dylan e ele, com os outros dois cavaleiros na frente, marcando o ritmo. Observava-o, contemplava suas largas costas e a forma ereta e elegante com a qual montava a cavalo; era um guerreiro. O que eu fazia ali! Não entendia nada, estava enlouquecendo. Nesse momento me veio à mente a imagem que eu vira da janela de meu quarto justamente antes de que Korvan entrasse. Era ela, estava no pátio olhando para minha janela. Apesar de usar uma capa, ao tirar o capuz eu a reconheci em seguida, era Amana. Mas como entrou no pátio de armas sem ser vista pelos soldados de Korvan? Por onde entrou no castelo? Por que sabia que eu estava naquele quarto? Olhou para cima, elevou suas mãos para minha janela. Nesse momento Korvan entrou e quando ele partiu voltei a observar e ela já não estava lá, havia desaparecido. Recordei o que ela havia dito: que Hernes estava me procurando. A quem ela se referiria? Eu estava esgotada.

Não sei quanto tempo transcorreu até quando começamos a divisar as ameias do castelo do duque. Atravessamos uma ponte de pedra; diante de mim se

encontrava uma incrível fortaleza. Passamos o fosso e acessamos ao pátio da cavalaria; em seguida, os soldados e os cavaleiros vieram ao nosso encontro.

Korvan parou seu cavalo e desmontou com um salto; eu não conseguia deixar de olhá-lo, atraía-me tanto que, embora o detestasse por tudo o que estava me fazendo, meus gestos me traíam. Seus amigos o imitaram e os cavaleiros levaram os animais ao bebedouro.

— Ajudo-a a desmontar, senhorita? — Disse-me Dylan. Nesse momento Korvan olhou de esguelha.

— Obrigada — eu respondi.

Em seguida apareceu, no pátio de armas, um homem forte, grande, de barba grossa, mãos largas, cabelo comprido e descuidado.

— Ora, ora! Pensei que nunca iriam aparecer.

— Duque de Lancaster — disse Aldan.

— O que são esses formalismos! Os cavaleiros do Leão, não saúdam assim a um amigo. Ha, ha, ha!

Ante essa resposta do duque, Derian e Aldan gargalharam; Korvan se mantinha distante, frio com ele, escrutinava-o.

Ali estava eu, afastada daquele círculo, rodeada de homens rudes, contemplando a cena e temendo o que viria. Nesse instante o duque se deu conta de minha presença.

— E ela? — Ele perguntou enquanto todos se viraram para me observar, menos Korvan. Sua indiferença me feria.

— É minha protegida — ele respondeu.

— Protegida? — Perguntou-lhe o duque.

— Sim, o rapaz agora se dedica a proteger damas em apuros — disse Derian.

O duque se aproximou de mim; seu olhar estava me deixando nervosa. Se Korvan era alto e forte, aquele homem o superava.

— Qual é seu nome? — Ele perguntou para Korvan.

Chateava-me que não se dirigisse a mim.

— Meu nome é Ana — eu respondi.

Ele se surpreendeu de que eu abrisse a boca. Fez uma careta.

— Korvan, parece que tem um problema com esta jovem. Precisa lhe dizer que as damas nunca se dirigem a um cavalheiro, a não ser que este expressamente lhe pergunte.

Esse comentário me irritou e incomodou. Não consegui evitar lhe responder enquanto Korvan desenhava um sorriso em seu rosto. Ele estava se divertindo à minha custa e isso me zangava ainda mais.

— Excelência — eu disse com ironia, — lamento me dirigir assim, faltando com toda a regra e convencionalismo estabelecidos. Mas preciso lhe dizer que me sinto uma mulher livre para expressar minha opinião ou comentário, a qualquer lugar e momento. Ninguém precisa me dar permissão para falar.

Depois dessas palavras, o rosto do duque ficou tenso; ele se aproximou de mim com semblante sério. Observei que Korvan se adiantava interrompendo sua proximidade de mim.

— Jamais volte a falar sem que eu lhe dê permissão.

Korvan ficou em frente a ele; a mão direita segurava o punho de sua espada.

— Ela agora me pertence e sou eu quem decide quando ela pode falar e quando não. Não você, duque.

Ambos os homens permaneceram sérios, um em frente ao outro, mantendo seus olhares fixos no outro competidor.

— Pois deve lhe repreender esse comportamento, rapaz.

— Isso é meu assunto, não seu — eu respondi.

— Bom, acredito que o melhor é deixar de falar das mulheres e começar a tratar de assuntos de homens. Passemos ao interior da sala.

Todos os ali presentes o seguiram, à exceção de Korvan, que esperou que eles entrassem e ficássemos sozinhos. Olhou-me, seus olhos estavam cheios de raiva. Aproximou-se de mim e agarrou-me pelo braço.

— Não volte a abrir a boca! O duque de Lancaster é muito poderoso e pode acusá-la de bruxa se observar este tipo de reações em você.

Eu ia falar, mas ele tampou minha boca.

— Siga-me, em silêncio, e faça o que lhe ordenam.

Assustei-me ao entrar naquele recinto, uma sala enorme onde havia mesas dispostas de forma retangular. Muitos guerreiros, sujos, bebiam e riam. Eu queria desaparecer dali. Não havia nenhuma mulher: todos os olhares daqueles homens ébrios se concentraram em mim. Korvan me ignorava, completamente, sem me dedicar nenhuma atenção, nenhum olhar. Claro, era normal; o que eu esperava? Era somente sua prisioneira. No fundo eu sabia que esse

guerreiro me atraía e esperava que em algum momento houvesse, se sua parte, uma mudança de atitude para mim.

Um homem alto, forte, muito atraente e com bonitos olhos verdes se aproximou de Korvan e de seus amigos.

— Kimball! — Disse Korvan, que com um grande sorriso foi saudá-lo seguido pelos outros.

E ali fiquei eu, sozinha, na entrada daquela sala cheia de brutos ingleses; muitos deles me despiam com o olhar. Vi que Kimball me observava e Korvan lhe disse algo; diante da resposta dele, todos riram e Kimball fez um comentário, dando-lhe uma palmada nas costas. Estava realmente passando muito mal, era muito humilhante.

O duque de Lancaster se aproximou de uma donzela, assinalou-me e a ela veio até mim.

— Lady, o duque quer que eu a leve até seus aposentos.

— Obrigada.

A jovem me guiou por umas escadas até um segundo andar. Atravessamos uma galeria escura.

— Este é seu quarto, senhorita; Seus pertences já estão aí dentro. Avisarei para o jantar — ela me disse.

— Jantar? — Perguntei-lhe surpreendida.

— Sim, senhorita. O duque organizou um jantar e um baile.

— Uff! Não, por favor — eu sussurrei. Nesse momento eu só queria desaparecer.

Entrei naquele habitáculo, escuro, iluminado somente pelas chamas da lareira que esquentava o quarto. Apesar de estar no mês de junho, no castelo fazia frio. “Nunca poderia

me acostumar a estes lugares”, eu pensei; eram pouco confortáveis. Vi que sobre a cama estava o que constituía minha bagagem, um vestido que Korvan me dera, de sua irmã e um pouco mais. Deitei-me e aquele colchão afundou até o fundo. «Meu Deus, o que é isto!». Precisava me acostumar a tudo isso. Eu estava esgotada: fiquei adormecida. Alguns golpes à porta foram os que despertaram.

— Senhorita, senhorita!

Levantei-me desorientada, em seguida me recordei. Fui abrir a porta; era a donzela, que ficou me olhando com assombro.

— Senhorita, é a hora do jantar!

— Ai! Eu adormeci.

— Devia a ter avisado faz uma hora e, ao não abrir a porta, supus que já não estava em seu quarto, mas o senhor Korvan perguntou por você.

— Ora! Que detalhe da parte dele — eu disse em voz alta.

— Por favor, poderia esperar um momento? Em seguida me visto. Se você não me levar à sala, tenho certeza de que me perco por esses corredores.

Convidei-a a entrar e ela, tímida, aceitou. Peguei o vestido branco da irmã de Korvan, ficava um pouco comprido, e a donzela me ajudou a vesti-lo. Possuía um decote canoa que deixava ver ligeiramente os ombros, e na cintura uma corda dourada que caía até o chão.

— Está muito bonita, senhorita.

O cabelo estava totalmente despenteado. A donzela, que respondia pelo nome de Mirta, deve ter adivinhado meus pensamentos.

— Posso ajudá-la? — Ela me perguntou.

— Por favor! — Eu supliquei.

Ela pegou da mesa de madeira uma espécie de pente e ordenou com esmero cada um de meus cachos, deixando minha cabeleira cair pelas costas.

— Está muito bonita, mas devemos nos apressar, o jantar está a ponto de começar.

Guiou-me pela galeria, descemos as escadas e ali estava aquela enorme sala, com teares que decoravam as paredes. A maioria dos comensais estavam sentados, à exceção de outra jovem muito atraente que devia ser a mulher do amigo de Korvan, Kimball (assim o chamaram). Ao ver-me ela levantou e, seguindo seus impulsos, recebeu-me com um amplo sorriso. Não me dei conta de que Korvan me observava; seus olhos cinzas me olhavam com grande interesse. A seu lado, de pé, havia uma moça que em seguida averigui que era a filha do duque. Incomodou-me vê-la junto de Korvan, estava flertando com ele.

— Então esta é a mulher! — disse ela. Ambos me olhavam e se aproximavam até onde eu estava. — Querida, estávamos esperando-a.

— Demorou muito, na próxima vez seja pontual — disse Korvan. Sua frieza me feria.

— Espero que não haja uma próxima vez — eu lhe sussurrei ao ouvido. Apreciei um meio sorriso em seu rosto.

Korvan se sentou entre as duas. Havia muito ruído na sala.

As travessas que havia na mesa não me resultavam muito apetecíveis, mas estava claro que eu devia comer se quisesse estar forte. Devia me afastar dali e daquele homem o quanto antes possível.

Korvan falava com a jovem; suas risadas e flertes me punham frenética, não o suportava.

— Estou desejando ver o torneio amanhã. Você vai combater, Korvan?

— É claro, Leonor.

— Dedicará a mim, a batalha.

— Se você desejar, será uma honra — ele respondeu.

O vinho do jantar estava começando a me fazer efeito, não consegui evitar rir de algo.

— Ha, ha, ha! — Gargalhei ao escutar sua conversação.

Ambos me observaram. Notava o olhar frio do jovem cavaleiro.

— Do que ri, querida? — Disse Leonor.

— Não, de nada. Ha, ha, ha! — Voltei a rir, não conseguia deixar de fazê-lo.

— Pois parece que há algo que não quer nos dizer e que está lhe provocando muita graça — disse Korvan.

— Você gosta dos torneios? — Perguntou a filha do duque.

— Dos torneios? Sim, sim... eu adoro! Ha, ha, ha! — O olhar severo de Korvan estava fixo em mim. Conforme o via mais zangado, mais engraçado eu achava.

— Por favor, Ann, posso saber o que está acontecendo? Comporte-se! — ele me sussurrou.

— Ann..., não, não, não... Ana! — Eu o corriji.

— Pois, Ana, controle-se! Quanto vinho bebeu? — Ele me perguntou.

A jovem duquesa falava com o comensal que estava em seu outro lado.

— Muito. — Sorri.

— Não beba mais, está chamando a atenção.

— Mas não é isso o que quer? — Respondi tocando-o. — Assim me verão junto a você, e sua honra..., já sabe. — Zombei. Enquanto eu falava aproximei mais meu rosto dele e dava vários toques em seu braço com meu dedo indicador. — É o que estou fazendo, que eles nos vejam juntos, conde.

Leonor voltou a participar da conversa. Eu voltei a ingerir outro gole de vinho e Korvan me tirou a caneca que continha este e a afastou de mim. Fiquei olhando-o, indignada diante desse gesto dele. Eu estava com sede e estava claro que, diante da falta de água, algo eu precisava beber; além disso, ao menos o vinho me fazia esquecer o quão desgraçada eu me sentia nesse momento.

— Querida, pois tenho certeza de que amanhã vai gostar do torneio, embora sinta lhe dizer que Korvan me dedicará a batalha.

— Não se preocupe, não sinta, eu não pretendia que me dedicasse a batalha. Por mim, todo seu. — Pisquei-lhe um olho. Ela se surpreendeu diante de meu comentário.

Durante o resto da noite, eles estiveram falando e rindo. Aquela jovem flertava de uma maneira excessiva com ele e estava me incomodando. Por que eu me sentia ciumenta? O jantar finalizou e a música começou a ser ouvida em toda a sala. Korvan tirou a jovem para dançar; eu me levantei e observei como dançavam. Ria sozinha. “Mas que baile absurdo!”, eu pensei. Da música eu até gostava e me movia ao som desta. Notava como Korvan me seguia com o olhar, sério. Eu não podia deixar de rir, eu havia perdido a vergonha depois de ingerir tanto vinho.

Dylan sorriu ao ver-me, aproximou-se de mim e me convidou para dançar, mas eu estava muito enjoada. Somente ria e meus pés não conseguiam deixar de se mover ao escutar a música.

— Sinto muito — eu gritei, — não sei dançar direito.

— Pois não é isso o que parece. Ha, ha, ha! Não se preocupe, você me segue e eu a ensino.

Aquele jovem me agradava, era muito diferente de Korvan. Pisei-o várias vezes durante a dança, ambos rimos. Tudo girava e eu não conseguia parar de rir.

— Ele não é uma má pessoa — Dylan me disse.

— Quem?

— O conde.

— Ha, ha, ha! O conde? Ha, ha, ha! Não quero falar do conde! Entre você e eu, esse homem não me cai muito bem. — As palavras fluíam de minha boca sem eu conseguir evitar. — Entendo que para você ele não seja porque é seu amigo, mas para mim parece assim.

— Ele sofreu muito e só tem a sua irmã e...

— Mas isso não justifica que ele queira se vingar à minha custa!

— De verdade ele é um bom homem; parece frio e calculista, mas possui um grande coração. O que acontece é que usa uma couraça para que ninguém acesse a sua alma; somente nós que o conhecemos desde sempre sabemos.

— Duvido. Acredite que, por mais que você me fale qualidades e virtudes positivas dele, não mudarão minha opinião. Seu comportamento para comigo é cruel; além disso, é bruto, altivo, arrogante... e muito atraente... — Ao dizer esta última coisa, me arrependi e com um impulso tampei minha boca com minha mão.

— Ha, ha, ha! Acredito que bebeu muito vinho — disse Dylan.

— Sim, eu também acredito. — Olhei-o com intenção. — Não vá dizer isto a seu amigo, porque não é verdade. — Disse baixinho, estava tentando ajeitar as coisas.

— Fique tranquila, não se preocupe, não o direi ao Korvan, embora não precisa mentir para mim senhorita. Qualquer um se dá conta de que ele lhe parece atraente, — ele me sussurrou ao ouvido. — Ha, ha, ha!

Eu cairia ao chão caso ele continuasse dando voltas com aquela dança. Entre o vinho, o vestido, que pesava tanto, e o calor da sala, acreditei que desmaiaria. A dança finalizou, Dylan partiu e eu fiquei ali, rodeada de homens e mulheres; não havia nenhum rosto conhecido perto de mim. Tudo me dava voltas. Levei a mão à testa, sentia que a qualquer

instante me estamparia contra o chão. Nesse momento me agarraram pela cintura, agradeci. Olhei e era Korvan.

— O que lhe acontece?

— Estou enjoada, sinto que vou desmaiar a qualquer momento — eu lhe disse.

— Vamos para fora, você bebeu muito. Veja seu comportamento!

Envolveu minha mão com a dele, robusta, curtida pelas batalhas. Senti um calafrio ao notar seu contato. Saímos ao exterior, atravessamos o grande pátio de armas até um pequeno jardim. Sentei-me em uma espécie de banco de pedra; ele ficou a meu lado.

— Você recrimina meu comportamento? Ha, ha, ha! É engraçado, conde de Estanglia.

— Não sei a que se refere com o que acaba de dizer. Está bêbada...

— Pois sim, bêbada. Desagrada-lhe? Você me forçou a isso. Recordo-lhe que me deixa prisioneira, tirou minha liberdade porque lhe deu a vontade. Por acaso esse não é motivo para beber vinho?

— Não só fala muito, mas seu comportamento é mais como o de um soldado do que o de uma dama.

— Ha, ha, ha! Eu gosto dessa comparação. — Não conseguia deixar de rir.

— Meu Deus! Que mulher! — Ele disse irritado.

Observei como ele se afastava em direção às quadras. “Melhor”, eu pensei, queria estar sozinha. Concentrei-me no céu estrelado. A noite era mais cálida que as anteriores, não

havia nuvens que ocultassem a lua, nem as estrelas. Então, senti quando uma água fria caía sobre meu rosto e parte de meu corpo. Abri os olhos e ali estava ele, com um sorriso odioso em seu rosto e com um recipiente de madeira, agora vazio.

— Assim se limpará. — Ele estava satisfeito com a cena.

— Odeio você! É um indesejável! Como se atreve?

— Não me restou mais remédio, Ana — disse enquanto aproximava seu rosto do meu.

Levantei-me, aproximei-me dele e o desafiei com o olhar.

— Odeio você!

— Isso você já disse — ele falou mostrando um sorriso em seu rosto.

— Algum dia se arrependerá de tudo o que está me fazendo.

— Acredito que isso nunca acontecerá. Ha, ha, ha!

— Uff! Não o suporto! — Dei a volta.

— A água fez seu efeito. Encontra-se melhor, não é verdade? — Ele zombava de mim.

Não dei atenção, ignorei-o completamente. Aquele vestido me mataria, aqueles tecidos pesavam muito. Quanto sentia falta de meu jeans! Comecei a me sentir triste ao pensar em tudo o que estava acontecendo. Queria retornar a meu mundo, sentia medo e não sabia como solucionar, como voltar; cheguei a pensar que, possivelmente, eu estivesse morta. Não pude evitar que as lágrimas rolassem por minhas bochechas. Tampei meu rosto com minhas mãos, não queria que ele me visse assim, mas o vinho que eu havia bebido, o

esgotamento pelo vestido que usava, essa situação — que me superava — e a água que ele me atirara haviam provocado esse sentimento de tristeza. Precisava desabafar, chorar.

— O que houve, Ana?

Não respondi, não conseguia. Senti como ele retirava, suavemente minhas mãos de meu rosto, e me virou, delicadamente, para que eu o olhasse. Aqueles olhos cinzas nem pestanejavam.

— E você me pergunta isso? Sabe perfeitamente o que me acontece.

Estava raivosa, magoada. Na realidade ele não era o principal motivo de meu pranto, mas isso eu não poderia dizer. De certa maneira eu estava agradecida de que ele tivesse chegado no momento certo; aquele odioso italiano que dizia ser meu marido, não estava bem intencionado comigo. Ao menos Korvan me respeitava e, embora se mostrasse frio, distante e em ocasiões me sentia humilhada por seu comportamento, junto a ele eu me sentia segura, protegida. Mas precisava dizer a alguém o que acontecia, não poderia suportar essa situação por mais tempo.

Levantei-me e me coloquei em frente a ele feito uma tempestade.

— Sequestrou-me, fez-me prisioneira, trata-me de uma maneira humilhante... Não sei quais são suas verdadeiras intenções... Quero retornar a meu lar!

Comecei a correr com a intenção de subir para meu quarto e me esconder, mas naquela corrida o vestido se enredou entre meus pés e caí. Fiquei de joelhos e chorei

desconsoladamente. Notei como seus fortes braços me levantavam. Nesse momento agradei que ele o fizesse, necessitava desse gesto de calor humano. Apoiei minha bochecha sobre seu peito. Ele me levava para meu quarto, em silêncio, era homem de poucas palavras. Entrou pela porta das cavaliças e acessou às escadas que levavam para os quartos. Com o pé, abriu a porta e me deixou sobre a cama; ficou em frente a mim. Saiu dos aposentos e retornou mais tarde com um tecido para que eu pudesse secar a roupa, o rosto e o corpo molhados.

— Está esgotada, você precisa descansar. Amanhã vai ser um dia de muita atividade e precisa estar forte para não adoecer. Sinto ter jogado a água, não devia ter feito.

Olhei-o com os olhos cheios de lágrimas. Ele se virou e foi para a porta. Antes de sair do quarto, parou; pensei que voltaria para meu lado, mas passados alguns segundos ele abriu a porta e partiu. Tirei o vestido e me meti na cama.

Senti a suavidade de uma carícia em minha bochecha, o que fez com que despertasse de meu sono. Abri os olhos e em seguida vi que ele estava de pé, frente à minha cama, me observando. Levava suas luvas seguras em uma de suas mãos, vestia sua cota de malha e o elmo. Que bonito ele estava! Tapei-me com o lençol até o pescoço. “Como se atreve a estar aqui?”, eu pensei.

— Perdoe que tenha entrado, mas queria me assegurar...

— Sim, sim, de que eu não tivesse escapado — eu gritei com ironia. Ele arqueou uma de suas sobrancelhas.

— De que se encontrava melhor. Não consegui dormir pensando em você.

— Ora, agora se preocupa com meu estado? Desta vez sim que me surpreendeu! Pois sim, estou muito melhor, obrigada.

— Muito em breve começará o torneio. Elizabeth, a mulher de Kimball, virá buscá-la e a levará até o cenário onde o torneio vai ter lugar. Alegro-me de que se encontre melhor. — Ele deu meia volta e partiu.

Vesti-me rapidamente. Fiz uma trança e observei pela pequena janela; ali estava ele, ria enquanto falava com Dylan, Kimball e Aldan. Quem eu não vi nesta ocasião foi o cavaleiro mais velho, que respondia pelo nome de Derian. Korvan colocou as luvas e segurou seu elmo com uma de suas mãos. Eu gostava daquele homem; se eu o tivesse conhecido em outras circunstâncias, estou certa de que teria perdido a cabeça por ele. Cada vez que eu o via o coração parecia que sairia. Tocaram à porta; era ela, Elizabeth.

— Korvan me deu instruções expressas de que devo a acompanhar ao torneio. — Em seu rosto se desenhou um bonito sorriso. Era uma mulher muito bela.

— Obrigada, meu nome é Ana.

— Encantada, Ana. É a única mulher que Korvan apresentou a seus amigos, é afortunada.

— Não, acredite que não. Kovan me traz por outros interesses. — Ela me olhou estranhando.

— Bom, estes homens às vezes possuem alguns comportamentos um tanto estranhos. São muito orgulhosos e teimosos. — Sorriu. — Mas por suas veias corre sangue de valentes guerreiros; brutos, em muitas ocasiões. — Sorriu, — mas são nobres saxões. A honra, sua palavra e os seus são intocáveis; qualquer um que se atreva a ameaçar aos que amam já pode começar a rezar. — Olhou-me. — Digo isso porque estou casada com um deles e conheço todos muito bem. — Piscou-me um olho.

Sorri. Aquela mulher era diferente de todos os que ali me rodeavam, parecia-me bondosa e mais próxima. Chegamos a um grande pátio de areia, onde havia uma espécie de degraus com assentos e, na parte central, um pau alto de madeira. Os cavaleiros estavam preparados; em seguida reconheci, Korvan, entre eles, que ainda levava o elmo seguro em sua mão. Ele me localizou e me olhou intensamente. Acreditei observar que ele me dava de presente um sorriso embora supus que seria minha imaginação, já que estava com seus amigos e todos eles riam e se divertiam. Sentamos.

— Ali estão — disse-me Elizabeth assinalando o grupo de amigos. — Hoje a luta é por alianças. Eles são uma; todos têm o emblema do Leão e lutarão contra outros clãs. Cada um escolhe uma dama; se vencem começarão o baile com a jovem escolhida.

Observei como Korvan sussurrava algo no ouvido de Dylan. Ambos me observaram, depois seus olhares se centraram em Leonor.

— Hoje é um dia muito especial — disse Elizabeth.

— Por quê? — Eu perguntei.

— A filha do duque completou a maioridade e seu pai está aberto a negociar o matrimônio dela com os cavaleiros saxões que hoje se encontram aqui. Korvan é o mais desejado entre as fêmeas, mas ele é uma alma livre que jamais quis se comprometer apesar das pressões que teve. Embora lhe vou ser sincera, Leonor tem colocado seus olhos nele, mas... — Ela me olhou, — se minha intuição não falhar, tenho certeza de que ele está interessado em outra jovem.

Por que me dizia isso, parecia que era eu essa mulher. Se ela soubesse!

— No que consiste o torneio? — Perguntei.

— Alguma vez estiveste em algum?

— Não, é o primeiro. — Ela sorriu ao escutar minha resposta.

— O duque é o que dá início à batalha. Enfrentam-se os cavaleiros de cada grupo; os que vão perdendo saem do campo de jogo. Ao final o clã que ficar com mais guerreiros no campo de batalha é o que vence o jogo. Antes que tudo comece, os tambores dão o sinal para que os cavaleiros peguem suas lanças e coloquem o lenço da cor de seu emblema na ponta dela. Montam em seus cavalos, sem seus elmos, e se aproximam do lugar onde estão as damas. Um a um vai escolhendo a mulher com a qual quer iniciar o baile,

se resultarem vitoriosos. O cavaleiro aponta com sua lança à dama e esta precisa pegar o lenço e amarra no pulso. Depois, todos se dispõem em linha, em frente ao duque, que dará começo ao jogo. Por certo, pode me chamar de Beth.

— Mas... podem terminar feridos...

— Sim, querida, isso é verdade, mas por experiência também lhe digo que para eles, uma ferida profunda e dolorosa é um arranhão sem importância. Ha, ha, ha! Estão tão acostumados a liderar batalhas e a lutar e se ferir que não sentem a dor. — Ambas gargalhamos diante dessa evidência.

Os tambores começaram a soar. Tal e como Beth me explicara, os cavaleiros subiram aos cavalos, embelezados com seus trajes de batalha, com suas lanças ao alto, e na ponta cada um com o pano da cor que representava seu estandarte. Não me entendia, não conseguia evitar que meu olhar se fixasse em Korvan, atraía-me mais do que eu era consciente, mais do que eu queria. Estava com ciúmes de que Leonor fosse a escolhida para ser sua dama; ele havia prometido durante o jantar na noite anterior. Korvan se posicionou em último lugar; diante dele ia Dylan. Kimball foi o primeiro de seu grupo e escolheu Beth. Invejei-os; notava que se amavam muito e que entre eles havia muita cumplicidade. Assim foram, um a um até que chegou a vez de Dylan, que, para minha surpresa e de Leonor, escolheu-a; esta não teve mais remédio do que aceitar o lenço do jovem. Fiquei surpresa e ainda mais, quando me dei conta de que Korvan se aproximava de mim com seu cavalo; meu coração

pulsava célere. Seus bonitos olhos cinzas estavam fixos nos meus; um bonito sorriso se desenhcou em seu rosto, levantou sua lança e me apontou com ela. Estava surpresa e emocionada. Colhi com rapidez o lenço e imitei Beth, amarrando-o no pulso; ele inclinou seu rosto e depois se virou para reunir-se com os cavaleiros de seu clã. “Não crie ilusões, ele fez isto para controlá-la e para que sua vingança tenha fim”, pensei.

A batalha iniciou, os cavaleiros se dispuseram a lutar, um a um. Não acreditava estar vivendo esse espetáculo. Os guerreiros começaram a desfilar, cavalgando a grande velocidade pelo campo, até que suas lanças se chocaram com força e violência sobre o escudo do outro competidor. Haviam caído muitos homens; deles somente restavam Kimball, Aldan e Korvan. Era a batalha final; se conseguissem vencer a um dos outros oponentes, a vitória seria deles. Nesta ocasião era Kimball o que se bateria, ele era muito forte. Sua lança chocou com tanta força no escudo do outro cavaleiro que ele caiu ao chão; Kimball desceu do cavalo para ajudá-lo a se levantar e o derrotado aproveitou o momento para puxar sua espada.

— Oh, não! — Disse Beth.

— O que acontece? — Eu perguntei.

— Aconteceu o que eu mais temia. Ao final, se um dos competidores puxa a espada, começará uma batalha sobre terra onde todos os do clã lutarão: aí sim se pode ter feridos. Odeio estes jogos!

Surpreendeu-me que ela dissesse isso. Eu estava nervosa, esses homens eram brutos e selvagens. Observei como suas espadas se chocavam com força. Temia que ferissem Korvan, ele brandia sua arma com violência; a espada de seu competidor o feriu no braço, mas ele nem se alterou. Os três, Aldan, Kimball e Korvan, lutavam com a própria vida. Moviam-se com agilidade e eu notava que eles desfrutavam da batalha. “Que brutos são!”, eu pensei. Foram os vencedores. Ergueram suas espadas e juntaram as pontas no ar; tiraram seus elmos, e estridentes gargalhadas saíram de suas gargantas enquanto se abraçavam.

— Meu Deus, que homens! — Eu sussurrei em voz baixa.

— Chego a acreditar que a batalha lhes dá vida e energia. — Beth riu.

— Mas é um jogo selvagem! — Eu falei.

— Sim, mas são saxões, e têm sangue correndo por suas veias.

Estava tão nervosa que não havia me dado conta de que estava segurando a cruz de David pendurada entre minhas mãos; estava aparecendo. Beth ficou olhando-a, seu rosto se tornou sério.

— De onde tirou essa cruz, querida?

— Ah!, é um presente. — Ocultei-a dentro do decote.

— Alguém de sua família?

— Não totalmente... — Não entendia porque tanto interesse repentino na cruz.

— Um conselho: nunca deixe que ninguém a veja, leve-a escondida sempre.

Sabia que ela queria falar mais, mas nesse momento se escutou o rufar dos tambores e os vencedores se aproximaram de suas respectivas damas e fizeram uma saudação baixando seu rosto a modo de reverência; depois deram uma volta ao campo onde a batalha aconteceu. Korvan era o único que tirara seu elmo; ao se aproximar de mim observei um brilho especial em seus olhos. Deu-me de presente outro sorriso, eu correspondi; estava emocionada de que a batalha tivesse terminado. Eles foram deixar seus cavalos.

— Elizabeth, querida, quanto tempo! — Era a duquesa de Lancaster com sua filha Leonor. — Então esta é a jovem que acompanha Korvan. Uma pena que Dylan se adiantou; Korvan escolheria minha filha. — Escrutinava-me com o cenho franzido. — Hoje vai ser uma noite muito especial: meu marido vai propor para Korvan a mão de minha filha Leonor. Tenho certeza de que a aceitará, ambas as famílias sempre desejaram esta união. — Vimos elas se afastarem.

— Não lhe dê atenção — sussurrou-me Beth, — está chateada porque Korvan é, junto com Aldan, o solteiro saxão mais desejado para estabelecer alianças matrimoniais. Estou convencida que um matrimônio com Leonor não entra em seus planos.

Vi Kimball se aproximar de onde Beth estava; ela se desculpou e foi se reunir com ele. Observava-os; ela era diferente e ele não seguia nenhum protocolo.

Não havia rastro de Korvan, sentia-me sozinha. Uma moça chamou minha atenção, olhava-me com intensidade;

vestia uma espécie de camisola branca. Acreditei ver nela a jovem da praia, na noite de San João. Ao se dar conta de que eu a avistara, deu a volta e avançou para o bosque. Segui-a, precisava alcançá-la; era a única que podia me ajudar e me dar uma explicação sobre o que estava acontecendo. Não me dei conta de que saía da área cercada, nem de que entrava em um espesso e escuro bosque. Observei, não vi ninguém. Escutei um leve sussurro, uma voz suave pronunciava meu nome.

— Onde está? — Eu gritei.

Virei-me. Atrás de mim, a certa distância, estava a moça, a mesma da praia e da biblioteca de Oxford.

— Quem é você ? — Eu gritei.

Não me respondia, somente me olhava. Parecia irreal, sua tez estava muito pálida e seu olhar era frio, distante. Era ela, a mesma que havia falado comigo no futuro. Cheguei a pensar que se tratava de um alma errante. Fui até onde estava ela; a jovem levantou a mão e fez um gesto para que eu parasse e não avançasse mais.

— Por que estou aqui? Quero voltar para minha casa! — Eu gritei desesperada.

— Seu lugar sempre foi este. Há algo que somente você pode fazer: o anel precisa estar junto do santo Graal.

— Mas não sei do que me fala. Onde está o santo Graal?
— Eu gritei.

— Só você pode fazer — ela voltou a responder.

— Quem é você?

— Sou essa mulher que escreveu essa mensagem há muito tempo. Até que o anel não esteja a salvo, minha alma não poderá descansar. É a mulher escolhida, somente você poderá conseguir. É especial, tem um dom que lhe foi dado desde o primeiro momento em que foi criada. Busque a força e as respostas dentro de você.

Escutei um ruído atrás de mim, e me virei; era Korvan, vinha em seu cavalo. Nesse momento me virei para procurá-la, já não estava lá. Ele deu um salto e desceu de seu animal. Estava zangado e seu rosto, muito tenso.

— Prometeu-me que não tentaria escapar! — Surpreendeu-me que brigasse comigo e eu lhe respondi da mesma forma.

— E não tentei! Precisava caminhar...

— Mente!

— Não minto! É verdade que eu não tentava fugir — eu lhe disse.

Veio até mim e me agarrou com sua robusta mão pelo braço, me machucava.

— Não devia ter confiado em você quando me deu sua palavra. — Ele estava enfurecido.

Tentei fazer com que me soltasse.

— Está me machucando, Korvan. — Ao me ouvir dizer isso ele abrandou a força que pressionava meu braço. — Essa não era minha idéia, mas está claro que vai resultar impossível a convencer, já me julgou.

Soltei-me e ele tentou me pegar, mas eu o esquivei, estava cansada de que me tratasse dessa forma. Comecei a

correr. Queria fugir dele e de toda essa situação, estava enlouquecendo. Em seguida ele me alcançou. Lutei por alguns momentos, voltei a me soltar de suas mãos, mas tropecei em um tronco que estava atravessado no chão do bosque. Caí mal e bati a cabeça e o rosto. Senti uma grande dor na bochecha. Korvan ficou de joelhos; eu estava com os olhos fechados, mas o escutava.

— Ana! Está bem? — Seu tom de voz mudara, agora era muito mais doce. Embora pudesse abrir os olhos apesar da dor, dramatizei a situação durante alguns segundos; eu gostava de estar em seus braços e que me tratasse dessa forma, mais carinhosa. — Meu Deus! Está sangrando! — Agarrou-me nos braços e me levou a uma área plana, deitou-me sobre a erva.

— Estou bem, Korvan. — Abri os olhos. Ele havia rasgado parte da camisa que levava sob sua cota de malha, e limpou o sangue. — De verdade eu estou bem — voltei a repetir.

— Perdoe-me — ele me disse, — foi por minha culpa. Se não tivesse tentado fugir...

— Não fugia, precisa acreditar em mim!

Ele limpava a ferida com delicadeza. Mostrava uma faceta de humanidade até então oculta debaixo daquela fachada de homem frio e calculista.

— Não se nota muito. Vamos! Eu a levarei ao castelo, e assim poderá descansar até a hora da refeição — ele disse.

— Estou bem, de verdade. Não preciso descansar. Estar encerrada entre os muros dessa fortaleza me oprime.

— Muito bem, pois, se isso é o que quer...

Agarrou-me nos braços, colocou-me no lombo de seu cavalo e montou atrás de mim. Seus braços me rodearam a cintura para agarrar as rédeas. Meu coração pulsava com celeridade ao sentir seu contato. Aconcheguei-me em seu peito, eu precisava me sentir segura, protegida por um momento; somente apoiada sobre seu tórax eu sentia essa sensação. Estava dolorida, assustada, triste e confusa. Essa situação me escapava das mãos, não sabia o que fazer nem para onde ir, e ainda mais, depois da aparição daquela mulher.

Atravessamos o bosque e à minha frente encontrei uma praia selvagem, rodeada de escarpados e com um mar enfurecido, onde as ondas rompiam fortemente sobre as rochas e sobre a praia. Isso era o que eu precisava. Respirei profundamente; aquele aroma me lembrou de minha terra. Ele parou o cavalo, desceu com um salto e me agarrou pela cintura. Colocou-me em frente a ele, olhava-me com ternura; havia desaparecido a frieza com a qual ele me olhara até então.

— Como se sente? Dói a batida? — Ele me perguntou.

— Agora não, obrigada. Isto é o que eu precisava — eu lhe respondi.

Não consegui evitar que as lágrimas rolassem por meu rosto; ele as limpou com suavidade. Observava-o.

— Sinto muito. Lamento a dor que lhe estou causando — ele me disse pesaroso.

Baixei meu rosto.

— Não é somente por você, Korvan — eu lhe disse. — Na realidade não me recordo de quem sou, porque estou em terras inglesas, nem sequer sei o que fazia naquele lugar com aquele mercador italiano, ao qual não conheço e que se empenhava em dizer que eu era sua esposa.

— Onde está sua família? — Ele me perguntou com interesse.

Eu precisava tomar cuidado com minhas respostas, já que ele podia pensar que estava louca. Decidi relatar o que eu vivera em meus sonhos.

— Não tenho família, já não mais. A única coisa que me lembro é que meu pai... me vendeu àquele homem por umas moedas de ouro. Jamais cheguei a me casar com ele, embora o italiano o desse por feito. Depois de tudo o que passei, estou confusa, não sei de onde venho, nem quem sou.

Olhou-me estranhando. A cabeça me doía e levei a mão à têmpora. Ele deve ter visto pois envolveu minha mão com a sua e me levou até à beira do mar; lá me obrigou a sentar, ele também o fez.

— Possivelmente eu possa a ajudar — ele me disse. Molhou o tecido rasgado de sua camisa na água salgada. — Isto vai doer, mas precisa limpar esse sangue; além disso, a água salgada do mar cicatriza, fará bem. — Dizendo, sentou-se em frente a mim, aproximou seu rosto do meu. Ele estava muito perto, eu estava nervosa. Seu olhar se concentrava em limpar suave e ternamente minha ferida, mas eu não podia afastar o olhar de seus olhos, tão próximos aos meus. Houve

um momento em que ele se deu conta disto, olhou-me e eu disfarcei. Ruborizei e ele esboçou um sorriso.

— Você me fez prisioneira, Korvan! Se preocupa somente com a honra dos seus e tampouco se importa com a minha honra e minha vida.

— Essa é a imagem que faz de mim? — Ele me disse, enquanto me olhava com interesse.

— Sim, a de um homem frio, calculista, ao qual somente importa sua honra e pouco com o que pensem e digam o resto dos mortais.

Ele não disse nada. Seu rosto se tornou sério; lamentei lhe dizer aquelas palavras. Eu gostava dele, mas estava ferida, desorientada e zangada, com ele, e com o mundo inteiro.

— É hora de retornarmos ao castelo — ele disse.

Durante o retorno ficamos em silêncio, nenhum dos dois queria falar. Detivemo-nos, ele me ajudou a descer do cavalo. Virei-me com a intenção de me dirigir às escadas pelas quais subiria para meu quarto, mas ele me agarrou o braço e me forçou a olhá-lo.

— Não sou tão frio quanto pareço, Ana. Espero que algum dia você mude de opinião.

— É difícil, é a única coisa que me mostrou de você.

Dizendo isto me afastei dele.

XVIII

Havia anoitecido. Amana estava no bosque, sabia que essa noite de lua cheia era a escolhida por Hernes para matar outra vez. Ela gostava do aroma de morte. Desde muito menina fora separada de todos. Sua mãe foi uma das amantes do bispo de Saint Andrews, mão direita do rei. Ela ficou grávida, teve um varão e uma mulher; ele quis desfazer-se da menina, mas sua mãe não permitiu. O religioso, zangado e farto de sua mãe, acusou-a de bruxaria e ordenou que a queimassem na fogueira. Amana foi separada de seu irmão e foi levada para uma aldeia pertencente ao reino de Estanglia. O bispo rogou ao rei que se encarregasse dela. O soberano ordenou ao abade João de York que se responsabilizasse pela menina. Ela odiava aquele religioso, fora o causador de tornar sua infância um inferno. Algum dia se vingaria dele por todo o dano que ele havia causado e por haver destroçado sua infância e inocência.

Escutou ruídos, viu as tochas e a carruagem real; escondeu-se atrás de um matagal. Era o rei, sua carruagem parou em um plano. O monarca correu a cortina que lhe permitia observar o exterior. Olhou para todos os lados, esperava alguém, estava inquieto, desceu e começou a se mover, nervoso, de um lado para outro. Depois dele

descendeu o bispo de Saint Andrews. Amana se surpreendeu, não esperava ver seu pai. Na distância, vários cavaleiros se aproximavam de onde eles estavam.

— Eles já estão vindo, vossa majestade! — disse Tomas Becket.

Eram três homens: dois soldados e o terceiro estava enfeitado com jóias e roupas caras.

— E então? Espero que tenha uma boa razão para que tenha me feito parar no meio do bosque — disse o rei. — O trajeto à abadia de Swineshead é longo e ninguém pode me ver. O povo não deve saber que me dirijo para lá.

O homem enfeitado com luxuosas roupagens desceu do cavalo e fez uma reverência ao monarca. O cavaleiro possuía muitas coisas em comum com o bispo Tomas Becket; de fato ambos se dedicavam a comercializar todo o tipo de relíquias, mulheres, jóias e objetos escuros e perniciosos utilizados para fins pouco ortodoxos.

— Fale! — Exigiu o rei.

— Meu senhor, aqui está a outra bolsa de moedas de ouro que lhe prometi por minha esposa — disse o mercador italiano.

— Sua esposa? — Interrompeu o rei João enquanto se aproximava lentamente até onde estava o mercador italiano.

— Ela tem algo que eu quero, então eu o ajudarei, mas somente por isso.

— Pelas veias da jovem circula o sangue da maldição — disse Tomas Becket. O rei lhe contara todos os detalhes que o italiano Giulius havia revelado.

O soberano começou a se mover de um lado para outro.

— Muito bem, então, mataremos aquele conde, se ele se intrometer em nossos planos, e pegaremos a jovem e seu anel; mas antes precisa levar meu tesouro à abadia de Swineshead e escondê-lo lá. Farei correr a voz que esse saxão e seus homens se apropriaram dele para me destronar contra a Inglaterra: essa será a chave para iniciar um enfrentamento com esses bastardos. Os normandos nos apoiarão nesta guerra.

— Se me permitir, vossa majestade, somente um pedido — disse Giulius.

— Sim? — Perguntou-lhe João I levantando seu queixo com altivez.

— Desejo que me entreguem a jovem. Pertence a mim, ela é minha.

Um meio sorriso se desenhcou no rosto do rei. Ele não respondeu e se virou. Enquanto subia na carruagem, o mercador se aproximou do bispo, a quem sussurrou.

— A jovem é minha, esse era o trato.

— Será sua, — respondeu Becket.

Todos desapareceram da vista de Amana. Ela ficou pensativa, sabia que se referiam à moça que ela vira na aldeia, à mesma que Hernes procurava.

Ele já estava ali. Ela se virou. Pressentia-o, ele queria sangue.

XIX

Eu só pensava nela. Precisava reconhecer que aquela mulher conseguira transpassar a barreira de meu coração. Eu gostava dela e não podia me enganar mais; cada vez que estava perto dela, sentia a necessidade de abraçá-la e beijá-la, queria fazê-la minha.

— Korvan! — disse Aldan. — Qual sua opinião?

— Perdoem, não estava prestando atenção.

Kimball se levantou e colocou suas mãos apoiadas sobre a mesa.

— Faz um mês que era muito urgente que tomássemos uma resolução sobre o rei João e agora, que estamos debatendo o assunto, você está distraído com sabe-se lá o quê. Por acaso é aquela jovem, rapaz?

— Ha, ha, ha! — As gargalhadas de todos foram ouvidas ao unísono.

Levantei-me com a intenção de partir. Kimball me impediu disso, me convidando para que me sentasse.

— Korvan! — Disse Derian. — Pensamos que ele é o responsável pelos assassinatos daquelas mulheres. Kimball soube porque mataram outra mulher, igual a ano atrás. João tenta acusar a nós, os saxões, para que haja um enfrentamento com os normandos.

— Além disso — interrompeu Aldan, — numerosos caminhantes e peregrinos dizem que escutaram que o tesouro de João foi roubado por cavaleiros saxões.

— Temos que agir! — disse Dylan.

Dei um murro na mesa e me levantei.

— Já lhes disse isso! Aquele homem estava tramando algo. Temos que proteger nossas terras e fazer uma mensagem chegar a ele. Estamos armados e não tememos um enfrentamento; nossas espadas não tremerão e nossos escudos se levantarão até que consigamos destroná-lo — eu disse.

— Sim, estou com você. A primeira coisa é proteger nossas terras e depois, esperar e ficar alerta a todos os seus movimentos — disse Kimball, — mas agora temos um baile e as damas nos esperam.

Ana não se encontrava no salão. Eu estava inquieto; se não a visse, iria procurá-la.

— Querido Korvan, eu gostaria de falar com você sobre uma aliança entre nossos clãs — disse o duque de Lancaster.

— O que quer dizer? — Eu perguntei.

— Você sabe que minha filha está em idade casadoira. Você precisa de uma esposa, rapaz, e de herdeiros. Deveríamos combinar o matrimônio entre ambas as famílias.

— O matrimônio não entra em meus planos — eu lhe disse com segurança.

Nesse momento eu a vi aparecer, usava o lenço amarrado no pulso. Estava linda, o vestido branco da noite anterior ficava extraordinário.

— Se me desculpar — eu disse ao duque enquanto me afastava dele para estar com ela; ele me seguiu com o olhar.

Ela viu eu me aproximar e um bonito sorriso se desenhou em seu rosto. Estava decidido a mudar meu comportamento com Ana; eu gostava dela, não tinha mais remédio do que reconhecer.

— Não esqueceu de colocar o lenço — eu lhe disse enquanto envolvia sua mão com a minha.

— Não, depois da batalha que travou esta tarde..., devia usá-lo. A primeira dança é para mim? —Ela me perguntou.

— Sim, da primeira até a última. A dama escolhida precisa estar com seu cavalheiro durante toda a noite.

— Toda a noite? — Ela perguntou.

— Sim, toda. Tanto a desgosta minha companhia? — Eu lhe sussurrei ao ouvido.

— Preciso responder?

Diante de seu comentário não consegui evitar rir. Eu adorava seus arrebatamentos.

Começou o baile, envolvi sua cintura e a atraí intencionalmente para meu peito. Precisava sentir essa mulher; atraía-me e eu não estava disposto a renunciar a ela, nem a cumprir minha promessa de deixá-la em liberdade.

— Para ser um homem tão rude, não dança nada mal — ela me disse.

— Então, agora sou rude — eu lhe disse enquanto se desenhava um sorriso em meu rosto.

— Sim, e muito bruto...

— Não continue, por favor, já sei todas as qualidades que vêm em seguida. Hoje vou fazer que mude sua opinião sobre mim. Apesar de nosso acordo, quero que me veja como sou.

— Uff! Deixa isso muito difícil. Não sei se poderá trocar a aversão que sinto por você depois de me ter tornado sua prisioneira.

— Na realidade, eu a considero como uma convidada em meu castelo; é melhor que o veja assim. Não a prendi nas masmorras, nem a maltratei nem abusei de você.

— Tem senso de humor. Seria bom que tivesse feito! — Diante de meu comentário ele se surpreendeu e arqueou as sobrancelhas; não era muito habitual que uma mulher daquela época respondesse assim.

— Poderia ter feito, mas não sou desse tipo de homem. Amei e amo muito duas mulheres, às quais devo tudo: a minha mãe, que perdi faz muito tempo, e a minha irmã. Por isso meu respeito para o sexo feminino é incondicional.

— Ora, assim serei obrigada agradecer.

— Ha, ha, ha! — Ri de sua resposta. — Por favor, rogo-lhe isso, dê-me uma oportunidade para que você possa me conhecer como sou.

— Pensarei nisso... — Nesse momento a aproximei com força de meu peito. Senti que me faltava a respiração, essa mulher me atraía mais do que eu era consciente.

— Está bem... Lhe darei uma oportunidade, mas somente porque eu preciso aguentá-lo toda a noite.

— É a melhor decisão que pode tomar. — Pisquei-lhe um olho. Ela sorriu. Agradou-me seu comentário.

— Como se encontra depois da batida na cabeça?

— Muito melhor, sou uma mulher forte.

— Disso não me resta nenhuma dúvida. Por que diz que aquele mercador não era seu marido? — Perguntei-lhe; aquilo sim eu estranhava.

— Porque eu nunca me casei, Korvan.

— Não entendo nada. Você estava lá com aquele caipira; ele reclamava seus direitos como marido.

Observei que suas bochechas se ruborizavam; aquela reação que eu adorava.

— Uff! Nem eu entendo, nem eu! Não posso lhe dizer nada, Korvan. Vai pensar que estou louca ou, inclusive, algo pior.

— Experimente para ver. Sou um homem que viu e sofreu muitas coisas na vida; acredite que nada me surpreende. Venha! Vamos para fora, ao jardim, ninguém nos incomodará lá; quero ficar sozinho com você.

Envolvi sua delicada e fina mão com a minha; eu gostava de sentir sua pele e seus dedos enredar-se entre os meus. A noite estava estrelada. sentou-se em um banco de pedra; eu fiquei de pé, em frente a ela, com um pé apoiado sobre a pedra.

— Bem, me conte. E veja se me surpreende!

— Como já comentei, meu pai me vendeu para aquele homem, mas nunca chegamos a nos casar; não houve tempo

para isso, embora Julius me considerasse como sua esposa desde aquele momento.

— Onde está sua família? Quem é você na realidade? — Eu perguntei.

— Já não tenho família. Não resta nada. — Seu rosto se entristeceu.

Sentei a seu lado, peguei a mão dela e a acariciei.

— Sinto muito. — Olhou-me.

— Eu o vi, Korvan. Ocorreu algo na noite de 24 de junho. Eu...

— Você? — Ele estava impaciente para saber o que eu diria.

— Vi você, sonhei com você. Eu não pertenço a suas terras, Korvan. Algo aconteceu naquela noite... Uma jovem me deu um colar, um anel e... um manuscrito. Disse-me que eu tenho uma missão: precisava levar o anel para junto do santo Graal. — Mostrou-me o anel que usava em seu dedo indicador e o colar que adornava seu pescoço. — Depois eu o vi... O resto já sabe, estava naquele acampamento, fugindo daquele homem, quando você apareceu.

Eu não conseguia acreditar no que estava escutando. Pareciam coisas de bruxaria, embora eu não acreditasse nisso. Ela notou meu assombro e incredulidade.

— Eu sabia que aconteceria isto! Não acredita em mim ou, pior que isso, pensa que perdi a cabeça.

— Compreende que não é nada habitual o que está me dizendo, custa-me a acreditar em tudo isso; embora eu tenha

que reconhecer que também sonhei várias vezes com você. — Olhou-me surpresa mediante minha resposta.

— Sêrio? — Ela me perguntou.

— Sim, sempre estava em perigo, fugia de algo ou de alguém. — Ela ficou pálida, em silêncio. Observei o anel.

— Pelo que me diz, este anel deve ser a chave de tudo, e precisa levá-lo para junto do santo Graal. — Levei ambas as mãos até meu cabelo.

Observei-o; era o anel que o rei João procurava com tanto afinco, reconheci-o logo, por suas gravuras. Sempre ouvi falar dessa jóia e de suas características, e era ela quem o possuía. Estava assombrado e preocupado com tudo. Se o rei soubesse que ela estava com ele, sua vida correria perigo. Ninguém devia descobrir.

— Custa-me acreditar em tudo isto. Entende, não é verdade? — A jovem assentiu. — Mas tenho uma coisa muito clara: não pode mostrar este anel a ninguém. João I está procurando-o, há muito tempo e está disposto a matar a quem estiver com ele, com o fim de consegui-lo. Também não deve mostrar o colar; a cruz de David não é muito apreciada pelos bispos destas terras, pode lhe trazer algum outro problema.

— Também me custa acreditar, não entendo, nem sei o que faço aqui.

Peguei sua mão para observar o anel; ele tinha o símbolo do peixe gravado em pequeno relevo, mas ele se distinguia a um simples olhar. Olhei com interesse em seus olhos negros, eu gostava daquela jovem e queria e desejava

acreditar nela. Exporia aos cavaleiros da ordem do Leão; a lenda do santo Graal era algo pelo qual muitos estiveram lutando. Se era verdade sobre o anel, Ana estava em perigo; portanto, essa jóia devia retornar o quanto antes ao lugar que lhe correspondia, e quanto antes ele devia estar junto com a taça Santa.

— Não acredita em mim — eu disse com certa tristeza em seus olhos.

— Sim, acredito em você, mas compreende que me resulta difícil entender o que está dizendo. Por favor, não diga nunca a ninguém o que me contou, deve ser um segredo entre você e eu; podem pensar que é coisa de bruxaria e isso seria sua sentença de morte. Dê-me um tempo para assimilar tudo isto. Ajudarei você a levar esse anel ao lugar onde ele precisa estar e, até então, eu a protegerei em meu castelo. O rei João deve estar procurando-o e lhe asseguro que ele saberá seu paradeiro.

— Obrigada, Korvan. — Deu-me de presente um bonito sorriso, que eu desejava beijar.

— Confia em mim? Dou minha palavra que a protegerei com minha vida se for necessário.

— Sim, não deveria, mas... sim, confio em você. É a única pessoa que tenho aqui para me ajudar, Korvan, embora eu seja sua prisioneira... — Ela baixou seu rosto.

Aquelas palavras chegaram até o mais profundo de minha alma. Amanhã partiremos para meu castelo e lá eu pensaria no que fazer. Devia expor este assunto e devia

pensar como fazê-lo. Precisava de meus amigos para que me ajudassem nisto.

— Já não é, Ana. Jamais devia tê-la sequestrado, nem fazer de você minha prisioneira; minha honra e orgulho me levaram a fazer algo que vai contra meus princípios, embora eu não me arrependa. — Pisquei-lhe um olho. — Eu a ajudarei.

Impulsivamente ela se levantou e ficou em frente a mim.

— Obrigada, Korvan! Agora sim acredito que, debaixo dessa aparência fria e distante, esconde um grande coração. — Pousou sua mão sobre meu braço; aquele gesto me surpreendeu, e eu gostei.

Peguei suas mãos entre as minhas e as beijei enquanto a olhava com interesse nos olhos; vi como suas bochechas enrubreciam. A jovem retirou uma de suas mãos e me acariciou a bochecha; jamais alguém fizera isso antes. Naquele momento desejei mais que nunca beijar a mulher que estava em minha frente; parecia que o coração sairia pela boca, sentia que precisava dela.

Fez a menção de partir, mas eu não podia deixá-la escapar. Agarrei-a pela mão e a puxei; ela se apoiou sobre meu peito. Já era minha, não podia afastar-se de mim, estava entre meus braços e não permitiria que se escapulisse sem provar seus lábios e aquele sorriso que me cativara. Um de meus braços envolvia sua cintura enquanto minha mão acariciava sua bochecha; ela me olhava com intensidade dentro de minhas pupilas. Não precisava de palavras, sabia que alguma coisa muito forte estava me acontecendo e que

não podia fazer nada para evitar. Essa mulher enigmática, diferente de todas as damas saxãs, atraía-me como um ímã; sentia-a minha, como se fosse a mulher que tanto tempo eu estivera procurando, a jovem de meus sonhos, aquela que eu queria alcançar e sempre se desvanecia. Segurei suavemente seu queixo, baixei meu rosto; precisava sentir seus lábios, sua suavidade. Retive-os entre meus braços, sentindo cada roçar sedoso de sua pele. Sua proximidade me fazia vibrar por dentro, sentir-me livre, vivo. Sensações e sentimentos que haviam permanecido mortos, durante muito tempo, estavam começando a despertar. Desci minha mão, acariciando suas costas, e a atraí para meu tórax. Nossos lábios brincavam; desejava-a, necessitava-a. Ela se afastou, observou-me com semblante sério.

— Não volte a fazer isso, Korvan.

— Por quê? Você deseja igual a mim.

— Não, por favor, não tente outra vez.

— Não posso lhe prometer isso. — Pisquei-lhe um olho, mas ela permanecia séria. Levou sua mão a minha bochecha e voltou a me acariciar. Depois se afastou de mim e começou a correr em direção ao interior do castelo.

Segui-a, não permitiria que partisse e muito menos que fugisse do que eu estava certo que ela também desejava; assim me demonstraram seus beijos. Quase a alcancei, mas Dylan tropeçou comigo.

— Korvan!

— Maldito seja! — Eu gritei. — Sempre tão inoportuno, amigo.

— Posso saber o que está acontecendo? — Ele me perguntou. — Eu já não posso mais deter a filha da duquesa. Simplesmente não a suporto, amigo, então eu me retiro; amanhã partiremos cedo e preciso descansar.

Fiquei sozinho, dei um murro no tronco de uma das árvores que havia perto de mim e apoiei minha testa sobre ele. Não entendia meus sentimentos, nem o que eu acabava de descobrir pela boca daquela mulher, mas eu era consciente de que aquela jovem estava em perigo e o destino a colocara em meu caminho, embora fosse por querer me vingar daquele comerciante italiano. O que estava claro era que eu a protegeria e defenderia com minha vida e não descansaria até afastá-la da grande ameaça que a perseguia.

Coloquei-me no interior do recinto com a idéia de falar com os cavaleiros da ordem, para que em algumas semanas se reunissem em meu castelo. Sabia que precisava da ajuda deles e sem eles eu não conseguiria.

XX

Na distância se divisavam a torre, a bandeira e a muralha do castelo de Korvan. As nuvens ameaçavam tempestade. Korvan não falara comigo em toda a viagem; de vez em quando percebia que ele me olhava. Cada vez que me recordava de seus beijos, me arrepiava toda. Jamais eu sentira nada parecido como o que experimentara com esse homem; tive medo de meus sentimentos, de continuar. Não conhecia claramente suas intenções, ele sempre se mostrou frio, indiferente... Eu sabia que, desde o primeiro momento, percebera uma grande atração por ele; e mais, embora me negasse a acreditar, depois daquele beijo eu começava a vê-lo de forma diferente. Temia e sabia que terminaria me apaixonando por ele. “Se já não estiver”, eu pensei; isso era a pior coisa que poderia acontecer. Ele certamente me considerava como mais outra de sua longa lista de conquistas, e eu não queria ser isso, desejava ser especial para ele e se não fosse, preferia não continuar sentindo, nem vivendo aquela coisa tão maravilhosa. Não queria que ele me fizesse mal, precisava me proteger. Além disso, nem sequer estava claro se era um sonho ou se estava acontecendo. Ele era diferente, e eu sabia que era ele quem eu havia visto com

clareza entre as chamas daquela noite de junho. Sabia que isso eu não havia sonhado.

Passamos a ponte levadiça e em frente a nós o portão subiu lentamente. Acessamos a área que dava passagem à fortaleza, e nos encontramos no pátio de armas. Em frente a mim estava a torre da comemoração que, desde o primeiro dia, me chamara a atenção; ao lado dela, as cozinhas, de onde saía um aroma delicioso de pão recém feito. Os soldados estavam distribuídos pelas torres e pelo pátio da fortaleza.

O padre Peter saía nesse momento da capela e ali se encontrava; seu olhar era severo. Cruzou os braços sobre sua proeminente barriga. Dois escudeiros se adiantaram para dar as boas-vindas para Korvan. Arian em seguida nos viu e deu um grande abraço em Dylan e em Korvan. Este último se virou para me olhar, em seguida se aproximou de mim e me ajudou a descer do cavalo. Olhamo-nos com intensidade sob o olhar atento do padre Peter.

Ingrid apareceu no pátio de armas, saía das cozinhas.

— Ingrid! Acompanhe a senhorita a seu quarto. — Depois olhou. — Às oito será servido o jantar, no salão principal. Seja pontual — ele me ordenou.

Um dos servos, que respondia pelo nome de Krim, pegou meu cavalo e o levou às quadras. Era a primeira vez que via aquele homem; eu não gostei de seu olhar, era escuro, altivo. Segui Ingrid sem pigarrear. Quis recriminar Korvan pela mudança em seu comportamento, não era o homem doce e carinhoso da noite anterior. Não o fiz, estava muito cansada da viagem e a única coisa que desejava era me assear um

pouco e descansar antes do jantar. Enquanto me afastava sentia seu olhar fixo em mim.

Fiquei profundamente adormecida.

— Senhorita! — Foi a voz de Ingrid que me despertou. — É a hora do jantar, o senhor a espera no salão principal.

— Obrigada, Ingrid, já desço.

Endireitei-me, arrumei o cabelo, estiquei o vestido, e saí à galeria. Estava muito escura, fria: senti um calafrio. Fui direto às escadas, percebi como se alguém estivesse atrás de mim, me observando. Virei-me, não havia ninguém, mas o corredor estava muito escuro: senti medo. Notava uma presença; possivelmente era minha imaginação, mas senti como se roçassem meu cabelo. Desci tão rápido as escadas que não caí por milagre. Entrei correndo no salão; Korvan estava sentado à mesa. Ao ver-me tão acalorada entrando daquela forma, ele sorriu.

— Já intuía que estava desejando ver-me. Sempre tão pontual. — Ele zombava.

Preferi não dizer nada, havia chegado tarde, como sempre. Ele se levantou e afastou a cadeira que estava a seu lado para que eu me sentasse. Trouxeram-nos as travessas. Ele me observava e eu, tímida, baixava o rosto. Sempre que ele estava perto de mim, pensava em seus beijos e desejava que ele voltasse a fazer; estava me apaixonando por aquele

homem. “Que fatalidade!”, pensei; era o que eu menos queria que acontecesse.

— Os outros não vão jantar? —Eu perguntei.

— Não, quero jantar somente com você. Hoje, somente nós dois — Ele disse enquanto me olhava com seus bonitos olhos cinzas.

— Esta noite não sou uma boa companhia, não tenho muita vontade de falar.

— Que estranho! Isso me preocupa; então, deve estar doente. — Ele zombava. Sorriu.

— Korvan, por que não se casou ainda? A maioria dos nobres têm uma esposa e herdeiros.

Olhou-me, levantou uma sobrancelha com minha pergunta.

— Ha, ha, ha! E isso que hoje não queria falar! Sou um homem diferente, já lhe disse isso. Nunca entrou em meus planos o matrimônio, nem me apaixonar.

Sua resposta foi como um jarro de água fria.

— Por que foge do amor, Korvan?

— E o que a faz pensar que fujo do amor?

— Bem, suas respostas me confirmam isso.

Korvan deixou de comer e me olhou com interesse.

— Não encontrei a mulher com a qual quero passar o resto de minha vida.

— Talvez não tenha procurado muito. Se pensar que a jovem em questão virá até você, ficará velho.

— Ha, ha, ha! — Ele ficou pensativo. — Tenho muitas coisas pendentes para resolver em minha vida; até que não

esteja em paz comigo mesmo, não poderei amar ninguém livremente

— Quais são essas coisas? — Eu lhe perguntei. Intuíam que era por causa da morte de seus pais.

— Melhor deixarmos esse assunto, não quero, nem vou falar disso. — Ele ficou sério e se concentrou na carne que havia em seu prato.

— Korvan, sei que seus pais foram assassinados quando era pequeno. — Ao me escutar ele deu um murro na mesa e se levantou; apoiou suas mãos sobre ela e me olhou com intensidade.

— Disse que não quero falar disso, Ana!

— Mas é necessário! É algo que está dentro de você que te fere, sem permitir que você seja feliz.

— Repito que não quero falar. Aconteceu faz muito tempo.

— Sim, e não conseguiu virar a página. Quero ajudar você, Korvan; precisa disto, está cheio de ódio.

Afastou-se a um extremo da sala e me deu as costas.

— Não necessito a ajuda de ninguém.

Levantei-me e me aproximei dele; acariciei seu braço, e ele se afastou. Segui-o e fiquei atrás dele.

— Korvan, me deixe ajudá-lo! Por favor, quero e desejo, eu disse. Ansiava tirar aquela dor que estava dentro de sua alma, sabia que ele necessitava.

Ele se virou para me olhar.

— Por que quer fazer isso, Ana? — Ele me perguntou.

— Sei que precisa desabafar e contar tudo o que está acumulado durante tanto tempo em seu coração. Deixe-me fazê-lo.

— Não é obrigada a isso.

— Sim, sou. Você vai me ajudar, estou em dívida com você. Além disso..., ontem...

— O ontem não devia ter acontecido.

— Mas aconteceu, Korvan. E desde ontem não faço mais nada do que pensar naquilo.

— Esqueça!

O que eu estava escutando de sua boca me feria e magoava. Baixei o rosto, queria somente desaparecer dali.

— Boa noite, Korvan. — Dirigi-me à porta, queria somente chorar e me afastar.

— Espere. — Sua mão capturou a minha e me puxou, o que me forçou a continuar ali. — Desculpe, quando me falam desse momento de minha vida, encho-me de ódio, não sou eu. — Soltou-me a mão e me deu as costas. — Eu tinha onze anos e Audrey, minha irmã, seis. Fomos uma família feliz. Recordo-me de meus pais, sempre apaixonados, amavam-nos e minha infância, até essa idade, foi ótima. Meu pai era um homem muito justo: descobriu que muitos meninos e meninas, filhos de camponeses que trabalhavam em nossas terras, foram abusados. Os camponeses pediram justiça e meu pai em seguida soube que o culpado era o filho dos condes de York. — Fez uma pausa, a voz quebrava. Agarrei sua mão e o guiei para que nos sentássemos, um em frente ao outro. — Meu pai fez justiça e capturou o desventurado

que fizera aquelas selvagerias, mas o conde de York jurou vingança, ele entrou no castelo e violou minha mãe... Eu em seguida me dei conta do perigo: escondi minha irmã, mas me descobriram e me levaram à sala onde fizeram aquela atrocidade com minha mãe. Depois me marcaram com uma cruz, em meu peito e, para finalizar, mataram minha mãe. Tudo isso sob a minha presença e de meu pai; em seguida assassinaram meu pai torturando-o até o extremo. Eu fui testemunha de toda aquela atrocidade! — Ele ocultou o rosto com suas mãos. Acariciei sua bochecha.

— Sinto muito, Korvan. Você foi um menino que desde muito pequeno, encheu-se de ódio.

— Sim, e jurei que não descansaria até que me vingasse disso. — Ele levantou seu rosto para me olhar.

— A vingança e o ódio não o farão recuperar seus pais, Korvan.

— E o que propõe? Que eu esqueça? Jamais!

— Não, sei que nunca poderá esquecer a barbárie que viveu, mas precisa tirar essa angústia de seu interior e abandonar a idéia de vingança; senão, ao final, a amargura se apoderará de sua vida e nunca poderá ser feliz.

Olhava-me intensamente com seus bonitos olhos cinzas. Envolveu minhas mãos com as suas, as levou a seus lábios e as beijou.

— Desejo esquecer, mas não consigo. — Ele ficou em silêncio, pensativo. — Tenho saudade de sentir essa liberdade e essa paz que me roubaram aos onze anos. Invejo as aves que voam pelos escarpados, livres.

— Conseguirá se sentir livre e em paz, eu lhe prometo isso. Eu o ajudarei, Korvan.

Não consegui evitar de beijá-lo na bochecha. Esse homem, que parecia tão forte e frio, aberto uma parte de seu coração. Sabia que eu estava apaixonada por ele, queria ajudá-lo, ser seu remédio, embora ele se empenhasse em me afastar de sua vida. Surpreendeu-se ao ver minha reação.

— Ajudarei igualmente a você que vai me ajudar. — Sorri para ele. — Boa noite, meu cavaleiro.

Levantei-me, ele me seguiu e, quando fui abrir a porta, ele colocou sua mão sobre a maçaneta, para impedir que eu saísse. Meu coração pulsava com celeridade. Virei-me e ali estava ele, muito próximo de mim.

— É uma boa mulher, Ana. Tenho que reconhecer que é muito diferente de outras damas...

— Por que diz isso? — Eu perguntei.

Olhou-me, sorrindo.

— Não é muito habitual que uma jovem tão bonita como você deseje ter um falcão. — Ele me piscou um olho. — Entre mais outras coisas.

— Foi somente um desejo que tive desde pequena. Sonhava possuí-lo e que ele pousasse em meu braço. — Ri ouvindo a mim mesmo, mas era verdade, admirava essas aves e desejava ter um, somente para mim.

— Ha, ha, ha!

— Posso saber do que ri? — Fingi estar chateada.

— Surpreende-me, mulher. Ninguém lhe disse que é especial?

— Só você. — Dei-lhe de presente um sorriso.

— É especial, muito especial, Ana, e eu gosto disto em você. — Olhava-me sem afastar suas pupilas das minhas. Ruborizei-me. — Não quero que vá para seu quarto, ainda não. Eu gostaria de ficar mais tempo com você. Acompanhe-me, terminemos o jantar.

Uma vez que o jantar finalizou, ele me pegou pela mão e me levou com rapidez à ala norte do castelo. Subimos as escadas em caracol que conduziam à torre, estreitas e com pouca iluminação, à exceção das tochas que estavam nas paredes. Saímos ao exterior. Eu estava com frio, mas estava disposta a suportá-lo somente para estar junto dele.

— Este é meu lugar favorito, aqui venho todas as noites, quando os pesadelos não me deixam dormir. — Sentou-se no chão de pedra. Imitai-o.

— Eu gosto deste canto, respira-se paz — Eu disse.

O céu estava limpo e deixava ver as estrelas.

— Eu adoro observar as estrelas daqui, tenho a sensação de que posso tocá-las — Ele me disse observando o céu.

— Quando eu era pequena também queria pegar todas as estrelas, guardá-las e dá-las de presente às pessoas que eu mais amasse.

Ele sorriu ao ouvir meu comentário.

— Obrigado, Ana, fui muito descortês com você.

— Obrigada? — Eu perguntei.

— Sim, por ser compreensiva e me oferecer sua ajuda. Não me comportei bem com você. Sinto muito, de verdade.

Quem sabe algum dia você possa perdoar meu comportamento. — Ele me observava.

— Korvan, é rude e bruto por natureza, e sua forma de agir não foi boa. Fez-me sofrer, mas decidi esquecer de tudo e lhe dar uma nova oportunidade. — Sorri. — Você também parece um bom homem. Sim, merece uma oportunidade. Tem sorte de que eu cruzasse em sua vida. — Olhou-me surpreso diante de meu descaramento e de meu comentário. — É brincadeira! Ha, ha, ha!

— Não só é convencida, mas também é uma brincalhona. Ha, ha, ha! Eu gosto disto.

— Meu cavaleiro, vou me retirar, estou muito cansada.

Coloquei-me de pé e ele, com grande agilidade, levantou-se. Virei-me para descer as escadas, mas ele agarrou minha mão e puxou-a até que encostei em seu peito. Com ambas as mãos ele agarrou, delicadamente, meu rosto, olhou-me com interesse e me beijou. Eu não fiz, nem quis, fazer nada para detê-lo; tremia ante o suave roçar de sua boca com a minha. Meu coração palpitava enquanto nossos lábios negavam-se a se separar. Olhou-me e eu baixei meu rosto acalorado, e coloquei minha mão sobre seu tórax.

— Disse que você não voltasse a fazer isso.

— Sei, mas em meu castelo sou eu quem dá as ordens. Aqui, senhorita, não obedeço ninguém.

— Por favor, não continue — eu lhe supliquei.

Ao ouvir isto ele me sorriu, agarrou minha mão e fomos descendo as escadas. Deixou-me na porta de meu quarto e, antes de que eu entrasse, envolveu-me com seus braços e me

atraiu para seu peito, enquanto seus lábios voltavam a tocar com os meus. Desejava-o e sabia que estava apaixonada por ele.

— Korvan... — eu lhe implorei.

— Sinto muito, mas neste lugar sou o amo e senhor. Não consigo parar, quero você — ele me disse me olhando com doçura.

— Pois deveria...

Antes que eu pudesse terminar a frase, colocou o dedo indicador sobre meus lábios para evitar que eu dissesse algo mais.

— Até manhã — ele sussurrou. Disse isso e eu o vi se afastar.

“Uff! — pensei, — e agora... quem poderá dormir?”, disse em voz alta.

Meu coração parecia que sairia. Eu estava emocionada e iludida e minha mente só pensava em seus beijos. Temia que esse homem pudesse machucar minha alma; não queria ser para ele um entretenimento e que, quando se cansasse de mim, me abandonasse. Preferi não pensar nisso e me concentrar somente no que havia acontecido nessa noite.

O ruído dos escudeiros, que treinavam no pátio de armas, me despertou. Não dormira nada; depois dos acontecimentos da noite anterior, custou-me conciliar o sono.

Apareci na janela; ali vi o Korvan, com sua cota de malha e suas luvas, treinando com os homens, estava muito atraente. Ele parou e olhou na direção do meu quarto. Disse algo para Krim e ele veio ao interior do castelo. Vesti-me rapidamente, fiz uma trança e, enquanto estava me calçando, bateram à porta.

— Senhorita!, o senhor quer que depois de tomar o café da manhã se reúna com ele no pátio.

— Obrigada, Ingrid, descerei agora.

Depois de tomar o café da manhã saí ao pátio de armas. Nesse momento não vi Korvan. Encontrei-me com o padre Peter, que saía da capela que havia dentro da zona murada.

— Ora, ora!, era com você, senhorita, que eu queria falar — disse o padre.

— Bom dia, padre. — Sorri. Aquele homem gordinho e com cara de bondade me resultava íntimo.

— É verdade que você está casada?

— Não, padre, não estou.

Nesse instante apareceu Korvan, atrás de nós, com um bonito sorriso desenhado em seu rosto.

— Não lhe dê sermão, padre.

— E contigo também queria falar, jovem. Você sabe muito bem que uma jovem não pode estar no castelo convivendo com você, sem sua irmã. Não vejo nada de bom em que queira manchar a honra da moça. Esta situação precisa acabar!

— Padre Peter, isso já não vai ser um problema! Sua honra vai ficar intacta. Ela é minha protegida, protejo-a

daquele que diz ser seu marido. — Olhou-me e me piscou um olho sorrindo.

— Como? Sua protegida? Mas não era sua prisioneira?

— Não, padre — eu lhe disse enquanto dava uma palmada carinhosa em sua proeminente barriga. — Já não é.

— Muito bem — grunhiu o sacerdote, — pois se não é, espero que aja como um homem de honra e fiel a seu sobrenome. Já sabe ao que me refiro; conheço você e estive observando-o com ela, não quero mais escândalos... — Se foi grunhindo.

Observei Korvan, que o olhava divertido.

— Um homem de honra? O que ele quer dizer? — eu perguntei estranhando.

— Ah! Esqueça, este homem é um resmungão, não sabe o que diz. — Ele sabia a que ele queria dizer.

Olhou-me. Estava muito bonito: seu cabelo fosco se movia com a brisa da manhã e seus olhos cinzas se cravavam em minhas pupilas.

— Venha! Quero lhe mostrar algo.

Agarrou-me pela mão e atravessamos todo o pátio de armas até chegar aos abrigos.

— Vire-se e não se assuste.

Tampou-me os olhos com uma faixa.

— Posso saber o que está fazendo? — disse-lhe estranhando. Escutei um ruído atrás de mim.

— Confie em mim e não tire a faixa.

Notei como me segurava pela cintura e me colocava sobre um cavalo; ele montou atrás de mim. O cavalo começou a cavalgar.

— Korvan, eu não gosto disto! Pode tirar esta faixa? Estou ficando muito nervosa.

— Impaciente... Espere.

Estivemos cavalgando por alguns minutos. Senti a brisa do mar e o piar das gaivotas. Ele parou o animal. Notei como descia de um salto e depois me agarrava pela cintura e me posicionava no chão. Tirou a faixa, diante de mim aparecia uma paisagem incrível. Estávamos na beira de alguns escarpados; o mar do norte no horizonte e as fortes ondas chocando-se contra as rochas.

— Isto é lindo, Korvan!

Ele sorria. Levantou seu braço e nesse momento esboçou um som. Diante de mim apareceu um lindo falcão de enormes dimensões que veio pousar em seu antebraço. Olhou-me.

— Levante seu braço, não tenha medo; ele não vai lhe fazer mal. — Obedeci e o falcão se apoiou sobre meu antebraço. — Ele se chama Kuk, treinei-o desde pequeno. No abrigo temos muitos falcões, mas Kuk é meu, obedece-me em tudo e agora ele sabe que também deve protegê-la

— Korvan! Não sei o que dizer, é lindo. — Olhei-o. — Obrigada! Tornou realidade o sonho que eu tinha desde muito pequena.

O falcão me olhava com seus olhos cor mel, parecia que entendia meus sentimentos e toda essa situação.

— Levante seu braço e ele começará a voar. No céu, ele sempre estará nos observando; seus olhos não se afastarão de nosso caminho e ele voará nos seguindo, no retorno ao castelo.

Korvan amarrou as rédeas de seu cavalo ao tronco de uma árvore, olhou-me. Sentia-me feliz, aquilo que ele fizera por mim significava muito.

Não podia evitar, estava me apaixonando por esse homem e precisava de seus abraços, de suas carícias e de seus beijos. Coloquei-me em frente a ele, que me olhava sorridente. Levei minha mão a sua bochecha, curtida pelo sol, e o acariciei; ele se surpreendeu, suas pupilas brilhavam. Pousou sua mão sobre a minha e com seu outro braço envolveu minha cintura e me atraiu para ele. Seus lábios pousaram sobre meus e seus braços agora me envolviam com força, como se não quisesse me deixar escapar dele. A suavidade de sua boca, suas carícias me faziam sentir que era amada, que era especial para ele. Beijava-me o pescoço e depois voltava a entrelaçar seus lábios com meus.

Olhou-me e um sorriso se desenhou em seu rosto, igual ao meu. Abraçou-me e voltou a roçar seus lábios com meus.

— Já lhe disse que eu gosto muito de você?

— Agora sim, meu cavaleiro.

— Você vai me enlouquecer, mulher.

— Eu gosto disto — eu lhe disse enquanto ficava nas pontas dos pés para beijar seus lábios suaves.

Nesse momento, por um impulso, ele me agarrou nos braços e começou a girar sobre si mesmo. Depois voltou a me beijar.

— Vou fazer de você minha esposa, Ana.

— Você esposo? — Eu gritei. O matrimônio nunca entrara em meus planos, era algo do qual eu sempre havia fugido. Claro que com esse homem tudo era diferente, com ele sim, eu seria capaz de ir ao fim do mundo.

— Sim, minha esposa. Preciso de você, não posso passar uma noite mais sem você.

Ruborizei-me.

— Mas... não é um pouco precipitado?

— Precipitado? Ha, ha, ha! Está claro que você é diferente, por isso eu gosto tanto. É a única mulher que conhece meu passado, a única que estive vários dias em meu castelo. E eu sei algo de você que ninguém sabe, nem saberá. Disso eu me encarrego, embora prefiro não pensar nisso porque é uma história que não compreendo e me assusta, sobretudo a idéia de que sua vida possa estar em perigo. Sendo minha mulher ninguém ousará machucá-la.

— Acredito que se esqueceu de um pequeno detalhe: aquele mercador italiano virá para me buscar. Ele pensa que eu pertenço a ele.

— Pois, se se atrever a vir, eu o matarei. — Tocou a ponta de meu nariz com seu dedo indicador; depois me abraçou, e voltou a me beijar, desta vez, com paixão e desejo.

— Amanhã será a condessa de Estanglia. Hoje mesmo eu direi ao padre Peter.

XXI

Um homem vestido de negro se escondia atrás de um grande carvalho que havia no bosque, nas cercanias do castelo do conde de Estanglia. Aquela jovem precisava morrer; ele sabia que ela era a portadora do anel, e a mulher não devia continuar existindo. A ordem secreta do dragão vermelho, no entanto lhe disseram que ele não poderia matá-la; eram eles que se encarregariam de acabar com a vida dela. Isso o chateava, já que sentia um grande ódio por ela e ansiava seu sangue. A antepassada dela fora a causadora de sua desgraça.

Os soldados do rei João I já estavam há um dia, nas imediações do castelo do conde de Estanglia para capturar a jovem e apropriar-se da joia, mas, o homem de negro, sabia que ele devia se apoderar dela, antes, ou, ao menos, não deveria permitir que a dama chegasse à abadia de Swineshead, onde o rei João se encontrava escondido. Aquele ser escuro se aproveitaria dessa circunstância, esperaria que sequestrassem a moça e depois atuaria. Ela seria sua próxima vítima, ele a levaria até à ordem, mas depois liberaria sua vingança; iria assassiná-la, e assim fecharia o círculo.

O capitão do exército do rei arquitetara um plano: sequestrar a mulher sem que ninguém pudesse suspeitar deles. Deviam esperar que o silêncio da noite se fizesse presente; possuíam o plano perfeito e contavam com a pessoa adequada, disposta a trair o conde. Fora muito fácil convencê-la, nem sequer fora necessário torturá-la ou ameaçá-la para que levasse a cabo seu delito: algumas moedas de ouro bastaram. No rosto do capitão Berriel se desenhara um sorriso. Seus olhos frios e sua mente sanguinária delatavam a necessidade de levar a cabo sua vingança; sempre odiara os nobres saxões.

Enquanto isso..., o bispo de Saint Andrews já se encontrava no mosteiro da ilha de Lindisfarne. Sabia que o encontro com a ordem seria duro, inclusive temia por sua vida, já que era consciente de que poderiam ter informado o rei João de seu jogo duplo. Pela primeira vez em sua vida sentiu medo; somente de pensar na reunião secreta que se realizaria no mosteiro provocava que um suor frio percorresse todo seu corpo. Aquele ser diabólico prometera levar a jovem ante eles. Com o sangue dela e com o anel de posse da ordem do Dragão, faria com que a maldição fosse quabrada, e a força e o poder voltariam para eles depois do ritual prometido.

XXII

Aquele homem me fizera perder o juízo. Minha vida era um desastre e o conde se somava aos problemas que eu já possuía. Nesse dia eu me casaria com Korvan; dito e feito, eu já o vira falar com o padre Peter. Ingrid havia batido muito cedo em minha porta e me dissera que o senhor a informara que nessa mesma tarde o sacerdote nos casaria, na capela. Eu usaria o vestido branco de sua irmã, com que ele já me vira em outras ocasiões. Eu estava nervosa. Nas cavaleriças e no pátio de armas havia muito movimento. Tomei o café da manhã em meu quarto e decidi dar uma volta pelo castelo. Iria à pequena área de pomar e jardim, precisava pensar em tudo o que estava me acontecendo. Além disso, será que esse homem me amava? Prefери não expor a mais perguntas desse tipo.

Korvan não estava em nenhuma parte. O jardim era um lugar muito agradável; ali, junto a ele, havia um horta, cheirava às árvores frutíferas que cresciam no lugar. Sentei-me e respirei profundamente.

— Bom dia, juvenzinha. — Era o padre Peter.

— Bom dia, padre.

Ele ficou à minha frente com um sorriso nos lábios.

— Recriminei muito ao Korvan quando a sequestrou, mas o Senhor sempre marca o caminho de seus filhos; às vezes não da forma mais correta, mas, os guia para que consigam emendar sua vida. — Nesse momento olhou para o céu com suas mãos estendidas. — Obrigado, Meu Deus, escutou uma vez mais minhas súplicas, obrigado!

Esse sacerdote era um bom homem, começava a sentir carinho por ele. Eu o escutava, ele não parava de falar; parecia-se comigo. Sorri.

— Ele sofreu muito e por isso não levo em conta determinadas atitudes, mas eu não podia tolerar que continuasse atuando dessa forma. — Olhou-me. — Você o ama, moça? — Ele parou de mover a terra da horta, incorporou-se.

— Sim, padre, eu o amo — eu lhe respondi. Ele voltou a reatar sua tarefa.

— Então, já fico tranquilo. Temi que, depois de tudo o que ele fez, você o desprezasse. — Ele se endireitou e se sentou junto a mim no banco de pedra. — Ele precisa amá-la muito para ter tomado esta decisão; de fato, jamais pensei que ele fosse se casar algum dia. Fechou-se terminantemente ao amor e ao matrimônio, e você conseguiu que a couraça que ele colocou desabasse. Muito bem, moça, é o que eu sempre pedi ao Senhor. Este jovem estava cheio de ódio.

— Bom, padre, eu não tenho certeza de que ele me ama, ele não me disse isso.

— Ha, ha, ha! Não peça para que Korvan expresse seus sentimentos, ele jamais diz o que sente, moça; mas sim,

demonstra-o com feitos. O coração desse homem é muito grande e sempre fará o melhor e tudo o que esteja em suas mãos pelo bem e felicidade das pessoas que ama.

“Mas eu preciso que me digam isso”, eu pensei. Nesse momento Korvan apareceu.

— Já imaginava, eu sabia que estava com ela. Não a terá convencido para que não se case comigo? — disse Korvan para padre Peter sem deixar de me olhar.

— Filho! — Disse o sacerdote lhe colocando a mão sobre o ombro. — Esta mulher não precisa ser convencida; se ela tiver claro uma coisa, ela fará. No fundo vocês são muito parecidos. Não me façam esperar, que em umas horas preciso casá-los. Ha, ha, ha!

Korvan se aproximou, agarrou-me de ambas as mãos, coloquei-me de pé; ele me puxou e me fez chegar sobre seu peito; pegou meu o rosto entre suas mãos, e me beijou. Seus lábios se entrelaçavam com os meus; sentia sua suavidade e a ternura de seus beijos sobre minha boca, algo que provocava um calafrio de prazer por todo meu corpo. Ele se afastou e cravou suas pupilas sobre as minhas.

— Quero me casar com você, preciso fazê-la minha. — Ruborizei-me; aqueles pensamentos tão diretos me envergonhavam. Logo que conheci esse homem, sua rudeza e franqueza me turvavam.

— Por favor, Korvan, não me diga essas coisas.

Levantou-me o queixo.

— Já lhe disse que eu adoro quando fica ruborizada?

Dizendo isto me beijou na bochecha e depois foi me acariciando com seus lábios até chegar ao pescoço. Diante daquela situação eu me sentia em desvantagem: ele possuía todo o poder sobre mim. Eu estava em suas mãos, sabia que já estava perdida: eu me apaixonara completamente por este homem.

— Não acredita que é um casamento pouco habitual?

— Por quê? — Ele me perguntou enquanto me beijava o pescoço.

— Porque um casamento precisa ter convidados. — ele parou e me olhou com um sorriso no rosto.

— Não, no meu não. Eu não gosto que tenha muita gente em geral, então menos ainda em meu casamento. Minha irmã sim, eu gostaria que estivesse, mas esperar que ela retornasse ao castelo seria adiar muito o momento. Brevemente partiremos para procurá-la nas Highlanders, no castelo de minha tia, quero que a conheça. Mas antes esperarei que venham os cavaleiros da ordem do Leão; já os conhece, precisamos conversar sobre seu assunto, estou preocupado.

— Hoje não quero que o mencione, Korvan. É o primeiro dia em que ao me levantar não pensei nele.

— Pois se esse é seu desejo... — Ele sorriu, agarrou-me nos braços e eu rodeei seu pescoço. — Então, não falaremos disso.

— Korvan! Posso saber o que está fazendo? Quer me baixar! Enlouqueceu!

— Não quero que você escape agora. Ingrid e Avi estão esperando-a em seu quarto para vesti-la para a cerimônia e me vou encarregar pessoalmente de deixar você com elas.

Subiu as escadas com agilidade e abriu a porta com ajuda de seu pé. Ali, no interior, estavam ambas as mulheres. Korvan me deixou no chão.

— Avi, se encarregue de que ela seja a noiva mais bela que se casou em Estanglia. — Ela sorriu com seu comentário.

— Ande, moço, nos deixe com a jovem. Você não pode estar aqui — disse Avi, com um sorriso desenhado em seu rosto.

Ao ouvir seu comentário Korvan lhe piscou um olho.

— Confio em você, resmungona. — Assim ele se dirigia para Avi.

Antes de ir me estreitou entre seus braços e me deu um último beijo.

— Korvan! Vá, já! — Grunhiu Avi. Empurrando-o.

Eu estava nervosa. Avi e Ingrid fizeram um grande milagre em mim. Quando me olhei no pequeno espelho, me achei bonita; haviam recolhido meu cabelo em um coque baixo, que me favorecia.

Avi me acompanhou até o pátio de armas.

— Senhorita, você está muito bonita. Ele é um bom moço, tem um grande coração apesar de parecer justamente o contrário.

— Obrigada, Avi. Hoje todo mundo me disse a mesma coisa. — Dei-lhe um beijo na bochecha.

— Senhorita, eu gostei de você desde o primeiro momento. Ele precisa de alguém assim a seu lado.

“Minha mãe”, eu pensei. Não só eu estava em outra época, mas também me casaria com um saxão muito bonito que me fazia perder o juízo. Desejei que minha amiga Laura e minha avó estivessem nesse momento; “Estou certa de que elas sabem que você está bem”, me autoconvenci.

Dylan e Arian estavam me esperando; ambos sorriram e me acompanharam à capela. Do lado de fora estavam os escudeiros e o pessoal do castelo. No interior da pequena igreja, estavam somente meu bruto saxão, no pequeno altar e o padre Peter. Korvan estava muito bonito, com sua cota de malha e, sob esta, sua veste de cor azul; um cinturão segurava esta, sua espada caía por uma das laterais e suas luvas estavam apertadas em uma de suas mãos. Não conseguia acreditar no que eu faria e como essa decisão mudaria minha vida, mas o que estava muito claro era que naquele dia eu decidi não pensar em nada que não fosse o casamento.

O padre Peter, ao me ver entrar, sorriu e Korvan não afastava seu olhar de mim.

— Padre, vá ao ponto!

— Sempre com pressa! Reunimo-nos aqui...

— Ao ponto, pai! — Grunhiu Korvan.

— Muito bem, muito bem. Eu os declaro marido e mulher. Agora vamos ao anel.

Korvan extraiu um anel no que estava gravado o emblema de sua família: três coroas sobre fundo azul. Ele usava um igual.

— Este era de minha mãe, agora corresponde a você, à condessa de Estanglia.

— Mas... já deu? — Eu gritei assombrada. O padre Peter levantou seus ombros resignado.

— Sim. — Gargalhou Korvan.

Dizendo isto, ele me puxou pela cintura e me elevou até me deixar de sua altura, e selou o enlace com um beijo.

— Korvan! Respeito, esta é a casa de Deus — disse o sacerdote.

— Ha, ha, ha! Estou feliz e tenho certeza de que Deus se alegra disso. — Korvan riu, enquanto voltava a me beijar.

XXIII

Já havia anoitecido; todos os que habitavam no castelo haviam participado da grande festa. Estava desejando estar com ela, no quarto. Amava-a e a desejava; queria fazê-la minha essa noite e lhe demonstrar o tanto que a queria.

— Dylan, deixo você responsável pela festa. Levo minha mulher para o quarto.

— Ha, ha, ha! Esperou muito.

Fui até Ana, ela estava com o padre Peter.

— Padre, levarei minha esposa.

Dizendo isto ele não lhe deu opção para que ela dissesse algo. Envolvi a mão de Ana com a minha e a levei para meu quarto. Antes de entrar no quarto, peguei-a nos braços e abri a porta com a ponta do pé; esta era uma tradição saxã que estava disposto a seguir.

— Korvan! Estou sem fôlego.

Deixei-a no chão e não permiti que continuasse falando. Atraí-a para meu peito, podia sentir os batimentos de seu coração, acelerados. Desejava beijar seu sorriso, seus lábios eram uma autêntica tentação para mim. Ela se afastou para me olhar; ia falar, mas selei seus lábios com meus. Fui desabotoando o vestido, pouco a pouco, enquanto sentia a suavidade de seus sedosos lábios. Ele deslizou com

delicadeza, contornando sua bonita figura. Ela, para minha surpresa, também foi tirando minha veste e a cota de malha, até deixar meu peito descoberto. Acariciou meus peitorais e a cicatriz que aquele odioso conde me fizera quando menino; beijou-a com ternura. Seus beijos foram me fazendo perder a consciência. Aquele roçar provocou em mim, uma grande excitação; segurei-a nos braços, tombei-a sobre a cama e me coloquei sobre ela, com cuidado para não esmagá-la. Seus bonitos e proeminentes seios eram uma tentação para mim. Meus lábios roçavam seu pescoço e desciam por seu delicado ombro até chegar ao mais ansiado lugar: seus seios, que, diante do roçar de meus beijos, provocavam um gemido de prazer que saía de sua boca; aquilo me excitava ainda mais. Enquanto me entretinha com a doçura e suavidade destes, minhas mãos acariciavam suas coxas até chegar a lhe dar um grande prazer, o que provocou um gemido ainda maior. Sabia que era o momento, ela me fazia saber, com seus gemidos e com o calor que desprendia de todo seu corpo, que desejava nossa união em um somente. Nos desejávamos e nos necessitávamos. Queria sentir que ela era minha, que me amava, e sua entrega para mim era livre, cheia de desejo e de urgência por alcançar o êxtase. Seus olhos me olharam no momento único em que nos tornamos um, no qual nosso amor alcançara um clímax até então desconhecido para mim, já que jamais havia sentido tanto, quanto nesse instante com ela. Sorriu para mim enquanto eu a acariciava em sua bochecha e a beijava. Revolveu-me o cabelo com seus dedos.

— Amo você meu cavaleiro.

Aquilo eu não esperava. Fiquei observando-a, sorri. Eu também a amava, mas não consegui lhe responder. Beije-a e a atraí para meu peito; ela se aconchegou até que ficou profundamente adormecida.

Alguns ruídos no pátio me despertaram. Desenredei-me de seus braços com cuidado — não queria despertá-la — e olhei pela janela. “Meu Deus!”, sussurrei. Havia fogo fora das muralhas do castelo, no bosque. Vesti-me e saí do quarto. No corredor encontrei Krim.

— Senhor! Vim o avisar. O bosque está queimando.

Desci rápido para o pátio de armas; lá estavam meus escudeiros, meus soldados e meus homens de confiança, Dylan e Arian.

— Korvan! Precisamos ir ao bosque, temos que apagar as chamas — disse Dylan.

— Sim, iremos até o rio. Vamos! Que venham todos os escudeiros e soldados, precisamos de todos os homens.

Eu estava angustiado, jamais havia visto um incêndio em minhas terras. Amava esse bosque. Conforme nos aproximávamos o calor das chamas se fazia presente. Os camponeses estavam trabalhando duro para apagar o incêndio; havia sido controlado, ou ao menos, isso me pareceu. A noite jogava a nosso favor: Ao não ter vento, mas sim, bastante umidade, as chamas não se propagavam com rapidez; além disso, era um fogo pequeno que, na distância e na escuridão da noite, parecia ser de mais envergadura. Desci do cavalo, fui correndo pegar água com os mesmos recipientes que os camponeses usavam; estes fizeram, junto

com meus homens, uma corrente e tudo começava a ser mais rápido. Mulheres e crianças ajudavam na tarefa. Sentia-me orgulhoso dessa gente valente, trabalhadora: homens e mulheres com uma grande nobreza que, apesar de sua simplicidade, eram grandes. Transcorreram duas horas até que se apagasse todo o fogo; os danos foram menores do que pensamos no início. Estava desejando retornar junto a Ana.

Agradecia a todos os camponeses pessoalmente, conhecia cada um deles, suas vidas, suas preocupações. Haviam me acolhido com respeito e gratidão em seus lares e eu os ajudara sempre que consegui. Amana não estava entre a multidão, sempre fugia de mim e do resto das pessoas e aparecia e desaparecia sem deixar rastro.

— Wilda! — Ela vinha até mim.

— Muito obrigada por sua ajuda, Korvan. Estas terras são nossa vida.

— Também são a minha. Graças a vocês por me ajudar a apagá-lo. E Amana?

— Uff! Aquela jovem está cada vez mais estranha. Fica vários dias sem aparecer em casa. Não está bem, senhor.

— Bom, ela sofreu muito. Sei por própria experiência que não ter pais durante a infância nos marca para sempre.

— Por certo, senhor, soube que se casou com a jovem dama. Eu gostei muito da senhorita.

— Sim. — Sorri diante de seu comentário. — Em alguns dias organizarei uma grande festa na qual estarão todos convidados.

— Muito obrigada, senhor. Parabéns.

Montei em meu cavalo e comecei a cavalgar em direção ao castelo seguido de todos os meus homens.

Algo não estava bem, pressentia-o. Por que a grade estava erguida e a grande porta de acesso à fortaleza, aberta? O que estava acontecendo? Comecei a me preocupar. Na aparência o pátio de armas estava igual. Ao escutar aos cavalos, Avi apareceu seguida de Krim, ambos pálidos e nervosos.

— Korvan! Levaram Ana! — disse Avi com lágrimas nos olhos.

Nesse momento acreditei morrer.

— Logo que saiu, senhor, um grupo de soldados irromperam ao interior do castelo. Não sei como conseguiram passar, mas chegaram ao recinto; a grade estava erguida. Destroçaram o interior quebrando mesas, cadeiras e subiram aos quartos — disse o servo.

— Foram procurá-la, Korvan, sabiam muito bem onde Ana estava. Queriam-na. — Avi chorava.

Não podia acreditar no que eu estava escutando. Subi rapidamente as escadas até chegar ao quarto. Tudo estava revirado e a cama, destroçada; estava claro que, apesar de ser uma mulher, ela havia resistido.

“Não, Meu Deus, ela não!”, eu gritei. Meus olhos se encheram de lágrimas, era a primeira vez que eu não sabia o que fazer. Não fazia nem idéia de quem a levara, nem por onde começar a procurá-la. Amava-a. Pela primeira vez em minha vida, sentia medo de perder a mulher que eu queria. Uma grande dor invadiu minha alma.

XXIV

A reunião secreta da ordem do Dragão Vermelho seria na cripta do mosteiro de Lindisfarne. Estavam acostumados a celebrar os rituais naquele lugar e mais ainda, nessa noite de lua cheia, na qual a maré subiria e o mosteiro ficaria totalmente isolado, impenetrável, ideal para esse encontro. O bispo de Saint Andrews acabava de entrar na cripta, sua respiração era agitada. Seus olhos se fixaram no centro da sala; ali estava um encapuzado, vestido de negro, levava em suas mãos duas velas vermelhas. O homem, ao escutar o bispo entrar, virou-se e foi lentamente até onde ele se encontrava. Estava tremendo, jamais imaginou que ele estaria ali; isso seria mais sério do que pensava no início. O encapuzado ficou a quatro passos de distância dele.

— Estávamos o esperando! Chegou bem a tempo — disse com uma voz forte, severa. — Confiamos em você. Precisa trazê-la até aqui.

Alguns homens armados, com seus rostos ocultos, ficaram de ambos os lados de Tomas Becket, para levá-lo para uma lateral da sala, onde havia vários assentos. Sentou-se; a seu lado estava o abade, João de York, que o olhou de esguelha. O abade também sabia que essa reunião, na qual o grande mestre da ordem estava presente, devia ser muito

importante. João de York não parava de tocar seu amplo bolso, onde se encontrava o livro negro que possuía tanto valor para ele; ninguém devia encontrá-lo, nem vê-lo, já que, se fosse assim, seria seu fim.

Em uma lateral estavam todos os bispos, frades e abades da ordem, e em frente a eles, os altos cargos, homens desconhecidos que ninguém sabia quem eram, nem sequer os próprios religiosos. No meio deles, o grande mestre, segurando as duas velas vermelhas. O mestre ficou em pé e as depositou no centro da sala. Pegou uma taça que estava em um altar, ela estava cheia de sangue; foi espalhando o líquido vermelho ao redor das velas, fazendo um círculo.

— Hoje começa a lua cheia, é o momento. Em algumas semanas a lua se tornará da cor avermelhada que tanto esperamos; quando acontecer isto a mulher estará aqui e o anel, também.

João de York olhou para Becket, ambos estavam metidos neste assunto e os dois sabiam que, estando dentro da ordem, suas vidas corriam perigo. O mestre continuou falando:

— Muito em breve terá lugar o grande sacrifício que acabará com a maldição que aquela mulher nos fez. Matando a última de sua estirpe e possuindo o anel do Santo, a maldição será eliminada. Ele, o Anjo Negro, será presente em cada um de nós nesse dia, e o poder de nossa ordem será imenso, sem limites.

Tomas Becket e João de York voltaram a cruzar seus olhares; ambos se entenderam sem necessidade das palavras.

Nessa mesma noite, o abade devia partir para Swineshead. Alguns dias antes ele recebera uma mensagem do rei João I para que se reunisse com ele ali, mas ele não o faria; ele possuía uma única intenção: fugir da Inglaterra. Devia encontrar o caminho para partir à França. Ansiava afastar-se da ordem e dessas terras. A mulher da maldição, havia aparecido em sonhos e sempre lhe dizia a mesma frase: “Seu fim está próximo”. Nesse momento aparecia a espada de um cavaleiro, que afundava em seu coração. Como podia ser? Ele mesmo a matara e o bispo fora testemunha disso. Mas era ela: seu cabelo avermelhado e seus olhos azuis eram inconfundíveis. Ela o amaldiçoou e disse que a profecia se cumpriria em seu devido momento. Ele não acreditava que, possuindo o anel e fazendo o ritual da ordem do Dragão, a maldição desapareceria.

Ninguém devia conhecer seus planos; precisava ser precavido e evitar que alguém o seguisse. Apesar de que o bispo era muito hábil, essa noite João de York o notava distraído. Vira-o sair da sala rapidamente; dois homens, que pareciam soldados, acompanhavam-no. “Para onde irá? O que trará entre as mãos?” Ele se perguntou. Devia aproveitar essa situação; tudo ficaria mais fácil se Tomas Becket não estivesse pelos arredores. Partiria ao amanhecer, quando a água da restinga deixasse o caminho de areia que os unia com a terra firme.

XXV

Não consegui acreditar em tudo o que estava acontecendo. Esses homens haviam irrompido no quarto e me levaram com eles à força. Onde estava Korvan? Não havia rastro dele, nem de seus soldados. Tamparam-me o rosto com uma espécie de saco e amarraram minhas mãos, depois me meteram em uma espécie de carroção.

Não sei quanto tempo transcorreu desde que isso havia acontecido. Eu não entendia nada, sentia medo. Nesse momento o carroção se deteve. Alguém entrou e puxou, com brutalidade, o saco que ocultava meu rosto. Não acreditava no homem que estava em frente a mim; era aquele asqueroso mercador italiano, que sorria ironicamente, enquanto se via seus dentes amarelos e pequenos.

— Ora, ora, se não é minha bonita esposa.

— Eu não sou sua esposa!

— Sim, é. Eu o decidi ao vê-la, e seu pai a entregou para mim.

— Não se confunda, meu marido é o conde de Estanglia. Eu nunca me casei com você.

— O conde? Querida, aquele homem se aproveitou de você. Ele queria vingança, salvar a honra de sua irmã e conseguiu: abandonou você. Quem você acredita que

permitiu a passagem aos homens do rei e a mim? É impossível entrar naquela fortaleza se o dono não permitir. Ele riu de você e lhe roubou o mais importante: sua honra. Fez muito bem: vingou-se sem que você se desse conta. Conseguiu seu encargo.

Eu não acreditava no que estava escutando, não conseguia acreditar nele, mas fazia sentido. Ele continuou falando:

— Ha, ha, ha! Embora não me importe que ele a tenha desonrado. Tomarei o que é meu, pois você, daminha, me pertence.

— Não acredito em você! Isso é mentira! Ele me ama.

— Ha, ha, ha! Ingênua! Esses homens são guerreiros; sua honra e a vingança são a única coisa que lhes importa. Fazem o que for com o intuito de conseguir seus propósitos. Enganou-se.

— Traga a mulher! — Gritaram lá de fora.

— Agora mesmo, capitão Berriel, — respondeu o mercador.

Giulius me agarrou pelo braço — machucava-me — e me puxou do carroção à força. Diante de mim havia uma dezena de homens me olhando, sujos, despenteados e com cara de não muito boas intenções; seus traços eram duros. Um deles se adiantou, devia ser o capitão. Ele se aproximou tanto que me senti muito incômoda; foi girando ao meu redor, me observando. Eu estava com as mãos amarradas e a capa que colocara não me tapava o corpo totalmente, e deixava ver a

camisola branca. Senti-me intimidada, teria gostado de lhe dar um chute.

— Então você é a dama que tem o rei João nas mãos. — Pegou minhas mãos amarradas. — E este é o anel que sua majestade tanto deseja. Quem é você? Outra bruxa? Uma feiticeira como ela? Bastante bonita, por certo. Que pena que o rei João queira tê-la! Senão, eu ficaria contigo. Ha, ha, ha!

Ao escutar suas palavras, senti nojo por aquele personagem. Preferi não responder.

— Não quer falar? Não vai se defender?

— Não preciso me defender — eu respondi.

— Sim, mulher, precisa se defender sim.

As palavras daquele homem só me fizeram sentir temor. “Korvan!, onde você está?”, eu pensei.

— Não, isso não! A promessa foi que o rei ma devolveria — disse Giulus.

— Ha, ha, ha! E acreditou nele? Esta mulher nunca será sua. Ela deve morrer.

— Esse não foi o trato! — Gritou Giulus enquanto puxava sua espada e apontava para o capitão.

— Ousa me ameaçar? — Deu-lhe as costas; de repente se virou a grande velocidade e lançou uma navalha, que foi se cravar no coração do mercador.

— Não! — Eu gritei.

Não acreditava no que tinha acontecido, o que eu acabava de presenciar me horrorizava. Giulus caiu ao chão enquanto seus olhos se tornavam brancos. Estava morto.

— Isto é o que acontece com todos os que me ameaçam.
— Olhou-me. — E é o que acontecerá com seu cavaleiro se ele vier por você. Matarei. — Esse homem era um assassino, sem sentimentos, frio e calculista. Ele continuou falando: — Em alguns minutos retomamos a viagem. Partimos em direção à abadia de Swineshead. — Ele me olhou. — O rei está desejando ver o anel que usa em seu dedo.

Era noite fechada; não sei que hora era, mas reinava o silêncio na escuridão.

A abadia estava localizada em uma zona de restingas; a umidade e a névoa eram presentes. Cruzamos uma ponte de pedra. Na entrada havia duas grandes tochas, de ambos os lados da porta, que permitiam o acesso ao interior. Uma janela gradeada se abriu, apareceu o rosto de um frade. Ao ver o capitão ele abriu a porta para nos dar passagem; entramos em um amplo pátio. Os homens deixaram os cavalos nos estábulos e o capitão Berriel me puxou do carroção com brutalidade.

— Esta é a mulher, levem-na a seus aposentos! Amanhã o rei quer vê-la. — O frade, seguido de dois soldados, levou-me até um quarto, com uma cama pequena e uma janela estreita.

“Meu Deus, me ajude! Korvan! Onde está você?”.

XXVI

— Posso saber o que aconteceu, Korvan? — disse Kimball.

Não podia deixar de me mover de um lado para outro. Todos estavam sentados à mesa e me observavam.

— Sequestraram-na! Estenderam-me uma armadilha!

Na noite anterior eu peguei o manuscrito que ela guardava no bolso de seu vestido. Sua vida corria perigo, e eu morria por dentro somente de pensar que a mulher que eu amava estava sofrendo e que pudessem estar lhe fazendo mal.

— Quem? Como? Por quê? — perguntou Aldan. — Quer se sentar e nos explicar tudo com mais calma? Mandou-nos uma mensagem alarmante. Kimball deixou sua esposa e a seus filhos e nós, nossas terras e afazeres para estarmos com você; nos preocupou.

Sentei-me, tapei meu rosto com minhas mãos. Nesse momento entraram Dylan e Arian, que também tomaram assento.

— Houve um incêndio no bosque, saímos, todos meus homens e eu para apagar o fogo. Quando retornamos a grade estava erguida e o acesso, aberto. Segundo Krim e Avi, vários soldados entraram, buscavam a ela. — Olhei-os, precisava

explicar tudo o que eu sabia. — Ela usa um anel que dizem que é o de José da Arimatéia. — Olhei para Kimball. — Pelo visto esse anel precisa ser enterrado junto ao santo Graal. Muitos o procuram porque acreditam que, apoderando-se dele, terão um grande poder.

— Não! — Exclamou Kimball. — Essa lenda vai nos perseguir toda a vida.

— Sim, Kimball, o rei João quer este anel. Os soldados, segundo Avi, carregavam o estandarte do monarca.

— O rei? — Perguntou Derian. — E o que ele tem a ver com tudo isto?

— Claro! — disse Aldan. — O tesouro do rei! Não se recordam? Ele disse que foram os saxões que o roubaram, mas na realidade ele desapareceu quando cruzava a zona de restingas. Nós pensamos que foi ele o que o escondeu na abadia, onde se refugiava. O que sim é verdade, é que se propagou a lenda de que ele está obcecado com uma jóia que pertencia a sua mãe e que esta possuía um grande valor. — Fez uma pausa. — Familiares que encontrei no caminho falam que o rei está, agora, na abadia, eles se dirigiam para lá. É provável que Ana esteja lá.

— E pode ser o anel! — Disse Derian.

— Mas como ele chegou até Ana? — Perguntou Kimball.

— Ummm! Pelo visto esse anel pertencia a seus antepassados. Agora pertence a ela — eu respondi. — E não só isso: ela possui a parte de um manuscrito que também está sendo procurado pelo rei e por seu séquito. Esse manuscrito está em meu poder.

— Tenho certa curiosidade, rapaz — disse Derian me olhando. — Noto em você certa preocupação pelo que possa acontecer com essa jovem.

Dylan e Arian me olharam com interesse.

— Korvan, não posso acreditar que não tenha contado! — disse Dylan.

— O quê? — Perguntou Aldan com curiosidade.

— Ela é a esposa dele, se casaram nessa mesma tarde na capela — disse Dylan.

Coloquei-me de pé.

— Ocultou isso de nós! — disse Derian.

— Eu não gosto das grandes celebrações — eu respondi, — já sabem.

— O homem que nunca se casaria, que dizia que o amor não entrava em suas prioridades... — Zombou Aldan.

— Bom, deixem-no. Alegro-me por ele, precisava de uma mulher com urgência — disse Kimball. — Ama esta mulher? — Ele perguntou.

— Sim, a amo — eu respondi.

— Então, não há mais nada a falar, amigo. Esta noite saímos os quatro em direção à abadia de Swineshead. É hora de que o bastardo do João saiba que ninguém toca as mulheres dos cavaleiros saxões.

— Obrigado, amigos — eu respondi.

— Você sabe que o que acontecer a um acontece ao resto... Embora ter se casado e não ter dito nada a nós..., isso sim não o perdôo, Ha, ha, ha! — disse Derian.

O caminho era estreito; aquela zona de restingas sempre tinha névoa e havia dificuldade para enxergar. Os cavalos relinchavam, estavam assustados. Ao longe se divisava a grande torre da abadia. O acesso era difícil: todo o recinto estava amuralhado, já que se parecia mais com uma cidade fortaleza. Os soldados do rei estavam vigiando nas torres de vigia da muralha. Começava a amanhecer.

— Precisamos ficar ocultos no bosque até que abram as portas de acesso ao recinto interno; até pela manhã isso não acontecerá. Quando os comerciantes, camponeses e familiares entrarem, devemos entrar camuflados para passarmos despercebidos — disse Aldan.

— Com estas roupas e com nossos cavalos, isso é impossível — gritei.

— Muito bem, vamos à aldeia mais próxima e consigamos roupas. É certo que chamaremos muito a atenção — disse Kimball.

Partimos para a aldeia mais próxima, entramos em um botequim. O homem que estava ali nos olhou, sério, não confiava em nós.

— No que posso ajudá-los, senhores?

— Umas canecas de cerveja — eu disse. Era muito cedo, mas a sede nos consumia.

O taberneiro as trouxe em um momento.

— Necessitamos que os cavalos fiquem em seu estábulo por dois dias.

— Não cuidamos de animais, cavaleiros.

Extraí uma bolsa de couro com moedas de ouro. O taberneiro abriu os olhos ao ver o que ela continha.

— Bom..., salvo que deem algo em troca —ele respondeu.

— Isso será seu se cuidar de nossos cavalos e nos facilitar umas túnicas que ocultem nossos trajes de cavaleiros — eu disse. — E esta outra bolsa daremos... — Extraí outra com mais moedas de ouro. — Quando retornarmos e vejamos que tenha mantido sua palavra.

O homem assentiu, agarrou a primeira bolsa e deu algumas instruções para uma das moças que estavam com ele.

— E é obvio, não pode dizer nada a ninguém — disse Aldan cortante.

Em seguida nos conseguiu algumas capas marrons, puídas; eram bastante largas e amplas, cobriam toda nossa vestimenta e ocultavam nossas espadas. Eu estava impaciente, ansiava encontrá-la e, ao menos, me assegurar de que não lhe tinham feito nenhum mal.

Camuflamo-nos entre os camponeses, peregrinos e mercadores que entravam na cidade murada. Na zona mais elevada, divisava-se a grandiosa abadia. Os guardas fiscalizavam todos os carroções e observavam todos os vianjantes que penetravam o interior. Nós passamos despercebidos. Uma vez lá dentro fiz um gesto para lhes indicar que iria à abadia. Fomos subindo pelas ruas sujas e

estreitas até que chegamos a uma imponente construção arquitetônica; uma grande esplanada se abria, então, diante de nós. Havia muita gente ali reunida, algo acontecia. Kimball me olhou, fez um gesto para que parássemos.

— Eu não gosto disto — sussurrou Aldan.

Todo mundo estava ao redor da grande esplanada. Em frente a nós havia uma espécie de altar. Em seu centro havia um assento ocupado pelo próprio rei; em ambos os lados dele, um homem e uma mulher embelezados com seus melhores ornamentos.

Começaram a aparecer mulheres e homens amordaçados por uma lateral. O rei falaria, pôs-se de pé, quando nesse momento apareceram com a Ana, ela estava muito pálida. Meu coração começou a pulsar a grande velocidade. O rei olhou para minha bela esposa.

— Não! Ela não precisa estar aqui. A bruxa será queimada à parte, levem-na para dentro — ele gritou.

— Bruxa? Indesejável! Se ele a tocar eu o mato — eu murmurei.

— Fique tranquilo, Korvan, nós a salvaremos, — sussurrou Kimball.

Ana desapareceu. Fiz um gesto para meus amigos, iria atrás dela; eles me seguiram. Rodeei toda aquela gente, observei como o soldado a metia em uma das portas laterais da abadia. Desejei matar o canalha que a levava com brutalidade, forçando-a a acelerar o passo.

Kimball se aproximou de mim.

— Aldan e você entrem por essa porta; Derian e eu controlaremos os guardiões que vigiam a entrada. Vigiamos até que consigam entrar, depois nós iremos. — Assenti.

Kimball se aproximou dos soldados e os incitou lhes jogando areia; Derian os insultava. Nesse momento os guardiões desapareceram atrás deles: tínhamos a entrada livre. Aldan e eu passamos rapidamente. A porta dava a um corredor escuro e estreito que finalizava em escadas que levavam para um piso inferior. Descemos em grande velocidade até chegar à parte onde estavam as celas e o calabouço. O fedor era insuportável e os ratos campeavam à vontade por ali. Somente o fato de pensar que ela estava nesse lugar me enchia de ira e rancor. Fomos olhando uma a uma, as celas, era uma galeria muito longa. Chegamos à penúltima e ali estavam os soldados que levaram Ana; estavam degolados, seu sangue se estendia pelo chão. Não havia rastro dela. Aldan e eu nos olhamos.

— Ela não está aqui! — eu lhe disse. Era a primeira vez que sentia medo de perdê-la.

— Não pode ser! Alguém a levou, e degolou estes dois — disse Aldan surpreso.

— Eu posso ajudá-los, desde que abram esta porta. Os soldados têm a chave mestra que abre todas as fechaduras — disse um detento que estava na cela em frente. Era um homem magro, com cabelo grisalho e com roupas roídas.

— Fale! — Eu gritei.

— Se me abrir a porta — ele insistiu.

— Não o farei até que não fluam as palavras por sua boca — eu lhe respondi.

Peguei as chaves de um dos soldados e mostrei.

— Fale! — ordenei-lhe.

— Um bispo com dois homens estavam esperando a jovem; ele disse aos soldados que agora ela lhe pertencia; eles disseram que o rei João não lhes dissera nada e, como os soldados resistiram, os dois homens que acompanhavam o bispo os degolaram. Partiram por ali. — Indicou uma porta que havia no final da galeria. — É o bispo de Saint Andrews, vi-o várias vezes por aqui.

— Disseram algo sobre lugar aonde a levavam? — perguntou Aldan.

— Escutei que para um mosteiro e que precisavam atravessar a zona pantanosa de Wash.

— Lindisfarne! — Eu gritei. Olhei àquele homem, abri a porta de sua cela. — Muito bem, agora parta, mas não diga a ninguém que nos viu por aqui.

O homem correu apavorado.

Dirigimo-nos para a porta que havia no final do corredor; ao abri-la saímos pela parte dos fundos da abadia com um acesso direto a uma parte da muralha. Kimball e Derian estavam esperando.

— Intuímos que esta seria a saída — disse Derian rindo-se.

— Levaram-na para Lindisfarne — eu disse angustiado.

— Pois, então, marchemos — disse Kimball. — A encontraremos, Korvan.

XXVII

— O que pretende? — Perguntei ao bispo.

— Salvar sua alma, mulher. Você igual a seus antepassados, estão possuídos pelo espírito daquela mulher — respondeu o bispo, que respondia pelo nome de Tomas Becket.

— Não sei do que está falando.

— Tem certeza? — Havia me tirado o anel quando me capturou, extraiu-o de seu amplo bolso. — Por acaso ele não estava com você? Você morrerá e, em troca, a maldição que nos persegue acabará.

— Fique com o anel! Mas me libere, por favor — eu lhe supliquei.

O bispo se aproximou de mim, devagar. Ele estava saboreando a situação.

— Não! Você deve morrer. Fará um bem a sua alma e a você.

Tomas Becket guardou o anel novamente. Observou-me com atenção e deu ordens expressas aos dois soldados para que me levassem até o mosteiro.

Suas palavras me sobressaltaram, eu não queria me afastar de Korvan e aquilo significava não voltar mais a ver o homem que eu amava.

— Meu marido, o conde de Estanglia, o matará.

— Esse homem a traiu, querida. Os saxões não são de confiança e você acreditou em tudo o que ele lhe disse. Ingênua! — Ele riu.

— Não acredito em você!

— Ha, ha, ha! É rebelde como ela. Era muito bonita, como você, sabe? Enganou-me, ficou com o anel e escondeu o manuscrito; rasgou-o em duas partes e eu jamais soube onde colocou cada uma delas, nem sequer quando testemunhei sua morte. Ha, ha, ha!

Esse homem estava louco. Sua forma de rir e de falar me davam medo; sabia que era capaz de tudo. A qual mulher ele se referia? Becket continuou falando:

— O problema é que eu acreditei nela. Ela me disse que a joia e as duas partes do pergaminho estavam na abadia de Fountains e, justamente quando ela estava dando seu último suspiro, entre as mãos do abade de Fountains, revelou-nos que jamais os encontraríamos, que a jóia e o manuscrito estariam a salvo entre as mulheres de sua estirpe. — Apertou com força seus punhos, estava controlando sua ira. — Reconheço que eu não acreditei em suas palavras, mas depois me dei conta de que ela me enganara. Maldita! — Ele gritou enquanto dava um murro ao tronco de uma árvore. Virou-se para me observar, desta vez um amplo sorriso se desenhava em seu rosto. Estava transtornado, parecia possuído. — Mas por fim minhas súplicas foram escutadas e você me trouxe a joia que tanto desejei. No momento me

conformo possuindo o anel; também encontrarei o manuscrito, é questão de tempo.

Deveríamos esperar até o amanhecer para poder entrar no mosteiro; as restingas impediam a passagem.

— Amarrem-na no tronco dessa árvore! E a mantenham muito vigiada. É igual a ela — ele disse para seus soldados. Depois ele desapareceu entrando no bosque.

Os dois homens que acompanhavam o bispo fizeram fogo. Fazia muito frio, havia umidade e névoa. O murmúrio das folhas das árvores pressagiava que algo aconteceria. Os soldados riam enquanto bebiam ao redor da fogueira, falavam de mulheres e criticavam o bispo.

“Meu Deus, me ajude! Eu preciso.” A debilidade e o cansaço faziam lugar em mim e, conforme entrava mais a noite, mais custava me manter desperta, consciente. Ao final adormeci, esgotada.

Alguns gritos me despertaram. Abri rapidamente os olhos; não distinguia com clareza, pisquei várias vezes. Então, eu a vi; era ela, a jovem ruiva da praia, de meus sonhos... Vestia-se com uma capa negra e com o capuz sobre seus ombros. Os soldados estavam pálidos, seus rostos expressavam terror.

— É ela! — disse um deles. — Não nos faça mal!

A mulher se aproximava devagar, olhava-os profundamente. Estendeu suas mãos para onde estavam ambos e começou a sussurrar palavras que eu jamais havia escutado e que não entendia. Eles se levantaram aos tropeções, se apressaram para se afastar daquele lugar.

entraram no bosque e desapareceram. Ela os observava, com o rosto sério, depois se concentrou em mim. Sem nenhuma palavra rodeou a árvore na qual eu estava amarrada, ficou atrás de mim e nesse momento senti alívio: ela me liberara das cordas que machucavam meus pulsos. Demorei alguns segundos para reagir, virei-me; precisava lhe fazer muitas perguntas, mas ela já não estava ali.

XXVIII

Tomas Becket corria pelo bosque, precisava encontrar o caminho principal; ali um de seus lacaios o esperava, com sua carruagem. Devia chegar o quanto antes a seu castelo, junto à abadia de Saint Andrews. O rei jamais saberia que ele possuía o anel e tampouco os da ordem do Dragão. Sorriu, seu plano saía com perfeição. Os da ordem, pensariam que o monarca o pegara depois de capturar a jovem e, apesar da ira que isto lhes provocaria, ela morreria no ritual e os integrantes do Dragão Vermelho declarariam a guerra ao soberano. Todos os seus olhares se centrariam nele.

— Ha, ha, ha! — Ele se riu por sua habilidade e inteligência enquanto acelerava o passo.

Ele não gostava da noite e nem do bosque. Nesse momento escutou um ruído atrás dele; virou-se para observar, mas ali não havia ninguém. Acelerou o passo e desta vez sim, escutou com mais clareza. Voltou-se e observou.

— Quem está aí? — Ele gritou. Obteve somente o silêncio por resposta.

Reatou o passo e, então, viu-o, em frente a ele. Ali estava Hernes, com sua capa negra e com o capuz ocultando seu rosto sádico.

— O que quer? — Perguntou-lhe, com voz trêmula.

Hernes podia sentir e cheirar o medo. Isso o enfurecia e o excitava, ainda mais.

— Ela não estava no lugar que me disse! — Disse Hernes.

— Já sabe que eles a queriam.

— Sim, mas me jurou que se asseguraria de que a mulher estaria lá. — Hernes apertou com sua mão o pescoço do bispo, que notava a pressão delas até começar a sentir que lhe faltava a respiração. — Sabe que eu a queria. Ela era minha antes do que para eles. Queria olhar suas pupilas, sentir seu medo antes que os da ordem a tivessem.

— São eles que a tem, eu não tenho nada a ver. Cumpri minha parte do trato: amarrei-a na árvore para que fosse você quem a levasse até eles.

— Lembre-se! — Ele lhe sussurrou no ouvido.

Hernes desejava matá-lo, sentia nojo por esse bispo, mas também era consciente de que ele ainda lhe podia ser útil. Nessa ocasião, embora o que mais desejasse fosse matá-lo, decidiu não fazê-lo. Retirou a mão e a limpou em sua capa. O bispo se dobrou olhando para o chão e começou a tossir.

— Matarei você, Tomas Becket, mas antes devo encontrá-la. Prometo o irei buscar. Ela está aqui, seu espírito também a persegue. Pressinto-a.

Soltou estas palavras, e o bispo viu como ele se afastava. Sabia quem era a mulher a que ele se referia. Suas mãos suavam e as pernas lhe tremiam somente de escutar que ele se referiu a ela. Sabia que esse homem cumpriria

suas ameaças. Quando chegasse a seu castelo se encarregaria dele; esse homem era perigoso, devia morrer. Começou a correr sem se dar conta de que a pequena bolsa de couro negro onde guardara o anel caíra no chão.

XXIX

João de York se movia, intranquilo, de um lado para outro; sabia que, até que não se completasse o ritual da lua vermelha, nessa mesma noite, ele não poderia fugir. Precisava pegar um navio que o levasse à França, mas ninguém devia suspeitar sobre suas intenções; senão, sua vida correria perigo.

O bispo havia desaparecido já fazia dias. “Onde estará esse canalha?”, ele pensou; escutara que a mulher estaria no mosteiro. João de York estava convencido de que todos aqueles personagens anônimos, integrantes da ordem, que ele não sabia quem eram, por estarem sempre com seus rostos ocultos, estavam esperando a noite para o ritual.

Tocou seu bolso, ali estava o livro. Foi direto para sua cela e se encerrou. Ainda estava assustado ao se recordar do sonho da noite anterior; outra vez aquela mulher ruiva, de olhos azuis, a mulher que os amaldiçoou, mas desta vez ela falou com ele, recordava-se perfeitamente das palavras: “A profecia se cumprirá em seu devido momento. A espada o matará”.

— Jamais! — Ele disse em voz alta. Tentava se convencer de que foi somente um sonho, mas aquela maldita mulher era tão real... porque razão ela apareceria em seus sonhos? Ele a

matará com suas próprias mãos e o bispo havia testemunhado.

Abriu o livro na última página.

— *Awen!* — repetiu alto. Era a última palavra que estava escrita por três vezes; também estava desenhado o símbolo, aquele símbolo que tanto temor lhe dava: as três linhas negras que se uniam, todas elas, em um mesmo ponto. “por que este símbolo está aqui?”, ele se perguntou.

Até esse momento não o abrira por medo de rever todos os nomes que ele mesmo escrevera, um a um. Sentia vergonha. Começou a passar as páginas e só estava escrita aquela palavra, “Awen”, e ao lado o símbolo. Esse não era o seu livro! Ficou pálido e sua respiração cada vez mais acelerada. Esse não era o livro que aquela tola lhe entregara. Onde estaria? Sabia que, se não o encontrasse, poderia ser sua condenação e provas evidentes para destruí-lo, caso caísse em outras mãos que não fossem as dele. Quiseram lhe mandar uma mensagem; estaria ela atrás disso?

— Isto não pode estar acontecendo! Onde estará Tomas Becket? — Ele disse em voz alta.

XXX

Derian tropeçou e nós três nos viramos para olhá-lo com expressão severa.

— Tenha mais cuidado! — eu lhe disse. — Podem nos escutar e colocaríamos a vida de Ana em perigo.

— Se nem sequer sabemos se está lá dentro — disse Derian.

— Pois averiguaremos. O que está claro é que há movimento e todos esses homens encapuzados de negro se dirigem em grupo, para algum lugar — ele disse.

Havia dois homens na entrada. Fiz um gesto para meus amigos, precisávamos conseguir capas para entrar. Aldan foi por um lado e eu, pelo outro; olhamo-nos para que o golpe na cabeça fosse ao mesmo tempo. Aqueles dois não tiveram tempo nem de pensar, desmaiaram com nossos murros. Pegamos suas capas, colocamos enquanto Kimball e Derian afastavam os dois do caminho e os levavam longe dali para amarrá-los em árvores. Quando os dois voltaram, entramos e fizemos o mesmo com outros dois encapuzados que andavam rapidamente para a parte inferior do mosteiro, onde imaginávamos que estivesse a cripta. Retiramo-los, e nos asseguramos de que estivessem bem amarrados e em um lugar onde ninguém os encontraria, ao menos durante um

longo tempo. Seguimos com cautela para onde se dirigiam todos os encapuzados. Descemos escadas estreitas e lúgubres, até chegar em uma sala escura, onde a única luz que havia era a de duas velas vermelhas na parte central. Todos os homens estavam dispostos ao redor delas formando um círculo; no centro havia uma cadeira. Comecei a tremer somente de imaginar para quem seria ela.

De repente a vi aparecer; usava uma capa cujo capuz lhe cobria a cabeça e o rosto. Fiz intenção de avançar para aquele ser que a levava para o centro da sala; a ira e fúria que sentia, me impulsionava a querer matar a todos os ali presentes. Aldan me segurou pelo braço com força.

— Não é o momento, Korvan — ele me sussurrou.

Ele tinha razão, mas não podia vê-la assim, estava sofrendo. Queria olhar seu rosto para ficar tranquilo de que ao menos não a tivessem machucado. Vieram-me as lembranças de meus pais e eu não podia perdê-la. Jamais imaginei que isto pudesse me acontecer, amava a essa mulher e não podia suportar perdê-la.

Houve um homem que se chocou comigo, olhei-o, ele levantou seu rosto. Lembrava-me de algo, dirigia-se sigilosamente à porta de saída. Por que ele saía? Não conseguia me lembrar de onde eu vira aqueles olhos e aquela expressão. Concentrei-me nela. Levaram-na à cadeira, ali a sentaram. Estava fraca, parecia tonta e desidratada. Amarraram-na. Um encapuzado se adiantou e ficou fora do círculo de sangue.

— *Hodie est dies de que complevit execratione maledicta conguessit. Et ‘poeta “non iter per mundos. Hodie non morietur in aeternum. Lunam vult rubrum sanguinem. Aliquam* — ele disse.

— O que ele está dizendo? — sussurrou Derian.

— Que hoje é o dia em que acabará a maldição. Hoje ela morrerá. A lua vermelha quer sangue — eu traduzi. — Vão matá-la — eu gritei. — Devemos agir já.

Nesse momento nos dirigimos para a porta de saída; nossa intenção era incendiar o recinto. Tiraram o capuz de Ana, fiquei surpreso: não era ela! Aquela mulher ruiva de olhos grandes e azuis me olhou e depois se centrou no homem, que devia ser o mestre.

— Não é ela! — disse Derian. — Onde será que ela está?

— Não é Ana! E o pior de tudo é que ela está em perigo. Devemos continuar com nosso plano, incendiar o mosteiro para que esta gente fuja, e assim possamos salvar essa mulher — ele disse.

— Sim, vamos — disse Kimball.

Saímos. Íamos descendo as escadas quando escutamos gritos; viramo-nos, retrocedemos, quase entramos novamente. Nesse momento nos demos conta de que a sala estava em chamas e não fomos nós os causadores.

— Saíamos daqui o quanto antes! — gritou Aldan.

Eu não podia deixar aquela mulher inocente lá dentro. Tentei entrar, mas foi impossível, as chamas não permitiam o acesso e devia ser o grande mestre que chocou comigo. Ele estava com máscara, eu não consegui ver seu rosto, mas ele

me olhou e ficou me observando alguns segundos; depois fugiu. Senti quando me agarravam com força pelo braço, era Kimball.

— Korvan, precisamos sair! Não podemos fazer nada por aquela mulher. É impossível entrar ali e sair com vida desse incêndio.

Sabia que ele estava com a razão. As chamas foram se estendendo e o calor que desprendiam era sufocante.

Passamos rapidamente pelas escadas, chegamos ao exterior e fomos em direção ao bosque. Da distância víamos como o mosteiro se consumia.

“Onde está, Ana?”, eu sussurrei. Nesse momento pisei em algo, abaxei-me para agarrá-lo, era uma pequena bolsa de couro negro; abri-a, surpreendeu-me ver que o anel de minha esposa estava ali.

XXXI

O grande mestre havia reconhecido aquele homem; virou-se para entrar e observar a jovem. Chamou-lhe a atenção a ponta de sua espada, que aparecia debaixo de sua capa; nenhum membro da ordem usava armas durante a cerimônia. Estava convencido de que ele não vira seu rosto, ele estava concentrado na mulher. “Menos mal”, ele pensou. Ele sabia que, se fosse reconhecido, estaria perdido. Intuíu que, se ele estava aí, também estavam os três cavaleiros da ordem do Leão; mas o que eles faziam ali? Devia desfazer-se desse conde; além disso, nunca gostara dele.

Ainda estava pálido por se recordar daquela mulher. Ela levantou-se com uma força extrema, sobrenatural; gritou com as mãos ao alto, apontando para o céu, em uma linguagem estranha, e foi nesse instante que, sem saber como, uma das velas caiu no chão e provocou o incêndio. Depois não voltou a vê-la, ela havia desaparecido. Seria ela a Poetiza, a mulher da maldição, a mesma que, segundo a lenda dos druidas, viajava através do tempo para encontrar a jovem que levaria a cabo a missão que ela não havia terminado?

O grande mestre saiu pela porta secreta, que dava para um passadiço; este levava até o bosque, aonde poderia fugir. Ali

estava o homem que respondia pelo nome de Hernes, esperava-o. Ele queria o corpo sem vida da moça.

— Ela morreu? — perguntou Hernes.

— Não, — respondeu o grande mestre.

— Fracassou! — Ele gritou. — Nem você nem aquele bispo cumpriram a promessa. Vou procurá-la e eu mesmo a matarei.

— Seremos dois, Hernes.

Ele se aproximou do grande mestre, seus olhos brilhavam.

— Eu não fracassarei. Ela precisa morrer — ele disse com ódio.

XXXII

João de York parou, da distância ele via como as chamas resplandeciam na noite. Aproveitou o momento no que começaria a cerimônia para fugir, antes de que acontecesse o do incêndio. Tirou o capuz de sua capa negra e contemplou, com assombro, o que estava acontecendo.

— Mas... o que está acontecendo? — disse em voz alta.

O abade sabia que não podia continuar ali. Devia escapular pelo bosque, precisava ir à aldeia onde ela vivera, encontrar o livro e partir para a França. Não sabia como fazer, precisava passar despercebido. Precisava pensar.

Então, veio-lhe à mente aquele homem com o qual se chocou. Sabia quem era, reconhecera-o ao vê-lo. Estava há muito tempo procurando aquele, mas nunca o encontrara; claro que aquele conde já se encarregara de proclamar, por todas as terras da ilha, que, se ele pisasse no reino de Estanglia ou arredores, não hesitaria em matá-lo e pendurar sua cabeça na torre de seu castelo. Não se deixaria ver, mas precisava correr esse risco. Precisava ir à aldeia, e esta se encontrava nas terras do conde.

“Mas... o que fazia o cavaleiro ali, no ritual secreto?”, ele pensou enquanto se afastava daquele lugar a grande velocidade.

XXXIII

Corria, eu estava com medo. As lágrimas rolavam por meu rosto. “O que está acontecendo?”, eu pensei. Não conseguia acreditar nos últimos acontecimentos. E aquela mulher! Quem era? No fundo eu intuía que se tratava dela, a jovem que amaldiçoara a todo aquele que desejasse se apropriar do anel para conseguir poder e usá-lo para fins obscuros.

Eu havia fracassado em minha missão: o anel que tanto tempo foi guardado por minha avó e minha mãe, igual a minhas antepassadas, eu o perdera, e o pior era que havia caído nas mãos daquele ser indesejável, ambicioso e mau.

Tropecei, feri meu joelho, mas nesse momento a única coisa que me importava, não era o sangue que fluía por minha articulação, mas sim, sair desse bosque. Transcorreu uma meia hora quando enfim saí por um caminho de areia e pedras. Observei a meu redor, não havia ninguém. Comecei a caminhar, descalça, já que em minha fuga eu havia perdido as sandálias.

Caminhei muito tempo, estava amanhecendo. Ia sem rumo, sedenta, dolorida e com muito frio, mas sentia pânico de parar, não queria que aqueles homens me encontrassem. O som de uma flauta captou minha atenção. Decidi ir até

lugar de onde escutava aquela música; com probabilidade proviria de uma aldeia, me esconderia lá. Voltei a entrar no bosque. Vislumbrei na distância o resplendor de uma fogueira; então, vi-os. Eram um grupo de homens e mulheres, por suas roupas pareciam ciganos. Com rapidez se deram conta de minha presença; uma mulher me olhou com interesse, o som da flauta cessou. A mulher se levantou e o homem que estava a seu lado fez o mesmo; este, de idade avançada, aproximou-se até onde eu me encontrava.

— Quem é você ? — Ele me perguntou.

Não soube o que responder, fiquei em silêncio.

— Volto a perguntar: quem é você? — desta vez sua voz soou forte e tosca.

Não respondi, meu olhos se encheram de lágrimas. A mulher, de cabelo branco, comprido e encaracolado, aproximou-se do homem, colocou a mão em seu antebraço.

— Deixe-a, Brun, não vê que está assustada. — ficou em frente a mim. — Querida, tem fome? — Perguntou com voz doce. — Assenti. — Venha comigo, sente-se conosco.

A mulher me levou para o lado da fogueira, ofereceu-me uma parte de carne e bebida. Estava faminta, devorava o que ela me dava. Todos me observavam, em silêncio, espectadores ao ver a rapidez com que eu engolia os alimentos. Todos riram, a música voltou a ser ouvida e continuaram com sua festa particular.

Senti quando me colocavam uma pele de animal sobre os ombros, virei-me e vi que foi o homem que me perguntara quem eu era.

— Obrigada — eu disse.

— Ora! Menos mal que sabe falar. — Sorriu.

— Deixe-a quieta, Brun — disse a mulher. — Como se chama, querida?

— Ana — eu respondi.

— Quem lhe fez isso? — perguntou o homem assinalando as feridas de meus pulsos, provocadas pelas cordas.

— O bispo de Saint Andrews. — Ao dizer me arrependi, sabia que era melhor não dar detalhes de nada.

O rosto de ambos se tornou sério.

— Esse bispo é cruel. Se ele fez isso e conseguiu escapar daquele malvado, é bem-vinda aqui — disse Brun.

— Obrigada — eu respondi.

— Para onde se dirige, moça? — Perguntou-me a cigana.

— Ao condado de Estanglia.

— Poderá vir conosco. Ficaremos muito perto dali, assim poderá estar acompanhada e protegida. Venha comigo!

A mulher se levantou e eu a segui até entrar em uma das tendas dos carroções que levavam.

— Coloque estas roupas! Assim passará mais despercebida.

Peguei o traje velho e puído entre minhas mãos. Sentia-me muito agradecida por essa gente pobre, que me acolheu, sem nenhum tipo de explicação e me deram do que possuíam. Por um impulso abracei a mulher.

— Obrigada! — Sussurrei-lhe ao ouvido.

— Não me precisa agradecer, faço com muito prazer. Ande, se troque. Hoje dormirá dentro do carroção, aqui estará

mais resguardada e não passará tanto frio. — Sorriu-me deixando ver seus dentes amarelos e descuidados.

Essa gente se colocou em marcha quando começou a amanhecer. Eu estava no interior do carroção; eles pensaram que seria melhor assim, sabiam que os homens do bispo poderiam estar me procurando. Olhava por uma cortina puida; o caminho era pedregoso, ambos os lados estavam rodeados de bosque. A manhã era fria e havia muita névoa.

Só pensava nele. “Onde você está, Korvan?”. Durante grande parte do trajeto, estive recapitulando todos os acontecimentos pelos quais passei, não encontrava nenhuma explicação para tudo isso. “Por quê eu?”, não parava de me perguntar.

Tínhamos avançado bastante; de fato já estávamos por terras saxãs, as terras de Korvan não deviam estar muito longe. Sabia que essa gente me avisaria quando eles tomassem outra direção. Fiquei adormecida.

O carroção parou com brutalidade: sobressaltei-me. Olhei pela cortininha, havia alguns soldados do rei no caminho, estavam rindo da gente que havia me acolhido. Escutei do interior. Meu coração pulsava com celeridade.

— Ciganos! — Eles gritavam. — O que levam no interior de seus carroções? Certamente coisas roubadas.

Aquilo não parecia nada bom, eu precisava sair dali. Se esses soldados me descobrissem, seria minha perdição; não estavam com boas intenções. Saí às escondidas, escondi-me atrás do carroção e, aproveitando que os soldados estavam interessados no que havia na frente do meu, afastei-me do

caminho e entrei no bosque. Estive observando, escondida atrás das árvores. Escutava suas gargalhadas, zombavam deles. Por fim partiram, com a comida que não lhes pertencia, mas ao menos os deixaram em paz. Brun e a cigana me procuraram: saí a seu encontro.

— Sentimos muito, jovem... — começou a falar a cigana.

Não a deixei continuar, sabia o que me ela me diria.

— Não se preocupe. Entendo-os e sei que, estando com vocês, coloco-os em perigo. Já estou perto, seguirei o caminho sozinha.

— Nos perdoe — disse Brun.

— Não tenho nada para lhes perdoar, somente sinto gratidão por me haver dado de comer, roupa e um lugar para poder descansar.

— Obrigada, querida. Já está muito perto das terras de Estanglia. Siga reto, ao lado do curso do rio, e chegará lá — disse a cigana. — Tome este alforje, dentro há pão, vinho e queijo, e esta pele de animal para resguardá-la do frio.

— Muito obrigada.

Vi-os partir. Aquilo seria duro. Entrei no bosque. Mal me orientava..., somente pedia a Deus que me guiasse através do estreito e frio arvoredor.

XXXIV

Observava-os, eles estavam alheios a minha dor e sofrimento nesse momento. Sentaram-se ao redor do fogo, enquanto comiam e compartilhavam aventuras. Afastei-me, precisava estar sozinho, pensar. Sentei-me junto ao rio e tapei o rosto com ambas as mãos. “Onde a procurarei? Maldita seja!”, eu disse em voz alta. Culpava-me de ter partido naquela fatídica noite e de tê-la deixado sozinha. Daria o que fosse para retroceder àquele mesmo instante.

Sobressaltei-me, escutei um ruído. Era Aldan, sentou-se a meu lado. Ele pegou um ramo e começou a brincar com ele entre seus dedos.

— A encontraremos, Korvan.

— Antes eu estava seguro disso, mas neste momento tenho dúvidas a respeito. — Atirei uma pedra ao rio. — Eu a amo, Aldan. Jamais acreditei dizer isto e menos ainda a ti, mas é assim, não posso negar, e temo perdê-la para sempre.

— Que a ama eu sei, faz muito tempo. Ha, ha, ha! — Ele zombou. — Mas não vai perdê-la. Procuraremos mais à frente do horizonte se for necessário.

Olhei-o e sorri. Aldan, junto com Kimball, era como um irmão para mim.

— Obrigado, amigo.

— O que não consigo entender é o que aconteceu no mosteiro. Aquela mulher... Vi como ela o olhava, Korvan, e cheguei a pensar que ela não fosse real. Não sei como explicar, somente de vê-la já me deu um calafrio.

— Sim, eu tive essa sensação. Senti que queria me dizer algo. Depois o incêndio...

— Exato. O que é que aconteceu? Acabávamos de sair e de repente apareceu o fogo. Não sei, tudo isto é muito estranho.

— Sim, eu penso o mesmo.

Ficamos em silêncio, depois Aldan partiu se juntando aos outros para descansar. Eu não consegui conciliar o sono, estava amanhecendo. Nesse momento escutei um ruído. Levantei-me com agilidade, fui em direção ao rio e levei minha mão ao cabo de minha espada. Entrei no bosque, de onde provinha o som. Uma suave brisa roçou minha bochecha, como se me tivessem soprado no rosto. Virei-me rapidamente e ali estava a mulher, a mesma que eu havia visto no mosteiro. Isso não podia estar acontecendo, nem ser realidade. Ela me observava.

— Quem é você? O que quer? — Eu lhe perguntei.

— Na pedra angular, a encontrará lá. — Essa foi sua resposta.

— A quem?

— Ela precisa de você. Você sabe onde está a pedra.

Uma luz intensa me cegou; voltei a abrir os olhos, mas aquela mulher já não estava ali. Quem era ela? Se não fosse porque eu não acreditava em almas errantes, nem em

assuntos de bruxaria, pensaria que havia visto um espectro. Procurei-a, mas não a encontrei.

É obvio que eu sabia onde ficava a pedra angular, meu pai me levava lá quando eu era pequeno; era a pedra onde antigamente os cavaleiros do Leão fizeram sua promessa e juramento de lealdade à honra, à justiça e ao rei. Se me colocasse a caminho, antes de amanhecer estaria lá. Eu precisava tentar, não perderia nada; além disso e se a mulher tivesse razão? Era a única opção e esperança de encontrar Ana. Fiquei ainda, um tempo perto rio, perambulando, para ver se voltava a vê-la. Desisti, retornei para meus amigos, já deviam ter levantado.

Kimball, Derian e Aldan estavam ao redor da fogueira, falando e debatendo. Olhei-os, eles me conheciam muito bem e, pela expressão de meu rosto, já sabiam que algo me rondava pela cabeça.

— Parto — eu disse enquanto preparava meu cavalo. Ao me ver os três se endireitaram.

— Podemos saber o que está fazendo? — Perguntou Kimball.

— Acredito que sei onde ela está — eu respondi.

— Como? — perguntou Aldan.

Virei-me para observá-los.

— Não me perguntem como sei. Não poderia lhes dar uma explicação lógica, mas acredito que é lá onde eu a encontrarei.

— Pois, então, não há mais nada a falar. Vamos! — Disse Kimball.

— E podemos saber para onde vamos? — Perguntou Derian.

— À pedra angular, a área onde nossos ancestrais selaram lealdade à herança dos saxões.

XXXV

Como se fazia fogo? Por mais que esfregasse as duas pedras, não saía fumaça. Eu devia ter prestado mais atenção nas aulas de sobrevivência dos acampamentos de verão. Desisti. Enrolei-me, apoiada em uma grande pedra ao lado do rio. Estava com frio, mas o sono e o cansaço deixavam rastro em mim.

Não sei quanto tempo transcorreu, um ruído ou possivelmente, perceber que me observavam fez com que eu abrisse os olhos assustada. Então, eu o vi; um homem, vestido de negro, com seu rosto oculto atrás de um capuz e de uma máscara, à exceção dos olhos, estava em frente a mim, de pé, apontando com sua espada para meu estômago.

— Quem é você? — Eu perguntei sem conseguir me mover por medo de que ele me cravasse a arma.

— Você sabe quem eu sou. Acaso não se lembra de mim? — Ele tirou o capuz e mostrou uma parte do seu rosto, toda queimada. Horrorizei-me ao vê-lo.

— Não o entendo! O que isto significa? — Perguntei assustada.

— Que fácil é esquecer-se do que não se quer recordar. Ora! Tampouco se lembra do meu nome?

— Não, não sei do que você está falando. Confundi-se de pessoa.

— Ha, ha, ha! Eu a vi e você a mim. Sou Hernes, não significa nada meu nome? — Neguei com a cabeça, assustada. Claro que significava, mas não queria nem escutar esse nome. — Eu lhe refrescarei a memória. — Ele se sentou em minha frente, continuava apontando com a ponta de sua espada para meu estômago. — Gaine não morreu, eu sabia, mas eles não me escutaram. E assim foi. Seu espírito está vivo e você é de seu sangue, a escolhida para transportar e levar o anel santo para junto do santo Graal. Eu jurei matar todas as mulheres de seu sangue, mas faltava uma; essa é você. Se você morrer, o círculo se fecha e o anel passa a ser meu. — Retirou a ponta de sua espada de meu estômago e aproximou seu rosto do meu. — Gaine teve uma falha: ela me deu a chave para chegar até você. Eu a vi. Eu fui testemunha de como Portal dos homens se abriu naquela noite de junho; lá estava você, aquela que viajaria no tempo, a transportadora do anel. Mas me encontrei com um problema: o saxão também estava naquele lugar. Eu precisava encontrá-la. — Ele voltou a ficar de pé, momento em que aproveitei para pegar areia. Era minha oportunidade; quando estivesse perto eu devia lançá-la a seus olhos, e assim conseguiria fugir.

Ele se voltou para me observar.

— Enfim conseguirei fechar o círculo! — Ele se aproximou de mim, era o momento.

Lancei-lhe com todas minhas forças a areia aos olhos. Ele se surpreendeu, levou suas mãos para eles; levantei-me rapidamente e fugi.

Parecia que meu coração sairia pela boca, eu estava aterrorizada. Aquele homem queria me matar! Ele estava louco. Olhei para trás, ele seguia-me. Corria com todas as minhas forças. Tropecei com uma pedra; estive a ponto de cair, mas evitei. Corria e corria. Olhei para o céu. “Mãe, me ajude!”. Lembrei-me dela, da mulher que tanto eu amara e que me deixara, de repente, sozinha, com minha avó. Senti a mão daquele indivíduo roçar meu braço; havia me alcançado. Nesse momento vi como um cavaleiro, com capa e encapuzado, deu-lhe um chute de cima de seu cavalo: o homem de negro caiu ao chão. Aquele cavaleiro quase me dava mais medo do que Hernes. As árvores ficaram para trás, entrei em uma clareira. O cavaleiro me seguia a grande velocidade. Voltei a tropeçar; o medo me fazia estar torpe. Eu estava machucada, o joelho sangrava e o tornozelo doía, mas me levantei. Corri, mas já era tarde: o cavaleiro, cavalgando, inclinou-se e me agarrou pela cintura, enquanto o cavalo continuava avançando. De repente vi meus pés incertos pelo ar, e o cavaleiro me posicionou sobre o lombo de seu animal. Minha cabeça olhava para o chão enquanto eu me empenhava em mover as pernas. Eu estava enjoada, vomitei.

XXXVI

Eu parei o cavalo. Desci com um salto deste e a agarrei pela cintura para colocá-la no chão. Ela brigava como isto fosse sua vida; até me deu um murro no queixo. Era forte minha mulherzinha! Levei minha mão à mandíbula. Um bom golpe! Eu sorri.

— Ana! Sou eu, Korvan! — Eu lhe disse enquanto a segurava pelos pulsos para evitar que me desse outro golpe.

Ela parou em seco. Soltei-a e tirei o capuz que me cobria o rosto. Seus olhos brilhavam. Observei que as lágrimas começaram a rolar por suas bochechas. Ela apenas sorria; tremia, não articulava nenhuma palavra. Envolvi-a com meus braços e a abracei.

— Já passou tudo. Ninguém vai voltar a machucá-la.

Na distância vi que meus amigos vinham até nós.

— Escapou! — disse Derian.

— Maldito bastardo! — Eu gritei.

— Korvan, devemos ir, nos afastar daqui — disse Kimball.

Sabia que estavam com razão. Quando anoitecesse precisávamos estar longe desse lugar, onde estava a pedra angular, a pedra do juramento.

Ana não queria se afastar de mim; afastei-a com delicadeza.

— Aquele homem pode estar perto — disse Aldan.

— Pois, se estiver perto, eu o matarei — eu respondi.

Coloquei-a no lombo de meu cavalo e em seguida dei um salto e me coloquei atrás dela. Tapei-a com minha capa, ela estava tiritando. Fixei-me em seus pulsos, feridos, igual a seu joelho. Odiei os que a machucaram. “Matarei todos eles!”, disse para mim mesmo. Ana se acomodou sobre meu peito, estava tão fraca que adormeceu.

Havia anoitecido. Na jornada do dia seguinte, chegaríamos em meu castelo.

— Deveríamos parar aqui — disse Aldan assinalando Ana.

— Sim, procurarei comida — disse Kimball enquanto amarrava seu cavalo e se dirigia ao rio.

— Vou com você — disse Derian.

Aldan começou a recolher ramos para fazer fogo. Despertei Ana; ela abriu os olhos, sobressaltada. Em seguida se deu conta de que estava a salvo. Peguei-a nos braços e a coloquei no chão, sobre uma das peles de animal que levávamos. Ela ficou próxima à fogueira.

XXXVII

Precisava beber algo, ainda continuava assustada por todos os acontecimentos vividos. Embora nesse momento me sentisse feliz, não sabia se era um sonho ou a realidade, mas via e escutava Korvan, o homem que eu amava. Ele molhava meus lábios com líquido.

— Ana, beba! — Ele me disse com doçura.

Ele colocou a bebida em meus lábios e sorvi; comecei a ficar melhor embora estivesse fraca. Os outros cavaleiros que o acompanhavam, e aos quais reconheci em seguida, estavam ao redor do fogo, assando alguns peixes de grande tamanho que pescaram no riacho próximo.

— Korvan! Aqueles homens irromperam no castelo. Você não estava — Eu lhe disse.

— Houve um incêndio no bosque... — ele me respondeu.

— Acessaram ao interior...

— Sei, sei. Agora não deve falar, haverá tempo. Precisa recuperar as forças perdidas — ele me disse enquanto me observava as feridas dos pulsos, do joelho e do tornozelo, que eu havia torcido. — Esse tornozelo necessita de repouso. Não se mova, já retorno.

Ele se afastou e se meteu entre as árvores. Kimball se levantou, trazia-me um peixe. Eu estava com fome.

— Tome! Comer lhe fará bem. O que aconteceu?

Contei-lhe tudo. Percebi sua expressão de preocupação.

— Já passou o perigo, Ana. Não permitiremos que lhe aconteça nada.

— Obrigada, Kimball.

— Podemos saber onde Korvan foi? — Perguntou Aldan em voz alta.

Levantei-me, sabia a direção que ele havia tomado. Queria estar com ele, amava-o. Fui mancando até lá. Ele estava sentado em uma pedra com as mãos ocultando seu rosto e ligeiramente inclinado. Em seguida ele notou que não estava sozinho e ficou de pé rapidamente, segurando o cabo de sua espada. Ao se dar conta de que era eu, baixou-a e me recriminou que tivesse ido até ali.

— Deveria descansar, Ana, está muito fraca. Além disso, esse tornozelo necessita de repouso.

— Queria estar com você, Korvan. Você é a única coisa boa que me aconteceu desde que tudo isto começou.

Ele estava sério, mas ao me ouvir dizer isso ele se aproximou de mim, segurou minhas mãos entre as suas; depois me envolveu com seus braços e me aproximou de seu peito.

— Nunca permitirei que lhe façam mal. Você é muito importante para mim e não vou tolerar que ninguém volte a fazer isto. — Seus olhos brilhavam como se tivesse chorado. — O culpado de tudo o que lhe aconteceu sou eu.

— Não, você não é o culpado, meu amor.

— Sim, Ana, jamais devia levar todos meus soldados ao lugar do incêndio. Deixei o castelo indefeso.

— Você não sabia o que ia acontecer. Tenho certeza de que, se tivesse suspeitado, jamais teria ido.

Olhou-me intensamente, seus olhos brilhavam.

— Amo você, Korvan. — Aquilo o fez sorrir.

Segurou meu rosto entre suas mãos, seu olhar se concentrou em minha boca; estivemos alguns segundos nos contemplando sem falar até que seus lábios roçaram os meus, com doçura. Quanto eu precisava de seus beijos! Acreditei que nunca mais sentiria sua suavidade e as sensações que ele despertava em mim. Sorri e ele me abraçou com força, como se temesse que eu fosse desaparecer. Afastei-me e levei minha mão a sua bochecha; acariciei-o enquanto eu olhava aqueles olhos cinzas, que me conquistaram.

— Korvan, quero ir para casa. Leve-me a seu castelo.

— Nosso castelo. Meu castelo também é seu, Ana. — Colocou a mão sobre a minha e a beijou.

Depois me aproximou dele e seus lábios voltaram a se unir com os meus. Amava-o. Beijou-me e depois me sorriu; eu lhe respondi da mesma forma. Agarrou-me nos braços e me levou até onde estavam os outros; estes já estavam colocados ao lado da fogueira, acomodados para dormir. Korvan me sentou sobre a pele de animal que havia colocado para mim no chão, pegou sua capa de cavaleiro e me tapou com ela. Ele se deitou a meu lado e me rodeou com seus braços; eu apoiei minha cabeça sobre seu peito e fiquei

profundamente adormecida, agasalhada por seu corpo. Sentia-me segura e feliz de estar a seu lado.

Estava amanhecendo; senti a suavidade dos lábios de Korvan sobre minha bochecha.

— Ana, precisamos ir. Temos que partir daqui o quanto antes possível.

Abri os olhos e ali estavam os quatro homens de pé, me observando. Ruborizei-me. “Que situação mais vexatória!”, eu pensei. Endireitei-me rapidamente, sabia que devíamos nos apressar para ir, já que assim chegaríamos logo às terras de Korvan; esse era o único lugar no qual estaríamos mais seguros.

Cavalgávamos a grande velocidade. Eu ia com Korvan em seu cavalo; este apenas me ouvia, ele estava intranquilo, igual aos outros, que me olhavam preocupados. Mas eu estava compreendendo o que me estava acontecendo. Desde aquela noite de junho, minha vida passara a ser outra diferente; acontecera algo que eu jamais havia imaginado que pudesse acontecer. Nesse momento eu tentava me convencer de que atravessara uma porta dimensional que estava no lugar onde eu me encontrava naquele instante. Cada vez estava mais segura de que aquela mulher, Gaine, como Hernes a chamava, tivera algo a ver, ou o próprio destino se empenhou em me trazer até ele. Não sabia o que pensar nem queria indagar mais sobre o que acontecera: eu enlouqueceria.

Transcorreram muitas horas de viagem; o castelo era avistado ao longe. Kimball e os outros três cavaleiros se

despediram e seguiram para seus respectivos lares. Os quatro cavaleiros haviam planejado um encontro; eu sabia que prometeram resolver este assunto. Isso me dava medo, não queria que por minha culpa todos eles se aventurassem em uma façanha pela qual correriam um grande perigo. Em seguida Krim apareceu, o servo que se ocupava dos estábulos.

— Senhora! Que alegria vê-la! Estou contente de que vocês estejam aqui, senhor! — Disse Krim.

— Obrigado, Krim — Eu lhe respondi.

Dylan e Arian apareceram ao escutar o cavalo e em seguida vieram nos receber com alegria e entusiasmo. Eu gostava de ver a camaradagem que havia entre eles.

— Que bom que você esteja aqui! — Disse-me Dylan, e Arian se uniu a ele, também.

— Esperem aqui, quero falar com vocês. Vou acompanhar Ana ao dormitório.

Korvan estava muito estranho. Ele era um homem de poucas palavras, quase não falara em toda a viagem.

— Posso saber o que está acontecendo, Korvan? — Eu lhe perguntei.

— Por que me pergunta isso? Não a entendo. Não acontece nada, à exceção de estar muito preocupado pelo que lhe aconteceu — ele disse com seriedade.

— Não falou nada em todo o percurso.

— Agora tenho muitas coisas na cabeça, querida. Descanse e amanhã falaremos. — Segurou-me o rosto entre suas mãos e me beijou; depois deu meia volta, disposto a

partir, mas eu não queria que ele fosse assim, precisava tê-lo a meu lado mais tempo.

— Korvan! — Eu disse me aproximando dele. Ele se virou. — Não vá ainda! — Eu supliquei.

Ele me olhou com carinho, veio até mim, elevou-me até me colocar a sua altura e voltou a me beijar. Depois sorriu e me tocou a ponta do nariz com seu dedo indicador.

— Amanhã me dedicarei completamente a você. Vou mandar Avi para que lhe curem essas feridas e lhe preparem um banho quente.

Sorri, fiquei como uma tola depois daquele beijo. Esse homem tão varonil agia dessa forma impulsiva, algo ao qual eu não estava acostumada. Fiquei ali, sozinha e desejando que ele viesse essa noite para mim.

Avi entrou no quarto, trazia uma bandeja com um chá quente.

— Querida! — Ela disse enquanto deixava a infusão sobre a mesa e se aproximava com os braços abertos para me envolver com eles. — Acreditamos que não voltaríamos a vê-la. Graças a Deus está viva! Korvan não seria capaz de superar sua perda.

— Obrigada, Avi. Eu também estou muito feliz de estar aqui outra vez.

— Korvan me pediu que trouxesse chá. Em breve prepararei o banho e olharei suas feridas. Precisa descansar e se fortalecer. Todos os camponeses estão desejando vê-la na festa que estão organizando na praia.

— Festa? — Eu perguntei

— Sim, sempre que há lua vermelha, existe uma tradição muito antiga. É na praia, prepara-se uma bebida especial, há música e fogueira. A bebida deve ser ingerida com um gole, já que dizem que dá forças e protege dos maus espíritos; são tradições antigas, mas continuamos seguindo-as, são divertidas. — Antes de sair do quarto, ela se virou para me olhar. — Ele está muito preocupado com você.

Os primeiros raios de sol me obrigaram a abrir os olhos. Olhei para meu lado para comprovar se Korvan estava do meu lado, mas ele não se encontrava ali, não havia retornado. Lavei-me e desci rapidamente ao salão; Ingrid estava lá, e me deu as boas-vindas.

— Ingrid, sabe onde está o senhor? — Eu lhe perguntei.

— Saiu muito cedo com dois de seus homens — ela me respondeu.

— Sabe aonde foi?

— Não, senhora, não sei.

— Mas... dormiu a noite?

— Sim, senhora, mas descansou em outro quarto, não queria despertá-la. O que aconteceu com seu tornozelo? — Eu ainda mancava, mas para mim a palavra “repouso” não existia; eu era inquieta por natureza.

— Nada, torci, mas já estou melhor. Obrigada, Ingrid. — Estava magoada, ele não havia dormido comigo. — Não o

entendo, disse que hoje se dedicaria a mim — eu disse em voz alta. Ingrid levantou os ombros e partiu.

Sabia que não conseguiria ficar fechada ali o dia todo, precisava respirar fora daquelas torres e muros. Saí e fui à pequena capela; queria me encontrar com o padre Peter, eu gostava muito daquele sacerdote. Entrei e ali não havia ninguém; saí e fui à parte de trás, à pequena horta que ele cuidava. Ele estava ali, de joelhos, revolvendo a terra; ele escutou meus passos e levantou o queixo. Ao ver-me, um amplo sorriso se desenhcou em seu rosto.

— Por fim a vejo! — Ele se levantou e limpou as mãos em sua batina. — Que alegria me deu saber que já estava aqui!

— Obrigada, padre. — Baixei o rosto.

— Oh, oh! — Ele se aproximou de mim, — O que lhe acontece, juvenzinha? — Perguntou-me cruzando os braços em cima de sua proeminente barriga. — O que lhe disse ou fez aquele bruto?

— Nada, padre, exceto que me prometeu que hoje estaria aqui e não sei aonde foi.

— Ah, bom! Se for por isso, não se preocupe; ele está protegendo seus interesses e neste caso é você. Amanhã mesmo ele já estará de volta.

— Amanhã? Eu pensei que o veria logo. — Uma grande tristeza invadiu todo meu ser; ao menos ele poderia ter me contado seus planos e não me mentir como fizera na noite anterior.

— Moça, tentaram assassiná-la. Os homens do rei João a capturaram e depois, a ordem do Dragão Vermelho. Ninguém sabe quem são, mas todos os temem.

— Não entendo nada, padre, nem sequer porque estou aqui e o que faço neste lugar. O bispo de Sant Andrews me tirou o anel.

— Canalha! Devia imaginar que ele estava atrás de tudo isto. Venha, sente-se comigo! — Assinalou-me um banco de pedra que havia ali. — Korvan me contou que você possuía o anel de José da Arimatéia, mas... sabe o que isso significa? — Neguei com a cabeça. — Ele, quando pisou em nossas terras, trouxe consigo três relíquias de grande valor religioso: o santo Graal, o anel que representava os cristãos e um manuscrito. Todos estes foram distribuídos entre os guardiões, personagens desconhecidos mas perseguidos por todos os que ansiavam o poder e detestavam os cristãos; esses homens ambiciosos querem sua destruição. O anel chegou às mãos da mãe do rei João, não se sabe como, dizem que ela o roubou; ela o guardou entre suas jóias mais apreciadas. Antes de que ela morresse, seu filho a roubou e, quando ele ia na direção da abadia de Swineshead para esconder seu tesouro, e entre estes o anel, a joia desapareceu. Alguns disseram que devido às marés, é uma zona muito pantanosa. João I acusou os saxões do roubo. Odeia-nos, querida, e ele fez com que os normandos se levantassem contra nosso povo e começassem algumas lutas internas. Graças a Deus isto não foi assim, mas a verdade é que esse anel chegou até você. — Olhou-me com ternura. — Eu conheci a jovem que protegia

o anel, ela se parecia com você. A joia foi passando de geração após geração até que ela foi encarregada de protegê-la. O anel precisa ser escondido junto com o Graal e o manuscrito, no lugar escolhido pelo santo, o Monte de Glastonbury. Foi nesse lugar que José de Arimatéia tocou a terra, com sua vara e levantou uma capela. Diz a lenda que o escondeu nesse lugar, mas ninguém o encontrou. Gaine, assim se chamava ela, sabia que precisava de escondê-lo no monte, mas era uma jovem impulsiva que confiou em pessoas que depois a traíram. A ordem soube que ela era a jovem escolhida. A moça guardou o anel em um lugar que ninguém soube; sabia que a perseguiam e sua missão era cuidar da relíquia. O grupo a pegou e, ao ver que ela não lhes dizia o paradeiro dele, acusaram-na de bruxa e a assassinaram, mas, antes de que ela morresse, amaldiçoou-os e lhes disse que uma jovem acabaria com eles, uma moça de seu sangue e estirpe. Eles já sabem que é você e têm consciência de que até que não acabem com a sua vida a deles estará ameaçada. Aqueles homens temem e acreditam nas maldições. Enfim, moça, sabem que você tem o anel e que o sangue dela corre por suas veias.

— Mas... eu não sei quem ela é, nem sequer sei o que faço aqui. — Olhou-me estranhando. Então eu soube que não devia ter dito isso.

— Que ninguém a escute dizer isto: acusarão você de bruxa e morrerá.

— Korvan sabe de tudo isto? — Eu lhe perguntei.

— Sim, esta manhã ele me disse. Está muito preocupado com você. O rei João teve um incidente na área pantanosa, igual a seus homens; provavelmente vinha procurá-la, mas graças a Deus aquele homem precisou renunciar a seus planos porque as marés o impediram. Pelo visto o soberano está muito doente; não sabem se foi picado por algo ou contraiu uma enfermidade cruzando as restingas. Korvan partiu para assegurar-se de que isto é verdade; se for assim, precisa se preocupar somente com os integrantes anônimos da ordem e se esquecer completamente do rei.

— Como ele foi até lá? Agora quem corre perigo é ele, e se ele morrer...

— Ha, ha, ha! Moça, aquele jovem é forte, guerreiro, muito ardiloso e inteligente. Ele estará bem; você, fique tranquila. — Olhou-me com interesse. — Ele a ama. Perdeu tudo, à exceção de sua irmã e, se agora a vida lhe arrebatasse a mulher que ama, não sei o que ele faria. Cresceu criando um muro até converter-se, aparentemente, em um homem frio, sem sentimentos, mas nós que o conhecemos sabemos que não é assim. Quando ele abre sua alma, converte-se em um homem nobre, bom, cheio de bons sentimentos e desejoso de amar e de que o amem, apesar de ser um rude, teimoso e bruto saxão. — Eu sorri com seu comentário.

— Padre, se Korvan não vier logo, preciso me entreter com algo; se não, morrerei de estar encerrada aqui.

— Ha, ha, ha! Eu disse, vocês são iguais. Muito bem, quer me ajudar na horta? Depois irei à aldeia; pode me acompanhar, se assim o desejar.

O padre Peter me deixou na casa de Wilda enquanto ele falaria com o chefe da aldeia alguns assuntos referentes à festa que teria dentro alguns dias. Wilda, ao ver-me, deu-me um grande abraço.

— Querida, que alegria! Soubemos que a sequestraram, ficou muito mal.

— Sim, mas prefiro não me lembrar de todos aqueles acontecimentos.

— É claro, vamos mudar de assunto. Virá à festa? O senhor comparece todos os anos.

— Ele agora não está, não sei se amanhã já terá retornado — eu falei com tristeza, — mas eu virei; se não vier com meu marido, venho com o padre Peter.

— Estupendo. — Ela sorriu.

Estive falando com ela e depois saí para procurar o sacerdote, parecia que ele se demorava.

Na distância vi Amana, aquela jovem me intrigava. O padre Peter estava negociando com um dos aldeãos e lhe indiquei que ia à praia. Amana estava em frente ao mar com os braços estendidos, como se estivesse fazendo um ritual; aquela jovem era muito estranha.

Deve ter pressentido de que não estava sozinha e se virou. Seu olhar era frio e percebi ódio nela.

— Olá, Amana — eu lhe disse em tom amistoso.

— Vá, não quero que esteja aqui, você o enfurece com sua presença.

— A ele? — Eu perguntei.

— Sim, sabe a quem me refiro. Quer que você morra, é a última mulher que falta para fechar seu círculo.

— Não a entendo, a que se refere? — É claro que eu sabia a quem ela se referia, mas, eu queria conseguir dela mais informação.

— Sabe muito bem, não me engana e a ele tampouco. Você é ela, a descendente de Gaine, e precisa morrer. Já foram assassinadas as outras mulheres e seu sangue, espalhado por nossa terra, mas falta o seu e sua morte para fechar o círculo; por isso ele não vai parar até que você morra. Já lhe disse que Hernes estava procurando-a. Vá embora.

Só ao escutar aquele nome me arrepiava os cabelos e me fazia reviver aqueles momentos tão horríveis e de pânico que eu experimentei quando estive perto dele.

— Quem é ele na realidade? Onde está?

— Ha, ha, ha! — Sua risada era histérica. — A chave é *Awen*. Ha, ha, ha! — Ela se afastou correndo. Aquela jovem estava transtornada, ela me intrigava e eu sentia a necessidade de ajudá-la.

Sentei-me na praia e não consegui conter as lágrimas. “Meu Deus, me ajude!”, eu pensei. Estava com medo.

Retornamos ao entardecer, o sacerdote e eu havíamos passado o resto da tarde com Wilda. O padre Peter estava muito contente e na volta não parava de falar.

— O que houve, moça? Esteve muito calada.

— Padre, que significa *Awen*?

— Onde escutou esta palavra?

— Amana me disse ela, nesta manhã.

— Aquela juvenzinha...

— Por que ela age assim? Disse-me que Hernes quer me matar e que eu sou o elo que falta, para completar o círculo de mulheres assassinadas. Ele também me disse isso.

O padre Peter parou seu cavalo e me olhou assustado. Suspirou.

— Essa moça sempre foi estranha. Desaparece da aldeia durante muito tempo e depois volta a aparecer, da noite para o dia, sem dizer onde esteve. É um mistério para todos, inclusive para mim. *Awen* é uma palavra os druidas utilizavam quando faziam seus rituais, faz referência à figura do mal. Representa, por um lado, a luz e, pelo outro, a escuridão, as trevas. *Awen* é a posse de uma alma branca pela escuridão e a conversão, pouco a pouco, dessa alma ao mal. Representa a luta interna de um homem contra o mal e o apoderamento final do lado escuro. Nos rituais se utilizava para sentenciar alguém a uma morte cruel e iminente.

— Ela me disse que a chave de tudo é *Awen*.

— Bom, não dê importância a ela, ela não sabe o que diz.

Reatamos a marcha em direção ao castelo, mas em seu rosto eu observei preocupação.

Ao entrar no recinto interno, Korvan estava lá, segurando as rédeas de seu cavalo, disposto a montar no lombo do animal. Estava zangado, assim refletia seu rosto. Ao nos ver veio com passo firme até nós.

— Eu devia ter imaginado que você estava por trás disso!

— Ele disse olhando para o padre Peter. — Posso saber onde

estavam? Cheguei antes do anoitecer e vi que Ana não estava. Você sabe o perigo que correu! Não entendo porque permitiu que ela tenha saído do castelo — disse magoado. Depois ele me olhou. — E você, mulher, depois de tudo o que lhe aconteceu e sabendo o tipo de gente que está atrás de você, não compreendo porque se afastou daqui. Fora destes muros é muito difícil protegê-la.

— Não lhe dê atenção, moça, ele está alterado e muito cansado — disse o padre enquanto descia do cavalo. — Korvan, filho, fique tranquilo. Estivemos na aldeia, lá ela não corre perigo e menos ainda se for com um velho como eu.

— Não diga tolices!

— Agora o deixo com sua esposa, mas dentro de um momento vá à capela, preciso falar com você sobre algo muito importante.

Ele se afastou. Korvan me olhou, eu sabia que ele estava furioso. Eu desceria do animal, mas não me deu tempo; ele se adiantou, agarrou-me pela cintura e me baixou.

— Krim, leve o cavalo da senhora aos estábulos — ele ordenou.

— Que eu saiba não vou consentir nenhuma regalia! E mais, abandonou-me e de noite não retornou, e ainda me prometeu que dedicaria este dia exclusivamente a mim. Mentiu! — Eu estava cansada e o que menos gostaria era de discutir com ele. Iniciei a marcha, ainda mancando, em direção ao interior. Queria ir ao quarto.

— Ana! — Ele gritou. — Você é uma inconsciente. Será que já não se lembra pelo que passou?

Eu não o escutava, continuava andando e cada vez com mais velocidade. Ele me alcançou e me agarrou o braço forçando que me virasse. Eu estava tão perto dele que queria abraçá-lo e beijá-lo, mas não permitiria que ele me dissesse o que eu devia fazer, ele não era o dono da minha vida.

— Não volte a fazer isso! Não posso protegê-la se fizer o que quer.

— Você acha que é quem para me dizer o que devo fazer.

— Sou seu marido! Seu senhor —Ele respondeu mal-humorado.

— Ha, ha, ha! Isso nem sonhando! Ninguém é meu amo, nem meu senhor; eu sou livre e faço o que quiser e quando quiser. — Ele ficou surpreso ao escutar minhas palavras, não era o habitual nas mulheres da época. Soltei-me como pude e vi em seu rosto que a ira aumentava. Então, ele me agarrou e me posicionou em seu ombro; eu lhe dava chutes e lhe ordenava que me baixasse, mas ele parecia imune a meus golpes e a minhas ordens. Subiu as escadas com grande velocidade, abriu a porta e me colocou sobre a cama.

— Não volte a fazer isso! — Eu lhe disse ofendida.

— Nem você a me falar assim, e muito menos diante de meus homens. Coloca em dúvida minha autoridade como marido e senhor.

— Ora! Já havia esquecido, isso é a única coisa que importa ao conde de Estanglia: sua honra e seu orgulho... — Ele não me deixou terminar.

— Posso saber o que aconteceu? — Ele me disse enquanto me olhava com aborrecimento.

— Que me aconteceu? Você me raptou para se vingar, depois se casou comigo, me sequestraram, querem me matar e...

— E? — disse com brutalidade.

— E nem sequer sei se você me ama ou... — Ele arqueou as sobrancelhas surpreso. — Eu não sei o que sou para você.

— É minha esposa, não lhe parece suficiente? Já lhe disse que jamais pensei em me casar com uma mulher; se eu o fiz com você, para a fazer condessa de Estanglia, será por alguma coisa, não?

— Não! Eu quero e preciso de algo mais, quero ter a certeza de que me ama.

— Não a entendo! Não sei o que quer! — Ele disse enfurecido.

— Estou cansada. Por favor, preciso ficar sozinha.

— Muito bem. dentro de uma hora é o jantar, depois continuaremos com nossa conversa. Uff!

Tão difícil era de entender que o que eu precisava era de algumas palavras bonitas, um eu te quero ou eu te amo. Nem sequer havia me beijado.

Desci as escadas. Desejava vê-lo, estar com ele, mas também sentia uma grande tristeza porque pensamentos negativos estavam se infiltrando em minha mente.

Ele estava movendo-se de um lado para outro. Estava muito bonito com sua camisa cinza metálico, justa, que marcava seus fortes e musculosos peitorais. Em seguida se deu conta de minha presença, olhava-me. Eu avancei para me sentar na cadeira, mas ele não permitiu que eu

continuasse: interpôs-se em meu caminho, envolveu-me com os braços, baixou seu rosto até que seus lábios roçassem os meus, e senti sua suavidade e ternura. Quanto eu havia sentido falta dele!

Olhei-o e acariciei sua bochecha.

— Korvan! — Eu lhe sussurrei.

— Sinto haver recebido você assim — ele me disse. — Temo por sua vida, Ana.

Convidou-me para me sentar em frente a ele; apoiei minha mão sobre a mesa e ele a envolveu com a dele.

— Não quero que volte a sair do castelo sem mim. O padre Peter me disse que quer ir à festa. Irá comigo, mas, por favor, prometa que não sairá destes muros com outro que não seja eu.

— Muito bem, prometo, mas eu sofro por estar fechada, Korvan.

— Sei e entendo, mas o inimigo está lá fora e a única coisa que quer é matá-la, assim não saia sem mim.

Nesse momento Avi e Ingrid entraram para servir a comida.

Ele não deixava de me observar com um sorriso nos lábios. Seus olhos cinzas me deixavam louca.

— Aonde você foi, Korvan?

— Não acredito que a interesse.

— Pois sim, interessa-me e muito. — Ele sorriu com minha resposta.

— Queria comprovar que o rei João não estava na zona pantanosa, próxima ao castelo. Ele adoeceu; pelo visto algo

lhe aconteceu enquanto cruzava a zona da restinga e é bem grave. Um problema a menos. Esse maldito tem feito muito dano, agora sua vida se evapora rapidamente.

— Preciso conseguir o anel e levá-lo ao lugar que lhe corresponde. O bispo de Saint Andrews está com o anel — eu disse.

— Quase morre, queriam matá-la!

— Eu sei.

— Ele não está com o anel, Ana! Deve ter caído em sua fuga. Eu o encontrei, está em meu poder, embora eu o tenha em um lugar seguro, fora do castelo. Segundo o padre Peter, você precisa deixá-lo em algum lugar em Glastonbury. Visitaremos Kimball e Elizabeth e subiremos aquela colina. — Ele ficou pensativo. — Eu não descansarei até averiguar quem é o grande mestre, para afundar meu aço no seu peito e acabar com todos os integrantes da ordem do Dragão.

— Não! Korvan, aquele homem é perigoso.

— O bispo também precisa morrer, ele quer matá-la. Além disso, também tem aquele abade...

— Quem?

— Vi-o, Ana, o filho daquele maldito homem pelo qual mataram meus pais. Aquele bastardo que tanto causou mal: João de York. No início não o identifiquei, mas agora já sei quem ele é.

— Mas isso já ficou atrás, precisa esquecer esse ódio.

— Não! Jamais! — Ele disse com raiva. Seus traços ficaram tensos.

— Você sempre é assim, teimoso?

— Sim, sempre.

— Bom, tenho que reconhecer que até isso eu gosto em você. — Ele sorriu com meu comentário.

— E você sempre fala tanto?

— Sim, sempre. Resulta-me impossível e incômodo ficar calada.

— Por isso eu gosto tanto de você. — Piscou-me um olho.

Veio até mim e me pegou nos braços, dirigia-se à porta.

— E agora? Posso saber o que vai fazer?

— Curiosa, isso também eu adoro em você.

— Korvan! — Eu lhe disse enquanto lhe revolia o cabelo com meus dedos.

Subiu as escadas e foi direto ao quarto. Abriu a porta com a ponta do pé.

— Não queria que lhe demonstrasse o muito que a amo? Pois vou fazer isso agora mesmo. — Deixou-me no chão. — Era isso que você queria, não?

Não me saíam as palavras, ele me fazia tremer somente com sua presença. Aproximou-se de mim e me envolveu com seus braços. Sem falar começou a me beijar com ternura e desejo. Todo meu corpo tremia e queria estar com ele, sentir suas carícias, seus beijos.

Suas mãos começaram a acariciar minhas costas, baixando até a cintura; fechei os olhos e me deixei levar pelo desejo e o amor que sentia por aquele homem. Queria me unir a ele, ele me fazia sentir e vibrar com cada uma de suas carícias.

Olhei-o antes de que continuasse, eu precisava falar antes que seus beijos selassem minha boca e só me deixasse levar pelo prazer e o desejo de tê-lo. Olhei-o.

— Amo você. Sabe, não é verdade?

Ele somente me olhou nos olhos, o brilho de suas pupilas respondeu à minha pergunta. Desabotoou meu vestido que caiu com suavidade ao chão, acariciando minhas pernas enquanto descia. Suas mãos começaram a desenhar meus seios enquanto beijava meus ombros com ternura. Eu acariciei seus ombros musculosos, baixando minhas mãos até chegar a sua cicatriz, que tanto me doía quando a via; a beijei com suavidade. Ele me agarrou nos braços e me levou à cama. Tirou a calça e ficou nu. Eu não conseguia afastar o olhar daquele corpo perfeito, formado pela dureza da vida dessa época, cheia de batalhas e de trabalhos duros que fortaleciam aqueles peitos.

— Escutou o que eu lhe disse? — Eu sussurrei.

Ele não me respondeu, sorriu diante do meu comentário e colocou seu dedo indicador sobre meus lábios, delicadamente. Seu rosto baixou e seus lábios selaram os meus, o que deu passagem a uma entrega onde o prazer e o desejo de nossos corpos ansiava em se unir.

XXXVIII

Eu a mantinha envolvida entre meus braços, seu rosto descansava sobre meu peito. Parecia mentira tê-la assim, cheguei a pensar que jamais voltaria a ver seus bonitos olhos me olhando em meu leito, nem sentir o calor de seu corpo junto ao meu. Amava-a, mas me resultava difícil dizer-lhe depois daquele incidente que eu experimentara em minha infância, eu havia me encarregado, durante muitos anos, de aprender a não exteriorizar nem jamais falar meus sentimentos. Sabia que o que ela precisava e me pedia era precisamente isso, que lhe dissesse que a amava, mas... porque ela precisava das palavras? Por acaso não lhe bastava ver que eu vivia e respirava somente por ela? Minha vida se concentrava em Ana; depois dela sentia que não havia nada. Meus beijos, minhas carícias estavam cheias de amor, mas ela era incapaz de ver ou, se via, eu intuía que precisava de minhas palavras para possuir uma felicidade completa; mas eu não podia, simplesmente não me saíam as palavras, que não lhe custava nada dizer. Devia me levantar, o que o padre Peter me dissera na noite anterior era preocupante. O que Amana sabia sobre Hernes? Por que ela disse aquelas coisas para Ana? “*Awen!*”, repeti. Eu precisava averiguar o que ela sabia. Desenredei-me de seus braços; ela se moveu, mas não

despertou. Eu adorava observá-la adormecida, que linda ela era! Beijei-a na bochecha.

— Amo você — eu lhe sussurrei ao ouvido. Estava adormecida, mas notei como um sorriso se desenhava em seu rosto.

Vesti-me e desci as escadas. Estava amanhecendo; devia ir à aldeia, essa noite se celebraria a festa da lua e seria impossível falar com aquela moça. Subi a uma das torres; pensei que possivelmente Dylan estivesse lá, ele sempre ia ali, para vigiar pela madrugada. Ele não estava, mas observei algo que me chamou a atenção: Krim saía da área de onde estavam os falcões. Que fazia ele ali? Era um escudeiro, se encarregava somente das quadras e das armaduras dos soldados. Observei que ele guardou algo em seu bolso e olhou para todos os lados. Nesse momento Ingrid saiu e lhe fez um gesto; ambos sorriram e foram à zona da horta. Eu me ocuparia dele mais tarde, devia vigiá-lo.

— Korvan! — Dylan disse. — O que faz aqui?

— Preciso falar, Dylan. Estou preocupado com Ana.

— Bem, é normal.

— Sim, mas há algo mais.

Contei-lhe tudo o que o padre Peter havia me relatado.

— Meu Deus, Korvan! E essa jovem o que ela sabe?

— Isso é o que pretendo averiguar — eu lhe respondi. — Vigie Ana e não permita, por nada no mundo, que ela saia do castelo até que eu retorne. Ela pode transpassar estes muros somente comigo, com ninguém mais.

— Assim será.

Fui ao estábulo. Um dos escudeiros pegou meu cavalo. Krim, como era de supor, não estava ali. Parecia-me bem que tivesse seus encontros com Ingrid, era uma moça muito bonita, mas ele não podia abandonar seus afazeres diários.

Wilda estava no interior da casa. Em seguida me viu e saiu para me receber.

— Senhor! A que se deve tão honorável visita?

— Bom dia, Wilda. Que tal estão os preparativos para esta noite?

— *Uy!* Vão muito bem, senhor. A senhora me disse que viria.

— Sim, assim é. Ana quer vir e eu também, então aqui estaremos. — Olhei para todos os lados, não vi Amana. — Wilda, onde está Amana?

— Está no bosque, senhor. Ultimamente está fora todo o tempo, quase não aparece por aqui.

— Em que direção foi? Eu gostaria de falar com ela.

— Fez algo de ruim?

— Não, nada, só desejo lhe fazer umas perguntas de pouca importância, nada mais.

Assinalou com o dedo em uma direção. Despedi-me e depois parti.

Foi-me difícil encontrá-la, mas ali estava, descalça, de costas para mim, quieta. Levantou as mãos de repente. Aproximei-me com lentidão, o que menos eu queria era assustá-la. Sussurrava continuamente uma palavra que eu não conseguia entender. Ela pressentiu minha presença:

virou-se; seu rosto estava desfigurado, pálido, seu olhar era frio.

— O que quer? — Ela perguntou com uma voz que não reconheci nela.

— Amana, preciso falar com você.

— O que quer, senhor?

— Você disse para minha esposa que Hernes está procurando-a, que ela é o elo que falta na cadeia de assassinatos de mulheres. Por que lhe disse isso?

— Porque é verdade, ele está procurando-a; de fato ele já sabe onde ela está, ela é a que falta no círculo da morte.

— Quem é ele? Onde está?

— Ha, ha, ha! Eu não posso dizer; senão ele me mataria.

Aproximei-me dela, não aguentava mais essa forma de falar.

— Ordeno que me diga quem ele é!

— Não vou dizer, senhor. Castigue-me, encerre-me em seu calabouço, faça o que quiser, mas eu não vou falar.

— Precisa me dizer Amana! Sou seu senhor — eu lhe ordenei bruscamente.

Ela baixou seu rosto, já não me olhava nos olhos. Por um impulso começou a gargalhar, comportava-se como se estivesse louca.

— Jamais! — Dizendo isto começou a correr à aldeia, em direção à cabana de Wilda.

Decidi não segui-la. Aquele jovem estava doente, a loucura tomou conta dela, mas o que estava muito claro era que eu deveria conseguir essa informação.

Precisava pensar, respirar; estava com tanto medo de perdê-la que estava ficando obcecado. Tampouco podia mantê-la encerrada; Ana era uma mulher que queria se sentir livre, precisava de liberdade para ser feliz.

Peguei meu cavalo e fui à zona escarpada, afastado de tudo. Sentei-me e respirei profundamente. “O que eu preciso fazer, meu Deus? Agora, que preciso, não pode me abandonar”. Tapei meu rosto com ambas as mãos.

Estive bastante tempo fora do castelo. Assim que Ana me viu chegar, saiu para me receber, no pátio de armas. Impulsivamente correu para mim, rodeou-me o pescoço com seus braços e me beijou; eu não esperava aquela reação. Isso eu gostava nela: era imprevisível, não seguia nenhuma norma de protocolo, era diferente. Escutei as risadas de meus homens, que, igual a mim, não estavam acostumados a ver esse comportamento em uma mulher. Olhei-a sorridente.

— Ana, não deve fazer essas amostras de carinho em público — eu lhe disse enquanto beijava seus bonitos e carnudos lábios. — Olhe o que provocou em meus homens. Riem de mim!

— Ah! Mas há gente a nosso redor? Eu tenho somente olhos para você — ela zombava.

— Ha, ha, ha!

— Hoje, ao me levantar, como vem sendo muito habitual em você, não estava, nem a meu lado na cama, nem no castelo. Posso saber onde vai tão cedo? — Ela me perguntava enquanto respondia a meus beijos.

— Sabe que não posso lhe dizer isso. Um guerreiro nunca revela suas façanhas para uma mulher.

— Mas eu não sou uma mulher qualquer, e sabe disso.

Escutei o pigarro de Dylan atrás de nós. Beije-a no nariz arrebitado e envolvi sua mão com a minha. Olhei para Dylan, que, com um sorriso nos lábios, olhava-nos com grande interesse.

— Ora, deve ser algo muito importante para ter me interrompido neste momento — eu lhe disse.

— Pois sim, é — respondeu Dylan. — Esta manhã, depois de você sair, veio um mensageiro e trouxe isto para você.

Dylan estendeu a mão e me deu um cilindro de papel com o selo do duque de Lancaster. Eu li.

— O que aconteceu, Korvan? — Perguntou Ana, impaciente.

— O duque organizou uma festa pelo compromisso de sua filha.

— Compromisso? Se recentemente fomos a sua apresentação na sociedade! — eu disse surpresa.

— Ana, as coisas funcionam assim. É o normal. Ha, ha, ha! — Dylan também riu comigo. — Amigo, mande um de nossos homens para lhe dizer que iremos. — Olhei para Ana. — Será bom nos afastarmos daqui, de tudo isto. Sairemos em alguns dias e você, esposa minha, precisa se preparar para a festa desta noite.

— Agora quero aproveitar de um pouco de você, estive muito só durante toda a manhã.

— Terei toda a noite em exclusividade para você; então me deixe falar um momento com o Dylan e em breve sairemos à aldeia.

— Korvan! — Eu ia protestar. Atraí-a até meu peito e a beijei.

— Só vou estar para você, prometo-lhe isso. Avi! — eu gritei. Ela, ao escutar minha voz, mostrou seu corpo gordinho na porta. — Acompanhe Ana ao quarto e ajude-a a se vestir.

— Mas... — eu falaria outra vez, mas evitei. Sabia que, se o fizesse ele não me deixaria partir.

— Venha! — Virei-a e lhe dei um carinhoso açoite no traseiro. Os escudeiros e soldados ali presentes romperam em gargalhadas. Sabia que isso não a agradara, mas ela precisava aprender a me respeitar e me obedecer diante de meus homens; eles não podiam ver que uma mulher, embora fosse minha esposa, me dissesse como agir, a cada momento, embora na intimidade fosse ela a que mandava, e eu adorava que assim fosse.

— Dylan! — Virei-me para olhá-lo. Um meio sorriso se desenhava em seu rosto. — Posso saber o que acontece?

— Nada, nada...

— Pois murche esse sorriso!

— Acredite, amigo, que por mais que eu tente não consigo.

— Pois não entendo o porquê.

— O amor não entra em meus planos... — Ele zombou repetindo minha frase do passado. — Jamais uma mulher... — Eu o cortei.

— Pare! Tem razão, mas naquela época eu não a conhecia. E sim, a amo, a amo com loucura.

— Ha, ha, ha! — Ele riu. Desviei a conversa.

— Onde está Krim? Esta manhã estava com Ingrid e agora não o vi nos estábulos quando cheguei.

— Pois agora, que o diz, é verdade, eu tampouco o vi durante toda a manhã.

— Quando ele aparecer diga que quero falar com ele. Não pode negligenciar suas funções.

Subi as escadas em busca de Ana, intuía que ela estaria chateada. Abri a porta.

— Ao menos poderia bater! — Ela disse magoada.

— Não acredito que eu precise — eu disse. Divertia-me vê-la tão zangada.

— Está muito bonita com esse vestido azul. Essa cor lhe assenta muito bem.

Aproximei-me com a intenção de envolver sua cintura e de beijá-la. Ela se esquivou.

— Precisamos ir, chegaremos tarde — ela me disse com frieza.

— Não, estamos muito bem de tempo. — Voltei a procurá-la, mas ela voltou a se esquivar; sorri ante aquela situação. — Muito bem, sei que está magoada comigo, mas não pode se comportar assim diante de meus homens, faz-me parecer vulnerável.

— Claro, vulnerável, é isso. Sua dignidade ficará manchada se der mostras de carinho para sua mulher e consentir os desejos dela em público. Perdoe-me, havia me

esquecido de que é um guerreiro, um bruto e orgulhoso saxão que nunca diz o que sente, sempre frio, distante, calculista, assim é mais homem. Parabéns para você, Korvan! Isso sim que é homem.

— Ha, ha, ha! Por isso eu gosto tanto de você, porque me enfrenta, me desafia. Mas, querida, isso na intimidade, em público eu a proíbo de fazê-lo.

— Proíbe? — Ela se virou para me olhar, colocou as mãos sobre seus quadris. Estava muito zangada e, quanto mais zangada estava, mais eu a desejava e a amava. — Pois ninguém me proíbe de nada, Korvan e muito menos um homem. — Arqueei as sobrancelhas, surpreso por sua resposta.

Aproximei-me dela.

— Sou seu marido! Ou já esqueceu? Então me deve obediência. O que lhe acontece, mulher? — Dizendo isto a atraí para mim com força, rodeei-a com meus braços e a beijei, desejando que ela respondesse a eles, mas ela se manteve passiva, não houve nenhuma amostra de carinho para mim. Olhei-a. — Vamos, chegaremos tarde! — Gritei zangado. Agarrei-a pela mão e a levei com força pela galeria. Estava muito zangada. De onde ela havia saído? Por causa de suas respostas já a teriam encerrado na torre mais alta.

Coloquei-a em cima do meu cavalo e eu subi atrás dela.

— Não quero ir em seu cavalo —ela disse, orgulhosa, mantendo seu queixo bem alto.

— Sim, irá no meu — eu respondi.

— É uma ordem, meu senhor? — Ela zombava.

— Sim, tem alguma objeção? — Ela não respondeu.

A área da praia estava repleta de pequenas fogueiras. Os camponeses, e, inclusive o padre Peter, estavam se divertindo. A música das gaitas de fole eram ouvidas à distância. As mulheres preparavam as grinaldas de flores para as atirar na beira do mar, no momento em que a lua aparecesse. Wilda nos viu chegar e em seguida veio buscar Ana.

Ajudei-a a desmontar e a detive entre meus braços. O que eu menos queria nessa noite era discutir com ela; queria fazer as pazes, mas, se eu era orgulhoso, ela também era. Vi ela se afastar com Wilda; levou-a para fazer as grinaldas que ela atiraria ao mar. Dylan, que vinha atrás de nós, posicionou-se a meu lado.

— Encontrou a forma de seu sapato. Ha, ha, ha!

— É uma fera! — Eu falei. — Por isso que eu gosto tanto — eu lhe respondi enquanto a observava.

— Isso eu já sei. Roubou seu coração, amigo — ele me respondeu enquanto me dava uma palmada em meu peito.

— Pois sim, estou completamente apaixonado por ela, algo que jamais imaginei. Por isso me dá medo tudo o que está acontecendo. Quero afastá-la daqui, será bom irmos ao castelo do duque de Lancaster.

— Viu Amana? — Perguntou Dylan

— Sim, aquela jovem está louca. Não quer me dizer a identidade de Hernes, estou convencido de que ela sabe quem ele é. Seguirei-a, em algum momento me levará para aquele desgraçado.

- Não a vejo por aqui — disse Dylan.
- Não, não está, ao menos por agora — respondi.

Não conseguia deixar de observá-la. Ela, de vez em quando, olhava-me disfarçadamente. Sabia que ela desejava que eu estivesse a seu lado.

— Perdoe-me, amigo, mas prometi a minha esposa que dedicaria a noite para estar com ela.

— Ha, ha, ha! Não deve faltar com sua palavra. — Dylan zombava, mas essa noite eu desejava somente estar com ela.

Fui direto para onde Ana se encontrava. Cada mulher estava com suas grinaldas preparadas para entrar na beira do mar e jogar as coroas de flores. Coloquei-me a seu lado, ela me olhou de esguelha.

— Sabe o que isto significa? — Eu lhe perguntei.

— Não — ela disse com frieza.

— Se jogar as flores no mar, na noite da lua vermelha, o amor que sente por uma pessoa ficará selado para sempre, no firmamento. Nada nem ninguém poderá rompê-lo. — Olhou-me surpresa.

— Ora! É a primeira vez que eu o ouço falar de amor. Por acaso está doente, esposo meu? — Ela zombava.

— Ha, ha, ha! Não, estou estupendamente bem. Além disso, vou ajudá-la a jogar as flores. Prometi que esta noite me dedicaria somente a você.

— Não se veja forçado, meu amo e senhor. — Sabia que ela estava brincando comigo, isto me divertia. — Não quero que se veja obrigado a fazer algo que ponha em perigo sua virilidade e autoridade diante dos outros varões.

Coloquei-me em frente a ela e forcei com que me olhasse nos olhos.

— Fique tranquila, mulher, que minha virilidade, como você muito bem disse, acredito que não se questiona. — Pisquei-lhe um olho. Ela se ruborizou com meu comentário. — Façamos uma trégua. Se quiser, na volta, continuaremos com nossa discussão.

Ela me olhou e assentiu.

— Está bem, mas somente para não abafar a festa dos outros.

— Abafar? — Jamais havia escutado essa palavra. — Muito bem, pois somente por esse motivo.

Nesse momento peguei parte de suas flores e envolvi sua mão com a minha; ambos entramos juntos, à beira do mar e as jogamos. As ondas as balançavam. Observava a reação de Ana: ela contemplava a cena. Peguei sua mão e a levei aos lábios, ela estava muito bonita.

— Ana — eu sussurrei. Ela me olhou. — Continua magoada comigo?

— Sim, estou muito zangada com você. Eu não gosto que me trate como se fosse sua posse, não sou seu cavalo, ou suas terras..., sou sua mulher. O fato de ser sua esposa não o autoriza a decidir, nem a falar por mim, e menos ainda a me dizer o que devo fazer.

— Ha, ha, ha! Muito bem, façamos um trato. Diante de meus homens e quando estivermos em público, limite-se a fingir que segue minhas ordens; depois, na intimidade me recrimine o que quiser, que eu aceitarei todas suas sugestões e ideias, o que lhe parece?

— Bom, não é que eu goste muito da sua sugestão, mas eu a aceito. Posso entender que em público precisa parecer esse macho guerreiro autoritário ao qual todos temem.

— Ha, ha, ha! eu adoro-a! — Rodeei-a com meus braços e a puxei até colocá-la à minha altura. Beije-i-a e dava voltas com ela sobre mim mesmo. Ana ria diante de minha ação.

— Está louco, Korvan!

— Sim, querida, louco por voê, minha ferazinha. — Deixei-a no chão. Wilda nos interrompeu.

— Sinto muito, senhor. Levo sua bonita esposa, começa o baile ao redor do fogo. E você deveria posicionar-se também; já sabe, é a tradição.

Wilda estava com a razão, vi-a afastar-se com Ana. As mulheres se colocavam ao redor das chamas e os homens rodeavam o círculo formado por elas. A música começou a soar e todos os ali presentes girávamos em torno das fogueiras. Eu não conseguia parar de observá-la. Notei uma cotovelada do Dylan, que estava a meu lado.

— Korvan! Olhe! — Assinalou para minha frente atrás das chamas. Separada pelo fogo estava Amana, com uma capa negra, observando.

— Preciso falar com ela — eu disse. — Cuide da Ana até que eu retorne. Vi que a moça dava meia volta e se afastava para a zona escarpada.

Corri atrás dela.

— Amana! — Eu gritei. Ela não parou, fez como se não me escutasse. — Amana! Pare!

Nesse momento ela parou de caminhar, mas não se voltou.

— O que quer de mim, senhor? — Ela disse. Coloquei-me em frente a ela; seu rosto e seus olhos não estavam tão tensos, nem possuíam aquela expressão de frieza e ódio.

— Preciso que me ajude a encontrar Hernes. — Olhou meus olhos com intensidade.

— Você sabe que não posso fazê-lo. Ele me mataria.

— Eu a protegerei, ninguém lhe fará mal. Minha espada e meu braço velarão por você, mas preciso que me ajude.

Moveu a cabeça para ambos os lados.

— Não, não, não! Não insista, senhor! Não posso fazê-lo.
— Começou a soluçar como uma menina pequena.

— Amana — eu lhe disse com doçura, — você sabe que eu só quero lhe fazer o bem. Esse homem é um assassino, matou muitas mulheres e quer assassinar a Ana.

— Sei. No final ela morrerá e você não poderá fazer nada.

Essas palavras me doeram, foram como dardos que se cravaram em meu coração.

— Amana! Por favor, me diga quem é esse homem.

— De verdade quer sabê-lo?

— Sim.

— Ele desapareceu, mas sei que retornará, na próxima lua cheia, senhor.

— E onde poderei encontrá-lo?

— Ele sempre se esconde no bosque, na gruta que há no grande carvalho. Mas já não está lá, ele desapareceu.

Sabia onde era aquilo. Aquele lugar era úmido e sempre fora um lugar temido pelos camponeses; eram muito supersticiosos e asseguravam que havia forças malignas.

— Obrigado, Amana.

— Senhor! — Ela disse.

— Sim?

— Ninguém precisa saber o que eu lhe contei.

— Ninguém saberá. — Nesse momento ela começou a correr em direção aos escarpados.

Observei-a, aquela moça não estava bem, queria ajudá-la. Quando acabasse com minha principal preocupação, Ana, veria a forma de poder fazer algo por ela. Segui-a. Então, eu o vi. Vinha a seu encontro, estava enrolado em uma capa negra, com o capuz branco, que ocultava seu rosto; pela parte dos pés, aparecia uma aba branca como a que usavam os abades. Escondi-me entre a vegetação que havia próximo. Não consegui ver o rosto dele. Havia um barco, dali eu conseguia escutar a conversa.

— Trouxe o livro? — perguntou o homem encapuzado.

— Sim. — Amana tirou um livro negro de seu amplo bolso. — Já sabe, recebeu a mensagem, leve isso para sempre. Jamais poderá pisar nestas terras. Desapareça senão, morrerá; sabe que será o próximo.

Não entendia nada, aquela jovem cada vez me intrigava mais.

— Entregue-me o livro e prometo desaparecer para sempre — disse o religioso com voz trêmula.

Eu tentava distinguir seu rosto, mas resultava muito difícil com aquele capuz; aquele homem se escondia.

— Parta agora mesmo se não quiser que a morte lhe chegue neste momento! — Disse Amana.

Nesse instante uma rajada de vento baixou o capuz daquele homem; então, reconheci-o. Era aquele ser que eu tanto odiava e ao qual eu tanto havia procurado para matá-lo; João de York estava em frente a mim, aquele malnascido que havia abusado de meninos inocentes e pelo qual meus pais morreram.

— João de York! — Eu gritei enquanto corria com fúria até onde ele estava.

Ao me ver foi direto para o barco que estava na beira; havia lá um homem que o esperava e começou a remar a grande velocidade. Tropecei, o pé de Amana me fez cair. Olhei-a com fúria, deu-lhe tempo de fugir. Levantei-me e comecei a entrar no mar com a intenção de nadar até alcançar o barco, mas sabia que jamais conseguiria; havia muita corrente e ele já estava em vantagem. Retornei para onde Amana estava, ela me observava.

— O que significa isso? — Perguntei com fúria. — Agora mesmo vai me explicar isso. — Ela permaneceu em silêncio. — Muito bem, juvenzinha, pois, se continuar com a boca

fechada, eu a mandarei embora de minhas terras, agora mesmo.

Aquilo a fez reagir, notei temor em seus olhos.

— Ele queria um livro que eu encontrrei na cabana de uma das aldeãs que apareceu morta no rio. Naquele livro havia nomes de crianças, entre eles o meu, crianças cujos pais eram religiosos e que... — Vi lágrimas em seu rosto, não deixei que terminasse de falar.

Sabia ao que ela se referia, aquele ser era um doente que devia ter morrido há muito tempo. Ele havia abusado de crianças e Amana devia ser uma das meninas; agora eu entendia seu comportamento. Senti uma grande pena e compaixão pela jovem. Abracei-a.

— Sei, Amana, sei. Fique tranquila, não precisa me dizer nada mais. Aonde ele foi?

— Foge à França. Irá para o sul e embarcará lá.

— Muito bem, pois está, agora ninguém voltará a lhe fazer mal. — Ela me olhava com medo. Começou a correr em direção ao bosque; deixei-a fugir.

Caí de joelhos sobre a areia fina da praia, tapei meu rosto com ambas as mãos. Queria gritar e chorar, mas não saía nenhuma lágrima.

— Korvan! — Era Ana, estava na distância, me observando. Vinha até mim andando lentamente, ela ainda mancava um pouco. Ficou de joelhos em frente a mim, tirou minhas mãos do rosto e me acariciou a bochecha. — O que aconteceu, meu amor? Está molhado e abatido.

— Nada, querida. Queria dar um mergulho de cabeça, mas desisti disso.

— O que está acontecendo, Korvan?

Coloquei-me de pé, não podia, nem queria dizer-lhe, ela já possuía muitos problemas para eu acrescentar um mais.

— Voltemos à festa.

Ela não se movia, estava quieta à espera de que eu lhe explicasse a situação.

— Korvan! — Ela disse. — Confie em mim, por favor.

— Não quero preocupá-la.

— Confie em mim. Ficarei mais preocupada se você não me disser, meu amor.

Atraí-a para meu peito. Amava-a, por nada do mundo permitiria que lhe acontecesse alguma coisa, eu estava disposto a morrer por ela. Levei suas mãos a meus lábios e as beijei enquanto olhava intensamente para suas pupilas.

— Recorda-se do que lhe contei da minha infância? O motivo pelo qual mataram meus pais? Meu desejo de vingança? — Ela assentiu, acariciava-me ambas as mãos. — Acabo de ver aquele abade, Ana. E agora tenho certeza de que também o vi naquele mosteiro onde a quiseram levar para matá-la. A única coisa que me lembro é que ele fugia e minha prioridade foi você. Amana estava com ele e lhe entregou um livro. A jovem é uma daquelas crianças das quais aquele maldito abusou, e naquele livro estava escrito os nomes de todas as crianças que aquele bastardo abusava, certamente para pedir perdão e expiar suas culpas. Ele escapou, Ana, não pude agarrá-lo, queria matá-lo.

— Melhor assim, Korvan — eu disse.

— Não, Ana, porque aquele homem continuará com seus obscuros e malvados jogos machucando crianças órfãs e deixando uma marca nelas, para toda sua vida.

Atraí-a para mim e a envolvi com meus braços; ela apoiou sua cabeça sobre meu peito enquanto me abraçava a cintura.

— Bom, hoje é uma noite especial. Esqueçamos isto por enquanto e aproveitemos. Esta noite prometi me dedicar a você — eu falei. Agarrei-a pela mão e a levei até à fogueira onde havia música, dança e diversão. Estava muito preocupado com tudo o que estava acontecendo ao meu redor, mas precisei somente vê-la sorrir para que me esquecesse, daqueles momentos, pelos quais tanto me preocupava. Quanto eu a amava!

XXXIX

João de York reconhecera o menino agora convertido em homem. Ainda estava agitado, aquele jovem quase o agarrava. Tocou seu bolso e notou o livro, ao menos já estava em seu poder. O abade sabia que precisava abandonar aquelas terras o quanto antes possível. Precisava pegar o navio que esperava clandestinamente em Kent, era sua única salvação. O que João de York queria era que esse homem que havia pago para que o levasse até ali e o colocasse no navio não o traísse; dera a ele algumas moedas de ouro e lhe prometera muitas mais, depois.

Acabavam de chegar ao outro lado do escarpado; naquela praia os esperavam dois cavalos. Começaram o caminho. João de York sabia que não podia perder nem um segundo, já que tanto aquele louco do Hernes como o conde o perseguiriam. Ambos possuíam algo em comum: queriam matá-lo, e ele não permitiria. Não podia confiar na palavra daquela moça enlouquecida.

O abade sabia que o caminho até Kent seria duro e pesado, ele resistiria. Já havia escrito, faz vários meses, ao abade de Fontenay o informando de sua visita e permanência em sua abadia; este lhe respondera que lhe abriria as portas.

XXXLX

Via-o intranquilo, com a mente em outra parte. Desde que havia ocorrido aquele incidente na praia, ele estava diferente. Sabia que, em um ou dois dias, partiríamos para o condado de Kent para as bodas da filha do duque de Lancaster. Aquela noite eu não conseguia dormir; o comportamento dele, desde aquela festa na praia, estava diferente, distante, como se já não quisesse saber nada de mim durante o dia, embora pelas noites fosse outro homem. Aquilo me preocupava. Possivelmente já se cansara de mim? Servia somente para satisfazer suas necessidades de homem? Esses pensamentos começavam a me atormentar. Decidi me levantar e ir à biblioteca, não queria despertá-lo dando voltas. Coloquei uma espécie de manta pelos ombros, peguei uma vela, e saí muito devagar do quarto. A galeria estava muito escura. Desci as escadas até o andar inferior. A única luz que havia era a da vela que eu levava e que fazia sombras nas paredes; cheguei a sentir medo. Abri a porta da biblioteca e a fechei atrás de mim. Korvan era um homem que, apesar de ser rude, bruto e um guerreiro, gostava da leitura e cultivava muito sua mente; isso eu gostava nele.

Deixei a vela sobre a mesa e comecei a procurar algum manuscrito para me distrair. Havia várias estantes, mas em

uma delas, me chamou a atenção um livro; estava ligeiramente para fora e sobressaía dos outros. Li o título, A canção de Roldan; era um poema épico com várias centenas de versos. Estava escrito em francês antigo; eu havia estudado francês, mas me escapavam muitas expressões e palavras. «Ora, ora... — pensei, — então meu guerreiro é um romântico que lê poesia». Eu sorri. Fui largar aquele manuscrito, mas ao tentar colocá-lo vi que se chocava com algo que havia no fundo e não me deixava encaixá-lo bem. Coloquei a mão até o final do oco e ali encontrei uma bolsinha de couro. Abri-a e ali estava o anel, meu anel! Ele mentira, me dissera o havia encontrado e que estava em um lugar seguro fora do castelo. Por que ele mentiu? Nesse momento escutei passos que se aproximavam da biblioteca. Quem fosse entrar estava bem atrás da porta. Apaguei a luz da vela e me escondi atrás de uma tapeçaria que estava pendurava desde teto e bem junto a uma coluna.

— Por que me traz aqui? — Era uma voz de mulher. Resultava-me conhecida; com a escuridão e com aquela coluna, não conseguia ver de quem se tratava.

— É o único lugar onde ninguém nos verá — disse uma voz de homem. Nesse momento não a reconheci. — Estou em perigo, hoje o amigo do senhor me fez uma pergunta. Dá-me a impressão de que dúvida de minha lealdade ou de que suspeita de nós. Já sabe que não quero que descubram nossa relação.

— Mas... a que se refere de que dúvida de sua lealdade? Não o entendo.

— Não dê importância, é somente uma impressão.

— Além disso — disse ela, — de nós ele não precisa saber, meu amor. Eu tento que ninguém me veja com você.

Nesse momento houve um silêncio. Comecei a escutar risadinhas, estavam se beijando.

— Vamos ! — Disse ela. — Não podemos arriscar de que nos vejam aqui. — Saíram dali às escondidas.

Suspirei, não entendia o que acabava de escutar. Guardei o anel na bolsinha e a apertei com meu punho. Já não podia acender a vela, e a galeria estava muito escura. Escutei os passos deles e os segui enquanto meus olhos se acostumavam, pouco a pouco, à escuridão. Desci as escadas com muita cautela, me apoiando na parede; ouvia suas risadinhas, apagadas em beijos. Cheguei ao outro andar, decidi segui-los; não conseguiria dormir e ainda mais depois de descobrir que Korvan mentira, não queria vê-lo nesse instante. Saíram e foram para a área do jardim. Esconderam-se entre algumas árvores, mas consegui vê-los; eram Krim e Ingrid. Surpreendi-me, acreditava. Quem teria imaginado? Começaram com carícias e decidi ir, era a intimidade deles. Atravessei o pátio e justamente atrás de mim, escutei um pigarro; assustei-me e me virei rapidamente. Korvan estava ali, com calças e a camisa branca desabotoados. Seus braços estavam cruzados, apoiados sobre a porta do estábulo, me observando, sério e surpreso.

— Ah! É você!

— E esperava por outra pessoa? — Ele perguntou.

— Não! É claro que não! Não consegui dormir e decidi sair.

— Claro... Acredita que sou tolo? Estive observando. Despertei e não estava ali; de repente olhei pela janela e vejo minha mulher às escondidas, andando nas pontas dos pés em direção ao jardim, evitando que alguém a veja. — Ele se aproximou de mim. Seus olhos me olhavam com interesse, nem pestanejava esperando uma resposta.

— Bom, isso é o que sua imaginação inventa.

— Ana! Sou um guerreiro, meu olfato nunca falha. Posso saber o que me esconde? Diga-me, ordeno-lhe isso!

— Outra vez com ordens! Pois agora sim que não lhe vou dizer isso. Já lhe disse que não aceito...

Ele não me deixou terminar; segurou-me pelos braços e me levantou até seu ombro como se eu fosse um saco de batatas. Não suportava que ele me agarrasse assim. Subiu as escadas a grandes passadas até chegar em nosso quarto, fechou a porta.

— Agora me dirá o que você fazia lá.

— Não! Não penso em lhe contar isso. E por favor, meu amor, não volte a me pegar desta forma!

Ele sorriu ao ouvir meu comentário. Aproximou-se de mim; estava tão próximo que sua altura e envergadura chegaram a me intimidar apesar de já estar acostumada a isso.

— Deve me contar, sou seu marido e lhe fiz uma pergunta.

— Pois não vou contar! Faltam-lhe maneiras, bruto saxão, e até que não saiba se comportar como um cavalheiro, com sua mulher, não vou responder a nada.

— Uff! — Ele colocou as mãos sobre o cabelo e me deu as costas. — Muito bem, perguntarei de novo. Por favor, Ana, pode me dizer o que você fazia lá fora?

— Bom, vejo que está aprendendo. — Zombei dele. Korvan estava enfurecido embora estivesse se controlando. — Vi que Ingrid e Krim saíam juntos em direção ao jardim.

— Ingrid e Krim? — Seu rosto mudou. — O que farão aqueles dois?

— Pois eu acredito que estão apaixonados. — Korvan me olhou sem me responder. — E mais, eu estava na biblioteca para procurar um livro que me distraísse e eles entraram; não sei o que ele falava sobre que seu homem de confiança lhe fizera uma pergunta. Depois se beijaram... e depois, já sabe. — Pisquei-lhe um olho. Não o fiz sorrir.

— Preciso falar com Dylan — ele disse preocupado.

Nesse momento ele me olhava e lhe estendi a mão. Mostrei-lhe a bolsa onde estava o anel.

— Também, para grande minha surpresa, encontrei isto. Korvan, mentiu para mim! Disse-me que o anel estava fora do castelo.

— Não tive mais remédio do que fazer assim, foi por sua segurança.

— Não fale por mim, não devia ter mentido. — Tirei o anel da pequena bolsa de couro e coloquei em meu dedo indicador; ele deveria ficar ali até que eu encontrasse a

maneira de me desfazer dele. Ele observou, com interesse, cada um de meus movimentos.

— Não me arrependo disso e o voltaria a fazer. Esse anel é a causa pela qual a perseguem e pela qual querem matá-la, Ana. Faria o que fosse para protegê-la.

— Pois não devia ter feito, Korvan. Por causa deste maldito anel minha vida mudou. — Sentei-me na cama e tapei meu rosto com as mãos, sentia vontade de chorar. Não consegui evitar que as lágrimas rolassem por minhas bochechas.

Korvan ficou de joelhos diante de mim.

— E se arrepende de que sua vida tenha mudado? — Ele me disse com carinho, enquanto retirava minhas mãos para ver meu rosto. Eu resistia, já que não queria que ele me visse assim, mas ele era forte e as colheu com uma de suas mãos e com a outra limpava minhas lágrimas. — Agora você faz parte de minha vida, Ana. E eu, faço parte de sua vida? — Olhei-o.

— Sim, Korvan, faz parte de minha vida e não me arrependo de que você esteja nela.

— Sinto muito, Ana, sou o culpado de que se sinta assim. Perdoe-me.

— Não, querido, você é a melhor coisa que me aconteceu. — Acariciei seu rosto.

Agarrou-me pelas mãos e me puxou para que eu ficasse de pé; depois envolveu minha cintura e me elevou até eu ficar na sua altura; baixou seu rosto e me beijou, com suavidade e doçura.

— É a única coisa boa que existe, agora, em minha vida, Ana. — Emocionou-me, já que as palavras vinham de dentro dele. Sorri ao ouvir seu comentário.

— Amo-te, meu guerreiro.

Ele me pegou nos braços e me levou à cama. Eu sabia que ele era o homem de minha vida.

Antes de partir para as terras do duque de Lancaster, Korvan esteve fazendo perguntas para Krim sobre onde ele estava na noite em que haviam entrado no castelo. Avi e o padre Peter saíram para se despedir de nós.

— Senhora! Cuide bem dele, que mesmo que seja um teimoso muito orgulhoso, tem um bom coração — disse Avi.

— Eu sei — respondi olhando para Korvan, que ao escutar minha resposta sorriu.

— Ande, venha aqui! — Korvan envolveu com seus braços o corpo gordinho de Avi. Depois lhe deu um beijo na bochecha.

— Desça-me seu louco! Cuide de sua esposa.

— Assim farei — ele respondeu para Avi. Virou-se e olhou para o sacerdote. — Padre Peter, confio em você.

— Fique tranquilo, rapaz, tudo será conforme o combinado.

Depois Korvan subiu ao cavalo e empreendemos a viagem para o castelo do duque. Ao que será que ele se referiria ao dizer para o padre Peter que confiava nele?

XXXLXI

Já se divisavam as muralhas do castelo do duque de Lancaster desafiando os escarpados. Eu sempre gostei desse lugar. O céu ameaçava uma tempestade. Minha mulher parou para contemplar aquela vista espetacular. Coloquei-me a seu lado, olhei-a, eu adorava observá-la.

— É bonito, não é verdade?

— Sim, é lindo. — Olhou-me e sorriu. — Embora eu goste mais do nosso lar. — Sorri com sua resposta.

— Sim, eu também, e mais ainda, desde que a tenho a meu lado. — Aproximei meu cavalo do dela e me inclinei para beijá-la. — Vamos! Deve estar cansada.

Percebia-se a alegria da celebração das bodas. Havia muitos cavalos, nobres cavaleiros com suas mulheres; os escudeiros não paravam de ir e vir de um lugar a outro. Desci de um salto de meu animal e em seguida fui segurar a cintura de Ana para ajudá-la a desmontar. O vento fez com que uma de suas mechas cruzasse por seu rosto; eu a retirei e a coloquei atrás da orelha dela.

— Você está muito bonita. — Ela sorriu com meu comentário.

— Korvan, tanta gente me deixa muito nervosa — ela me disse.

— Sim, a mim também, mas não poderíamos nos desculpar de não vir; o duque teria tomado como uma ofensa.

— Sei, meu amor, eu sei.

— Fique tranquila, que não a deixarei sozinha. — Pisquei-lhe um olho.

— *Uy!* Não faça esse tipo de promessas, sempre que faz, você desaparece.

— Ha, ha, ha! Conhece-me muito bem — eu lhe disse enquanto tocava com carinho a ponta de seu nariz. — Mas desta vez vou fazer todo o possível para que ninguém me chame.

— Bem, se for por alguma causa nobre, perdorei você, meu amor. — Ela pegou o meu rosto com ambas as mãos e me beijou.

Sorri por causa de seu gesto, peguei-a pela mão e fomos para dentro do grande castelo do duque. Ali, na entrada, estava ele; assim que nos viu veio rapidamente para onde estávamos.

— Conde de Estanglia! Que bom que já esteja aqui. Já vejo que volto a ver esta formosa mulher.

— Sim, é minha esposa.

— Sua esposa?

— Sim.

— Alegro-me muito. Um homem precisa de uma mulher a seu lado. Além disso, precisa de herdeiros. Ha, ha, ha! — Ri com ele. Olhei Ana, ela estava ruborizada. — Minha filha vai se alegrar muito ao vê-lo, ela queria que você viesse a suas bodas.

— É óbvio, não poderia faltar, nem minha esposa, nem eu, nenhum dos dois. — Olhei para Ana que estava fora da conversa.

Ultimamente eu a notava ausente. “Normal”, pensei; depois de tudo pelo que ela havia passado e do perigo que continuava espreitando-a, era compreensível.

— Korvan, se me desculpar — disse Ana, — deixo você para Charles e seus amigos. — Assinalou Kimball e Aldan, que estavam divertindo-se às minhas custas, ou ao menos isso era o que parecia, já que não paravam de me observar, nem de rir.

Ana se afastou e foi para fora. Vê-la partir me deixou intranquilo, mas sabia que meus medos, no castelo do duque, não teriam fundamento; ali ela não correria nenhum perigo.

O duque estava distraído com um homem que aparecera na sala; aproveitei esse momento para me aproximar de meus amigos.

— Posso saber o que é o que lhes causa tanta graça? — Perguntei chateado.

— Não fique na defensiva — disse Kimball, — mas compreende que ao escutá-lo dizer que precisa de um herdeiro... — Os três gargalharam. — Você, o grande Korvan, o guerreiro do coração de ferro. — Riram muiro.

— Muito bem, muito bem! Pois já riram bastante às minhas custas. Preciso lhes contar algo que me preocupa bastante; é sobre Ana, averigui algo de suma importância.

Estávamos afastados do resto dos convidados, por isso podia falar sem reparos. Nesse momento Derian se uniu a nós, já estávamos os quatro.

— Derian, agora não fale e escute. Korvan está a ponto de nos relatar algo de suma importância — disse Aldan.

— Pois, então, que fale já — respondeu Derian.

— As relíquias de Santo André, que, como sabem, estavam com os frades na abadia do lugar, vigiadas pelo bispo, cujo castelo está junto a esta, desapareceram. E sempre enganaram os peregrinos que foram ver o santuário. A parte do manuscrito que minha esposa possui, junto com a que falta, são a chave para encontrar todo aquele tesouro; aquele erário é muito valioso. Depois vem o anel e o santo Graal. Os três, manuscrito, anel e Graal, são aquilo que o rei e o bispo de Saint Andrews estão procurando, e o anel e uma parte do manuscrito estão com Ana.

— Não estranho que você esteja preocupado, sua mulher está em perigo. Esse bispo fará o impossível para conseguir o anel e a parte do manuscrito que está em poder de sua esposa. Além disso, terá o apoio do rei, que também deseja recuperar a joia — disse Kimball mostrando preocupação. — Sabem que ela está com as duas coisas?

— Podem suspeitar que está com o anel, não com o manuscrito; este está guardado em meu castelo, mas o anel ela carrega com ela. Encontrou-o escondido na minha biblioteca e a muito teimosa o usa apesar de minha oposição.

— E pergunto eu! — exclamou Derian. — Se pode saber porque vocês sempre encontram mulheres tão problemáticas? Para Kimball aconteceu algo semelhante com Elizabeth.

— Bom, possivelmente porque as mulheres enigmáticas, com problemas nos atraem — respondeu Kimball.

— Não se preocupe, amigo — disse Aldan, — ajudaremos você. A primeira coisa é fazer desaparecer o anel, não pode estar nas mãos dela.

— Sei, e é a primeira coisa que pensei, mas Ana se vê na obrigação de levá-lo com ela, disse-me algo sobre que ele precisa estar junto ao santo Graal.

— Então, o melhor é que converse com Elizabeth, possivelmente ela a convença; acredito que ela é a mais indicada para falar com sua esposa. Eu comentarei esta noite, para que amanhã ela possa encontrar a ocasião de conversar com Ana — disse Kimball.

— Sim, acredito que é o melhor — eu respondi.

— E quanto ao manuscrito, se quiser, pode me entregar, que eu o levarei até *Eilean Doam*; lá encontrarei um esconderijo perfeito para que ninguém o encontre — disse Aldan.

— Sim, isso será o melhor. Ninguém suspeitará que uma das partes desse manuscrito está nas terras de Aldan — disse Kimball. — E se alguém atacar sua esposa, nossos braços e os de nossos soldados estarão lá para lutar.

— Obrigado, amigos.

Nesse momento o duque nos interrompeu.

— O que fazem estes cavaleiros aqui, que não estão bebendo? Há cerveja e vinho à sua disposição. Vão beber! Na verdade, há uma disputa entre os clãs; vocês sempre participaram, eu gostaria que nesta ocasião também entrassem na disputa.

— Pois claro! — disse Derian gargalhando.

O torneio e os jogos do dia que antecedia o enlace estavam a ponto de iniciar. O repicar dos tambores soava com força. Saí, precisava procurar a minha esposa; nesse momento vi Elizabeth e me aproximei dela.

— Korvan! Viu meu marido?

— Sim, vai participar do torneio, já sabe que ele gosta destes jogos.

— Sim, sei — disse suspirando, resignada.

— Viu Ana?

— Sim, estivemos falando até faz um instante, agora ela partiu para descansar; disse-me que estava com uma forte dor de cabeça pela viagem.

— Para descansar? — Eu perguntei estranhando.

— Sim, ela me disse isso.

— Obrigado, Elizabeth.

Isso me parecia estranho, ela não era das mulheres que se enfiavam no quarto depois de uma viagem e ainda mais em uma festa. Eu subiria para ver o que acontecia, mas nesse momento Derian me segurou o braço.

— Posso saber para onde vai?

— Procurar Ana, ela não se encontra bem e está no quarto.

— Pois precisará esperar, participaremos do torneio. Os cavaleiros do Leão, também conhecidos como os cavaleiros do tempo, são invencíveis. Ha, ha, ha!

Sabia que não podia me negar, mas depois do torneio viria a batalha entre clãs, até o baile eu não poderia vê-la. “Bom — pensei, — eu deixarei que descanse, no quarto ela não corre nenhum perigo”.

XXXLXII

Tomas Becket estava em seu castelo, em Saint Andrews. De sua janela ele divisava a abadia e tentava pensar na palavra adequada para colocar no pergaminho que enviaria ao rei João. Sabia que ele estava muito doente e que o mais provável, era que morresse logo, mas ele devia assegurar-se de que seu grande segredo não seria revelado. A última notícia que teve era que ele se dirigia para o castelo de Newark, em Nottinghamshire, mas que devido a sua enfermidade — muitos diziam que estava afetado pela desinteria, embora ele estivesse certo de que era o veneno que havia mandado administrar ao rei — ele decidira fazer uma parada de alguns dias no castelo de Sleaford, até se recuperar um pouco e conseguir chegar a seu lar. O rei devia morrer, ele sabia muito. Observou pela janela as águas bravas do mar do norte, como se chocavam contra as rochas e muros sobre os quais se levantavam o castelo e a abadia. Leu em voz alta seu escrito:

Majestade:

Preciso vê-lo com urgência. Sei onde está o anel. Tenho suspeitas de que o manuscrito também pode estar nas mãos da mesma mulher que possui a joia. Partirei para Newark para nos encontrarmos.

— Sim! — disse em voz alta. — O rei precisa morrer.

Havia algo que também lhe rondava a cabeça. Levantou-se, enrolou o pergaminho e selou os extremos com seu anel. Deixou-o sobre sua mesa e se endireitou com dificuldade, já que sua proeminente barriga cada vez o deixava mais torpe. Aquele abade havia desaparecido, era uma ameaça para ele, embora ele, também, tivesse muito a esconder.

O anel, junto com o manuscrito, era a chave para encontrar o santo Graal e as relíquias de Santo André. Os guardiães as esconderam e ninguém jamais soube quem eram os homens que vigiavam e velavam pela segurança do santo Graal e do resto do tesouro. Ele encontraria tudo, ou ao menos, possuindo o anel e as duas partes do manuscrito sagrado, encontraria o esconderijo.

— Maldita seja! — ele disse em voz alta. Ele estava raivoso, já que não parava de pensar que havia guardado o anel daquela mulher na bolsa de couro e esta deve ter caído ao chão, quando Hernes apareceu. Suas feições se tensionaram, ele estava cheio de ódio. Foi se tranquilizando pouco a pouco, sabia que logo a jovem estaria em seu castelo. O grande mestre lhe assegurara que o anel estava outra vez nas mãos da moça; informou-lhe que a bastarda estava encarregada de levá-la até ele.

XXXLXIII

Que Amana fazia no castelo do duque? Estava falando com Elizabeth quando a vi. Decidi dar uma desculpa à mulher de Kimball e ir falar com a jovem, que me observava à distância.

— Perdoe-me, Elizabeth, estou muito cansada, irei repousar no quarto. — Ela assentiu enquanto sorria para mim.

Fui me encontrar com Amana, que ao ver-me começou a andar lentamente olhando de vez em quando para trás, para certificar-se de que eu a seguia. Guiava-me até os subúrbios do castelo. O que ela pretendia?

Saí daquela fortaleza; os soldados me olharam igualmente a Amana, mas não reagiram. Levava-me para um bosque; ali, entre o arvoredo e a vegetação fechada, eu a perdi.

— Amana! — Eu gritei. Mas recebi como resposta somente o sussurro das folhas das árvores ao se moverem com a suave brisa. —Amana! Onde você está?

Nesse momento ela apareceu entre a vegetação, com seu rosto pálido. Olhava-me com interesse.

— Você está em perigo e seu marido também.

— O que quer dizer? Não a entendo.

— Esse anel só traz desgraças. Eles sabem que você está com ele de novo e o rei também está atrás dele.

— Quem são eles?

— Os Dragões Vermelhos.

Deu-me um calafrio somente de escutar aquele nome.

— Por que Korvan está em perigo?

— Ele a defenderá com sua própria vida, e tanto eles quanto o rei sabem. Vão matá-lo, farão uma armadilha para que ele morra e possam ir até você sem o obstáculo que supõe ser seu marido.

— O que o rei tem a ver com esse grupo?

— Ele é o fundador da ordem e, portanto, quem dá as ordens ao grande mestre para que as execute.

— E quem é o grande mestre?

Amana ficou nervosa com esta pergunta. Escrutinou-me com interesse.

— Não posso dizer isso, mas seu poder e influência é como a do próprio rei. Se quer salvar seu marido, deve dar atenção ao que eu estou dizendo.

— E como sei que não é uma armadilha, Amana?

— Porque o senhor foi o único que se importou comigo. — Baixou seu rosto. — Quero ajudar a ele e... a você.

— E o que eu devo fazer?

— Precisa me acompanhar. Deve fugir daqui e se afastar dele, assim o protegerá. Eu a levarei até um lugar seguro onde esconderá o anel, um lugar onde ninguém o encontrará. Sem o anel, nenhum dos dois correrá perigo. Deve vir comigo neste momento, não deve retornar ao castelo.

— Mas não posso desaparecer assim, Korvan se preocupará.

— Encarreguei-me que dar instruções a um soldado para que leve uma mensagem ao senhor. Ele se reunirá com você em seu castelo. Antes de ir para lá, mostrarei o lugar no qual devemos esconder a joia.

Não confiava muito em Amana, junto a ela havia dois cavalos. Estava indecisa, mas também me assustava o fato de saber que Korvan podia morrer.

— Vamos! — Ela insistiu.

Decidi falar com Korvan; sabia que, se ele não me via, ia se preocupar. Sim, iria antes a ele, o diria.

— Amana, não posso ir com você, devo falar com Korvan e explicar o que você me disse. Se ele não me vir, ele se preocupará.

— Precisa vir agora, não podemos esperar mais — ela disse com insistência.

Virei-me para retornar ao castelo, mas nesse momento notei como pressionavam minha boca com um tecido úmido que desprendia um aroma desagradável. Meus olhos ficaram nublados, eu estava perdendo a consciência.

XXXLXIV

Elizabeth disse que precisava descansar e que subiria ao quarto, mas não estava lá. Onde teria se metido? Esta mulher... Desci as escadas e fui direto aos estábulos. Krim, meu escudeiro, que viera conosco, estava ali.

— Senhor!

— Krim, viu a senhora?

— Não, senhor, não a vi.

— Se a vir, diga que estou procurando-a.

— Assim o farei, senhor.

Parti em direção à esplanada onde estavam acontecendo os jogos; logo começaria a luta em que participaríamos, os quatro. Parei e observei por todos os lados: nem rastro dela.

— Korvan! Podemos saber o que faz aí? Estamos esperando você! — disse Aldan.

Eu a procuraria depois. Devia procurar diminuir essa obsessão com ela.

A luta ia começar. O duque também participaria, algo incomum; o anfitrião do evento nunca o fazia. Surpreendeu-me.

— Posso saber o que está esperando, rapaz? — Disse Kimball.

— Resolverei depois. — Falei em voz alta, sem atender à pergunta do Kimball.

— Está muito estranho, amigo — disse Aldan.

O ruído dos tambores retumbava em todo o lugar. Os ali presentes começaram a aclamar os combatentes, com gritos de entusiasmo. A batalha teve início. Saímos os clãs, e começamos a brandir nossas espadas com os guerreiros contrários. A briga terminava no momento em que nossa espada se chocava com o escudo de nosso oponente. Eu precisava me concentrar. Nós estávamos muito acostumados a lutar e ganhar. Estávamos dispostos em círculo, olhando para cada um dos competidores. O duque vinha para mim; nossos aços se chocavam e desprendiam o som metálico cada vez que ambos os fios coincidiam. Seus golpes eram violentos. Era um jogo! Então eu não entendia a reação e a violência do duque, que me obrigou a me concentrar ainda mais e a lutar como se se tratasse de um inimigo, em um campo de batalha. O que estava acontecendo? Ele queria me ferir. Esquivava-me com agilidade e mestria; ele era mais lento devido à sua corpulência. O duque não tocava meu escudo com a ponta da espada, a não ser se me ferisse ou me matasse, embora a morte me custasse entender. Empurrei-o e ele caiu; ajudei-o a se levantar, mas ele me golpeou com violência e se equilibrou contra meu peito. Choquei minha espada contra a dele com tanta força que ela saiu voando. Olhei-o, e a ponta de minha espada tocou seu escudo. Kimball nos observava. Aproximou-se junto com o Aldan e Derian e se colocaram a meu lado; eles também se deram conta de que essa luta não

fizera parte do jogo, era uma briga com outras intenções. O duque mudou seu semblante e sorriu para o grupo que formávamos.

— Preciso dizer, Korvan, que a fama que possuí de guerreiro invencível é verdadeira, você luta com grande valentia. — O silêncio dos ali presentes se rompeu ao ouvirem suas palavras, o que provocou uma grande gargalhada coletiva e aplausos. — O duque se levantou, ficou em frente a mim e me sussurrou. — Amigo, é somente um jogo. — Deu uma palmada em meu ombro e partiu para a área principal, que estava arrumada para ele e para sua família.

Eu sabia que não era assim, vi ódio em seu olhar e não entendi muito bem o porquê.

— Esse homem queria matá-lo, Korvan — disse Aldan.

— Sim, eu acredito que todos notamos — disse Kimball.
— Disfarce, Korvan, aja como se não estivesse surpreso por suas ações.

— O que ele pretendia? — Perguntou Derian.

A batalha terminou e começou a música, a comida e o baile em uma grande esplanada. Já fazia tempo bom e se podia ficar no exterior. Dispuseram mesas em forma de u, nas quais presidiam o duque e toda sua família e a do noivo; no centro estavam os trovadores, animando a festa. Tanta gente me enervava. Vi Elizabeth, que se aproximava de Kimball, mas Ana não estava. Dispus-me a subir ao quarto, precisava encontrá-la. Abri a porta do dormitório e não havia ninguém, nem rastro de Ana. Saí, também não estava. Krim chamou minha atenção. Que fazia meu escudeiro

escapulindo para os arredores dos muros do castelo? Era um homem curioso em quem eu começava a não confiar. Decidi segui-lo; fui rapidamente aos estábulos e peguei as rédeas de meu cavalo. Ele estava indo em direção ao bosque, não parava de olhar para trás, como se temesse que alguém o perseguisse. Evitei que ele me visse, ele estava a uma certa distância. Havia algo em seu comportamento que me intrigava, queria estar atento a todos os seus movimentos. Não é que desconfiasse de Krim; meu pai o havia ajudado, a ele e a sua mãe, quando, em uma das batalhas na qual meu pai se viu envolto, seus homens mataram o pai dele. Deu-lhes teto e comida; em troca sua mãe foi donzela da minha e ele, meu escudeiro. Eu cresci com esse rapaz distante, misterioso, mas ele sempre demonstrara fidelidade para mim e minha família.

Ele montou em um cavalo que estava escondido no arvoredo, começou a galopar a grande velocidade. Aonde vai? Ele não podia partir sem minha ordem expressa. Notei uma fita enganchada em um dos ramos de um carvalho que estava próxima a mim. Era a fita de Ana! Estava com manchas de sangue. Nesse momento escutei um ruído atrás de mim, era Aldan.

— Posso saber o que pretende?

— Esta fita é de Ana! — Eu a mostrei.

Sem dizer mais nenhuma palavra comecei a galopar atrás do Krim. Aldan me seguia.

XXXLX

— Vossa eminência. — O cavaleiro, sujo do pó dos caminhos, estendeu sua mão enquanto entregava o pergaminho ao bispo Tomas Becket.

Becket o observou a certa distância, não gostava que o simples homem do campo pisasse em seu chão limpo, mas sabia que aquele pergaminho era importante e poderia conter a informação que ele tanto desejava. Agarrou-o rapidamente, deu as costas ao mensageiro e o abriu impaciente.

Vossa eminência:

A dama já está a caminho. Leva o anel, mas não há nem rastro do manuscrito.

Em alguns dias chegaremos a seu castelo, em Saint Andrews. O mestre espera suas ordens imediatas diante da gravidade da doença do rei.

— Enfim! — Ele exclamou em voz alta. Depois de tê-lo perdido, retornava para ele. A joia deveria ter estado sempre em seu poder.

Virou-se. Aquele mensageiro não levantara seu rosto, mantinha-o baixo, com seu olhar fixo no chão. O bispo podia cheirar o medo que os poros de sua pele desprendiam. Becket sabia o temor que causava à classe inferior — assim ele

considerava os camponeses. — Com um só gesto que fizesse, qualquer homem podia ser encarcerado e acusado de bruxaria com a sentença de morte, de maneira imediata, na fogueira. O bispo gostava daquela sensação de se sentir Deus. Sua forma de agir, seus pensamentos e sua frieza frente ao ser humano e a vida dos outros, o fazia um homem desumano, muito inclinado às forças malignas; de fato, entregou-se às energias do mal, as únicas que, segundo ele, poderiam dar o poder que ele tanto ansiava.

Ele se dirigiu para sua pequena mesa de madeira, pegou a pena de ganso e começou a escrever algumas linhas naquele pergaminho de pele de vaca. Enrolou-o e o selou com um cilindro que grudou nele. Levantou-se e se dirigiu até o mensageiro, que permanecia cabisbaixo.

— Precisa entregar isto o quanto antes possível. Já sabe a quem deve entregar.

Dito isto, o camponês fez uma reverência ao bispo e partiu rapidamente em direção ao castelo, onde estava o monarca doente. Becket fez uma careta torcendo ligeiramente a boca satisfeito pelo medo que provocava. Sabia que em alguns dias o anel estaria em suas mãos. Interrogaria aquela mulher para ver se ela sabia onde estava o manuscrito e depois a mataria. Sorriu pensando no ritual que faria para sua morte; seu sangue deveria ser entregue em sinal de oferenda às forças do mal, assim se cumpriria a profecia de tantos anos, que dizia o seguinte: “Quando o anel retornar à ordem do Dragão Vermelho, o sangue da mulher portadora deverá correr pelas pontas da cruz».

O bispo estava consciente de que precisava começar a se mover; os membros do Dragão deviam estar em seu castelo o quanto antes possível. Pensou que faria a chamada, o grande mestre precisava estar ali. Havia somente um que o preocupava, o abade João de York; ele poderia pôr tudo a perder. Ele havia desaparecido e, se o pegassem, não duvidava de que ele revelaria todos os segredos da ordem. Ele devia morrer.

XXXLXVI

João de York olhava, com desprezo, para o grupo de peregrinos ao qual se uniu. Precisou se desfazer de suas roupas e vender seu anel de ouro em troca de um traje puído e de uma capa suja de peregrino; era a única maneira de passar despercebido. Ele sabia que o bispo não demoraria para se dar conta de sua traição ao abandonar a ordem. Devia agir rápido e partir o quanto antes possível do solo francês. Logo chegaria ao sul das terras saxãs, onde pegaria o navio que o levaria até sua liberdade.

Ainda não esquecera daquelas palavras escritas no livrinho, elas vinham uma e outra vez. *Awen*. Ele sabia o que isso significava, e também sabia que as palavras eram o aviso de que o objetivo era ele; ele era o elo final que fechava toda a cadeia de assassinatos depois da mulher. Pegou uma parte de pão e de queijo e mastigou lentamente; observou que as migalhas que escapavam de sua boca eram comidas por um menino esfarrapado que rondava e perseguia os peregrinos que se dirigiam à França.

XXXLXVII

Eu não entendia porque Amana mentira, o que ela pretendia, o que queria. Ali estava, em frente a mim, em uma sala escura com teares de unicórnios e imagens mitológicas que cobriam as paredes. Não estava muito claro o tempo que havíamos demorado para chegar nesse lugar.

— O que quer? Por que me enganou, Amana?

Ela me olhava atentamente.

— Você sabe o que significa *Awen*? — Ela me perguntou.

— Não — eu lhe respondi.

— *Awen* é meu outro eu. Não posso desobedecer a meu outro eu; se não, ele me matará, como fez com as outras.

— A que se refere? Não a entendo, Amana.

— Somos dois; eu nasci na luz e ele, na escuridão. Dois iguais, como duas gotas de água, um como homem e outro como mulher; um leva o mal da concepção e o outro, a pureza da vítima. O lado escuro domina o lado da luz... — Ela parou e me olhou. Aproximou-se de mim. — Você não pode entender o que se sente ao saber que seu pai, o bispo de Saint Andrews, é um ser indesejável, que violou minha mãe e depois me deixou nas piores mãos, as do abade João de York, que abusou de mim; e meu pai, sabendo de tudo isso, não se importou. Um homem que esconde sua alma suja atrás da fé.

— Sinto muito, Amana, eu não sabia.

— Ninguém sabe, somente meu irmão, o rei, o bispo e aquele maldito abade, a quem odeio por todo o mal que ele me fez.

— O rei?

— Sim, ele permitiu, ele sabia das aventuras daquele abade e do bispo, mas tolerava, porque o rei também tinha muito a esconder, muitos filhos bastardos, que o próprio bispo conhecia a existência. O monarca deu proteção a meu irmão em um lugar escondido no seu castelo em Windsor. Quis emendar o engano treinando-o como soldado dele, mas meu irmão só foi aumentando seu ódio por ele, pelo bispo e pelo abade João de York.

— E o que eu tenho a ver com tudo isto?

— Você tem o anel e não sei se tem o manuscrito. O anel é a chave, junto com o manuscrito e o santo Graal, para decifrar uma mensagem que José de Arimatéia deixou para encontrar o tesouro de Santo André. Somente aquele que a decifrar terá acesso à grande sabedoria e dominará o mundo. O anel é a chave para encontrar essa porta.

— Está confusa. Este anel era de minha avó e não tem nada a ver com isso que você está me contando. — Menti, eu queria confundi-la.

— Sim, você é ela, a mulher, aquela que o usa, aquela que deve morrer. — Olhou-me com interesse. A expressão de seus olhos era de medo depois de escutar um ruído. — Eu sinto muito, eu sei que você é boa, não quero que morra, gosto de você.

A porta se abriu e atrás dela apareceu um homem oculto sob um capuz e uma capa negra. A seu lado estava o bispo, que me olhava com interesse, cujo anel brilhava intensamente. Havia outro homem atrás deles, alto, que esperava do lado de fora da sala, não o distinguia com clareza. A luz era muito escassa e tênue. O homem escondido atrás da capa fez um gesto com sua mão para Amana; esta, ao vê-lo, baixou seu rosto, mas antes de partir me olhou.

— Perdoe-me — ela me disse.

Ao escutar isto o bispo a olhou com ódio.

— Parta já! Desapareça do castelo, não quero voltar a vê-la. — Tratou-a com desprezo.

Amana fugiu e eu fiquei ali, assustada e com a sensação de que esses homens eram meus juizes e verdugos. Eles decidiram meu destino sem que eu participasse da decisão.

O bispo se aproximou lentamente de onde eu estava. Seu olhar se concentrou no anel que eu usava em meu dedo indicador. Agarrou minha mão com violência e puxou a joia com brutalidade, machucou-me. Olhou-a, sorriu e a guardou em uma bolsa de couro negro.

— O anel! Enfim está sob meu poder.

— Deixe-me livre! Eu não o quero.

— Sua vida, mesmo agora, é muito valiosa para a ordem do Dragão Vermelho, pertence a nós. Dentro de três dias, quando for a lua crescente, nossa oferenda terá vez; essa noite será lembrada. — gargalhou e partiu com o homem que estava na porta.

Dois soldados apareceram nesse momento; o encapuzado se aproximou de mim. Seu rosto estava oculto por um tecido negro, somente vi seus olhos, negros, brilhantes. Seu olhar de ódio me fez tremer. Suas mãos retorciam uma corda enquanto me observava com frieza.

— Você deve morrer! — Ele disse

Dizendo isto ele partiu com grande rapidez. Deduzi que devia ser o irmão de Amana. Aquele assassino, transtornado por sua concepção e por uma infância afastada do carinho e do calor de uma família estava cheio de ódio e com desejo de morte.

XXXLVIII

Seguimos Krim, que chegara em Saint Andrews; depois perdemos seu rastro.

O acesso à muralha estava aberto. Nossas puídas capas de peregrinos, que trocamos por algumas moedas de ouro com alguns devotos de Santo André, ocultavam nossas espadas e rostos. Estávamos na porta principal da abadia; na entrada, todos os peregrinos ficavam de joelhos e beijaram o chão. Aldan e eu nos olhamos, havia muita gente que entrava no recinto amuralhado: passamos despercebidos.

Tentei escutar a conversa de um dos soldados com alguns peregrinos.

— Depois de tanto caminho percorrido, não entendemos porque não podemos ver e beijar as relíquias do Santo — disse um dos cabeças do grupo.

— Ordens do bispo! — disse o soldado.

— Ordens? Não nos podem fazer isso! Viemos expressamente para beijá-las.

— Não podem beijá-las. Estão ao lado do altar, deveria bastar a reza e veneração ao Santo, nada mais.

— Não, queremos vê-las, tocá-las...

O soldado se aproximou dele e lhe deu um murro no estômago. O peregrino caiu no chão e o soldado o começou a

golpear. Levei minha mão ao cabo de minha espada, disposto a lutar com aquele ser selvagem e cruel. Aldan me deteve.

— Lembre-se que é um peregrino e que não devemos chamar a atenção.

Ele estava com a razão, mas eu não podia permitir que ele continuasse maltratando-o. Aproximei-me e agarrei o soldado pelo punho com força; ele foi incapaz de resistir à dor que isso lhe provocava.

— Já é suficiente! — Eu disse firme. — Ele e todos nós entendemos o que precisamos fazer. — Olhei-o com ira.

O soldado deixou aquele homem. Ajudei-o a se levantar, peguei-o pelo braço para que ele pudesse andar e se afastar dali.

— Apresse-se! Não pare. Precisa escapular entre as pessoas, o soldado nos segue com seu olhar muito de perto — eu disse.

— Não tenho medo deles! — Disse o homem.

— Escute-me bem! Eles são muito perigosos, somente precisam dar a ordem e afundarão o aço em seu ventre.

— Repito que não tenho medo deles. Vim beijar as relíquias do Santo e não estou disposto a ir sem vê-las, elas são do povo.

Não entendia muito bem esse estranho, preferia colocar em perigo sua vida por alguns restos de um Santo morto.

— Bem, aqui está a salvo — eu lhe disse. — Por que essas relíquias são tão importantes para você?

Olhou-me com tristeza.

— Para nós representam tudo: a esperança, a fé, mas para o rei João e para seus lacaios, é somente um símbolo de poder. Estou convencido de que o bispo está entre o tesouro do rei ou de sua mão direita. Enganaram, durante muito tempo, a todos os peregrinos que vêm de longe à abadia de Saint Andrews, fazemos o caminho com a ilusão de beijar o que tanto representa para nós. Os membros da ordem do Dragão Vermelho são os que anseiam as relíquias, matam e abusam de seu poder contra nosso povo. Estou certo de que eles as levaram para outro lugar.

— Os do Dragão Vermelho?

— Sim, camuflam-se dentro da Igreja, mas são os cavaleiros do próprio satanás. Eu sei quem são, eu os vi e sei o que praticam e onde. Estão preparando algo e isso significa que alguém vai morrer.

Observei que o soldado não parava de nos seguir, com o olhar. Aldan me deu uma cotovelada; sabia que, ficando ali, conversando, chamava a atenção daquele guerreiro.

— Estão nos vigiando, preciso ir — eu lhe disse.

Escapuli com o Aldan entre o povo. Quando estávamos fora de perigo, olhei para onde havíamos deixado o peregrino; ele já havia partido dali. Dei-me conta de que numerosos homens, ocultos sob suas capas negras, com seus rostos tampados, caminhavam em pares para o interior da abadia. Havia algo em suas vestimentas que me chamou a atenção: usavam o desenho de um dragão vermelho. Recordei, nesse momento, o que o peregrino me dissera sobre eles. Olhei para Aldan e lhe fiz um sinal para que os seguissemos. Muitos

deles não eram frades, eu via a ponta de suas botas de couro e, em alguns destes, o vento levantou suas capas e mostrou o fio de suas espadas.

Seguimo-los de longe, entramos na abadia e imitamos o resto dos peregrinos que ficavam de joelhos em frente às relíquias do Santo. Observávamos; aqueles homens se dirigiam à cripta. A noite seria escura e a porta da abadia ficaria aberta, já que aquele dia era em honra ao Santo. Era lua crescente e a escuridão e a multidão de peregrinos favoreciam nossos planos.

Um monge da abadia se colocou no altar e começou com as rezas para o Santo. Não havia rastro da Ana, mas eu também não estava certo de que ela estivesse ali.

— *In nomeie Patri, Filles et Espírito Santi.* — As palavras pronunciadas pelo monge retumbavam no interior da abadia. Tudo isso era iluminado por velas vermelhas.

XXXLXIX

— Prometeu-me! Eu lhe trazia isso e você me entregava a jovem — disse Hernes.

— Sim, prometi isso se tivesse sido você que me trouxesse o anel e a jovem, mas foi sua irmã — respondeu o bispo Tomas Becket.

— Mas por minha indicação! — Disse Hernes apertando seu pulso com força. Estava contendo todo o ódio que sentia por aquele homem.

— Sinto muito, mas a moça deve morrer aqui, na cripta. Seu sangue deve banhar cada sulco que conduz à cruz; é a única forma de que a maldição que sua antepassada lançou, desapareça. As velas vermelhas trarão o espírito do maligno, e seu poder, junto com o do anel, me deixarão mais forte, até que eu encontre o manuscrito.

Hernes esteve a ponto de atravessar o coração daquele ser malvado, com sua espada, mas lembrou-se de que levava seu sangue. Odiava-o, mas sabia que ainda não havia chegado o momento. No entanto, sabia que sua vingança estava próxima.

O bispo conhecia perfeitamente a ambição, a frieza e a maldade que corria pelas veias de seu filho. Precisava prendê-lo, já que Hernes livre representava um estorvo e um perigo

para seus planos. Era um assassino, um caçador e precisava matar para conseguir continuar vivendo; estava transtornado e ele sabia. Se continuasse assassinando, no final o descobririam e poderiam averiguar seu vínculo com ele, algo que ele não queria, e muito menos que chegasse ao ouvidos do papa. Isso poderia acabar com seu poder e com seus planos.

Era o momento, ele dera instruções precisas para seus soldados para quando ele abandonasse a sala. Seria capturado e o levariam às masmorras, onde passaria o resto de sua vida. Somente de pensar nisso e não precisar mais se preocupar com Hernes lhe produziam um grande prazer e alívio. Ele suspirou. Por outro lado havia a gêmea, Amana; ele se ocuparia dela mais adiante, embora seu estado de loucura o beneficiasse. Ninguém acreditaria nela, nunca; e mais, pensaria na possibilidade de encerrá-la na torre de seu castelo alegando que ela estava louca.

— Hernes, já falaremos. Espere um momento aqui, quero lhe dar uma surpresa.

Tomas Becket saiu do quarto e fechou a porta; os soldados estavam fora esperando suas ordens. Olhou-os, fez um gesto com sua mão e estes entenderam logo que era o momento de agir e fazer o que o bispo mandara.

Para Becket este dia estava sendo extraordinário: havia recebido a notícia de que o rei João estava morrendo de uma misteriosa enfermidade. Ele sabia que não era uma enfermidade, já que se encarregara de que a cozinheira lhe administrasse algumas gotas de veneno na bebida e, pouco a

pouco, as gotas fariam seu efeito. E no fim esse seria o último dia do rei com vida. Ele sorriu ao pensar nisso.

Ele saiu do castelo, com sua capa negra. Dirigiu-se a passo acelerado para a torre onde mantinham a mulher presa.

Devido à sua proeminente barriga, ir até àquele recinto e subir as estreitas escadas em caracol, até chegar no lugar onde ela estava, custou-lhe muito. Ordenou a um dos guardas que lhe abrisse a porta; ali a viu, já estava com o vestido branco, com que ele mesmo mandara que a vestissem, assim como o cabelo solto. Seu rosto estava pálido devido à fraqueza e desidratação que a jovem apresentava. Fizeram de propósito, ele havia dado instruções de que não lhe dessem comida e nem água; devia ser assim. Ana o olhou com ódio e ele se deu conta disso.

— Mulher! Somente uma coisa pode salvá-la da morte — disse Becket. Era uma mentira, mas ele precisava tentar de tudo. — Se souber onde está o manuscrito, deve me dizer, isso é a única coisa que poderá livrá-la da morte.

Ana o observava, ela sabia que esse homem era um assassino, igual a seu filho, e que ela estava destinada a morrer.

— Não sei do que fala. Desconheço o manuscrito ao qual se refere, mas, embora o tivesse e soubesse de sua existência, jamais diria.

— Muito bem, juvenzinha, então, sinto lhe dizer que morrerá hoje.

Becket a olhou pela última vez, virou-se e saiu daquele minúsculo recinto no qual mulher se encontrava. Olhou para os soldados.

— Levem-na à cripta.

L

Sentia-me fraca, estava com frio. Porque isto estava acontecendo? Por quê? Eu não conseguia entender nada, agora esses homens me levavam para minha morte. Não queria despertar, mas também não queria esse final. Amava Korvan e desejava estar com ele. Entendi, tarde, que o destino me dera uma oportunidade; ele estava destinado para mim, mas erámos de dois mundos e épocas muito diferentes. Além disso, eu fracassara em minha missão: o anel devia ser colocado junto ao santo Graal, e eu nem sabia onde estava este último e nem sequer fora capaz de proteger o que meus ancestrais haviam guardado com tanto cuidado, confiando de que eu terminaria com o que me foi encarregado.

Aquele labirinto subterrâneo estava muito escuro, havia água no chão que se infiltrava pelas constantes chuvas e umidade do lugar. Enfim chegamos a uma porta; um dos guerreiros deu três toques e ela foi aberta. Os soldados ficaram lá fora e eu entrei através de empurrões por parte destes.

Todos os ali presentes estavam cobertos com capas e capuzes negros que ocultavam seus rostos atrás de máscaras de uma mesma cor. Em suas túnicas estava bordado um grande dragão vermelho. Estavam colocados em duas filas

paralelas e no centro havia um corredor repleto de velas vermelhas, ordenadas, marcando o limite de cada fila. Dois deles me agarraram um em cada braço e me forçaram a atravessar o corredor. Eu estava com medo, sentia os fortes batimentos do meu coração.

O silêncio que se instalara naquela tétrica sala era aterrador. Levaram-me justamente para a frente do altar. Ali havia uma mesa de madeira; obrigaram-me a me deitar sobre ela e me amarraram em forma de cruz, com grossas cordas que me machucavam os punhos e os tornozelos. Começou, então, um ritual: todos os ali presentes caminharam até onde eu me encontrava e começaram a girar em torno de mim fazendo vários círculos concêntricos. Os participantes levavam uma vela, foram pegando-as do chão. Começaram a pronunciar uma frase em um idioma desconhecido para mim, em uníssono. Um deles se adiantou, levantou sua mão para fazer um gesto, apontando meu coração. Havia chegado meu momento, eu sabia que morreria. “Meu Deus! Preciso de outra oportunidade”, eu pensei. Olhei o anel que ele usava, havia um dragão vermelho encravado. Ele levantou a adaga, me cravaria com ela; fechei os olhos e pedi perdão ao Senhor. Aquele homem demorava em executar seu encargo; então, notei que me desamarravam. Abri os olhos. Estive tão absorta no pânico que sentia que não vi nada. Os homens fugiam; havia fogo, ou ao menos, parecia isso. Levantei-me rapidamente; o homem que me mataria se deu conta de que eu fugia, então, tentou me segurar, mas um daqueles encapuzados o empurrou com força até atirá-lo no chão.

Aproveitei a confusão e me dirigi para o passadiço por onde haviam me trazido. Seguia alguns daqueles homens, que, pelo medo do que estava acontecendo e pela escuridão, não se deram conta de minha presença. A galeria possuía várias saídas e uma delas era uma saída direto na praia. Corri à área escarpada pela praia arenosa, precisava me esconder ali. Olhei para trás quando vi que um daqueles homens me perseguia. Eu corria a grande velocidade, mas ele era muito mais veloz do que eu. Ele ia me alcançar, eu podia escutar sua respiração perto de mim, assim como sentir sua presença.

LI

Alcancei-a, mas ela me deu um chute entre as pernas. Meu Deus, como doía! Outra vez ela o fizera e eu não havia me protegido para evitar o golpe. Não era a primeira vez que ela fazia isso; ela pensava muito bem, justamente ali, onde mais doía em um homem. Dobrei-me de dor, mas precisava me repor com rapidez; ela não podia escapar e, enquanto estivéssemos ali, ela corria perigo. Respirei rapidamente. Como era possível que ela não me reconhecesse? Havíamos golpeado dois membros daquele grupo secreto. Ao entrar naquela sala, quase morri ao ver Ana e intuir o que aquele bando de selvagens havia pensado em fazer com ela. Aldan e eu já tínhamos planejado incendiar aquele lugar. Pegamos algumas tochas, golpeamos os soldados que vigiavam a entrada da cripta e provocamos um grande incêndio. Mas ela, quando a desamarrei, saiu correndo apavorada. Não deu tempo para que me reconhecesse, estava assustada e não atendia aquilo. Segurei-a pelo braço e ela começou a me golpear; eu estava com capuz e nem me deu tempo de baixá-lo, nem de dizer seu nome. Não queria machucá-la e tentava tratá-la com delicadeza, e ainda mais depois do que ela havia sofrido, mas ela estava furiosa. Segurei suas mãos e as

coloquei nas costas; eu me coloquei atrás dela, já que era melhor assim, teria que evitar outro golpe entre as pernas.

— Já basta, Ana! Sou eu, Korvan.

— Korvan! — Eu disse.

Nesse momento Aldan apareceu, ficou em frente a ela.

— Minha mãe, Korvan! Fico com medo de me aproximar de sua esposa. — Ele gargalhou.

— Sim, ela acerta muito bem entre as pernas. Quase me machuca de verdade. — Ambos gargalhamos enquanto ela ruborizava.

Ela se acalmou, então a soltei. Aldan nos olhava com meio sorriso no rosto.

— Korvan, você tem dois minutos, não mais — ele me disse.

Olhei-o. O plano consistia em que ele a levaria para seu castelo, na ilha de Skye, para colocá-la a salvo; ninguém a encontraria lá. Além disso, eu havia entregue o manuscrito para que ele o escondesse em seu lar. Eu precisava retornar à abadia para encontrar o bispo; precisava matá-lo, assim como a todos os que estavam por trás daquela trama. Acabaria com eles de uma vez por todas.

— Korvan! — Ana me envolveu o pescoço com seus braços e me beijou.

Quanto eu desejara sentir a suavidade de seus lábios! Amava-a. Rodeei-lhe a cintura e a atraí para meu peito, queria retê-la a meu lado e parar o tempo para que ela não partisse dali. Respondi a seus beijos, mas não devia me demorar mais; ela devia partir dali e eu devia acabar com

minha missão. Afastei-a, ela me sorriu e voltou a me abraçar; apoiou seu rosto sobre meu peito, eu senti que ela chorava. Não conseguia suportar ver o sofrimento dela; isso me confirmava que eu devia terminar com aquele assunto, senão nunca conseguiríamos ser felizes.

— Ana, deve ir com Aldan e esperar em seu castelo até que eu vá encontrá-la.

— E você? — Ela perguntou-me afastando-se, com lágrimas nos olhos.

— Preciso terminar um assunto pendente.

— Não, Korvan! Retorne comigo!

Intuí-a que ela suspeitava de meus planos. Aldan já estava sobre seu cavalo.

— Não quero ir sem você! — Ela gritava.

Preferi não lhe responder. Ela resistia tanto a me atender que a agarrei e a levantei sobre meu ombro. Ela esperneava.

— Nunca lhe perdoarei por isso! — Ela gritava.

Tentei me fazer forte. Coloquei-a na frente de Aldan. Ela não se resignava enquanto em seu rosto as lágrimas rolavam.

— Cuida dela como se fosse sua vida, amigo.

— Sabe que eu o farei — respondeu Aldan.

— Confio plenamente em você — eu lhe respondi.

Olhei-a. Ela chorava.

— Logo estarei com você, minha bela dama — eu lhe disse. Amava-a e essa separação era muito dura para mim também.

— Se você não retornar, saiba que jamais o perdoarei —
ela me disse sem poder deixar de chorar.

Preferi partir; aquela situação me machucava a alma, não podia vê-la sofrer. O que mais desejava em meu coração e em todo o meu ser, era ir com ela. Dei uma palmada no lombo do animal e ele iniciou a marcha.

— Cuide dela, Aldan — eu gritei.

Ana se virou para me olhar pela última vez.

— Amo você! Retorne logo! — Ela me disse.

Vi como eles se afastavam. Não fiquei tranquilo até que desapareceram completamente de minha vista. Uma grande tristeza se apoderou de mim. Coloquei o capuz e fui direto ao castelo do bispo. Com toda a claridade do incêndio, vi aquele ser repugnante partir. Algo me chamou a atenção: aquele homem que levantava a adaga contra Ana era canhoto, devia descobrir quem ele era. Escalei pela colina escarpada até à torre que se comunicava com a abadia. Os monges fizeram uma fila junto com os camponeses para apagar as chamas, estavam conseguindo. Observei que não havia nem rastro do grupo do Dragão Vermelho. Fui subindo a costa. O castelo se encontrava em um montículo encrespado, rodeado de escarpados; por um de seus muitos acessos, havia uma saída para o mar, lugar por onde entravam os mantimentos. Assim que o soldado me viu, coberto com a capa, deu-me passagem sem perguntas. Nesse lugar deveriam ter sido celebradas muitas reuniões secretas. Observei, havia serventes e nem rastro de algum encapuzado. Vi que alguns escudeiros estavam colocando baús em uma barcaça, que estava

atracada na porta que se abria para o mar. A maré estava subindo; alguém partiria dali, e eu suspeitava que seria o bispo. Aquele homem fugiria. “Covarde!”, eu sussurrei. Escondi-me entre uma das colunas dos muros do pátio, para observar sem ser visto. Apareceu um soldado; depois dele, o bispo. Devia impedir sua marcha; certamente entre aqueles cofres que transladavam para o navio, estava o anel. Aquele religioso saiu de uma das portas; com sua proeminente barriga, ia rápido para o barco. Nesse momento um homem apareceu do nada; o bispo lhe entregou o anel e ele o meteu no bolso. Aquele personagem foi lançar algo para um dos serventes do bispo e o fez com a mão esquerda; era o grande mestre, aquele que levantou a adaga para assassinar Ana. Uma rajada de vento fez com que o capuz de sua capa caísse e me deixasse ver seu rosto. Não acreditei, aquele homem era o duque de Lancaster; agora eu começava a entender muitas coisas. “Malnascido”, eu pensei. Não deixaria escapar, a nenhum dos dois.

LII

Hernes se encontrava no calabouço daquele castelo. Ele queria sair, ansiava fazê-lo para matar aquele assassino. Escutou ruídos no andar superior; nesse momento a comporta se abriu e sua irmã gêmea, Amana, que estava na parte superior, jogou-lhe uma corda. Hernes, nesse instante, não sabia de quem se tratava, mas ele aproveitou aquela oportunidade; era consciente de que, se não aproveitasse, morreria naquele lugar. O que ele ignorava era que sua irmã, aproveitando o incêndio, enganara o soldado que estava ali para lhe dizer que o bispo o chamava e, quando ele se voltou, deu-lhe um golpe na cabeça e ele caiu desacordado no chão, dando-lhe tempo para ela executar todo o seu plano.

Hernes escalou com agilidade. Nunca havia sentido consideração por sua irmã, mas nesse momento agradeceu que ela estivesse ali. Ele era um ser que não possuía coração, sem escrúpulos; dedicou a ela somente um olhar frio. Sua ânsia e sede de vingança e morte eram sua principal prioridade. Hernes pegou a espada do soldado, que jazia no chão, com um filete de sangue na cabeça, causado pelo golpe que sua irmã havia dado nele. Amana o seguia a certa distância, temerosa por seu irmão e disposta a seguir suas instruções a qualquer momento. Então, Hernes os viu;

estavam juntos o grande mestre e o bispo. Sabia que este último pensava em fugir com o navio; ambos se dirigiam para uma barco.

— Odeio-o! — ele sussurrou.

Ele não permitiria que se saíssem bem, e muito menos o bispo. Atirou-se sobre ambos. Em seguida se deram conta de sua presença.

— Hernes! O que está fazendo? Embainhe essa espada!
— Disse o bispo.

Hernes não respondeu. O grande mestre avançava para ele com sua arma branca, mas nesse momento um encapuzado se precipitou sobre o grande mestre e começaram a lutar com violência. O bispo, ao ver aquela cena, começou a respirar rapidamente. Sabia que Hernes o odiava e nada o deteria até matá-lo. “É meu filho, o filho daquela filha de Satã, que me enredou”, pensou o bispo. O religioso sempre justificava seu lado mais escuro jogando a culpa nas mulheres; sabia que tinha muitos filhos bastardos, mas nenhum deles havia dado tanta dor de cabeça como o gêmeo. Esse era o grande segredo que tanto o rei João I como João de York conheciam dele.

— Hoje irá para o inferno! Para o lugar ao qual pertence
— disse Hernes.

— Se me matar, jamais saberá onde está a mulher e o anel — disse o bispo enquanto tirava disfarçadamente uma adaga que escondia em sua ampla manga.

— Agora ela é a que menos me importa. Antes de acabar meu plano, você e esse abade, João de York, devem morrer.

Então, sim eu serei livre para agir e a encontrar, o anel e o manuscrito.

— Eu não tenho o anel, João de York o tem.

— Isso é mentira! — Disse Hernes.

— O abade foi quem o roubou. Escapou, provavelmente à França.

Apesar das palavras de Becket, Hernes não acreditava no que ele acabava de dizer. Ele sabia que João de York queria tanto o anel que era capaz de qualquer coisa, mas ele amava mais a sua vida e era consciente de que tentava partir das terras inglesas.

Hernes viu como o outro homem que havia aparecido na cena lutava com o grande mestre. Aquele instante de distração foi aproveitado pelo bispo para atirar-se sobre seu filho com a intenção de matá-lo. Hernes decidira fazê-lo acreditar que existia uma ponta de esperança para viver, algo que era mentira. Enquanto deliciava-se de ver como ele se defendia, escutou algo que chamou sua atenção: o cavaleiro, depois de uma luta difícil em que ambos os homens resultaram feridos, afundou seu aço no estômago do grande mestre, algo que alegrou Hernes, já que esse homem lhe economizara a tarefa de fazê-lo. Mas aquele cavaleiro gritou: “Traidor”, e isso chamou sua atenção. “Por que ele diria isso?”, ele pensou.

Cansou-se de tanta brincadeira. Era a hora. Acertou um chute no bispo e ele caiu ao chão: continuando, sem pensar duas vezes, cravou a ponta de sua espada no coração dele. O grito de Amana ecoou no pátio. Hernes se abaixou, revirou

entre as roupas do bispo, queria encontrar aquele maldito anel; não havia nada. Olhou para onde estava o grande mestre; o cavaleiro o contemplava. Hernes o observou com ódio e continuou à procurar entre as roupas do mestre; também não havia nada. Ficou de pé e olhou o cavaleiro apontando a espada para o peito dele; estava pensando se o mataria ou deixaria com vida.

— Deixe-o, é o conde de Estanglia — disse sua irmã.

Aquilo sim é que era uma surpresa. Ele nunca havia visto seu rosto, mas sabia da desgraça que ele havia vivido quando pequeno e que o abade fora o causador daquilo. O que Hernes desconhecia era que a esposa dele era a mulher que tanto procurava. Amana, sim, mas ela apreciava a jovem e não estava disposta a revelar o segredo

— Sei o que fizeram a seus pais. — O conde ficou à defensiva. — Fique tranquilo, que vou perdoar sua vida e vou dar a oportunidade de se vingar do abade. Ele vai pegar um navio à França, vai a caminho do sul para embarcar. Em um livro negro, que sempre carrega com ele, descreveu a cena da violação de sua mãe com todo tipo de detalhes; deliciou-se, é claro que sim, ele deliciou-se. — Dizendo isto ele gargalhou.

Amana não entendia seu irmão muito bem, nem suas intenções. Este a pegou pelo braço e ambos se meteram no barco que seria para o bispo. Korvan os viu se afastarem.

LIII

Cada dia que passava eu pressentia que jamais voltaria a tê-lo junto a mim. Transcorrera um mês desde a última vez que eu o vi. Sabia que Aldan também temia pela vida dele, por esse motivo mandara uma mensagem a Kimball para que se reunisse com ele, em seu castelo.

Essa manhã apareci na janela e ali estavam ele e Elizabeth; a presença dela me agradava.

Desci as escadas. Aldan levava Kimball à biblioteca. Elizabeth me olhou e veio até mim, estava com um grande sorriso.

— Ana! Que alegria voltar a vê-la! — Abraçou-me e eu agradei.

Não consegui conter as lágrimas.

— Perdoe-me, mas não consegui evitar, ela disse.

— Sei e a entendo. Fique tranquila, ele retornará. Korvan sabe se proteger. No campo de batalha é único, ninguém manipula a espada como ele; daí que o chamam “o invencível”.

— Mas aquela gente é muito perigosa e querem algo... — ia contar sobre anel, aí me detive; não sabia até que ponto podia detalhar o acontecido ou se devia me calar.

— Fique tranquila, sei. Sei sobre o anel e a missão que precisa cumprir. Desde que vi este colar, a cruz de David, sabia que você veio aqui por alguma coisa. — Nesse momento Elizabeth me mostrou um colar igual ao meu. — Eu sei onde está o santo Graal. Estou convencida de que Korvan trará o anel; quando isto ocorrer o depositaremos junto ao santo Cálice.

— Como sabe onde ele está? Por que você usa um colar igual ao meu? — Não acreditava no que estava escutando, sempre a vi diferente das outras damas.

— Bom, é uma longa história. Digamos que tanto você como eu pertencemos ao grupo de mulheres que fizeram uma promessa e deixaram uma porta aberta, para que no futuro a jovem escolhida, terminasse a missão que elas não conseguiram finalizar. Você e eu atravessamos essa porta. Por quê nós? Pois não sei, nem quero saber, porque graças a isso conheci o homem que no fundo eu tanto havia procurado, um cavaleiro do tempo que séculos atrás havia sido destinado para mim, igual a Korvan que é outro cavaleiro do tempo, destinado para você. Por quê eles? Não sei e não sei se algum dia saberemos.

— Então você não é desta época? — Ela fez um gesto para que eu não continuasse falando.

— Querida, baixe a voz. Ninguém deve nos escutar, pensarão que somos bruxas ou algo semelhante. Não, eu cheguei a este lugar sem saber como, nem porquê. A única coisa que posso lhe dizer é que nossas vidas estão divididas e atadas ao passado, por nossos antepassados. Nós devemos

escolher que vida queremos e em que lugar desejamos ficar. Eu escolhi esta, agora é sua vez de decidir. — Ela fez uma pausa. — Jamais devemos voltar a falar disto, nunca, prometa-me isso e se o fizermos será quando nos assegurarmos de que estamos sozinhas. Ninguém, nem sequer eles, deve saber. Ana, é pelo nosso bem e pelo dos nossos. — Assenti. Entendia perfeitamente a que se referia. — Você tampouco deve saber muito mais, Ana. Eu levarei o anel até o santo Graal. Estou convencida de que Korvan trará a joia. Quando tudo acabar, evitaremos voltar a falar do assunto. Nosso segredo deve ficar guardado para sempre entre nós e o guardião.

— O guardião?

— Sim, aquele que vela as relíquias santas.

Elizabeth deixou de falar do assunto. Estivemos juntas até à noite, momento em que os dois homens se juntaram a nós, justamente depois do jantar. Kimball e Aldan se aproximaram até onde ambas nos encontrávamos, no jardim, e aproveitamos uma noite cálida e sem chuva.

— Entregarei você para Korvan, Ana — disse Kimball. — Esse moço sempre está metido em confusões. — Piscou-me um olho. Sabia que ele queria diminuir a ansiedade, mas intuía que eles estavam preocupados, eu notava isso no semblante deles.

Aldan e eu deixamos Kimball e a sua esposa sozinhos. Nos retiramos para o interior do castelo.

— Eles são muito apaixonados — eu disse ao Aldan.

— Sim, amam-se com loucura. Jamais imaginei que Kimball se casaria. Por ela ele seria capaz de tudo, até morrer se fosse necessário. — Baixei o rosto, eu também queria ter Korvan a meu lado. — Como Korvan, ele também a ama até esse ponto. — Olhei-o.

— Bem, ele jamais me disse que me ama.

Ele gargalhou diante de meu comentário.

— Nem espere que ele lhe diga isso! Se ele o fizesse, diria que esse não é meu amigo. — Esboçou outra grande gargalhada. — É muito difícil para ele expressar seus sentimentos. As palavras não são seu dom; mas sim, ele expressa seu amor e carinho com atos. Korvan sempre lutou em defesa do mais fraco, mas por você ele morreria. Para ele a vida não tem sentido se perder você, e prefere morrer antes que perdê-la. — Ele me observava. — Conheço-o há muito tempo e, acredite, sua vida, sua luta e seu caminho agora e sempre, será você.

Aldan me parecera o mais aberto e próximo dos três amigos; além disso, era muito atraente. Seus olhos cor mel, seu cabelo castanho, seu bonito e cálido sorriso e seus belos traços faziam que para nenhuma mulher passasse despercebido; por isso eu não entendia como ele não tinha uma esposa, nem estava comprometido.

— Aldan, porque não se casou? É um homem de aparência agradável.

— Ha, ha, ha! Nãooooo! Não quero pensar nisso. Não chegou a mulher que me faça perder a cabeça.

— Tenho certeza de que ela chegará! — Eu lhe disse sorrindo.

— Eu não sou como Kimball e Korvan. Eles, no fundo, são passionais, com um grande coração disposto a procurar o amor. Eu não sou assim. — Piscou-me um olho. Sorri ao ouvir seu comentário.

— Quando Kimball partirá? — Eu perguntei.

— Amanhã. Você irá com eles até seu castelo; ficará lá com Elizabeth para esperá-lo. Acredita que Korvan está a caminho das terras do sul.

— Do sul? E o que ele faz lá?

— Fique tranquila, Ana, deixe em nossas mãos. Não deve saber mais, pelo seu bem e pelo dele.

— E você? Não virá?

— Não, surgiram problemas em minhas terras e devo resolver; minha família reclama minha ajuda.

— Entendo. Obrigada por tudo, Aldan.

LIV

Ali estava ele, camuflado entre todos os peregrinos que no dia seguinte pegariam o navio em direção à França. Maldito! Desde que esse homem me falou da existência de um livro no qual o abade havia descrito a violação de minha mãe, queria matá-lo e destruir o livro. A represália e o ódio se apossaram de mim e estava cego pela ânsia de vingança. Desejava voltar para Ana, e a cada instante pensava em minha amada esposa, mas sabia que com esse ódio não poderia voltar para seu lado.

As palavras de Hernes me vinham à mente constantemente. Recordava seus olhos, desprendiam somente rancor. Que relação Amana teria com ele? Por que ela foi com aquele ser deplorável? Sabia que Hernes também queria matar o abade; e mais, ele me havia dito para onde se dirigia, mas não havia rastro de Hernes em nenhuma parte.

Sentei-me ao lado de uma fogueira, oculto dentro de minha capa. Observava-o à distância. João de York estava isolado, sem se relacionar com ninguém dos ali presentes. Não me dei por conta de que um homem se sentou a meu lado e estendia sua mão para me dar uma fatia de pão.

— Tome, lhe fará bem — ele disse.

— Obrigado. — Observei-o; a capa e o capuz ocultavam o rosto dele, mas me resultava familiar. Aquela voz...

— O ódio não conduz a nada, rapaz.

— Por que diz isso? — Perguntei surpreso.

— Porque sei. Sei que não pode esquecer o passado e tem sede de vingança. Isso não solucionará seu pesar e, se o fizer, jamais poderá se esquecer disso e ser feliz.

— Kimball? — Reconheci-o. Ele retirou o capuz e aquele sorriso inconfundível iluminou seu rosto. — Mas... o que faz aqui?

— Os cavaleiros do Leão sempre ajudam seus amigos, não é assim?

Abraçamo-nos, eu estava muito alegre de vê-lo.

— O que faz aqui? — Voltei a perguntar.

— O que eu faço? Venho buscá-lo para o levar para sua esposa.

— Pois vai ter que voltar sozinho, Kimball. Não vou retornar com você até que eu termine o que vim fazer. Como me encontrou?

— Um camponês o viu em Saint Andrews e se encontrou depois com Aldan. Ele escutou tudo o que aquele homem lhe disse no castelo do bispo.

— Então, compreenderá que não posso partir — eu disse.

— Não, não o entendo. Tem uma esposa que não sabe nada de você. Não pensa em seu sofrimento? Quer que esteja a seu lado, moço, precisa de você! — Kimball tinha razão, eu também precisava dela. Tampei meu rosto com minhas mãos. — Será que não a ama? O ódio que sente e a sede de vingança

são superiores ao amor por sua mulher? Deixe que esse monstro parta e não carregue mais mortes sobre suas costas. Dê-se a oportunidade de ser feliz, Korvan.

— Não, não posso.

— Como não pode? Mas por quê? Ela está o esperando e está sofrendo, por acaso não se importa? Ana o ama, você não sente o mesmo por ela?

— Sim, claro que a amo, mas neste momento a única coisa que quero é matar aquele abade. Se ele não morrer, nunca poderei ser feliz com ela; haverá uma parte de mim que me reprovará não ter acabado com sua vida. — Desejava ir com ela, mas o ódio me retinha ali.

— Muito bem, pois meu dever é ser justo neste momento. Sei que o que vou dizer você não vai gostar nada. Se cumprir sua vingança, jamais poderá esquecer, Korvan; seu coração é nobre e você se lembrará constantemente deste dia. Falaremos ao santo padre, ele poderá excomungá-lo.

— Kimball, agradeço seus conselhos, mas, se tiver vindo somente para me exortar, por favor, parta, não vou mudar de ideia. — Eu precisava lhe dar o anel para que o entregasse a Ana; ela devia tê-lo, era a portadora dele. Tirei-o da bolsa de couro, onde eu o havia guardado depois da morte do mestre. — Tome, Kimball, entregue a ela e lhe diga que já não tem nada a temer; não voltarão a lhe fazer mal.

Kimball me olhava estranhando.

— Não o reconheço, amigo! Ela veio para Essex, a meu castelo, com a esperança de que eu retornasse com você.

Repense ou pode perdê-la. — Dizendo isto, levantou-se e desapareceu entre o arvoredo que havia perto.

Sentia-me doído, não queria tê-lo tratado assim.

Nem havia conseguido dormir, eu sabia que o navio partiria muito cedo. Fui à área costeira, em seguida o vi. Fui direto até ele, devia impedir que subisse e escapasse; devia matá-lo. O abade avançava para o barco que os levaria ao navio. Ele não se deu conta de minha presença. Eu o via nervoso, estava com pressa de embarcar.

Apontei para ele com a ponta de minha espada em seu quadril.

— Aonde pretende ir? — eu lhe perguntei.

— Quem é você? — Ele perguntou olhando pelo canto de olho.

— Quem eu sou? Sabe muito bem, aquele menino ao qual mataram seu pai e violaram sua mãe. O conde de Estanglia, lembra-se?

— O que quer de mim? — Ele disse com voz trêmula.

— O que eu quero? Por acaso não adivinha? Quero matá-lo! Sanguessuga. — Ele começou a correr, mas em seguida eu o alcancei; ela caiu no chão. Apontei com a ponta da espada em seu estômago.

— Ao menos deixe que eu me levante, não quero morrer assim.

Justamente nesse momento não me dei por conta de que ele havia pego areia da praia com suas mãos; lançou-me nos olhos. Eu não conseguia enxergar, doía. Por instinto, levei as mãos até eles.

— Não! — Eu gritei. Esfreguei com a manga da capa. Não via muito bem, mas distingui que ele subiu no barco. Corri com a intenção de alcançá-lo, mas de repente vi a figura de Amana, que se interpunha em meu caminho. De onde teria saído? Levantou a mão para que eu me detivesse; nesse momento o barco ficou em movimento, para o navio. Se nadasse, ainda poderia alcançá-lo.

— Não o faça! — Disse a jovem.

— Sai do meu caminho! Amana.

— Não o faça. Deixe que ele parta, já não voltará a vê-lo mais. — Ela não me deixava passar. — Com sua fuga partirão todas suas lembranças, senhor, lembranças dessa etapa que tanto o machucou. Meu irmão mentiu, queria provocar o que conseguiu em você, esse ódio. Naquela agenda havia nomes de crianças que ele abusava, era a única coisa que estava escrito. Entre aqueles nomes estava o meu. Eu desejo sua morte mais do que você, acredite, mas sei que isso não me ajudaria. — Baixou o rosto. Senti compaixão pela jovem. — Ele já se afasta destas terras, jamais voltarei a vê-lo; isso é o mais gratificante.

Sabia que ela tinha razão. Suas palavras a respeito de que ela estava naquela lista me fizeram sentir pena. Caí de joelhos na areia, ela me imitou. Olhei-a.

— Seu irmão? Hernes é seu irmão? — Voltei a repetir e ela assentiu. — Ele é um assassino, Amana.

— Lá. — Apontou o navio. — Ele também se afastou para sempre, ele está lá. Eu enganei lady Ana. Ele me obrigou, eu estava com medo. Sinto muito.

— Sei, Amana. Você sofreu muito. Precisa retornar para casa.

— Krim ajudou meu irmão a pegar sua esposa. Krim o odiava por ter capturado seus pais na guerra e por tê-lo feito seu escravo; prometeu a meu irmão que o ajudaria, mas sem ele saber que Hernes não confia em ninguém, nem sequer em mim. Nunca deixa rastro. Matou-o, assassinou também ao Krim. Seu escudeiro foi quem deixou passar os soldados do rei em seu castelo para sequestrar Ana, senhor. — Ela me olhou. — Entenderei se quiser me matar também.

Krim! Depois dos últimos acontecimentos já não me lembrava dele. Hernes o matara, por isso perdemos seu rastro. Pensei em Ingrid, sua paixão. Nesse momento decidi que jamais diria a ela que ele fora o traidor; sempre suspeitei, mas resisti a acreditar. “Maldito seja!”, pensei. Olhei a jovem que estava em minha frente.

— Não, Amana, nunca lhe faria mal. Mas sim, eu quero que faça algo pelo mal que tem feito: retorne à aldeia, para sua casa, com as pessoas tão boas que a acolheram e não volte a escapar mais. Ana a perdoará, estou convencido disso. Eu já o fiz.

— Obrigada, senhor. Sempre soube que você era um homem bom. — As lágrimas percorriam seu rosto, ela se afastou.

Observei-a ir. Depois me concentrei no navio, que se afastava até perder-se no horizonte. Pela primeira vez senti paz; era como se esse peso e a lembrança ruim do passado me arrancassem aquilo de minha alma de repente. Agora

sabia que merecia uma oportunidade de ser feliz, mas seria possível somente se Ana estivesse comigo. Kimball tinha razão, merecia essa oportunidade. Levantei-me. Essex não estava muito longe dali. Ansiava beijar e envolver com meus braços a mulher que eu tanto amava.

LV

— Sinto muito, Ana, ele não quis retornar comigo. — Senti uma grande dor em minha alma. Seu amor por mim não era tão firme para retornar para meu lado: seu ódio era mais forte. — Tome! Ele me deu isso para que entregasse a você. Sinto muito. — Disse isto, cabisbaixo e partiu para o interior de seu castelo.

Kimball me deu o anel. Elizabeth, depois de saudar seu marido com carinho, aproximou-se de mim. Junto dela estavam Eamon, Enma e seu irmão menor; estes dois últimos se afastaram correndo atrás de seu pai.

— Querida, não fique preocupada. Ele retornará para você quando se der conta de que o ódio só conduz à tristeza.

— Não acredito, Elizabeth, Korvan não é como Kimball. — Olhei o anel. — Amanhã partirei para Estanglia, tenho que pensar no que fazer com minha vida.

— Entendo — disse Elizabeth.

O rapaz começou a fazer movimentos com as mãos.

— Eamon diz que precisamos levar o anel para junto do santo Graal.

— E o que Eamon sabe sobre isto?

— Lembra-se de que te falei de um guardião? — Assenti.

— Ele é o guardião, Ana.

Olhei-o, ele me sorriu e eu devolvi o gesto. Estendi minha mão e lhe entreguei o anel.

— É todo seu, faça o que precisa com ele.

— Obrigada, Ana. Já sabe, jamais voltaremos a falar disto.

Assenti. Vi-os se afastarem em direção à colina de Glastonbury, sabia que esse era o lugar escolhido. Onde o guardariam? Também não era algo que me interessasse saber, meu encargo havia se finalizado. Nesse momento eu a vi, na distância. Era a jovem ruiva, olhava-me atentamente. Depois se afastou em direção a Glastonbury, seguindo Eamon e Beth, perdeu-se e se fundiu com a natureza.

Fazia só quatro dias que eu havia retornado para Estanglia. Meu quarto sem Korvan estava triste e me sentia vazia, faltava-me ele. Devia pensar o que faria com minha vida. Se ele não me amava, não estava disposta a continuar ali, nessa época, eu precisava de sentido. Minha avó sempre me falara do poder da lua vermelha, e suas palavras sobre como se abria o Portal dos Homens, e só naquele instante, antes de que ela se escondesse, poderia se transpassar a abertura dimensional. Restava pouco tempo para que eu decidisse. Saí para o pátio, o padre Peter me olhava com atenção; veio até mim.

— O que houve, moça? Vejo-a triste.

— Nada, padre. Há certos aspectos em minha vida nos quais preciso meditar e tomar uma decisão.

— Imagino que esses aspectos têm que ver com Korvan.
— Assenti. — Esse jovem é inquieto e um guerreiro. Somente alargou sua estadia em seu castelo quando você esteve aqui.

— Sei, padre, mas já passou mais de um mês e não retornou para junto de mim.

— Casou-se com um guerreiro, juvenzinha, precisa se acostumar a viver sem ele durante longas temporadas.

— Pois esse é o problema, que não sei se me acostumarei. Tampouco sei se ele quer isso para mim.

— Precisa procurar outras tarefas. Possivelmente poderia me ajudar com o jardim, o que lhe parece?

— Parece bom. Obrigada, padre, mas não acredito que essa seja a solução.

Dirigi-me às quadras; Dylan estava lá, acabava de entrar com seu cavalo no pátio de armas.

— Bom dia, lady Ana.

— Bom dia, Dylan.

— Quer cavalgar?

— Sim, desejo ir aos escarpados. Hoje vai haver lua vermelha e quero observá-la dali.

— Irei acompanhá-la.

— Não, por favor, quero ir sozinha. Além disso, com lua vermelha não há escuridão.

— Por favor, não se atrase em retornar. Se lhe acontecer algo, o conde não me perdoaria por isso.

— O conde não está, não saberá. — Pisquei-lhe um olho. Montei em meu cavalo.

Conforme me aproximava dos escarpados, a brisa do mar balançava meus cabelos e acariciava meu rosto; eu adorava essa sensação. Desci de um salto do cavalo e me aproximei da linha divisória entre a terra e o mar. O vento soprava enquanto me aproximava mais dali. Do horizonte o sol começava a se esconder e uma grande lua se desenhava no céu. Era o momento de decidir, minha única oportunidade. Sabia que, se atravessasse essa porta, jamais retornaria para junto de Korvan, mas ele não estava junto de mim.

LVI

Enquanto eu me aproximava da entrada de meu castelo, recordava-me daquela conversa:

— Ela partiu, pois o que você esperava? Que depois de eu não aparecer com você, mesmo assim, carregasse a esperança de que você retornasse? — Disse Kimball.

— Pois sim, eu esperava isso.

— Korvan! — Disse Elizabeth. — Ela acredita que não a ama. Se não romper essa couraça que se impôs há tanto tempo e lhe disser tudo o que sente a perderá para sempre.

— Por que diz isso? Ela já sabe o que sinto. Estive a ponto de morrer pela Ana e voltaria a fazer.

— Ha, ha, ha! Korvan, parece mentira que ainda não conheça as mulheres. As damas precisam que falemos também. — Kimball riu.

— Efetivamente. — Elizabeth sorriu para seu marido enquanto este lhe rodeava a cintura e a atraía para ele.

Temia não encontrá-la. Pois estava claro que a amava! Sem ela me sentia perdido, sem rumo. Era meu anjo, minha luz, meu amor.

— Korvan! — gritou Dylan ao me ver chegar.

Desci de um salto do cavalo, abraçamo-nos.

— Meu grande amigo! Como senti sua falta — eu lhe disse.

— E eu a você. Posso saber onde esteve todo este tempo?

— Uff!, Muitas coisas, depois eu continuarei contando.

— Enfim! — disse o padre Peter.

— Meu sacerdote preferido! — Dei uma palmada carinhosa em sua proeminente barriga.

Olhava para todos os lados com o desejo de vê-la.

— Se procura a sua dama, ela está nos escarpados — disse Dylan com meio sorriso.

— Recomendo que pense bem no que vai dizer. Ela está bastante desencantada com você, na verdade — disse o padre enquanto me dava as costas e caminhava para sua horta.

Dirigi-me ao lugar onde estava meu falcão e aquele que eu havia presenteado para Ana; peguei a corda de couro que segurava suas patas e montei no cavalo. Ambos os falcões estavam apoiados sobre meu antebraço, com a outra mão segurava as rédeas do animal.

— Posso saber o que está planejando? — disse Dylan.

— Conquistar novamente a minha mulher — pisquei o olho.

Na distância eu a vi, de pé, contemplando aquele espetáculo da lua vermelha. Não queria que ela me escutasse; deixei o cavalo, observei-a. Que bonita ela estava!

— Bom, não podem falhar — sussurrei para os falcões. — Já sabem o que devem fazer.

Dizendo isto eu os soltei. Vigiei seu vôo; ambos se dirigiam para onde Ana estava, que em seguida se fixou

neles. Por instinto ela levantou o braço como eu havia ensinado e seu falcão, que gostara dela, ficou sobre ele. Enquanto isso eu havia avançado silenciosamente para onde ela estava. Ana reconheceu que era o falcão com que eu a presenteara. Nervosa ela deu a volta, nesse instante ela me viu. Eu levantei meu braço e Luck, rapidamente, posicionou-se sobre ele.

Ela ficou me olhando atentamente. Sorri e ela respondeu a meu gesto; aproximei-me lentamente de onde ela estava.

— Reconheceu você — eu lhe disse ao me referir a seu falcão.

— Sim, teve um bom professor — ela me disse. Nesse momento ambos os falcões empreenderam vôo e nos observavam do céu.

Ela ia falar, mas a impedi posicionando meu dedo indicador sobre seus bonitos lábios.

— Estando longe de você senti medo de perdê-la, de jamais voltar a ver a mulher que tanto amo. — Seus olhos se abriram e se encheram de lágrimas. — Sim, amo você, amo você com loucura. É a luz que ilumina minhas noites, o anjo que cura minha alma ferida. É tudo para mim, minha doce e bela Ana. Amo você. — As lágrimas rolavam por seu rosto; sequei-as com as pontas de meus dedos. Peguei sua mão e a posicionei em meu coração. — Sente-o, não é verdade? — Ela assentiu. — Pulsa assim por você, por ninguém mais, meu amor. Sinto muito, sinto o dano que tenho feito, me perdoe, minha querida e doce Ana.

Ela sorriu, acariciou minha bochecha, envolveu-me com seus braços e nos fundimos em um beijo apaixonado.

Sentia-me livre e feliz; sim, muito feliz. O destino havia me premiado com o melhor presente: Ana, a mulher que eu amava com loucura. Eu prometera a mim mesmo dedicar cada segundo de minha vida para fazê-la feliz.

Agarrei-a nos braços, queria recuperar todo o tempo perdido junto dela, a única que fora capaz de me devolver à vida, a mulher que eu amava.

— Posso saber o que você pretende? — Ela me perguntou sorrindo.

— Beijar essa boca bonita, mas não aqui, meu amor. — Eu sorri.

— Sabe que tenho muitas coisas que lhe dizer e lhe recriminar..., porém eu deixarei para amanhã. — Piscou-me um olho.

Olhei-a.

— Minha adorável Ana, prometo que vou dedicar cada segundo de minha vida para que esse sorriso jamais desapareça de seu rosto. Além disso, quero que conheça minha irmã, assim eu a levarei às Highlanders para que estejamos com Audrey. Meu maior desejo é que a mulher que tanto amo conheça minha única família.

Olhou-me. Seus olhos brilhavam de felicidade.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — Eu pedi.

— Se for somente uma, sim — eu brinquei.

— Conseguiu seu desejo?

Observei-a. Surpreendeu-me sua pergunta.

— Sim, meu amor, com você se cumpriu.

— Amo você, meu cavaleiro — Ela me disse enquanto apoiava sua bochecha sobre meu ombro e envolvia meu pescoço com seus braços.

Os falcões seguiam nossos movimentos do céu. Os últimos brilhos do sol haviam desaparecido, e deram passagem para uma lua vermelha, intensa, o único espectador do nosso amor.

LVII

Estava tudo preparado para ir para Snowdon, ao castelo da tia de Korvan. Desejava muito essa viagem e conhecer sua irmã; sabia que o faria muito feliz e estava entusiasmado com nosso encontro.

Toquei a parte da cama na qual seu corpo descansara; ainda guardava o calor dele. As lembranças da noite anterior vieram à minha mente; ruborizei-me ao pensar nelas. Um sorriso se desenhcou em meu rosto. Onde ele estava? Levantei-me de um salto e observei pela pequena janela; lá estavam seus soldados e escudeiros treinando com suas espadas, mas ele não se encontrava ali.

Vesti-me. Dentro de algumas horas empreenderíamos a viagem, mas, antes de que isto acontecesse, o que eu queria lhe dizer ainda não havia encontrado o momento. Saí do quarto e quase choquei com Avi, que vinha junto com Ingrid para me trazer o café da manhã. Observei Ingrid, já não estava tão triste pela perda de Krim. Ambas, ao me verem, sorriram.

— Pode-se saber aonde vai tão depressa?

— Avi! Sabe onde Korvan está? — Eu perguntei.

— Não, querida — ela respondeu.

— Eu o vi ir para a torre, senhora — disse Ingrid.

— Obrigada! — Por impulso dei em cada uma um beijo na bochecha; ambas sorriram e se surpreenderam com esse gesto.

Subi as escadas em caracol como se minha vida dependesse disso. Ali estava ele, com sua cota de malha, seu cabelo revolto, sentado, contemplando o horizonte. Aproximei-me com muito silêncio, mas era impossível surpreendê-lo. Estava atrás dele e ele se virou, agarrou-me pela cintura e me colocou em seu colo. Sorriu e sem dar palavra me beijou, entrelaçando seus lábios com os meus. Depois me olhou com seus bonitos olhos cinzas, os mesmos pelos quais eu me apaixonara.

— Sabe que nunca vai me surpreender, meu amor — ele me disse. — Sou um guerreiro — ele me disse enquanto voltava a me beijar.

— Acredito que desta vez sim eu vou surpreendê-lo — eu respondi enquanto acariciava sua bochecha.

— Ah..., sim...! Pois me surpreenda!

Peguei uma de suas fortes mãos e a posicionei em meu ventre. Ele me olhou estranhando.

— Não sente? — Eu lhe perguntei.

— O quê, meu amor?

— Como pulsa o coraçãozinho de nosso filho. — Sorri.

Suas pupilas se cravaram nas minhas, brilhavam com intensidade, e um grande sorriso se desenhava em seu rosto.

— Ha, ha, ha! Vou ser pai! — Ele ria.

— Sim, meu amor.

Observava-me.

— Amo você, minha doce Ana. Hoje me faz o homem mais feliz do mundo!

Dizendo isto ficou de pé e me elevou nos braços.

— Amo você! — Ele gritou.

Nesse momento me colocou no chão, aproximou-me dele e nos fundimos em um apaixonado beijo. Sentia-me feliz. Estava com um homem maravilhoso que me amava, com o cavaleiro de meus sonhos, que sempre irrompera em minhas noites sem eu saber que ele era o homem destinado para mim.

— Jamais deixarei de beijar essa boca, meu amor — ele me disse.

A brisa da manhã acariciava nossos rostos e os primeiros raios de sol nos iluminavam, sendo, nesse momento, as únicas testemunhas de nosso grande amor.



AGRADECIMENTOS

A minha família, por seu carinho.

A Loli, Sandra e Rosa, por sua ajuda e amizade.

A Lola Gude por seu apoio, seu carinho e por estar sempre ali, quando preciso dela.

A todos os leitores que, com seus comentários, que me fazem crescer a cada dia como escritora.

A meus companheiros da Seleção BdB.

A editora, por continuar confiando em mim.

E a todos os que fazem parte de meu dia a dia e contribuem seu grão de areia para eu continuar adiante com meu sonho. Obrigada!